

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANNA LAURA KERKHOFF CRISTOFARI

**EXPERIÊNCIAS DE AVALIAÇÃO DIALÓGICA PELO OLHAR DOS
LICENCIANDOS EM LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS DA UNIPAMPA**

**BAGÉ
2022**

ANNA LAURA KERKHOFF CRISTOFARI

**EXPERIÊNCIAS DE AVALIAÇÃO DIALÓGICA PELO OLHAR DOS
LICENCIANDOS EM LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS DA UNIPAMPA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino (PPGMAE) da Universidade Federal do Pampa, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientador: Prof^a Dr^a Valesca Brasil Irala

**BAGÉ
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

CC933ee Cristofari, Anna Laura Kerkhoff

Experiências de avaliação dialógica pelo olhar dos licenciandos em Letras: línguas adicionais da Unipampa / Anna Laura Kerkhoff Cristofari.

288 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM ENSINO, 2022.

"Orientação: Valesca Brasil Irala".

1. Processos avaliativos. 2. Diálogo, Feedback. 3. Feedforward. 4. Autoavaliação. 5. Autorregulação. I. Título.

ANNA LAURA KERKHOFF CRISTOFARI

**EXPERIÊNCIAS DE AVALIAÇÃO DIALÓGICA PELO OLHAR DOS
LICENCIANDOS EM LETRAS- LÍNGUAS ADICIONAIS DA UNIPAMPA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 4 de novembro de 2022.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Valesca Brasil Irala

Orientador

(Unipampa)

Prof.^a Dr.^a Rosangela Ines Matos Uhmman

(UFFS)

Prof.^a Dr.^a Crisna Daniela Krause Bierhalz

(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **VALESCA BRASIL IRALA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/11/2022, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CRISNA DANIELA KRAUSE BIERHALZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/11/2022, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Rosangela Ines Matos Uhmman, Usuário Externo**, em 06/11/2022, às 13:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0946044** e o código CRC **9F60AA38**.

Dedico este trabalho a minha avó e a todos os educadores que pesquisam os processos avaliativos, que eles nunca deixem de analisar as práticas educativas e sejam fontes de eterna admiração e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a mim, por jamais deixar de acreditar nos meus sonhos. Por ser forte, corajosa e destemida. Dessa maneira, abraçando todas as dificuldades com muita fé no meu coração.

A Deus por me proporcionar discernimento e inteligência para escrever cada palavra dessa dissertação e aos meus anjos da guarda.

À minha avó, Maria Gomes Kerkhoff, a qual abraçou a minha causa, viveu as minhas lutas, olhou nos meus olhos e jamais soltou a minha mão.

Ao meu namorado, Diego Rosa Strazzabosco que permaneceu ao meu lado, me apoiando e dando forças para não desistir, dizendo que a colheita estaria próxima, também agradeço por me emprestar o “Boss”, ele esteve comigo em todos os momentos de solidão, ele será sempre meu grande amigo.

Ao restante minha família, composta por Débora Kerkhoff, Rômulo Kerkhoff e Alexandre Dalenogare pelo apoio, e pelas belas palavras ditas ao longo do caminho e por sempre me lembrarem do meu potencial.

Às minhas colegas que hoje tornaram-se queridas amigas, Fernanda Ortega, Hélen Jardim e Layse Shuellen de Sousa, obrigada por todo auxílio, todas as dicas. Gratidão, por não soltarem minha mão, quando muitas adversidades ocorreram. Desejo amor e sucesso e suas vidas.

Agradeço em especial a Prof. ^a Dr. ^a Francéli Brizolla, por me acolher e ajudar sempre que solicitei e por mediar meu Estágio de Docência em um curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Bagé e aos demais professores do curso.

À minha orientadora Prof. ^a Dr. ^a Valesca Brasil Irala, pelas importantes contribuições para a realização desta pesquisa, apresentando-me novas perspectivas no campo avaliativo.

Aos participantes e entrevistados desta pesquisa, pois eles fizeram parte de cada palavra desta dissertação. Há experiências, histórias e sonhos de cada um.

Aos membros da banca, por participarem desse momento único de contribuição.

*“O que te machuca, te abençoa. A
escuridão é a sua vela”.*

Rumi

RESUMO

Os processos avaliativos vêm passando por algumas modificações ao longo dos anos e os discentes têm se tornado cada vez mais protagonistas, indicando caminhos para o desenvolvimento de uma avaliação efetivamente dialógica. As mudanças são introduzidas gradualmente, com passos lentos. Mesmo que no cenário nacional, sejam incipientes, são registradas modificações nos processos avaliativos. Nosso foco é mais embasado em pesquisas internacionais, com autores como Carless (2011), Carless; Boud (2018), Hill; West (2020), Nicol (2020) e entre outros. Posto isto, esta pesquisa procura mapear as percepções dos estudantes de uma Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, a respeito dos avanços e desafios percebidos diante de experiências de avaliação dialógica durante a sua formação inicial. Evidenciamos, também, como se constroem os processos de letramento em avaliação e em *feedback*. Metodologicamente, é um estudo de caso de cunho qualitativo e descritivo. Como método de análise dos dados adquiridos, utilizamos o *software Iramuteq*, com seguimento nas análises lexicográficas clássicas para verificação de estatística de quantidade de segmentos de texto (ST); Análise de Similitude e nuvem de palavras. Segundo os resultados encontrados, verificamos que os acadêmicos refletem que avaliar é um processo contínuo, que não é fácil, que deve ter uma preparação, pois a nota afeta bastante o aluno e que estabelecer *feedbacks* facilita a compreensão para aperfeiçoar a aprendizagem. Sucintamente, reitera-se a necessidade de estabelecer diálogos e práticas dessa natureza como um elemento central na preparação de futuros professores; desse modo, alfabetizam-se em avaliação e *feedbacks*. Concluímos, que essa experiência diagnosticada por 12 licenciandos em entrevistas via *Meet*, com análises utilizadas no *Iramuteq* e vivenciada nas disciplinas, tocou os estudantes em dimensões e significados intrapessoais, criando novos contextos para a palavra “avaliação”. Lembraram-nos que, como futuro professores, estarão sempre em processo de reconstrução e adaptação.

Palavras-chave: Processos avaliativos. Diálogo. *Feedback*. *Feedforward*. Autoavaliação. Autorregulação.

ABSTRACT

The evaluation processes have undergone some modifications over the years and the students have become increasingly protagonists, indicating paths for the development of an effectively dialogic evaluation. Changes are introduced gradually, with slow steps. Even if in the national scenario, they are incipient, changes are registered in the evaluation processes. Our focus is more based on international research, with authors such as Carless (2011), Carless; Boud (2018), Hill; West (2020), Nicol (2020) and among others. That said, this research seeks to map the perceptions of undergraduate students at the Federal University of Pampa, regarding the advances and challenges perceived in the face of dialogic evaluation experiences during their initial training. We also showed how the processes of literacy in assessment/literacy in feedback are built. Methodologically, it is a qualitative and descriptive case study. As a method of analysis of the acquired data, we used the Iramuteq software, with follow-up in the classic lexicographical analyzes to verify the statistics of the number of text segments (ST); Similitude analysis and word cloud. According to the results found, we verified that the academics reflect that evaluating is a continuous process, that it is not easy, that there must be preparation, as the grade affects the student a lot and that establishing feedback facilitates understanding to improve learning. Briefly, it reiterates the need to establish dialogues and practices of this nature as a central element in the preparation of future teachers; in this way, they become literate in evaluation and feedback. We conclude that this experience diagnosed by 12 undergraduates in interviews via Meet, with analyzes used in Iramutec and experienced in the disciplines, touched students in intrapersonal dimensions and meanings, creating new contexts for the word "evaluation". They reminded us that, as future teachers, they will always be in a process of reconstruction and adaptation.

Keywords: Evaluation processes. Dialogue. Feedback. Feedforward. Self-evaluation. Self-regulation.

RESUMEN

Los procesos de evaluación han sufrido algunas modificaciones a lo largo de los años y los estudiantes se han convertido cada vez más en protagonistas, indicando caminos para el desarrollo de una evaluación efectivamente dialógica. Los cambios se introducen gradualmente, con pasos lentos. Si bien en el escenario nacional son incipientes, se registran cambios en los procesos de evaluación. Nuestro enfoque se basa más en la investigación internacional, con autores como Carless (2011), Carless; Boud (2018), Colina; West (2020), Nicol (2020) y entre otros. Dicho esto, esta investigación busca mapear las percepciones de los estudiantes de pregrado de la Universidad Federal de Pampa, respecto a los avances y desafíos que perciben frente a las experiencias de evaluación dialógica durante su formación inicial. También mostramos cómo se construyen los procesos de alfabetización en evaluación/alfabetización en retroalimentación. Metodológicamente se trata de un estudio de caso cualitativo y descriptivo. Como método de análisis de los datos adquiridos, se utilizó el software Iramuteq, con seguimiento en los análisis lexicográficos clásicos para verificar las estadísticas del número de segmentos de texto (ST); Análisis de similitud y nube de palabras. De acuerdo a los resultados encontrados comprobamos que los académicos reflejan que evaluar es un proceso continuo, que no es fácil, que debe haber preparación, ya que la nota afecta mucho al estudiante y que establecer retroalimentación facilita la comprensión para mejorar el aprendizaje. Sucintamente, reitera la necesidad de establecer diálogos y prácticas de esta naturaleza como elemento central en la preparación de los futuros docentes; de esta manera, se alfabetizan en evaluación y retroalimentación. Concluimos que esta experiencia diagnosticada por 12 universitarios en entrevistas vía Meet, con análisis utilizados en Iramutec y experimentados en las disciplinas, tocó a los estudiantes en dimensiones y significados intrapersonales, creando nuevos contextos para la palabra "evaluación". Nos recordaron que, como futuros docentes, siempre estarán en un proceso de reconstrucción y adaptación.

Palabras clave: Procesos de evaluación. Diálogo. Retroalimentación. Realimentación. Autoevaluación. Autorregulación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Proposta para um cenário avaliativo inovador.....	27
Figura 2: Desenho da proposta dialógica.....	30
Figura 3: Condições de uma avaliação orientada.....	31
Figura 4: Níveis de eficácia.....	37
Figura 5: Processos avaliativos.....	44
Figura 6: Fases e processos de autorregulação.....	44
Figura 7: Componentes bases da metacognição.....	45
Figura 8: Interface do <i>software Iramuteq</i>	53
Figura 9: Atalhos dos métodos na interface do <i>Iramuteq</i>	54
Figura 10: Percepções dos alunos sobre três questões.....	57
Figura 11: Formas ativas.....	59
Figura 12: Formas suplementares.....	61
Figura 13: Palavras mais repetidas no total.....	62
Figura 14: Resumo.....	63
Figura 15: Análise de Similitude.....	63
Figura 16: Nuvem de palavras.....	67
Figura 17: Formas ativas.....	70
Figura 18: Formas suplementares 2.....	71
Figura 19: Palavras mais repetidas no total.....	72
Figura 20: Resumo 2.....	73
Figura 21: Análise de Similitude 2.....	73
Figura 22: Nuvem de palavras 2.....	77
Figura 23: Formas ativas 3.....	79
Figura 24: Formas suplementares 3.....	81
Figura 25: Palavras mais repetidas no total.....	82
Figura 26: Resumo 3:	83
Figura 27: Análise de Similitude 3.....	84
Figura 28: Nuvem de palavras.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Concepções de experiências.....	20
Quadro 2: Disciplinas pesquisadas no referido curso.....	24
Quadro 3: Conceitos de <i>Feedback</i> e <i>Feedforward</i> no campo avaliativo.....	40
Quadro 4: Dados entrevistados.....	49
Quadro 5: Detalhamento das entrevistas.....	52
Quadro 6: Funções das análises sobre os corpus textuais no <i>Iramutec</i>	55
Quadro 7: Argumentos sobre o <i>feedback</i>	65
Quadro 8: Argumentos sobre o diálogo.....	68
Quadro 9: Argumentos sobre a evolução.....	69
Quadro 10: Argumentos sobre definição dos critérios avaliativos.....	76
Quadro 11: Argumentos sobre autoavaliação.....	78
Quadro 12: Argumentos sobre organização dos processos avaliativos.....	80
Quadro 13: Argumentos positivos sobre a avaliação.....	81
Quadro 14: Argumentos sobre aprendizados das experiências.....	85
Quadro 15: Argumentos sobre sentimentos.....	88
Quadro 16: Argumentos sobre preferência das rubricas.....	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Categorização do desempenho dos discentes.....	26
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Pergunta de Pesquisa:.....	16
1.2 Objetivo geral:	17
1.3 Objetivos específicos:	17
2 OBSERVAÇÃO SOBRE O CONCEITO DE “EXPERIÊNCIA”	19
2.1 Experiências da autor.....	21
2.2 Contextualização e experiências do curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais.....	23
3 CONCEITOS-CHAVES PARA UMA AVALIAÇÃO DIALÓGICA	30
3.1 <i>Feedback/feedforward</i>	36
3.2 Agentes do processo avaliativo (heteroavaliação - autoavaliação - coavaliação)	42
4 METODOLOGIA	47
4.1 Ferramentas de pesquisa.....	48
4.2 Percurso metodológico da pesquisa.....	49
4.2.1 SOBRE A ANALÍTICA DO ESTUDO	53
5 ANÁLISE DE PESQUISA	57
5.1 Análise dos questionários.....	57
5.2 Análise das entrevistas.....	59
5.2.1 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE <i>FEEDBACK/FEEDFORWARD</i>	59
5.2.2 A AUTORREGULAÇÃO COMO PARTE DO PROCESSO AVALIATIVO	70
5.2.3 AVALIAÇÃO DIALÓGICA E DESDOBRAMENTOS PARA AVALIAÇÃO DOCENTE FUTURA	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	103
Apêndice I - Questionário utilizado na pesquisa.....	103
Apêndice II - Entrevista sobre experiência de avaliação formativa e dialógica.....	104
Apêndice III - Entrevistas transcritas completas.....	106
Apêndice IV - Respostas das entrevistas.....	191

1 INTRODUÇÃO

Os processos avaliativos englobam o cotidiano do exercício educacional docente, tendo em vista que avaliar permite proceder com base no entendimento/compreensão do outro, a partir de múltiplos aspectos. Sem análises avaliativas e convicções éticas há prejuízo para as aprendizagens. Historicamente, a avaliação tem sido vista como sinônimo de provas e exames (LUCKESI, 1995). A cultura do exame (oral ou escrito) foi trazida para o Brasil no século XVII pelos Jesuítas. Nessa época, era de costume castigar fisicamente os alunos que não tinham bom desempenho e exaltar aqueles que atingiam melhor desenvolvimento. Com o decorrer do tempo, especialmente a partir da segunda metade do século XX, os testes avaliativos passaram a ser repensados, com formatos mais amplos de avaliação, em que o aluno começava a ser visto holisticamente, em todas as suas implicações (ABRAMOWICZ, 1996).

Ainda assim, mesmo atualmente, muitos consideram que provas escritas e/ou orais, exercícios e trabalhos de casa são o que se pode erroneamente chamar “avaliação”, com enorme carga de cobrança (e auto cobrança) e até mesmo um certo grau de punição que pode ultrapassar o estudante, como o desempenho escolar com o pior Índice de desenvolvimento da educação básica e também sobre a família com o aluno com desempenho ruim. Segundo Luckesi (1995), dessa forma, a aprendizagem se torna competitiva e, não raras vezes, tem-se como único objetivo a memorização de determinados conteúdos, visando somente a aprovação ou a certificação. Esse modelo dominante no campo avaliativo está sabidamente saturado e perspectivas mais contemporâneas como avaliação formativa, sustentável, dialógica, entre outras, vêm sendo praticadas em alguns contextos (HOFFMANN, 2011; CARLESS, 2014; PANADERO, 2017; CARLESS; BOUD, 2018; NICOL, 2020).

Concordamos com Perrenoud (1999), para quem a avaliação deve estar no centro educacional, provocando reestruturações internas, que gerem processos formativos contínuos e valorizem o desenvolvimento integral dos discentes. Para entender os significados da avaliação, é preciso analisar como ela vem sendo praticada e vivida pelos diferentes sujeitos, especialmente se tem a clara intenção de romper com a visão tradicional sobre o que é avaliar, quem deve avaliar e como se avalia em cada contexto educacional.

Nesse sentido, esta proposta de mestrado, vinculada ao Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens, Metodologias e Avaliação (GAMA/Diretório de Grupos do CNPq) e ao Projeto de Pesquisa “Aprendizagens ativas e colaborativas: análise da percepção docente, do engajamento discente, da autorregulação e do processo avaliativo”, tem o intuito de avançar na compreensão teórica e empírica do campo avaliativo no Ensino Superior, a partir da visão de estudantes expostos a modelos avaliativos que se propõem como alternativos no cenário institucional da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

É preciso dizer que meu interesse no tema da avaliação iniciou durante a graduação do curso em Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), em que meu trabalho de conclusão de curso¹ foi sobre o processo de mediação como instrumento potencializador na avaliação da aprendizagem na Educação Infantil. Dessa forma, unindo a experiência prévia na temática e o campo de investigação que tem sido demarcado pelo Grupo GAMA, está sendo desenhada a presente proposta de pesquisa.

Através das leituras propostas pelo Grupo GAMA, conheci os termos “letramento em avaliação” e “letramento em feedback” (CARLESS; BOUD, 2018; DAWSON *et al.*, 2021; HILL; WEST, 2020); bem como me aprofundei em leituras teóricas sobre os conceitos de *feedback/feedforward*, (CARLESS *et al.*, 2011; GUASCH *et al.*, 2019) e os vinculei aos conceitos de metacognição e autorregulação da aprendizagem (PANADERO *et al.*, 2017; JOSHI *et al.*, 2021; NICOL, 2020), por considerá-los como elementos-chave do modelo avaliativo proposto, intitulado como avaliação dialógica. De posse desses conhecimentos teóricos, foram formulados a pergunta de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos:

1.1 PERGUNTA DE PESQUISA:

Como se constroem os processos de letramento em avaliação e em feedback de estudantes que têm/tiveram experiência em um modelo de avaliação dialógica durante o curso de Licenciatura?

¹ Acesso ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC):
<<https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1146>>

1.2 OBJETIVO GERAL:

Mapear as percepções dos estudantes de uma Licenciatura da UNIPAMPA a respeito dos avanços e desafios percebidos diante de experiências de avaliação dialógica durante a sua formação inicial.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Identificar o papel do *feedback/feedforward* no processo de avaliação dialógica na percepção dos estudantes;
- b) Compreender como os estudantes vivenciam a autorregulação da aprendizagem como constitutiva do processo avaliativo proposto;
- c) Verificar os possíveis desdobramentos do processo de avaliação dialógica na formação e futura atuação docente.

Primeiramente, consideramos pertinente definir uma seção explicativa o conceito de “experiência”, já que ele norteia o cerne desta pesquisa, a partir de Larrosa (2002). Ainda, após, intenciona-se detalhar o curso que experienciou o processo avaliativo dialógico, com a finalidade também de explicar o termo “letramento em avaliação” (*Assessment literacy*), diferenciando, assim, o vocábulo “letramento” como estudos internacionais de pesquisas sobre avaliação, auxiliando para se construir uma visão da avaliação como empoderamento (RODRÍGUEZ-GÓMEZ; IBARRA-SÁIZ, 2015).

Dessa forma, deixando explicitar que nesta pesquisa o termo “letramento” não se refere as habilidades de aprender a ler e escrever destinadas à língua portuguesa. Reforçando o termo, Carless e Boud (2018, p.2), dizem que a alfabetização de *feedback* do aluno é compreendida “como os entendimentos, capacidades e disposições necessárias para dar sentido à informação e usá-la para melhorar o trabalho ou as estratégias de aprendizagem”.

A seguir apresentamos a discussão nas próximas seções, compostas das seguintes partes: observação sobre o conceito de experiência; experiência da autora; contextualização e experiências do curso de pesquisa; conceitos-chave para uma avaliação dialógica; *Feedback/Feedforward*; agentes do processo avaliativo (heteroavaliação - autoavaliação - coavaliação); os caminhos metodológicos

referenciando um estudo de caso para geração dos dados; análise da pesquisa e as considerações finais.

2 OBSERVAÇÃO SOBRE O CONCEITO DE “EXPERIÊNCIA”

Iniciamos dando ênfase que de forma filosófica “experiência” é qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos. Abordamos que por ser utilizada a palavra experiência no título do projeto e por ser de extrema relevância esse contexto na pesquisa, ressaltamos a importância de explicar esse termo defendido por Larrosa (2002; 2011).

Nada mais claro do que exemplificar experiência como algo que nos acontece ou as vivências que ocorrem conosco (LARROSA, 2002), sendo que é algo único, internalizado nas percepções de cada um. No entanto, a sabedoria é exemplo da vivência. Todavia, as palavras são significativas para entendimento do mundo em que vivemos. Segundo Larrosa (2002, p. 21), esse termo obtém uma complexidade em entendimento, e nos detém “algo que passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

Temos em mente que estamos diariamente recebendo cada vez mais informações sobre todas as áreas do conhecimento, reconhecemos também que sempre estamos sabendo sobre qualquer assunto emergente perceptível, contudo a experiência vai, além disso, aliás, “por não podermos parar, nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 24). Conseqüentemente, aquilo que nos afeta e nos transmite um ar de entendimento diferenciado sobre algo que éramos acostumados a resolver de tal maneira. Assim, salientamos a avaliação, cuja atividade nos foi imposta desde nossos primeiros anos escolares, para ser mudada, requer um olhar atento sobre as modificações necessárias dessas “experiências”, caso elas tenham nos “tocado”. Finalizamos nosso pensamento enfatizando o fato da experiência ser a percepção de que algo nos aconteça ou nos toque e ela:

Requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.24).

A narração é parte da experiência, inclusive quando contamos algo com afeto que nos ocorreu na infância, refere-se de um modo que o ato de experienciar traduz

referências internas na alma (PLEZ; MORETTO, 2021, p.7). Para análise da experiência vivenciada pelos discentes, damos, importância e concordamos com Larrosa (2011), de que a experiência é constituída por uma certa perspectiva, subjetiva e singular, que se revela dentro de cada indivíduo, melhor dizendo, “se duas pessoas passarem por uma situação em comum, ambas terão impressões diferentes do mesmo acontecimento, ou seja, terão diferentes experiências” (PLEZ; MORETTO, 2021, p.9).

De acordo com Larrosa (2011, p. 8), encontram-se as várias dimensões da experiência humana:

Quadro 1: Concepções de experiências

- Exterioridade, alteridade e alienação têm a ver com o acontecimento, com o que é da experiência, com o isso, do “isso que me passa”.
- Reflexividade, subjetividade e transformação têm a ver com o sujeito da experiência, com o quem da experiência, com o me dê “isso que me passa”.
- Passagem e paixão têm a ver com o movimento mesmo da experiência, com o passar do “isso que me passa”.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Larrosa (2011)

Finalizamos essa seção reforçando que “a experiência, em primeiro lugar, é um passo, uma passagem, um percurso” (LARROSA, 2011, p.7), cuja perspectiva é internalizada por cada sujeito, muitas vezes o que nos toca não surge da mesma maneira no outro. E isso não é percebido como um problema, é evidenciado como uma raridade da singularidade das identidades humanas, que por meio das vivências, e das incontáveis trocas de saberes são construídas, modificadas e valorizadas. “A experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, exposição” (LARROSA, 2011, p.22).

Em razão do termo experiência ser mencionado no decorrer deste projeto, partindo do título da presente pesquisa, é fundamental definir o nosso entendimento quanto às experiências relatadas pelos licenciados do curso de Letras da Unipampa. Por isso, a seção seguinte aprofunda a compreensão acerca dessa questão.

2.1 EXPERIÊNCIAS DA AUTORA

Para a maioria dos estudantes a vida escolar inicia-se na Educação Básica, justamente com a Educação infantil e a ludicidade. Dessa forma, a minha também iniciou com dois “pré-escolares”, lembro-me das duas docentes. A professora Bete e a Rita. Acredito, que sem essas experiências, não saberia conviver naturalmente em ambientes sociais.

Como Pedagoga, defendo que a interação social vai moldando os hábitos e o olhar sobre o mundo. Vagamente, lembro-me das duas contando para minha mãe as minhas primeiras experiências, algo que se refere aos estudos pelos teóricos acima citados e bem estruturados. Os ditos “trabalhinhos escolares”, eles (já) faziam parte da avaliação do aluno. Acho maduro da minha parte olhar para o passado e ver que eu sempre tive pessoas avaliando os anos escolares e, em simultâneo, avaliavam também a minha personalidade, com comentários ou “feedbacks” sobre meu gênio forte, a mania de defender quem estava certo nas histórias de criança, audaciosa e falando sempre a verdade, sem medo. Atualmente, guardo isso na minha essência.

No Ensino Fundamental, guardo a lembrança do primeiro contato com a matemática e as matérias organizadas separadamente, aqui atrevo-me a dizer que os professores possuem um papel essencial em questão do olhar e da valorização das experiências que os alunos trazem consigo mesmos. Contudo, deixam-nos marcas, nos ensinam como aprender tal conteúdo, tirar tal nota, para demonstrar que sabemos tudo.

Afirmo que a avaliação sempre esteve na minha vida. No Ensino Médio, estava na adolescência, quantas descobertas, quantas experiências, quantas cobranças. Passar no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), não rodar, tirar a nota máxima e ter sempre uma nota impecável. Será, que pensavam, de fato, que havíamos aprendido, antes mesmo de realizarmos uma prova e dar-nos uma nota final?

A pergunta anterior fortalece essa pesquisa, mesmo ela sendo delimitada a alunos que vivenciaram no Ensino Superior. Grande parte dos entrevistados recordaram os primeiros anos escolares e falaram abertamente que existiram sempre as provas, os testes e as notas. Sentimentos que eram de medo, ansiedade e angústia. E o que fazer para mudar isso? Atrevo-me a dizer que mudando o olhar, as perspectivas de ensino, as metodologias, talvez, o sentido do “aprender”.

Já adulta, saí de casa, da minha cidade natal, longe da minha família, com apenas dezenove anos, para fazer a minha primeira graduação, em Licenciatura em Pedagogia. Foi uma grande experiência, posso denominar, como uma das maiores delas. Mudei, eu era uma “lagarta” em metamorfose, ao longo da graduação sempre trabalhei em turno oposto, uni a teoria e prática, então a avaliação estava presente constantemente, tanto da graduação, como no meu trabalho, especificamente na educação infantil e ensino fundamental.

Com o passar dos anos, fui entendendo que os meus alunos iam crescendo, evoluindo diariamente, através da mediação e da troca de experiências com os seus colegas e professores. Então resolvi pesquisar para o meu trabalho de conclusão de curso a importância da avaliação na Educação Infantil. E, dessa forma, também fiz a seleção de mestrado com esse mesmo projeto. Hoje pesquiso sobre avaliação no ensino superior. Uma grande mudança de visão aconteceu. Estudei muito para entender os termos técnicos. Ouso dizer que conseqüentemente virei novamente uma lagarta dentro do meu casulo. Confesso que internalizei que estar muitas vezes em aprendizado nos coloca em dúvidas.

Com a Pedagogia, aprendi que somos mais que conhecimentos, somos seres humanos que possuem sentimentos. Dessa forma, com o mestrado pude experimentar a metodologia da avaliação dialógica e ter conhecimento sobre outras teorias avaliativas, outras possibilidades parecidas com as experiências que os discentes entrevistados tiveram. Reforço que essas experiências de avaliação dialógica mudam o entendimento sobre avaliar qualquer afazer, tarefa ou trabalho.

Devido experimentar essas práticas, saliento que as rubricas fortalecem nossa autocrítica, faz com que analisemos de forma objetiva o que queremos aprender, permite com que estejamos mais próximos dos docentes. Os *feedbacks* são importantíssimos, pois sem eles conseqüentemente eu não chegaria até aqui. Certamente autorregulei minha aprendizagem com o auxílio deles e com a orientação da Valesca. O *feedforward* tem uma grande pretensão de nos colocar para um olhar atento no futuro, para não cometermos os mesmos erros, mas por meio da autoavaliação dos atos para melhorarmos nossa qualidade da aprendizagem. Enfim, todo esse processo faz assumirmos o papel de autores do ensino e da própria vida.

Por fim deixo, explícito, que antes de sermos pesquisadores, somos humanos, possuímos histórias únicas, formações específicas e que ao longo desta caminhada procurei aprender com cada um dos indivíduos que corroboraram com as entrevistas,

que contaram sobre as experiências que tiveram com esse tipo de avaliação, para responder de forma clara e objetiva todas as delimitações da pesquisa de mestrado. Sem as contribuições desses discentes, jamais conseguiríamos obter resultados.

Por isso enfatizo que a experiência de entrevistar esses discentes me permite mergulhar nas profundezas de que nossa unicidade nos mostra, o quanto somos ricos de saberes. Em razão do termo experiência ser mencionado no decorrer desta pesquisa, é fundamental definir o nosso entendimento quanto às experiências relatadas pelos licenciados do curso de Letras da Universidade Federal do Pampa. Por isso, a seção seguinte aprofunda a compreensão acerca dessa questão.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS

Consideramos importante contextualizar a Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais que possui o objetivo de preparar e graduar professores de inglês e de espanhol. Sua organização é composta pelos seguintes eixos curriculares: Educação, Formação Interdisciplinar, Literatura, Inglês e Espanhol (UNIPAMPA, 2014). Além disso, este curso é de turno integral, contém uma integralização de oito semestres, com carga horária contabilizada num total de 3605 horas e oferece um total de cinquenta vagas (UNIPAMPA, 2014).

Vale salientar ainda que o curso de caráter inovador, foi criado no ano de 2013. Conforme Irala (2016):

Em termos de função, por exemplo, no curso, às duas línguas de formação, o inglês e o espanhol, aparecem primeiramente como línguas utilizadas nos textos acadêmicos escritos, em apresentações/performance docentes desde as primeiras aulas e, logo em seguida, ao menos nos semestres iniciais, em exposições orais discentes altamente monitoradas e/ou planejadas com apoio de suporte escrito (e, portanto, com algum grau de formalidade) e, também, em contexto avaliativo de discentes) [...]. Já o português aparece como língua das relações burocráticas institucionais, da comunicação oral espontânea dentro e fora de sala de aula e da maioria das interações presenciais/virtuais produzidas por discentes e entre discentes e docentes na universidade. (IRALA, 2016, p. 173; 174)

Nesse mesmo capítulo de livro, escrito por uma das docentes do curso, salienta-se que “implementar mudanças exige dos formadores novas posturas” (IRALA, 2016, p. 181), então complementamos que transformar a visão da metodologia avaliativa, demanda organização, tempo e estudo para que os discentes

compreendam a importância da auto-reflexão ao longo da avaliação como aprendizagem. Cabe observar que, ao olharmos a organização do ensino e a aprendizagem de forma conjunta e dinâmica, passamos a valorizar a caminhada dupla entre docentes e discentes. No quadro abaixo disponibilizamos as cargas horárias utilizadas em cada disciplina e organização das mesmas, ancoradas na utilização de rubricas. Apresentamos, também, às três primeiras disciplinas disponibilizadas pela Professora 1 e às duas últimas pela Professora 2.

Quadro 2: Disciplinas pesquisadas no referido curso

(continua)

DISCIPLINAS	ANO DE OFERTA	CARGA HORÁRIA	AValiação PREVISTA
Letramentos em Espanhol	(2019.1, 2020.1 e 2021.1)	75h	Autoavaliação e avaliação por parte dos docentes. Suas notas tiveram peso substancial nas referidas disciplinas, as quais deram 50% do valor na nota.
Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Adicionais 2	(2020.2)	60h	Autoavaliação e avaliação por parte dos docentes. Suas notas tiveram peso substancial nas referidas disciplinas, as quais deram 50% do valor na nota.

Quadro 2: Disciplinas pesquisadas no referido curso

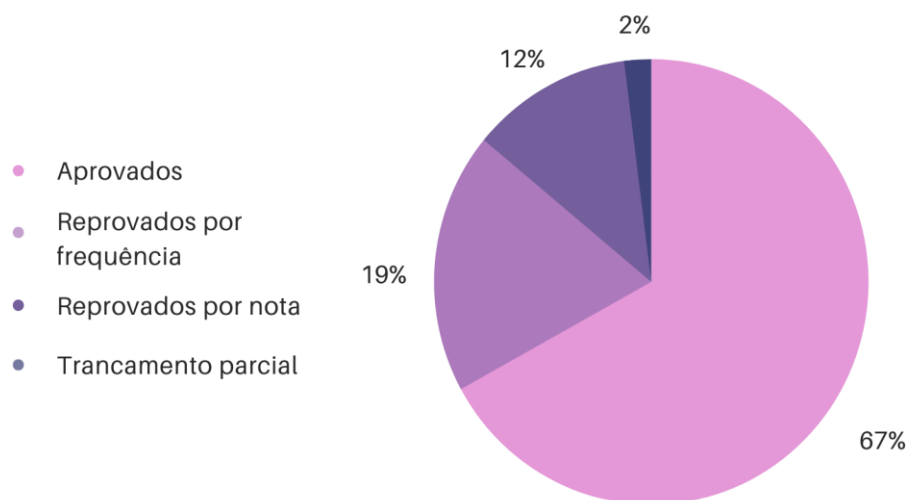
(conclusão)

Texto e Discurso em Espanhol	(2020.2)	75h	Autoavaliação e avaliação por parte dos docentes. Suas notas tiveram peso substancial nas referidas disciplinas, as quais deram 50% do valor na nota.
Letramento em inglês	(2019.1)	75h	Autoavaliação e avaliação por parte dos docentes. Suas notas tiveram peso substancial nas referidas disciplinas, as quais deram 50% do valor na nota.
Análise linguística do inglês	(2019.2)	75h	Autoavaliação e avaliação por parte dos docentes. Suas notas tiveram peso substancial nas referidas disciplinas, as quais deram 50% do valor na nota.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O número total de discentes inscritos nessas disciplinas que constam no quadro acima é de 146 (entretanto, há um número expressivo de licenciandos que cursaram mais de um componente entre os elencados. Nesse caso, foi no mínimo duplicado entre o total de 146 alunos). Para classificação e envio dos questionários, montamos um gráfico com a divisão por categorias de aprovados, reprovados por nota e reprovados por frequência, considerando todas as disciplinas envolvidas. Esses dados foram coletados através do sistema de Gestão Unificada de Recursos Institucionais (GURI), cuja plataforma foi desenvolvida para atender as necessidades de Gestão de Recursos Institucionais da Unipampa.

Gráfico 1: Categorização do desempenho dos discentes



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Observa-se, a partir do gráfico, que a maior parcela dos licenciandos (67%) foram aprovados nas respectivas disciplinas. Com base nesses dados, é possível verificar que a maioria concluiu plenamente os componentes ofertados com a metodologia da experiência de avaliação e dialógica. Também (19%) foram reprovados por frequência. Lembramos que cruzamos por uma pandemia e que os motivos são múltiplos para justificativa dessa porcentagem.

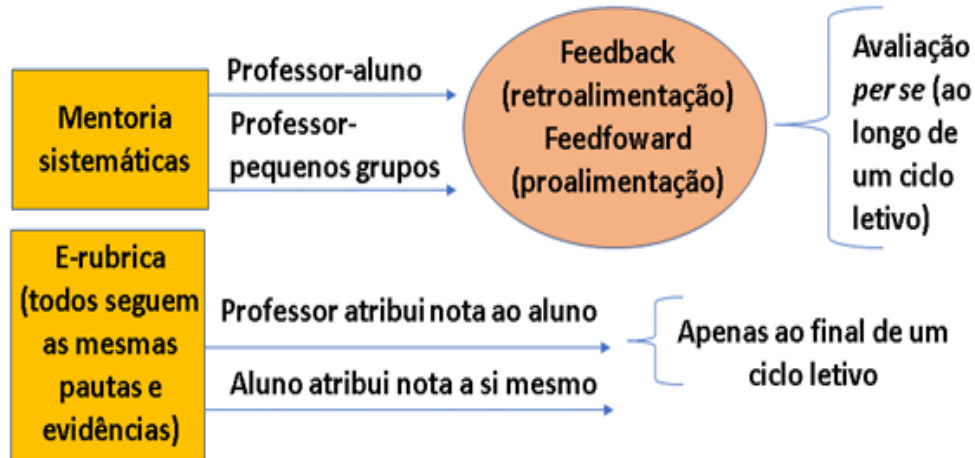
O artigo que evidencia estudos mencionados nessa mesma linha denominado “Perspectivas de um cenário avaliativo inovador no Ensino Superior: análise a partir de uma e-rubrica holística bifocal” (IRALA; DUARTE FILHO; DUARTE, 2021)

demonstra dados e aborda algumas das práticas disponibilizadas em dois componentes curriculares que serão pesquisados, Letramentos em Espanhol e Letramento em Inglês, do curso de Letras - Línguas Adicionais, cujo foco foi relacionar a funcionalidade de uma *e-rubrica* holística, cabendo exemplificar que essa forma de rubrica é estabelecida para avaliar o desempenho geral dos participantes em uma atividade ou em níveis pré-definidos, que auxiliaram os licenciandos a autorregular suas atividades linguísticas, visto que as rubricas possibilitam o diagnóstico da atividade e apresenta como ela deve ser desenvolvida em certos aspectos para ganho de tal conceito final.

Verificamos que da mesma forma dessas experiências do curso de Letras, no decorrer do semestre foram qualificando o letramento em avaliação, traduzido pelos autores do artigo “letramento em avaliação” (*Assessment literacy*) significando os diferentes níveis de “entendimento para fazer julgamentos acadêmicos sobre o trabalho e o desempenho de alguém” (WINSTONE *et al.*, 2017, p. 25). Argumentamos que esse método não é somente inovador por os licenciandos darem notas e por não apresentarem provas, não classificamos esse método ultrapassado, evidenciamos o quanto interfere o modo como é apresentado a proposta avaliativa, mas também por refletirem sobre suas aprendizagens e os processos avaliativos, desde o início dos semestres. Ademais, a partir de Rodríguez-Gómez; Ibarra-Sáiz (2015), concebe-se que o letramento em avaliação colabora para o empoderamento dos discentes.

Considerando as experiências vivenciadas nessas disciplinas evidenciadas no quadro acima, salientamos que os estudos, tiveram como prover o fortalecimento da autorregulação da aprendizagem dos licenciandos (POLYDORO; AZZI, 2017). Desse modo, contribuiu para o desenvolvimento de *feedback* (retroalimentação) e *feedforward* (pró-alimentação), qualificando a autoavaliação e todo o processo avaliativo (IRALA; FILHO; DUARTE, 2021, p. 5). Na figura a seguir, mostra-se a metodologia utilizada nas disciplinas:

Figura 1: Proposta para um cenário avaliativo inovador



Fonte: IRALA; DUARTE FILHO; DUARTE (2021, p. 6)

Exemplificamos, mentoria como um processo contínuo de conversas entre acadêmicos e docentes e aconselhamentos constantes sobre como realizar determinadas atividades, sobre como solucionar dificuldades encontradas no decorrer do ensino. Seria nada mais que “os entendimentos e percepções inerentes dos participantes são elaborados, esclarecidos e aprofundados” (MJELDE, 2020, p. 12). Conforme todo embasamento sobre a organização da avaliação que os discentes foram expostos pelas duas docentes que exercitaram a experiência de avaliação dialógica, corroboramos que:

Ambas as disciplinas desenvolveram ao longo do processo mentorias com regularidade mensal (individuais, no caso de Letramentos em Espanhol ou por equipes, no caso de Letramentos em Inglês), em que *feedbacks* e *feedforwards* foram elementos centrais para que todos os discentes estivessem mais conscientes e habilitados a realizar a autoatribuição das notas ao término do semestre. (IRALA; DUARTE FILHO; DUARTE, 2021, p. 8).

Às duas docentes constataram que as propostas avaliativas tiveram um efeito positivo nos desempenhos dos discentes, inclusive organizaram no artigo um gráfico que evidencia o aumento da performance (IRALA; DUARTE FILHO; DUARTE, 2021, p. 14). Nessas etapas, os licenciandos tornaram-se mais ativos e comprometidos com os seus objetivos de estudo. Por meio das mentorias acompanharam suas dificuldades, assim autoavaliando as tarefas realizadas e seus processos metacognitivos.

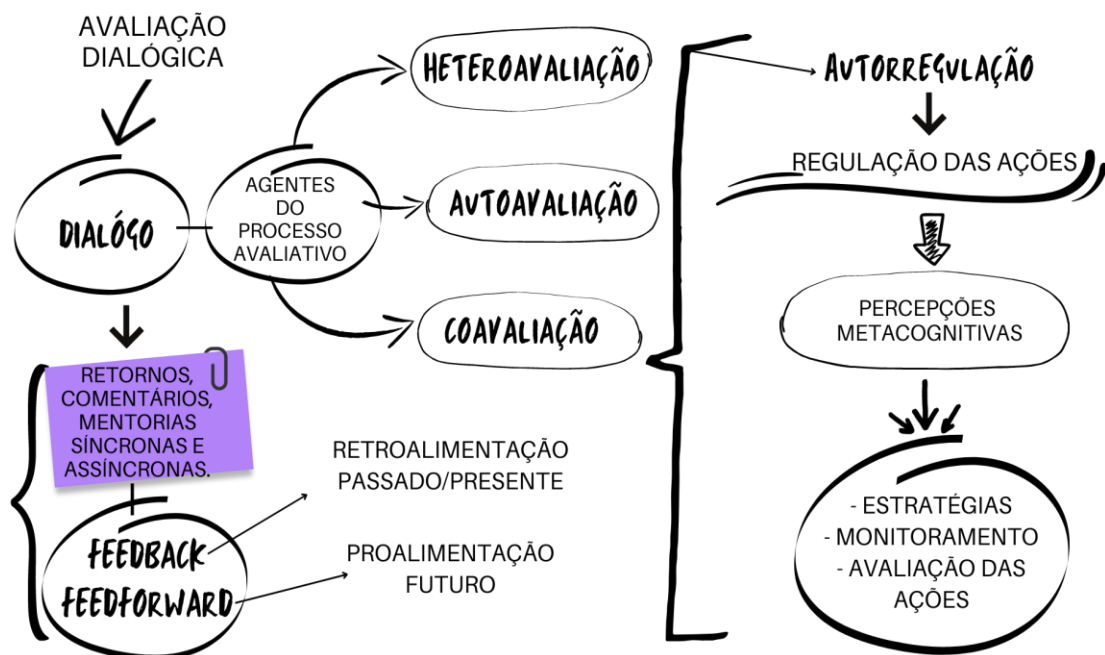
No capítulo a seguir, serão evidenciados os conceitos sobre a avaliação dialógica e seus amplos significados e estudos. Para um melhor entendimento e

organização da leitura, as seções seguintes abordam os 3.2) Feedback/feedforward
3.3) Agentes do processo avaliativo (heteroavaliação - autoavaliação - coavaliação).

3 CONCEITOS-CHAVES PARA UMA AVALIAÇÃO DIALÓGICA

Para exemplificar os conceitos-chave para uma avaliação dialógica é importante entender que a avaliação deve ser vista como uma maneira de ensinar e de aprender. No mapa mental a seguir, desenhamos essa analítica dialógica para uma melhor resolução e visualização:

Figura 2: Desenho da proposta dialógica



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Como visto acima, a avaliação dialógica é um exercício, em que os docentes aprendem com os discentes, em trocas constantes no simples ato de mostrarem, guiarem e possibilitarem maneiras de que o aprendiz, as propostas das atividades, as resenhas, os fichamentos de leituras, projetos de pesquisas, trabalhos de conclusão de curso, entre outros, sejam vistos como possibilidades de dialogicidade para serem construídos e melhorados ao longo da caminhada.

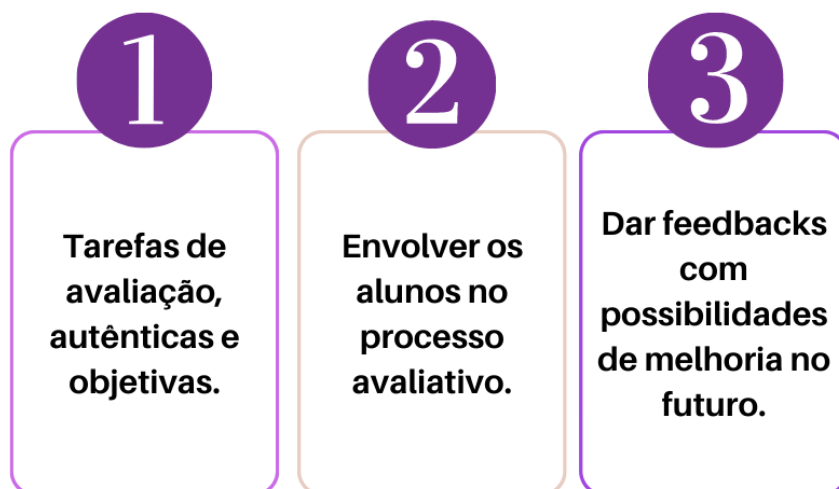
Construção tal em que, conforme Álvarez Méndez (2002, p. 81), deve “conceber e praticar a avaliação como outra forma de aprendizagem, de ter acesso ao conhecimento, como uma oportunidade a mais de aprender e de continuar aprendendo”. Compreender a avaliação dialógica e seu contexto na educação é

relevante para saber diferenciar as formas de avaliações, o desenvolvimento classificatório e a importância da totalidade desse processo.

Charlot (2000, p. 72) exemplifica que o aprender só “faz sentido, por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e a que quer dar de si aos outros”. O olhar avaliativo precisa ser tão flexível quanto a própria diversidade do contexto educacional, ao invés de se pautar por padrões fixos, elitistas e comparativos (HOFFMANN, 2011).

Nos últimos tempos, notamos uma evolução teórica-prática na área da avaliação da aprendizagem, principalmente na literatura internacional no ensino superior (GÓMEZ; QUESADA, 2020). Ainda esses avanços trouxeram conceitos e abordagens diversificadas. Foram direcionados novos termos, como avaliação orientada para a aprendizagem (CARLESS, 2007). A “avaliação para aprendizagem” é o termo usado por alguns pesquisadores para diferenciar de uma visão mais tradicional estabelecida em relação ao conceito de “avaliação da aprendizagem”. É um modelo de avaliação para aprimorar a aprendizagem do aluno sem o ato específico de controlar. Considerando esses argumentos, acredito que a avaliação carrega um grande significado na vida de todo estudante. Na perspectiva da avaliação orientada para a aprendizagem, estão implicadas três condições exaltadas na figura abaixo:

Figura 3: Condições de uma avaliação orientada



Fonte: Elaborado pela autora com base em Carless (2006; 2007)

A avaliação como aprendizagem e autonomia (RODRÍGUEZ; IBARRA, 2015), em geral, a chamada “avaliação da aprendizagem” é um mecanismo de acompanhamento do desenvolvimento dos discentes durante o processo de ensino-aprendizagem, resultando em medidas que quantificam os desempenhos parciais ou finais (ROMÃO, 1998; SILVA, 2013). Contudo, para ser efetiva, ela deveria ir além de realizar testes aleatórios, requerendo supervisão dos discentes em diferentes momentos do exercício educativo. O olhar avaliativo precisa ser compreensível. Os seus significados são amplos e dinâmicos, pois acompanham a evolução, a movimentação da internalização do aprender. Tal movimento é essencial na visualização singular da trajetória do licenciando. A avaliação não deve ter por propósito determinar ou simplesmente categorizar “pontuações” aos aprendizes, mas sim oportunizar soluções para que todos construam pontes para um aprendizado incluso, já que todos somos diferentes.

Lembramos também da avaliação digital, outra metodologia muito utilizada durante a pandemia e está presente cada vez mais nas escolas e universidades. As tecnologias de informação e comunicação (TIC), nesse caso as avaliações digitais estão vistas também como aprendizagem, assumindo um papel de diagnosticar. Nessa mesma suposição o docente também usa do modo a informar o licenciando sobre seu desenvolvimento ao longo do percurso de maneira pedagógica (BALULA, 2014).

Se os resultados forem analisados pelos docentes em busca de entender o desenvolvimento das estratégias de ensino, então “será necessariamente um processo mais rico, uma vez que assim terá a oportunidade de ajustar a sua atividade futura às necessidades dos licenciandos” (BALULA, 2014, p. 84). É mais focado no processo de aprendizagem do que no produto final. Falar sobre avaliação como aprendizagem é refletir no “aprender do aluno”, ou em “como o aluno aprende”, (BALULA, 2014, p. 85).

Já, na avaliação formativa e compartilhada (LÓPEZ, 2009; 2012), a formação dos indivíduos é diagnosticada durante todo o processo de aprendizagem. Em um livro publicado pela *Red Internacional de Evaluación Formativa y Compartida en Educación Superior* (REFYCES), intitulado “*Evaluación formativa y compartida en Educación: experiencias de éxito en todas etapas educativas*” (LÓPEZ-PASTOR; PÉREZ-PUEYO, 2017), bem como um

conjunto de pesquisas voltadas à “Avaliação Formativa e Compartilhada” e como o desenvolvimento desta categoria de sistemas de avaliação em sala de aula pode gerar mais aprendizagens, em mais alunos e ajudar a alcançar mais sucesso educacional nos ambientes escolares.

O livro coleta evidências de muitas das experiências de "boas práticas" que podem ser encontradas em todas as etapas do sistema educacional atual. Percebemos que os humanos possuem uma certa resistência ao fazerem modificação no que aprenderam desde seus primeiros anos escolares. É essencial avaliar sem necessariamente vincular o conceito de avaliação à atribuição de notas; assim, modificamos a visão dos alunos e a formação avaliativa internalizada dos docentes que durante sua vida escolar sempre receberam notas para demonstrarem o valor de seus estudos. Enfim, anteriormente abordamos alguns estudos e métodos contemporâneos referentes a avaliação, a partir de agora nos deteremos a avaliação dialógica.

Podemos enfatizar que a avaliação dialógica tem o propósito de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem através de diálogos e mentorias, de modo a valorizar o educando e facilitando o planejamento do educador. O objetivo é que o licenciando perceba suas habilidades e dificuldades, para que o desenvolvimento do aprendizado seja em conjunto. Vale ressaltar que para entender a importância da avaliação dialógica, precisamos ter empatia para valorizar o tempo de internalização dos conhecimentos e aprendizados. Preocupa-se em melhorar o aprendizado, aperfeiçoar as aprendizagens diárias, reforçando que o ensino é desenvolvido por processos contínuos.

Na avaliação dialógica, cabe ao docente delimitar sua metodologia de ensino, planejar sua proposta e proporcionar *feedbacks* que orientam de forma inclusiva e otimista os estudantes (MURILLO; HIDALGO, 2015). Cabe salientar que considerar a vasta percepção de mundo e a bagagem que vivenciaram faz parte do trabalho contínuo de todo o processo de modificação sobre a avaliação. Sabemos que avaliar não possui restritas medidas cabíveis, mas que muitos dos processos de internalização do conhecimento foram e são essenciais a partir da autoavaliação e percepção das nossas próprias dificuldades.

As percepções das características humanas auxiliam também no desenvolvimento avaliativo, enxergando as experiências como aquilo que nos toca, que nos acontece e que nos modifica (BONDÍA, 2002), fazendo com que valorizemos

pequenas atitudes diárias como processos fundamentais para o entendimento do processo avaliativo.

A avaliação dialógica não tem objetivo de punir, acontece por meio dos diálogos e com mediação dos docentes. A interação entre os indivíduos está presente nesta modalidade. (MENEZES, 2001) Acompanhamento, dialogicidade e perspectiva dos níveis de aprendizagem e melhoria são características desta categoria de avaliação, valoriza o desenvolvimento do processo e não apenas o resultado (LÓPEZ-PASTOR; PÉREZ-PUEYO, 2017). Desde o momento em que os indivíduos assumem uma participação ativa na avaliação, eles podem perceber que a avaliação possui um valor imensurável na construção de seus aprendizados, assim, estimula a autonomia, de maneira que possam sentir-se encorajados a serem mais responsáveis pelo seu próprio desempenho (PENUEL; SHEPARD, 2016).

Os educadores devem analisar os métodos de ensino e as características dos discentes constantemente, para construírem vínculos de sabedoria e de sensibilidade, pois reconhecendo o licenciando como um ser cultural e histórico, recordamos que por meio do diálogo acontece uma aproximação que permite uma visualização positiva sobre os métodos avaliativos. Todavia, é preciso não se deter somente aos pontos negativos, insistindo no que é certo ou errado sobre o processo avaliativo, ao contrário, é compreensível a dedicação no entendimento das diversas formas de aprender e também de oportunizar que todos adquiram conhecimentos.

Aprender dialogicamente implica na construção de um conhecimento duradouro, reflexivo e utilizável em situações distintas daquela em que foi construído. Logo, o desafio que se põe para a avaliação é a existência do ato dialógico-significativo realizável na presença de um educador problematizador que “re-faz, constantemente, seu ato cognoscente na cognoscibilidade dos educandos” (FREIRE, 2005, p. 80). Para tal, a avaliação precisa deixar de ser um processo de cobranças e ser um momento de aprendizagem significativa para ambos, acadêmicos e docentes.

Quesada (*et al.*, 2019) ressaltam que o docente não é o único possuidor da verdade e acredita que os indivíduos conseguem tomar decisões, mudando suas percepções. Reforçamos essa linha de pensamento, discutindo que a autoavaliação está presente nesse ato, quando o educando avalia seu próprio trabalho. Lembramos também da revisão por pares, o ato de avaliar e trabalhar em grupo, e assim como a avaliação do corpo docente, fator recebido dialogicamente (QUESADA *et al.*, 2016).

Assim, formam-se adultos que constroem a aprendizagem com consistência em suas decisões e tornam-se mais responsáveis por suas vidas acadêmicas.

Luckesi (2011) entende a avaliação como uma tomada de decisão sobre o indivíduo avaliado para reconhecer ou transformar, contribuindo com o pensamento de Irala e Mena (2021) embasando-se em um juízo de qualidade das tarefas por eles executadas. Avaliar também exige um direcionamento e um reconhecimento das experiências humanas, inclusive avaliar tem um significado a mais do que emitir um resultado.

No entanto, pensamos que o planejamento dos instrumentos de avaliação deve ser realizado conforme as vivências dos seres humanos (HOFFMANN, 2001), visto que a “[...] avaliação atravessa o ato de planejar e executar” (LUCKESI, 2011, p. 137), direcionando alternativas para melhorias do processo. Hoffmann (2001, p. 180) enfatiza que, “[...] muitas vezes, não se trata de fazer tarefas diferentes, mas de interpretar de forma diferente as tarefas e os registros que se fazem”. Nessa mesma visão, Hadji (2001) contribui ao discutir sobre as buscas dos elementos observáveis em avaliação, afirmando que esse processo é pautado pela produção da informação, cujos indicadores nunca são dados imediatos, mas que devem ser trabalhados considerando, critérios previamente definidos.

Partindo do embasamento de que as considerações a respeito da avaliação no ensino superior são melhoradas e estudadas à proporção que conversam e analisam como fazer, porque fazer e quais são as implicações das metodologias adotadas para execução e sucesso acadêmico dos estudantes, de modo a auxiliar na permanência e finalização dos cursos (TINTO, 2012), visto que a avaliação dialógica pode ser compreendida como uma avaliação colaborativa, a qual docentes e discentes alinham seus pensamentos e constroem igualmente objetivos e responsabilidades de compartilhar ensinamentos através de diálogos contínuos.

Nesse sentido, uma avaliação dialógica facilita as dinâmicas e as trocas de saberes entre educadores e educandos. Permite analisar o discente de forma objetiva e, em simultâneo, sensível, modificando de forma positiva o processo avaliativo tradicional, o qual baseia-se nos resultados obtidos por notas parciais e finais, sem aprofundar o real sentido da avaliação para a aprendizagem. As modificações promovidas por esse modelo facilitam o desempenho dos mesmos, possibilitando que eles sejam responsáveis pelos seus saberes e pelas suas novas experiências de aprendizagem. Ressaltamos que o docente possui um papel insubstituível como

mediador e orientador, para que o desenvolvimento de suas práticas e avaliações sejam satisfatórias.

Percebemos na literatura atual, como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Diretrizes para Formação de Professores, Proposta Pedagógica Curricular (PPC) entre outras modificações, tanto que os currículos e as propostas das atividades estão sendo reorganizados, cabe salientar que por experiência própria cada indivíduo, cada pessoa e cada ser humano possui um tempo de internalização, e alguns possuem bagagens dos primeiros anos de vínculos escolares o qual tudo era medido, somado e validado. De acordo com Sadler (2010), dizer aos licenciandos o que é certo ou errado não é suficiente para melhorar o aprendizado. O ponto mais importante aqui é o que precisam saber sobre dar e perceber comentários.

Movimentos de mudanças vêm sendo refletidos e notados na área educativa, a avaliação está sendo vista de forma diferente, como processo contínuo ao longo do desenvolvimento da aprendizagem. Irala e Mena (2021) enfatizam essas mudanças com a defesa na diversificar instrumentos e técnicas, com a ênfase na busca da qualidade, e a superação da ideia de avaliação como um julgamento final, a introdução dos conceitos de “formativa” e “somativa” (CARLESS, 2009; FRAILE *et al.*, 2020).

Pesquisas recentes reforçam que o diálogo é fundamental para o exercício da avaliação formativa e compartilhada (SABORIDO; POZUELO-ESTRADA; PALOMINO-DEVIA, 2022), de tal forma que naturalmente os licenciandos passem a compreender seus processos metacognitivos, assim qualificando o ensino e suas diversas potências (LANDRUM, 2019).

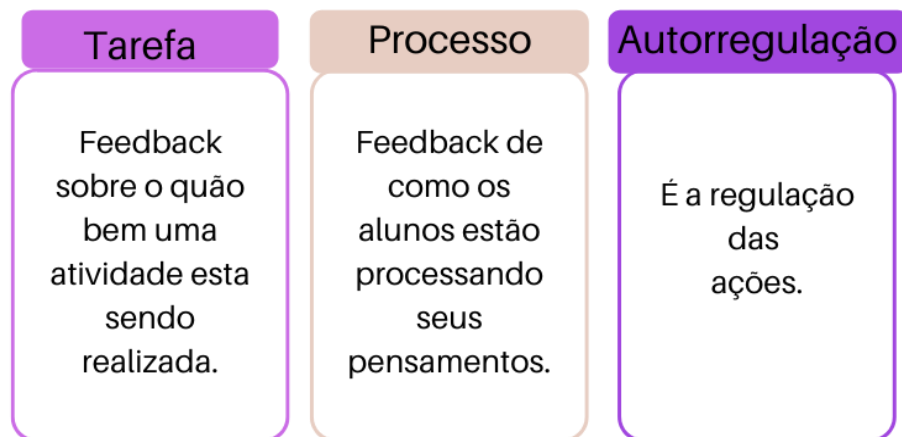
Em todas as questões relacionadas à avaliação dialógica é necessário a existência de um *feedback*, ou comentários que oferecem informações de qualidade para discentes, observando o tempo e a forma de seus desempenhos. De fato, é referido como o processo mais significativo no ensino, de modo a estimular a aprendizagem e desenvolver a autorregulação do licenciado (HATTIE; TIMPERLEY, 2007).

3.1 FEEDBACK/FEEDFOWARD

Segundo Sadler (1989), o *feedback* pode ser percebido como uma prática de avaliação dialógica e formativa, que tenta fechar a lacuna entre o desempenho atual e o desejado. Para o autor, esses meios são: “especificamente destinados a prover

feedback sobre o desempenho para melhorar e acelerar a aprendizagem" (SADLER, 1989, p. 77). Portanto, o *feedback* eficaz deve fornecer não apenas verificação, mas também elaboração. Se o comentário for claro e objetivo e for corretamente direcionado, conseqüentemente surgirão estratégias eficazes para aperfeiçoar a aprendizagem. Já Peter (1998) vê a aquisição de *feedback* sobre um rascunho inicial como a obtenção de reflexões, antes de ter uma hipótese de tornar sua peça o melhor possível. Hattie e Timperley (2007) assentem três pontos básicos e afirmam que esses níveis direcionam um impacto na sua eficácia. Apresentamos, na Figura 4, os referidos níveis:

Figura 4: Níveis de eficácia



Fonte: Elaborado pela autora com base em Dulfer; Akhlaghi Koopaei (2021)

Dependendo do estado real de aprendizagem, o *feedback* pode fornecer uma variedade de informações. O fato mais importante é que o *feedback* deve melhorar o desempenho através de seu efeito na motivação e no uso da estratégia (VOLLMEYER; RHEINBERG, 2005). É apenas por meio da interação que os alunos podem compreender a intenção do *feedback* do professor e, posteriormente, fazer um bom uso dele, na revisão de seus estudos (CARLESS *et al.*, 2011; GUASCH *et al.*, 2019). Há possibilidade de um comentário de *feedback* não ser bem compreendido, assim vai surgindo dúvidas de como o discente pode realizar as sugestões comentadas dos seus próprios trabalhos. (CARLESS *et al.*, 2011).

Na perspectiva cognitivista, encontra-se a abordagem Sociointeracionista de Vygotsky, a qual defende que o desenvolvimento humano se dá através da relação das trocas entre parceiros sociais, por processos de interação e mediação social e

cultural (OLIVEIRA, 2016). Essa abordagem busca integrar a ideia de ser biológico ao ser social e histórico, evidenciando as vivências sociais como pilares fundamentais para a compreensão do processo de aprendizagem e desenvolvimento humano (MOREIRA, 2017).

Outro papel importante do *feedback* é promover uma série de estratégias ou melhores práticas para utilização. Ao receber os comentários, o próprio indivíduo, com seu esforço particular, busca recursos para fortalecer sua própria aprendizagem. A avaliação por pares é outra estratégia que auxilia no desenvolvimento da autorregulação, hábito indispensável para um *feedback* (BROOKHART, 2008; WINSTONE *et al.*, 2017).

Outro método que os docentes utilizam para proporcionar o *feedback* em relação à avaliação ou a qualquer outra área do conhecimento é a “rubrica”. Esse método, é utilizado como um instrumento facilitador e instrutor para apoiar os passos dos discentes. Geralmente, as rubricas são constituídas como uma forma de escala de avaliação e servem como análise de interpretação e qualidade dos critérios exigidos, também servindo como registro organizacional da aprendizagem (GRIFFIN; FRANCIS, 2018).

Quando os alunos recebem uma rubrica, evidentemente eles podem ter uma melhor compreensão sobre as etapas das atividades que serão realizadas. No entanto, as rubricas que são bem organizadas, podem ser possibilitadas como *feedforward*, favorecendo um crescimento fomentador e positivo, fazendo os pensamentos se alinharem e bons resultados serem alcançados. De acordo com Wolf e Stevens (2007), uma das vantagens das rubricas é o oferecimento da autoavaliação e *feedback* por pares, pois os licenciandos possuem conhecimento sobre os critérios e os padrões de desempenho esperado. Assim sendo, assume a vantagem de acesso aos discentes, tendo ênfase a críticas sobre seus desempenhos e que assim ajam sobre eles, ressaltamos o processo final como *feedforward*, novamente.

As rubricas servem como uma poderosa ferramenta de *feedforward*, elas sendo organizadas corretamente, de forma clara e objetiva possibilitam uma compreensão melhor sobre as atividades propostas, principalmente as descrições auxiliam na autorregulação da aprendizagem (DULFER; AKHLAGHI KOOPAEI, 2021). As rubricas de qualidade têm potencial para associar as competências que os discentes necessitam avaliar, monitorar e refletir sobre a sua aprendizagem e os docentes têm um papel essencial nesse processo, função de mediador, um apoiador do seu próprio

trabalho. A autorregulação é delineada como processo de controle, recurso coordenador, que dirige e regulamenta as atividades dos discentes para apoiar o seu progresso ao longo do desenvolvimento de caminhos mentais”. (GRIFFIN *et al.*, 2019, p. 142).

O *feedback* dialógico interfere nas interações entre acadêmicos e docentes (ARINDA; SADIKIN, 2021). Em consonância, as perguntas soam como uma lacuna esclarecedora (PITT; NORTON, 2017), após há uma percepção positiva de que a utilização dos *feedbacks* realizados melhoraram as habilidades de comunicação, (ION; SÁNCHEZ MARTÍ; AGUD MORELL, 2019). Além disso, pesquisas apontam que o *feedback* dialógico fornece algumas vantagens no ensino e na aprendizagem.

Nesse ponto, evidenciamos não só quando os alunos recebem *feedbacks*, mas também quando eles fornecem o mesmo, visualizando os pontos positivos e negativos (ION; SÁNCHEZ MARTÍ; AGUD MORELL, 2019). Além disso, a utilização do *feedback* através do diálogo faz com que os indivíduos se tornem independentes, visualizando as críticas com maestria e menos ansiedade durante o percurso acadêmico (RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ; CASTAÑEDA, 2018). Percebendo os pontos fortes e os pontos fracos fortificam o raciocínio e processo de autoavaliação (TAM, 2020).

Um *feedback* construtivo proporciona reconhecimento sobre as áreas mais necessitadas, além disso, o mais relevante é haver incentivo na aprendizagem auxiliando a concluir a lacuna entre a realização desejada, processo chamado *feedforward* (HENDRY *et al.*, 2016). O *feedback* é um instrumento ótimo para avaliar o andamento do ensino. Mas a visão é do passado para o presente. O *feedforward* apoia os discentes nas próximas etapas de aprendizagem e como agir sobre elas (NICOL; MACFARLANE-DICK, 2006). O *feedforward* olha para o futuro, não se prende ao passado. É um modo de supervisão que foca no desenvolvimento futuro. Apesar disso, poucos docentes utilizam o *feedforward* nos seus planejamentos, como ferramenta de ensino ou critério de particularização para aperfeiçoar a aprendizagem e os efeitos da avaliação (HATTIE; TIMPERLEY, 2007; PARR; TIMPERLEY, 2010).

A principal tarefa do *feedforward* é fundamentada em explicações de desenvolvimento que encaminham os indivíduos a aprimorarem a construção do conhecimento, aprimorando as dificuldades dos trabalhos desenvolvidos. A ferramenta direciona e capacita o aluno a atingir o propósito do que foi almejado. É notório salientar que o *feedback* possui um dos impactos mais poderosos na aprendizagem, mas a maneira como é apresentado ou entregue pode afetar os efeitos

dos resultados de maneira positiva, ou negativa. (PANADERO; JONSSON, 2020). Com o intuito de aprimorar o entendimento sobre os conceitos chaves de uma avaliação dialógica, exemplifica-se na imagem abaixo as diferenças entre *Feedback* e *Feedforward*.

Quadro 3: Conceitos de *Feedback* e *Feedforward* no campo avaliativo

FEEDBACK	FEEDFORWARD
Analisa trabalhos antecedentes	Sugestão posterior
Explica o que aconteceu	Ideias sobre como aprimorar
Foco no que deu certo e no que não deu	Foco em como desenvolver e progredir
Destaca o erro	O que seria diferente da próxima vez?
Leva muito tempo	Aproveita o tempo
Causa impressão de julgamento	Foco nas tarefas e não nas pessoas
Os comentários podem causar desconforto	Os comentários podem causar motivação pois foca na estratégia

Fonte: Elaborado pela autora com base em Sadler (1989) e Vollmeyer; Rheinberg (2005).

Para essas ferramentas serem potencializadas, os docentes necessitam compreender como mediar esses conceitos, terem conhecimento sobre assuntos, e como utilizá-los de forma coerente, atendendo as necessidades dos discentes, de modo a uma realização eficiente das tarefas de aprendizagem. Uma base necessária do *feedback* de qualidade é que ele deve estar acompanhado de um *feedforward*, dando um gerenciamento sobre o estudo futuro (ORSMOND *et al.*, 2011).

No mesmo sentido, Luckesi (2011, p. 263) afirma que “[...] a eficiência na aprendizagem não depende só do aprendiz, mas, em simultâneo, do ensinante e do sistema”. Cabe ao docente também ter empatia, ser um bom observador e um comunicador competente, dessa forma a aprendizagem torna-se positiva (DULFER; AKHLAGHI KOOPAEI, 2021).

Habilidades de metacognição são extremamente importantes para ajudar no desenvolvimento do *feedback* (NICOL; MACFARLANE-DICK, 2006). Sabemos que metacognição é a prática de examinar determinada tarefa e de forma independente usar o melhor método para realizar essa atividade. A metacognição possui a

capacidade de organizar o que devemos fazer primeiro, o tempo que levaremos para realizar, o que eu sei sobre o assunto, e o que eu preciso modificar para melhorar, que estratégias usar para monitorar. Por fim, analisar o processo como nos saímos, o que eu consegui fazer, o que não consegui fazer, o que eu devo modificar na próxima vez e o que pode me ajudar a realizar algo diferente. O processo de metacognição auxilia grandemente no reconhecimento do *feedback*.

Podemos entender como desempenho cognitivo o modo que utilizamos para acrescentar novos saberes. As diversas funções cognitivas e processos mentais que influenciam no comportamento de cada indivíduo como a percepção, a memória, o raciocínio. Cada uma dessas funções cognitivas funciona em conjunto para integrar os novos conhecimentos e criar uma interpretação dos novos. Também se entende que, por meio desse processo, o discente consegue autorregular sua aprendizagem com a vivência de *feedback/feedforward*, como vamos aprofundar na próxima seção. Entende-se que a interação entre docentes e discentes é insubstituível e essencial para a construção de uma aprendizagem contínua, autorregulada.

Assim, a avaliação dialógica, orientada à tomada de decisão, maior conscientização em relação às questões éticas atreladas à avaliação, o papel da metacognição, a discussão dos dados de avaliação como uma parte primordial de todo o processo, entre outros, são diagnósticos potencializadores para uma avaliação processual. (DEPRESBITERIS; TAVARES, 2017)

Uma das tecnologias em potencial para práticas de *feedback* eletrônico é o *Google Docs*, que possui destaque em algumas pesquisas (ALHARBI, 2019; EBADI; RAHIMI, 2017). Esse recurso pode ser usado no processo de letramento em avaliação, por usos de *feedbacks* e diálogos contínuos.

Tam (2020) salienta ser preciso novos estudos sobre os entendimentos dos licenciandos sobre *feedback* dialógico e pesquisas sobre a realização de exercícios de *feedback* (RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ; CASTAÑEDA, 2018). Perante todos os processos “online” de ensino que vêm sendo utilizados como meio de continuidade da aprendizagem no período pandêmico, Moser, Wei e Brenner (2021) dizem que o desempenho dos indivíduos diminuiu durante a pandemia e que os docentes buscaram novas ferramentas de interação e comunicação “online”, no entanto, o ato de dar e receber *feedback* absorveu uma lacuna durante o distanciamento social.

Artigos que abordam tendências de prática de *feedback* de qualidade, resultantes no maior impacto para o sucesso dos indivíduos no ensino superior,

realçam que o *feedback* deve ser positivo, específico, oportuno e encorajar o licenciando para o engajamento ativo (HAUGHNEY; WAKEMAN, HART, 2020). Desse modo, destaca-se que as mudanças em avaliação são indispensáveis de serem realizadas, o caminho é mais importante que o resultado (IRALA; MENA, 2021). As mesmas autoras salientam que, para executar mudanças, é possível a realização de rodas de conversas com professores ou grupos de estudos sobre o processo avaliativo, assim mais indivíduos “poderão se mobilizar para alterarem as práticas cristaliza-das, promovendo, de fato, inovações avaliativas que considerem os contextos locais e embasadas na literatura da área” (IRALA; MENA, 2021, p. 19).

Em vista disso, é fundamental que os discentes entendam o *feedback* e o *feedforward* como um processo necessário para a evolução de forma adequada para avanço da autorregulação. Na literatura, nessa circunstância, o *feedback* eficiente e favorável é considerado um dos elementos e dos aspectos gerais da avaliação formativa. Algumas literaturas argumentam que para ter sucesso, os discentes necessitam saber que existe uma interrupção entre o atual e desejado desempenho e, o mais considerável, eles têm que se envolver em comportamentos eficazes para fechar a lacuna. (FREEMAN; DOBBINS, 2013; MOALLEM; WEBB, 2017).

3.2 AGENTES DO PROCESSO AVALIATIVO (HETEROAVALIAÇÃO - AUTOAVALIAÇÃO - COAVALIAÇÃO)

A heteroavaliação é uma das propostas mais utilizadas no âmbito escolar. A correção de provas, atividades, trabalhos e exercícios pelos docentes são exemplos desse agente do processo avaliativo. Os testes de seletividade ou de acesso a uma instituição também são denominados heteroavaliativos. O principal propósito deste agente é determinar da maneira mais objetiva possível se o discente realizou suas atividades de forma adequada. Todavia, a heteroavaliação também se destina a disponibilizar o que precisa ser melhorado e como deve ser feito (MAGALHÃES, 2001).

O sentido de coavaliação concerne ao desenvolvimento da realização do empenho de um indivíduo, e tem como finalidade entender qual o contexto atual do discente, dando ênfase a um determinado estudo. Desse modo, é necessário salientar o que foi proveitoso e o que necessita ser modificado (ALVES, 2012).

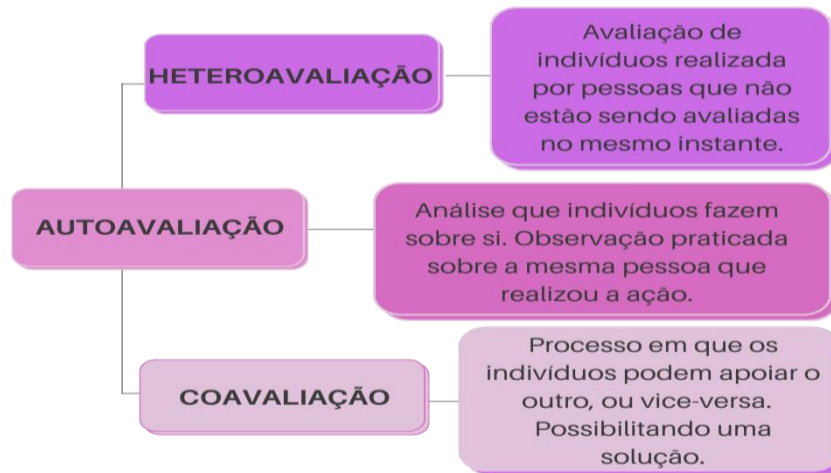
Nesse sentido, relaciona-se a um procedimento metodológico que o aluno é avaliado por outros discentes. Por meio da coavaliação se possibilita o *feedback* entre colegas e transforma-se em uma aprendizagem conjunta com a utilização de dicas construtivas, observações pessoais e alguns pontos que necessitam ser modificados para melhoria da aprendizagem (ALVES, 2012).

A autoavaliação é um agente do processo avaliativo que possibilita a subjetividade, a pessoa autoavalia sua própria atividade, exercício, seus processos cognitivos. Nessa categoria de agente é necessário cuidado para existir um equilíbrio para evitar rigidez e cobranças desnecessárias. Contudo, a autoavaliação exige dos sentimentos, da análise emocional, de crenças pessoais do avaliador. Com o intuito de facilitar a diferenciação dos três agentes do processo avaliativo, a seguir encontra-se uma figura que evidencia as principais características de cada processo avaliativo.

Nesse contexto, a autoavaliação pode ser entendida como um meio dos discentes reorganizarem suas aprendizagens. Método que é orientado, mediado pelo docente (GRILLO; FREITAS, 2010). Entretanto, o processo se torna eficiente a partir do acompanhamento com transmissões de pertencimento, motivação e positividade perante a análise do seu próprio desenvolvimento. Nesta forma, a metacognição é indispensável, pois é quando há consciência dos próprios processos mentais. Segundo Hadji (2007, p. 29), a metacognição “marca a passagem de uma regulação puramente espontânea e imediata das atividades a uma regulação consciente e refletida”.

Refletimos que autoavaliação é construída pela análise crítica do próprio trabalho, que percebe os avanços e os desafios ao longo das atividades, construindo novas estratégias para a próxima experiência metodológica (GRILLO; FREITAS, 2010).

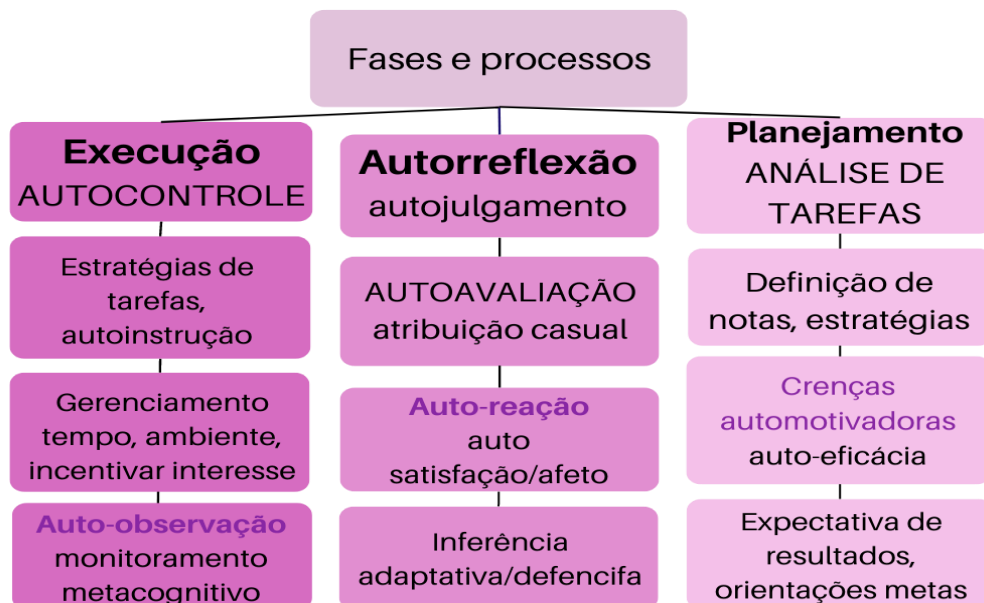
Figura 5: Processos avaliativos



Fonte: Elaborado pela autora com base em Magalhães (2001); Alves (2012).

Considerando esses agentes da figura 5, reforçamos que todos esses métodos de alguma forma proporcionam a autorregulação, e para melhor entendimento colocamos em evidência na figura 6, denominada como fases e processos da autorregulação, uma ilustração do modelo da autorregulação de Zimmerman. No entanto, percebemos que a autoavaliação constitui um dos processos de autorregulação:

Figura 6: Fases e processos de autorregulação



Fonte: Elaborado pela autora com base em Zimmerman; Moylan (2009).

A autoavaliação deve ser utilizada como estratégia instrucional cujo objetivo final é orientar os alunos para aprenderem a se avaliar, compreendendo que a aprendizagem repercute em sua autorregulação (PANADERO; ALONSO-TAPIA, 2017). Ou seja, usar a autoavaliação não é "exclusivamente" uma decisão pedagógica sem enormes repercussões. Inclusive, os docentes devem ter consciência de todos esses processos, buscando maneiras de fazer com que os discentes sintam-se instigados a avaliar seus próprios desempenhos, melhor dizendo, passem a desenvolver uma série de processos metacognitivos como planejamento, monitoramento e avaliação (WINNE; HADWIN, 1998).

Quando nos referimos à metacognição, salientamos os vários fatores internos potencializados ao longo dos desafios que vão surgindo na jornada acadêmica. Vale destacar que o desenvolvimento metacognitivo significa a capacidade e a consciência que os indivíduos têm sobre seus próprios pensamentos (ISMAYATI; RATNANINGSIH; SUPRATMAN, 2020). Essa habilidade metacognitiva é muito importante para a autorregulação da aprendizagem, especialmente para a organização dos processos internos da avaliação. Acreditamos ser perspicaz contemplar três componentes que servem de base para metacognição. Na figura abaixo, encontram-se subdivididos para uma melhor organização:

Figura 7: Componentes bases da metacognição



Fonte: Elaborado pela autora com base em Ismayati *et al.*, (2020, p. 21).

De acordo com Ormrod (2008), quanto mais conhecemos nossa forma de pensar e como internalizamos o processo de ensino, maior será a consciência metacognitiva e o desempenho avaliativo, autoavaliativo e autorregulatório das aprendizagens. Conjuntamente, encontramos pesquisas que mostram que a metacognição desempenha um papel importante nas atividades cognitivas na resolução de problemas (RATNANINGSIH; AKBAR; HIDAYAT, 2018).

Partindo desse pressuposto, encontramos também um fator indispensável nas últimas pesquisas que fortalecem a importância, dos agentes do processo avaliativo, inclusive, segundo Zimmerman (2000, p. 14), a autoavaliação, “significa o controle que o sujeito exerce sobre seus pensamentos, ações, emoções e motivação através de estratégias pessoais para atingir os objetivos pré-definidos”. Nesse sentido, pesquisas diagnosticaram que a autoavaliação é uma ferramenta de potência da autorregulação da aprendizagem, sendo entendida como um processo que o aluno realiza para autorregular sua aprendizagem (PANADERO; ALONSO-TAPIA, 2017).

Conforme Schunk e Greene (2018), as orientações das metas dos discentes são consideradas fatores-chave para uma aprendizagem autorregulada (SRL), como indicadores importantes de sua motivação e desempenho em ambientes acadêmicos (GEITZ; JOOSTEN-TEN BRINKE; KIRSCHNER, 2016; ZIMMERMAN; MOYLAN, 2009). Finalizamos, afirmando que “a autoavaliação inclui todos os três domínios do SRL: cognitivo, motivacional e afetivo” (PARIS; PARIS, 2001, p. 95). Além disso, as diferentes teorias sobre autorregulação destacaram a relação entre autorregulação e autoavaliação e a evidência empírica em que se baseia (PANADERO; ALONSO-TAPIA, 2017) a relação e o suporte de um processo chave para a autorregulação, porque envolve refletir e tomar consciência do processo de aprendizagem e seu resultado (ZIMMERMAN; MOYLAN, 2009). Na próxima seção, apresentamos a Metodologia.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa abrange a área das Ciências Humanas e caracteriza-se como abordagem qualitativa, nesse ponto de vista, pretende contribuir no campo da Educação. A intenção não está baseada na quantificação, mas na análise de mapear as percepções dos estudantes de uma Licenciatura da UNIPAMPA a respeito dos avanços e desafios percebidos diante de experiências de avaliação dialógica durante a sua formação inicial. Ludke e André (2011) apontam cinco características principais da pesquisa de abordagem qualitativa:

a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo) (LUDKE; ANDRÉ 2011, p. 47).

Com relação aos objetivos e finalidades a que se propõe, a pesquisa é descritiva, como finalidade a "descrição" das características de uma determinada população ou fenômeno. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis" (GIL, 2017, p. 26). Ainda procura explorar respostas, de modo a fornecer informações para uma investigação mais precisa. Elas visam uma maior proximidade com o tema, que pode ser construído com base em hipóteses ou intuições. Quanto aos procedimentos, o trabalho pode ser definido como Estudo de Caso e de acordo com Yin (2005, p. 19):

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo 'como' e 'por que', quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

O intuito de um estudo de caso é produzir conhecimento a respeito de um fenômeno, é uma estratégia importante para compreender e analisar alguns assuntos que podem ser observados no cotidiano. O estudo de caso é um procedimento de pesquisa científica que analisa um fenômeno real considerando o contexto em que está inserido e as variáveis que o influenciam (DENSCOMBE, 2010). A abordagem do estudo de caso permite o uso de uma variedade de métodos de pesquisa.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionários e entrevistas. O curso o qual nos deteremos é o de Licenciatura em Letras – Línguas adicionais Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, obviamente com discentes que tiveram experiências de avaliação dialógica em disciplinas ofertadas.

Nos componentes curriculares em questão, os discentes se autoavaliaram e essa autoavaliação foi contabilizada nas médias finais. Suas notas tiveram peso substancial nas referidas disciplinas, as quais deram 50% do valor na nota. Cabe dizer que no Anexo III encontram-se os recortes dos planos de ensino e seus critérios de Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem e Atividades de Recuperação Preventiva do Processo de Ensino-Aprendizagem.

4.1 FERRAMENTAS DE PESQUISA

Devido à pandemia do (COVID-19), as práticas docentes das Instituições de Ensino foram desenvolvidas a partir da Modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE), que se tornou uma estratégia adotada para dar continuidade às atividades educacionais no decorrer deste cenário. Em função desse ocorrido, o método de coleta de dados deste estudo foi inicialmente questionário enviados via e-mail para identificar quais indivíduos estavam dispostos a colaborar com a pesquisa e, posteriormente, entrevistas “online” através da plataforma *Google Meet*. O (ERE) foi uma estratégia temporária para a oferta da educação em virtude do fechamento das escolas brasileiras e envolve a utilização de diferentes plataformas, redes sociais e materiais didáticos até o retorno das atividades presenciais (HODGES *et al.*, 2020).

Em vista da ordem de organização da metodologia, foi primeiramente realizado o envio dos questionários para entender a compreensão desses graduandos sobre as vivências com a avaliação dialógica. Cabe observar que no mesmo consta a pergunta que se refere à disposição da participação do próximo procedimento metodológico denominado entrevista. Com a permissão dos discentes, foi feita a gravação desse momento, com o intuito de verificação das falas para responder de forma ética a questão de pesquisa e os objetivos.

O uso de entrevistas, no que lhe concerne, é uma técnica de investigação que possui o propósito de obter informações. Conforme a estruturação, é percebido o envolvimento de controle rígido sobre o formato das perguntas e respostas. Esse método é como um questionário administrado cara a cara com um entrevistado

(DENSCOMBE, 2010). A interlocução precisa ser formulada de modo a atender ao objetivo de o trabalho para responder todos os questionamentos relacionados.

4.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Primeiramente, contatamos os 82 potenciais sujeitos da pesquisa que cursaram as disciplinas ministradas pelas duas docentes que utilizaram a experiência de avaliação dialógica. O número de licenciandos foi verificado pelo sistema guri, pela listagem dos que estavam inscritos nas respectivas disciplinas.

Por seguinte, foram enviados questionários eletrônicos construídos na plataforma *Free Online Surveys* e enviados por endereços eletrônicos para que os discentes participantes da pesquisa se familiarizem e entendessem o real sentido do estudo.

Através dessas respostas, foram marcadas as entrevistas com os alunos que gostariam de colaborar, inclusive foram contatados via *WhatsApp* para melhor agendamento das entrevistas via *Google Meet*, com o intuito de avançar na compreensão teórica e empírica do campo avaliativo no Ensino Superior. Para facilitar a visão, abaixo construímos um quadro informativo, em que adotamos os nomes fictícios para manter respeito e ética com as informações pessoais coletadas. Observamos que as informações de vida e acadêmicas dos discentes são verídicos.

Quadro 4: Dados entrevistados

(continua)

ENTREVISTADOS	GÊNERO	IDADE	SEMESTRE NO MOMENTO DA ENTREVISTA	ATUAÇÃO
FRANCINE	Feminino	21	Ingressou em 2020, durante o ensino remoto. Está no 4º semestre.	Faz parte de grupos de voluntariado e do PIBID.

Quadro 4: Dados entrevistados

(continua)

FRANCISCA	Feminino	35	Possui outra licenciatura. Concluiu o curso de Letras - Línguas Adicionais em 2021, formada durante a pandemia.	Professora na educação básica (Ensino fundamental) e para estrangeiros.
GILBERTO	Masculino	21	Ingressou no curso em 2019 e tem previsão de conclusão em 2022.	Dedica-se totalmente à graduação.
HANNA	Feminino	23	Ingressou em 2018 e tem previsão de conclusão em 2022	Participou do Pibid, faz os estágios obrigatórios e é residente.
ISABELA	Feminino	27	Ingressou no curso em 2015. Desde então, teve várias reprovações. Previsão de conclusão do curso em 2022.	Fez a Residência Pedagógica. Participa de projetos de extensão e pesquisa da universidade.
LARISSA	Feminino	22	Ingressou em 2018 e tem previsão de conclusão em 2022.	Fez PIBID. Atualmente faz parte do Residência Pedagógica.
LEVI	Masculino	26	Ingressou no curso em 2020, durante o Ensino Remoto.	É membro do PIBID.

Quadro 4: Dados entrevistados

(conclusão)

MARIANA	Feminino	27	Está em etapa final de conclusão do curso.	Utiliza a metodologia da avaliação dialógica. Trabalha na Educação Básica.
MAURA	Feminino	26	Formada. Atualmente faz pós-graduação em Psicologia da Educação.	Tem 40 horas no estado e dá aula do sexto ano até a EJA no Ensino Fundamental.
NAIARA	Feminino	22	Finalizou a graduação no ano de 2021.	Trabalha com revisões textuais, linguísticas e outras tarefas do tipo.
ROSANA	Feminino	40	Está no quarto semestre.	Não trabalha na área educacional, dedica-se à organização da casa, família e faculdade.
TAISSA	Feminino	20	Está no quarto semestre.	Dedica-se totalmente à faculdade.

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da visão de estudantes expostos a modelos avaliativos que se propõem como alternativos no cenário institucional da UNIPAMPA. No quadro abaixo constam os nomes, as datas e o horários agendadas das entrevistas com datas decrescentes.

Quadro 5: Detalhamento das entrevistas

ENTREVISTADOS	DATA	HORÁRIO
GILBERTO	02/02/2022 QUARTA-FEIRA	09:00 horas
LEVI	02/02/2022 QUARTA-FEIRA	14 horas e 30 minutos
ISABELA	03/02/2022 QUINTA-FEIRA	16:00 horas
FRANCINE	07/02/2022 SEGUNDA-FEIRA	10 horas e 30 minutos
LARISSA	07/02/2022 SEGUNDA-FEIRA	16:00 horas
MAURA	08/02/2022 TERÇA-FEIRA	10 horas e 30 minutos
TAISSA	09/02/2022 QUARTA-FEIRA	18 horas e 30 minutos
ROSANA	09/02/2022 QUARTA-FEIRA	17 horas e 30 minutos
MARIANA	15/02/2022 TERÇA-FEIRA	10 horas e 30 minutos
HANNA	17/02/2022 QUINTA-FEIRA	15:00 horas
FRANCISCA	21/02/2022 SEGUNDA-FEIRA	15 horas e 30 minutos
NAIARA	24/02/2022 QUINTA-FEIRA	19:00 horas

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Cabe destacar que tanto o questionário quanto as entrevistas também estão disponibilizados nos apêndices I e II, pretendem a análise por meio das experiências nas disciplinas e nas leituras estudadas para a construção deste estudo. É importante ressaltar que as indagações foram construídas com base nos três objetivos específicos delineados neste trabalho. Depois das gravações, as entrevistas foram transcritas no (Google Docs), com a realização de leituras em voz alta, para corrigir os erros de linguagem da língua portuguesa, na análise consta os quadros com as

respostas de cada pergunta, foram separadas por cores as dezesseis questões para um melhor entendimento dos resultados obtidos.

4.2.1 Sobre a analítica do estudo

Como método de análise dos dados adquiridos, utilizamos o *software* Iramuteq, mencionado na seção seguinte. Para organização de utilização do programa foi preciso organizar todas as respostas em quatro subdivididas por categorias de perguntas, também foi realizada uma revisão da língua portuguesa, visto que no detalhamento das regras abaixo consta que precisam estar corretas as palavras para um bom funcionamento do *software*. Assim facilitou a realização da análise do referido estudo. Na seção 5.2 constam esses detalhes. Abaixo apresentamos a figura 7:

Figura 8: Interface do *software* IRAMUTEQ:



Fonte: Iramuteq; Pierre Ratinaud (2008, 2021)

A partir da questão norteadora e dos objetivos desse estudo, será analisada e observada cada resposta das entrevistas cuidadosamente com o auxílio do *Software* italiano IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). O *software* é uma interface visual ancorada no *software* R para produzir análise de texto.

Para a utilização e funcionamento do software é pertinente seguirmos um caminho para a utilização com embasamento em um Tutorial para uso do *software* de análise textual IRAMUTEQ (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 6,7).

Em primeiro lugar é necessário instalar o *software* estatístico R para o funcionamento do Iramutec, pois o IRAMUTEQ se utilizará do *software* R para processar suas análises.

Após colocamos todos os textos fazendo as configurações padrões. As respostas das entrevistas deverão estar separadas com linhas de comando (com asteriscos) em uma única questão, em um único arquivo de texto no *software* OpenOffice.org.

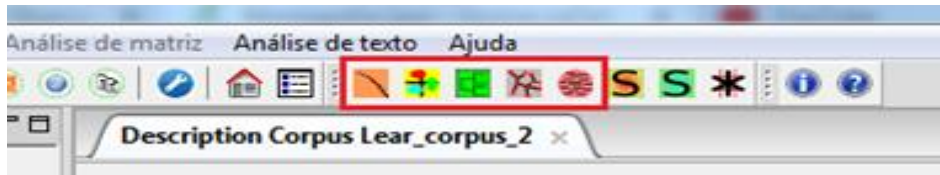
Em seguida faremos a revisão do corpus textual (conjunto de textos), de pontuação e dos parágrafos para não haver erros. Não justificamos o texto, não usamos negrito, nem itálico, aspas, apóstrofo, hífen, cifrão, percentagem e nem asterisco. As palavras devem estar uniformizadas, ou usamos siglas, ou nomes escritos inteiros.

Em regra, o hífen vira espaço em branco, ou caso seja utilizado usamos _ . Todos os verbos que utilizam pronomes devem estar na forma de próclise, os números devem ser mantidos em sua forma algarísmica.

No caso das entrevistas, as perguntas e o material verbal produzido pelo pesquisador será convertido para serem suprimidos e atendido os requisitos acima. Seguidamente com o corpus textual pronto no *software* “OpenOffice.org”, salvamos em uma pasta com criação no desktop, para análise das entrevistas, com nome, texto codificado. A seguir, abre-se uma janela “OpenOffice.org”, optamos por “manter formato atual”, e uma segunda janela onde as opções “Conjuntos de caracteres” e “Quebra de parágrafo” devem ser respectivamente “Unicode (UTF-8)” e “LF”. (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 7)

Posteriormente, iremos processar a análise no *Software* IRAMUTEQ, faremos as configurações para dar continuidade das cinco especificidades de análises oferecidas. A seguir figura que representa as mesmas:

Figura 9: Atalhos dos métodos na interface do Iramuteq



Fonte: Iramutec; Pierre Ratinaud (2008, 2021); Fernandes (2019)

No quadro a seguir apresentamos separadamente as categorias de análises que o *Iramutec* oferece com suas respectivas funções ao lado, dessa forma por ser complexo a sua utilização permite que o leitor tenha um entendimento mais compreensível sobre a diversidade do mesmo.

Quadro 6: Funções das análises sobre os corpus textuais no *Iramutec*:

(continua)

<p>Análises lexicográficas clássicas (ESTATÍSTICAS).</p>	<p>Verifica as unidades de texto, a quantidade de palavras, frequência média e hápax. Pesquisa o vocabulário, usa formas reduzidas e “cria do dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares”. (FERNANDES, 2019, p. 19)</p>
<p>Especificidades e AFC.</p>	<p>Estabelece relações do texto com variáveis, possibilitando a “análise da produção textual em função das variáveis de caracterização”. (FERNANDES, 2019, p. 22)</p> <p>Realiza-se o modelo de análise de contrastes das modalidades das variáveis e a apresentação em plano fatorial. Na análise Fatorial de Correspondência encontram-se os gráficos na aba AFC (FERNANDES, 2019, p. 24).</p>
<p>Classificação Hierárquica Descendente (CHD) conforme o método descrito por Reinert (1987 e 1990).</p>	<p>“Identifica os conceitos existentes no texto agrupando palavras por meio da proximidade léxica dos vocábulos, “separando as ideias em espécies de mundos mentais ou sistemas de representação do discurso” (FERNANDES, 2019, p. 26). Neste modelo busca-se obter classes de segmentos de texto que, em simultâneo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes (FERNANDES, 2005, p. 27).</p> <p>A partir dessas análises em matrizes “o software organiza a análise dos dados em um dendograma da CHD, que ilustra as relações entre as classes”. (CAMARGO; JUSTO, 2013, p.5)</p>

Quadro 6: Funções das análises sobre os corpus textuais no *Iramutec*:

(conclusão)

Análise de similitude de palavras presentes no texto.	Através dessa análise, fundamenta-se nos estudos dos grafos (MARCHARD; RATINAUD, 2012). Torna possível identificar a simultaneidade entre as palavras e o resultado mostra “indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura da representação”. (CAMARGO; JUSTO, 2013, p.6)
Nuvem de palavras.	Possui a função de “agrupar as palavras e estabelecer graficamente em função da sua frequência”. Vista como uma análise lexical mais simples. (CAMARGO; JUSTO, 2013, p.6) É possível configurar a nuvem, as dimensões da imagem e do texto, formato do arquivo, o número máximo e o modelo, e fazer alterações nas cores da fonte e do fundo (FERNANDES, 2005, p.31).

Fonte: Elaborado pela autora com base em Camargo; Justo (2013) e Fernandes (2019);

A sua aplicabilidade permite, de maneira estatística, investigar os discursos, auxiliando na interpretação textual, identificando vocabulário, as variedades de palavras e a distinção dos participantes, entre outras capacidades, discorremos a análise de gráficos, grafos, dendrograma e a nuvem de palavras. Concluímos que permite diferentes processamentos e análises estatísticas de textos produzidos, além de oferecer um amplo número de ferramentas para a análise de dados qualitativos textuais.

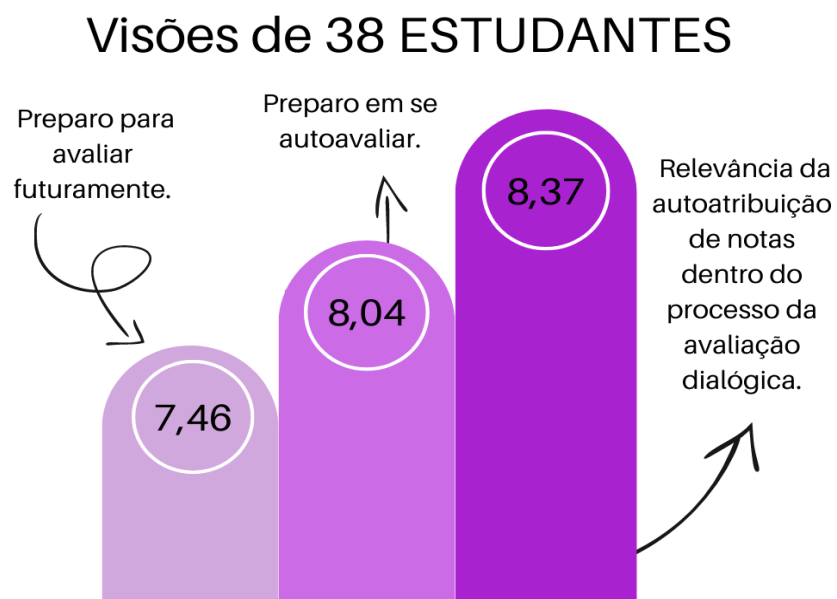
Em seguida, apresentamos a análise da pesquisa, as referidas referências utilizadas para o embasamento teórico do projeto. Por fim, no Apêndice A, disponibilizamos o Cronograma de realização do projeto; anexo I - Questionário utilizado na pesquisa; anexo II - Entrevista sobre experiência de avaliação formativa e dialógica; anexo III - Recorte planos de ensino (avaliação e atividade de recuperação).

5 ANÁLISE DE PESQUISA

5.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

A pesquisa se deu junto a licenciandos que tiveram experiências de avaliação dialógica em algumas disciplinas ofertadas em sua matriz curricular. Reforçamos que o primeiro método adotado nesta pesquisa baseia-se no envio de questionários eletrônicos para que os discentes externalizassem sua visão sobre a experiência avaliativa em questão, em que parte das notas finais das disciplinas eram advindas também de sua autoavaliação. Ainda, buscou-se identificar se esses estudantes se sentiam preparados para avaliar seus futuros alunos, já que se trata de um curso de licenciatura. Participaram um total de 38 estudantes, os quais atribuíram médias 0 a 10, em específicas na figura comparativa a seguir:

Figura 10: Percepções dos alunos sobre três questões



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Nas questões abertas, preponderou a visão da avaliação como processo, o papel da autocrítica e da autorresponsabilidade que significa se autoavaliar na concepção adotada. Ao justificarem quando questionados na questão de poder darem notas, no caso autoavaliarem-se, a maioria das respostas evidenciara uma grande importância na possibilidade de darem valores para seus próprios desenvolvimentos

e trabalhos, pois por meio delas conseguem visualizar suas dificuldades e potencialidades. Também quando param para autoavaliar podem verificar como avaliar futuramente. Refletem sobre a autonomia e o nível em que estão avançando.

Pensamos que nem todos foram 100% sinceros, porque não tinham conhecimentos científicos e técnicos sobre a temática, então nem sempre podemos opinar e evidenciar tal resposta, perante isso devemos tentar interpretar os discursos, se tornando uma função desafiante e necessária e por fim salientamos uma opinião de que a autoavaliação permite retomar algo que foi esquecido no meio da aprendizagem, podendo assim, reforçar ou melhorar com o andamento da aprendizagem.

Já sobre o quão preparados estão para autoavaliarem dando uma nota final, os alunos argumentaram que confiam no que os professores ensinam, reconhecem suas potencialidades e fragilidades, outra resposta salienta que não se sente preparado, sendo muitos críticos e tendem darem notas mais baixas do que realmente desenvolvem. Há repostas como o que não tem o que temer, se sabem o que fizeram, irão saber como autoavaliarem-se, que não há problemas em ser sincero com o próprio desenvolvimento. Ainda assim alguns dizem ser um momento de adaptação de preparação, pois receberam sempre notas dos professores, então mudar essa percepção é desejado exercício contínuo. Também na hora de preencher as rubricas, surgem dúvidas, se há criticidade ou muita valorização, dando uma nota maior. Assim como uns se sentem preparados, outros pensam ser uma responsabilidade muito grande e no momento de dar notas para o próprio rendimento acreditam ser uma demanda de autocrítica.

Ao justificarem sobre o quanto se sentem preparados para avaliarem seus alunos, caso exerçam a docência, argumentam: que ao final da graduação estarão aptos, que a parte mais difícil da docência é avaliação, que no momento não se sentem preparados, mas que no futuro serão capazes, que a forma de avaliar vai muito além de notas e depende da (lado) pessoal de cada docente.

Ainda argumentaram que ao cursarem disciplinas ampliaram suas visões e possibilidades de métodos avaliativos, os quais são imparciais ainda sobre as escolhas avaliativas, os que atuam na área, disseram que modificaram os métodos avaliativos e utilizam da mesma metodologia, apesar de terem que seguirem padrões escolares que comprovem registros de ensino e aprendizagem. Por outro lado, percebem que desde que os critérios avaliativos estejam bem estabelecidos, fica uma

tarefa mais fácil e criar os mesmos critérios seja a parte mais desafiadora.

Em suma, os acadêmicos refletem que avaliar é um processo contínuo, que não é fácil, que deve ter uma preparação, pois a nota afeta bastante o aluno, estabelecer *feedbacks* facilita para compreensão da forma de aprendizagem desses alunos. Sucintamente, reitera-se a necessidade de estabelecer diálogos e práticas dessa natureza como um elemento central na preparação de futuros professores para executarem processos avaliativos mais significativos e democráticos na formação de seus estudantes. Dando seguimento a análise apresentaremos na seção seguinte as contribuições a segunda parte da pesquisa, a entrevista com questões semiestruturadas referentes às experiências de avaliação dialógica.

5.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para melhor organização e por ser dezesseis questionamentos, as respostas foram analisadas por categorias embasadas nos objetivos desta dissertação, foram realizadas três análises textuais: segundo Camargo e Justo (2013) - (1) Análises lexicográficas clássicas para verificação de estatística de quantidade de segmentos de texto (ST), evocações e formas; (4) Análise de Similitude, que possibilita identificar as ocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conectividade entre as palavras; (5) Nuvem de Palavras, a fim de agrupar as palavras e organizá-las graficamente em função da sua relevância, sendo as maiores aquelas que possuíam maior frequência, considerando palavras com frequência igual ou superior a 10.

Evidenciamos que com cada resposta nos voltamos para a questão de pesquisa inicial, o objetivo geral e os objetivos específicos, pois em foco procuramos responder essas questões desta dissertação de mestrado.

5.2.1 Percepção dos estudantes sobre *feedback/feedforward*

Na análise lexicográfica, encontramos 373 palavras denominadas no *software* como *formes actives*, ou formas ativas, as palavras que mais se repetem, constam na figura, a seguir:

Figura 11 – Formas ativas

Resumo	Actives forms	Supplementary forms	Total	Hapax
Forma	Freq.		Tipos	
feedback	53		nom	
não	38		adv	
muito	25		adv	
professor	25		nom	
feedbacks	22		nr	
quando	21		adv	
estar	20		ver	
porque	19		adv	
receber	18		ver	
mais	17		adv	
pensar	17		ver	
errar	16		ver	
dar	14		ver	
aluno	13		nom	
como	13		adv	
sempre	13		adv	
sentir	12		ver	
também	12		adv	
erro	11		nom	
ficar	11		ver	
positivo	11		adj	
bem	10		adv	
forma	10		nom	
saber	10		ver	
melhorar	9		ver	
vez	9		nom	
até	8		adv	
importante	8		adj	
tentar	8		ver	

Fonte: Iramutec (2022)

É perceptível que os discentes possuem conhecimentos sobre o *feedback*, as palavras pensar, receber e errar são utilizadas várias vezes, considerando que o “*feedback* é a interação entre o professor e o aluno sobre a experiência de atuação do aluno” (ARINDA; SADIKIN, 2021, p. 803), não há possibilidade de deixar de salientar que muitas vezes quando os professores dão *feedbacks*, por intermédio desses mesmos comentários acabam compreendendo e modificando os seus planejamentos, em alguns casos o *feedback* interfere nos dois lados da moeda.

Já nas *formes supplémentaries*, ou formas suplementares, verificamos 67 palavras, de pronomes, verbos, artigos, adjetivos, preposições, advérbio e numeral. Na figura a seguir constam as mais utilizadas entre os entrevistados:

Figura 12 – Formas suplementares

Forma	Freq. ↓	Tipos
eu	112	pro_per
de	89	pre
o	88	art_def
que	88	pro_rel
ser	53	ver_sup
a	46	pre
em	43	pre
um	32	art_def
fazer	28	ver_sup
ir	28	ver_sup
uma	25	art_def
ter	23	ver_sup
para	21	pre
ele	19	pro_per
me	19	pro_per
por	18	pre
com	17	pre
poder	17	ver_sup
isso	16	pro_ind
você	16	pro_per
se	13	pro_per
tu	13	pro_per
esse	10	pro_dem
aquilo	9	pre
dizer	8	ver_sup
todo	8	pro_ind
pessoa	7	nom_sup
1	5	num
meu	5	pro_pos

Fonte: Iramutec (2022)

Além dessas formas anteriores verificadas, o Iramutec analisou também as Hapax, palavras verificadas somente, uma única vez, totalizando em 217. Dentre elas estão nomes, verbos, advérbios, adjetivos e numerais. Para um melhor entendimento

apresentamos a figura que resume detalhadamente um total de mais repetições desta análise:

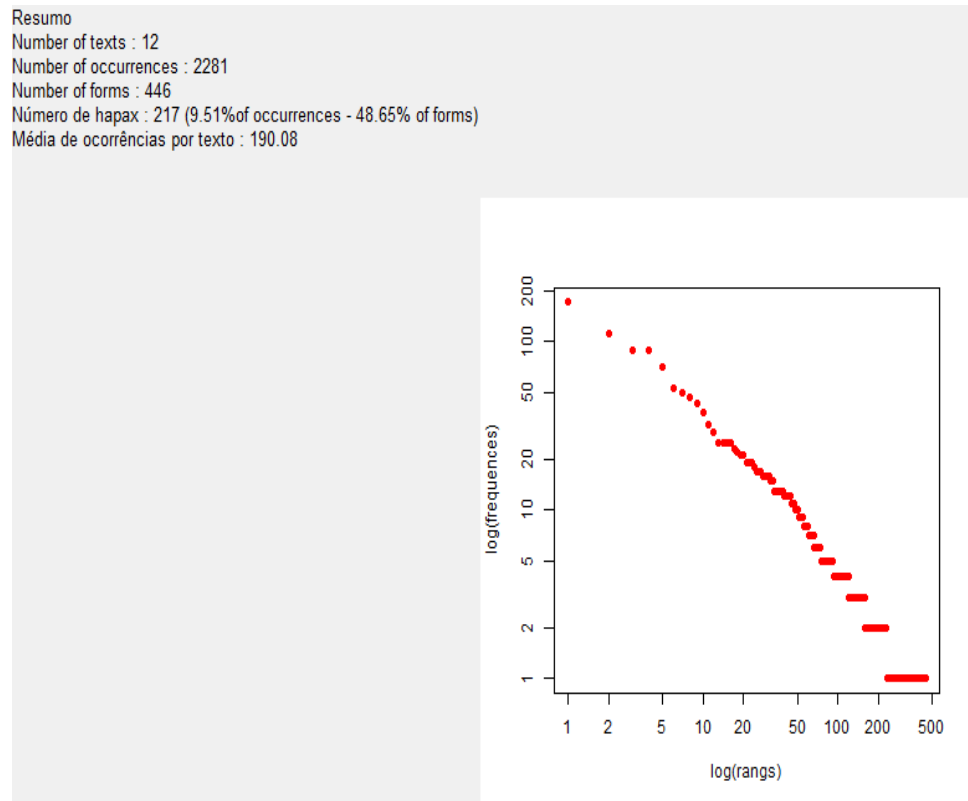
Figura 13 – Palavras mais repetidas no total

Forma	Freq. ↓	Tipos
eu	112	pro_per
de	89	pre
o	88	art_def
que	88	pro_rel
feedback	53	nom
ser	53	ver_sup
a	46	pre
e	46	conj
em	43	pre
não	38	adv
um	32	art_def
fazer	28	ver_sup
ir	28	ver_sup
muito	25	adv
professor	25	nom
uma	25	art_def
ter	23	ver_sup
feedbacks	22	nr
para	21	pre
quando	21	adv
estar	20	ver
ele	19	pro_per
me	19	pro_per
porque	19	adv
por	18	pre
receber	18	ver
com	17	pre
mais	17	adv
pensar	17	ver

Fonte: Iramutec (2022)

Com o intuito de compilar esse processo, trazemos o resumo, apresentado na figura a seguir:

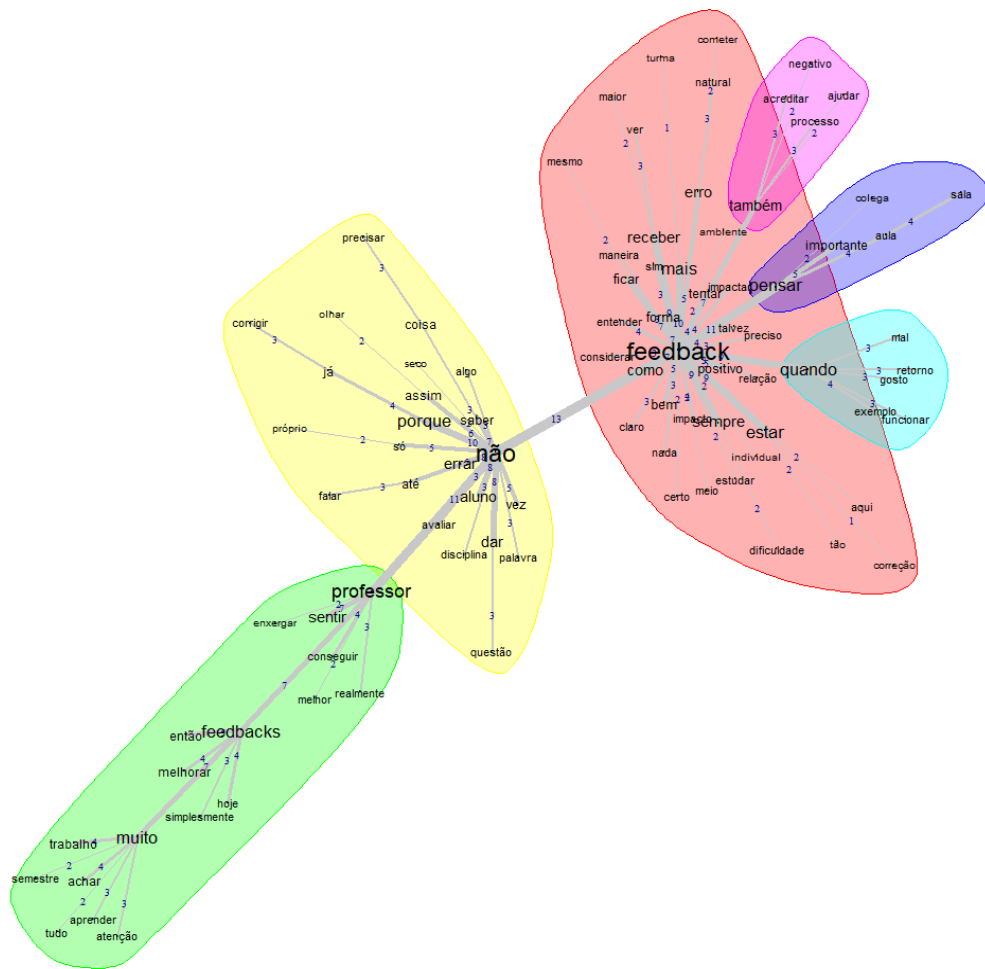
Figura 14 – Resumo



Fonte: Iramutec (2022)

Foi realizada também uma análise de similitude, utilizamos para melhor explorar os materiais coletados nas palavras presentes no texto do corpus textual selecionado. Por meio da análise baseada na teoria dos grafos, é possível identificar as ocorrências textuais entre as palavras e as indicações da conexão entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual. Observa-se que há quatro palavras que se destacam nos discursos: “*feedback*” (53); “*não*” (38); “*muito*” (25) e “*professor*” (25). Delas se ramificam outras palavras que sugerem significados mais detalhados. (ver figura abaixo).

Figura 15 – Análise de Similitude



Fonte: Iramutec (2022)

Na ramificação do “*feedback*”, encontram-se as palavras e suas respectivas ligações. Segundo estudos de Kluher; Denisi (1996), o *feedback* por si próprio, não é autossuficiente para aprender, mas sim depende inteiramente da forma e do modo que seriam ofertados, mencionamos aqui o diálogo, ferramenta que aproxima e fortalece a união, tanto na teoria quanto, na prática. Ao serem desenvolvidos esses processos dialogados, de professores com alunos e até mesmo aluno com alunos, passam a compreenderem de forma natural o desenvolvimento desses *feedbacks* e a por meio disso, dando continuidade no *feedforward*. A partir disso o aluno passa a autorregular sua aprendizagem e ter a necessidade de entender suas notas e por vezes discuti-las (LANDRUM, 2019).

Após esse diagnóstico anterior, seguimos complementando haver conexidades com as palavras “Também” sendo ligadas as palavras (negativo, acreditar, ajudar, processo). Na ramificação “Pensar” são puxadas as palavras (colega, importante,

aula, sala) e “Quando”, aparecem as ramificações com palavras como (mal, retorno, gosto, exemplo e funcionar).

Com relação à palavra em destaque “não”, que apresenta conexidades com as palavras (errar, aluno, vez, avaliar, dar, palavra, disciplina, questão, até, falar, só, próprio, saber, porque, assim, algo, seco, já, algo, coisa, olhar, precisar e corrigir). Entretanto, a palavra “não” não é vista como uma representação negativa, porque perante as palavras conectadas, detectamos que se referem a um repensar sobre as práticas avaliativas vivenciadas pelos mesmos entrevistados.

Sobre a palavra “Professor”, em destaque também, aparecem as palavras (sentir, conseguir, enxergar, realmente, melhor, “*feedbacks*”, então, melhorar, hoje, simplesmente, “muito”, trabalho, semestre, achar, aprender, atenção e tudo). Perante toda essa contribuição de aprendizagem é insubstituível a participação do aluno, é determinante a participação do aluno (OTERO-SABORIDO; ESTRADA; DE VIA, 2022). Pois, sendo uma aprendizagem compartilhada e dialogada, sem às duas vias, com o professor e o aluno, o ensino não se complementa, visto que, ao relacionarmos a interação com o aluno, lembramos que estudos comprovam que o *feedback* é um dos meios de maior fidedignidade em sucesso de cooperação com a aprendizagem (BROOKS *et al.*, 2021).

Com o auxílio do *software*, com a análise de similitude, compreendemos que as palavras: “funcionar, gosto, retorno, natural, individual, funcionar, cometer, ver, avaliar, realmente, hoje, atenção e semestre”. Foram palavras, repetidas e utilizadas pelos alunos, ao demonstrarem conhecimentos básico e prévios sobre o *feedback* e *feedforward*.

Para facilitar o entendimento, eles percebem haver melhorias ao longo do desenvolvimento dos *feedbacks*, sendo um retorno feito hoje para melhoramento no futuro, que necessita de atenção, o qual ficam mais à vontade quando são realizados individualmente. No quadro apresentamos duas respostas de licenciandos para afirmar o diálogo.

Quadro 7: Argumentos sobre o *feedback*

(continua)

FRANCISCA/35 ANOS - “Precisamos ter esse retorno, é legal, e eu vejo que funciona, muita coisa eu começo prestar atenção, a me chamaram a atenção disso, então, eu tenho que ficar atenta, eu estudo mais a partir do *feedback*”.

Quadro 7: Argumentos sobre o *feedback*

(conclusão)

FRANCINE/21 ANOS - “Eu gosto de receber *feedbacks*, porque aí tu vêes onde tu tens que melhorar, onde tu acertaste. Aí tu fazes aquilo simplesmente sem objetivo, sem receber o teu retorno, ai sim! Você se sente frustrado, mais do que tu receberes um *feedback* negativo”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

No quadro anterior, percebemos duas respostas que afirmam que o *feedback* é uma ferramenta que auxilia na melhoria das visões de aprendizagem. Com a palavra "cometer", entendemos serem fases que os alunos acreditam que devem enfrentar, que no início foi difícil modificar a visão tradicional que seguiram desde a Educação Básica. Inclusive se formos olhar a imagem vamos verificar as palavras positivo e negativo, nem sempre os comentários são positivos, além de que desenvolvem um senso de criticidade com os *feedbacks* negativos, aprendendo a lidar com as fases não tão boas.

Com a palavra “natural”, percebemos que ao longo da exploração e do exercício, os *feedbacks* e os *feedforwards* tornam-se processos naturais do ensino. Realmente, ao longo desse processo de ensino-aprendizagem passam a avaliar seus próprios desempenhos, vendo e analisando os pontos positivos e negativos.

No que lhe concerne, nas palavras *actives* “ativo”, compuseram-se em um total de 95 palavras, muitas dessas palavras citadas, são importantes para a interpretação desse campo de análise, em razão de que palavras como melhorar, funcionar, entender, correção, impacto, gosto, acreditar, errar, pensar, processo, entre outras, enfatizam detalhes dos discursos desses entrevistados, os quais deixam esclarecido de que essa relação entre diálogo, *feedback*, *feedforward* formam um ciclo de entendimento individual, que muitas vezes se perpassa pelos olhos de muitos desses entrevistados.

Buscamos trazer também com a possibilidade de uma melhor visualização uma nuvem de palavras, a qual descreve detalhadamente as palavras mais encontradas nos discursos. Foi analisada a nuvem de palavras obtida por meio das entrevistas realizadas, em que se verifica que as palavras mais evocadas foram: “Feedback” (f = 53), “Não” (f = 38), “Professor” (f = 25), “*Feedbacks*” (f = 22), “Estar” (f = 20), “Porque”

(f = 19), “Pensar” (f = 17), “Aluno” (f = 13), “Sempre” (f = 13), “Também” (f = 12), “Erro” (f = 11), e “Saber” (f = 10), confira na figura a seguir:

Figura 16 – Nuvem de Palavras



Fonte: Iramutec (2022)

Como mencionado anteriormente, não conheciam teoricamente a proposta da experiência vivenciada, mas diariamente os discentes vivenciavam e executavam a avaliação dialógica. Entretanto, nessa parte podemos dizer que eles fazem ligações com as suas experiências vivenciadas nas disciplinas, inclusive realizaram uma interpretação para conseguirem responder às questões solicitadas. Segundo a percepção desses estudantes, a chave para esse processo é o “diálogo”, o qual aproxima o aluno do professor e reorganiza os processos metacognitivos. No quadro abaixo reforçamos, duas falas sobre esse aspecto.

Quadro 8: Argumentos sobre o diálogo

GILBERTO/21 ANOS - “Dialógica me vem a palavra diálogo, negociação, diplomacia, avaliação dialógica considerando que eu já tive da experiência, talvez seja aquela avaliação que existe um acordo, um diálogo prévio, entre o aluno e professor, que talvez não só o professor avalie o aluno, mas o aluno avalie ele mesmo, uma avaliação pelos dois lados”.

ISABELA/27 ANOS - “No curso é uma avaliação em que (...), vamos partir do dialógico em que se têm o diálogo com o aluno”.

LARISSA/22 ANOS - “A questão dialógica, essa questão do *feedback*, algo a ver com isso, de dialogar, sobre avaliação”.

HANNA/23 ANOS - “Entra muito essa questão do diálogo, talvez entre professor e aluno, penso nessa questão, por exemplo, a professora 1 sempre teve essa proximidade maior (...), e não tem essa barreira entre professor e aluno”.

LEVI/26 ANOS - “Acredito que não necessariamente eu entenda a base que sustenta o enunciado da frase, mas considerando, a avaliação formativa e dialógica, eu penso serem maneiras, não sei se necessariamente uma autoavaliação, mas uma maneira onde que existe um diálogo formativo entre o docente e o discente, é isso que eu penso”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Dando ênfase, Utheim e Wittek (2017) creem nas vantagens dos *feedbacks* dialógicos, pois ampara o emocional e o relacional dos alunos, mantém diálogos contínuos entre professores e alunos, possibilitando a chance de os alunos se expressarem e exporem duas opiniões, passando de agente passivo, para agente ativo, fortificando o desenvolvimento individual dos mesmos.

Geralmente, quando os diálogos são críticos, construtivos, os alunos refletem sobre sua própria aprendizagem, tal como, aumenta a confiança dos alunos e reduz a ansiedade ao ver fraquezas e forças (RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ; CASTAÑEDA, 2018). A partir desse impacto analítico, alguns fatores do *feedback* mudam o presente, e o *feedforward* pode auxiliar na percepção do aluno sobre o futuro. Isso depende do nível de aceitação sobre as melhorias.

Em algumas falas a seguir, analisamos que vai muito do olhar do aluno, que muitas vezes o mesmo não vai ter a percepção de que evoluiu, e que é no recebimento

dos *feedbacks*, das rubricas, que eles conseguem analisar de tal forma, que modificam a visão da passagem, da aprendizagem e do ensino. Observam que em outras disciplinas não utilizavam as rubricas, do mesmo formato que foram elaboradas somente com a Professora 1 e a professora 2.

Quadro 9: Argumentos sobre os *feedbacks*

LARISSA/22 ANOS - “Eu gosto dos *feedbacks*, eu me sinto bem, porque eu consigo rever, repensar as minhas atitudes, o que eu preciso melhorar, o que eu não preciso melhorar, o que eu fiz bem”.

FRANCISCA/35 ANOS - “Funciona bastante, especialmente quando tu tentas estudar sobre aquilo, quando tu tentas te dedicar, a partir do *feedback*, funciona muito. E não só para mim eu fiquei pensando que possui impacto o *feedback* dos colegas, porque recebíamos muitas vezes *feedbacks* orais e tinha a possibilidade de escutar o que os colegas, enfim, estavam recebendo como *feedback* e me ajudava também, eu pensava, eu também faço isso, vou ter que ficar atenta, vou ter que estudar tal coisa, eu também já fiz isso. Isso também acontece comigo. Os dos colegas também me ajudavam bastante”.

MARIANA/27 ANOS - “Eu aceito e respeito todos os *feedbacks* dos professores, inclusive teve disciplinas que eu resolvi repetir elas, eu conversava com o professor, ele falava não está tudo certo, tu fazes mais uma atividade, tu consegues. Eu falava não, professor, não consegui dar tudo de mim nessa disciplina, eu não consegui aprender o que eu queria aprender, eu fiz os trabalhos e tudo, mas eu não desenvolvi aquilo que foi proposto na disciplina, então eu quero repetir o ano que vem se eu puder de novo”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Por meio das falas expostas, percebemos que os alunos ao longo dessa experiência passaram a adquirir consciência das suas dificuldades e de suas principais habilidades, dessa forma conseguiam trabalhar em conjunto, percebendo os pontos positivos e os negativos. Na segunda categoria da análise apresentaremos os entendimentos dos entrevistados sobre a autorregulação da aprendizagem.

5.2.2 A autorregulação como parte do processo avaliativo

Nesta categoria encontramos na análise lexicográfica, 425 palavras denominadas no software como *formes actives*, ou formas ativas, as palavras que mais se repetem, constam na figura, a seguir:

Figura 17 – Formas Ativas 2

Resumo	Actives forms	Supplementary forms	Total	Hapax
Forma	Freq. ↓		Tipos	
não	70		adv	
porque	36		adv	
aluno	35		nom	
professor	33		nom	
rubrica	33		nom	
mais	30		adv	
avaliar	28		ver	
muito	27		adv	
autoavaliação	23		nr	
avaliação	23		nom	
como	22		adv	
dar	22		ver	
nota	22		nom	
pensar	22		ver	
bem	21		adv	
conseguir	20		ver	
então	18		adv	
sentir	16		ver	
também	16		adv	
vez	16		nom	
quando	14		adv	
achar	13		ver	
mesmo	13		adj	
processo	13		nom	
autoavaliar	12		nr	
disciplina	12		nom	
ficar	12		ver	
gosto	12		nom	
perceber	12		ver	

Fonte: Iramutec (2022)

Acima, com o decorrer da imagem, podemos verificar que as palavras mais repetidas foram: “não, porque, aluno, professor, rubrica, mais, avaliar, muito,

autoavaliação, avaliação e como”. De acordo com Rohmat e Sadikin (2019), o professor precisa fomentar o aluno no processo de construção da aprendizagem e esclarecer de forma clara as suas dúvidas, inclusive ir alimentando diariamente a busca desse aluno para modificar o olhar tradicional, inserindo a autorregulação no processo avaliativo. Tal qual, uma ideia e um método não se constroem sozinhos, é necessário, modificações e práticas contínuas, para total efeito. Dando seguimento, nas *formes supplémentaries*, ou formas suplementares, verificamos 78 palavras. Na figura a seguir constam as mais utilizadas entre os entrevistados:

Figura 18 – Formas suplementares 2

Forma	Freq. ↓	Tipos
eu	157	pro_per
que	157	pro_rel
a	117	pre
de	116	pre
ser	102	ver_sup
o	100	art_def
em	89	pre
ter	54	ver_sup
fazer	53	ver_sup
ir	49	ver_sup
se	49	pro_per
me	47	pro_per
uma	47	art_def
tu	35	pro_per
um	35	art_def
com	32	pre
por	30	pre
saber	29	ver_sup
você	28	pro_per
estar	27	ver_sup
para	24	pre
ela	22	pre
essa	22	pro_dem
isso	21	pro_ind
poder	17	ver_sup
ele	16	pro_per
aquilo	12	pre
pouco	12	pro_ind
sobre	12	pre

Fonte: Iramutec (2022)

Encontramos pronomes, verbos, artigos, adjetivos, preposições, advérbio e numeral, os mais utilizados na linguagem foram: “eu, que, a, de, ser, o, em, ter, e fazer”. Do mesmo modo, com auxílio do Iramutec analisamos também as palavras verificadas somente uma única (hápax), totalizando em 247. Dentre elas estão nomes, verbos, advérbios, adjetivos e numerais. Abaixo consta a figura que resume detalhadamente um total de mais repetições desta análise:

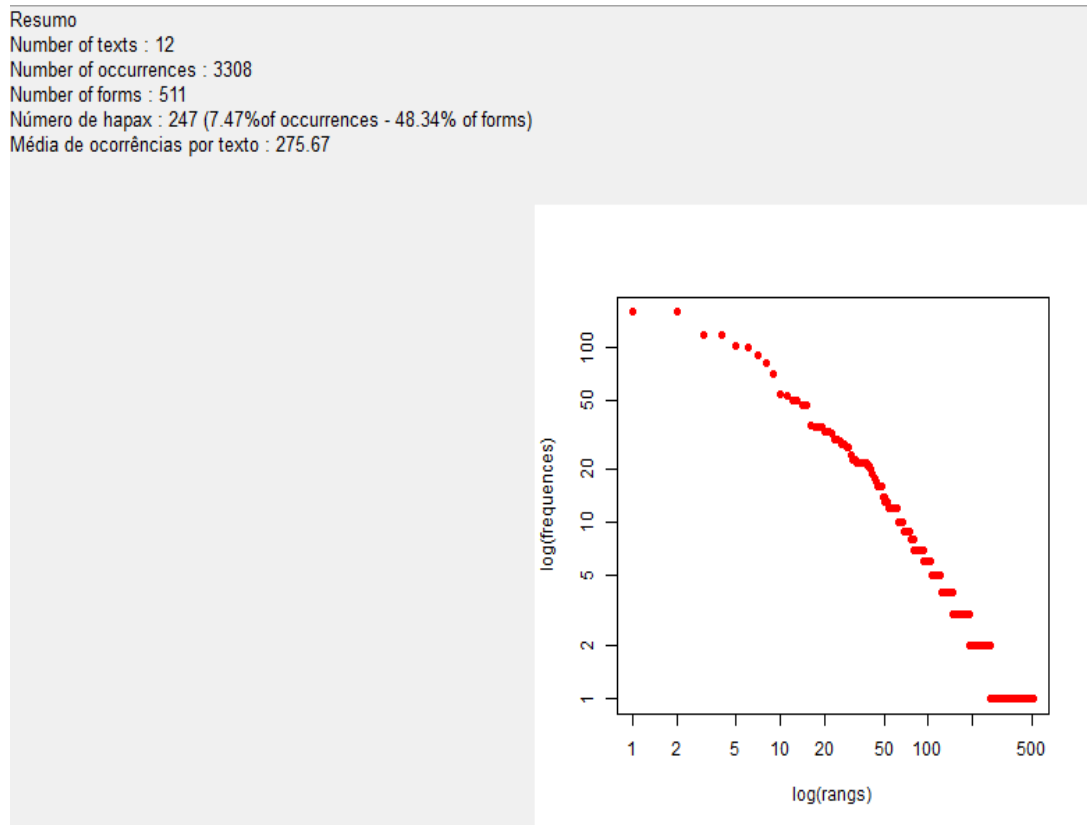
Figura 19 – Palavras mais repetidas no total

Resumo	Actives forms	Supplementary forms	Total	Hapax
Forma	Freq. ↓		Tipos	
eu	157		pro_per	
que	157		pro_rel	
a	117		pre	
de	116		pre	
ser	102		ver_sup	
o	100		art_def	
em	89		pre	
e	80		conj	
não	70		adv	
ter	54		ver_sup	
fazer	53		ver_sup	
ir	49		ver_sup	
se	49		pro_per	
me	47		pro_per	
uma	47		art_def	
porque	36		adv	
aluno	35		nom	
tu	35		pro_per	
um	35		art_def	
professor	33		nom	
rubrica	33		nom	
com	32		pre	
mais	30		adv	
por	30		pre	
saber	29		ver_sup	
avaliar	28		ver	
você	28		pro_per	
estar	27		ver_sup	
muito	27		adv	

Fonte: Iramutec (2022)

No mesmo sentido de simplificar e resumir essa parte da análise apresentamos a figura a seguir:

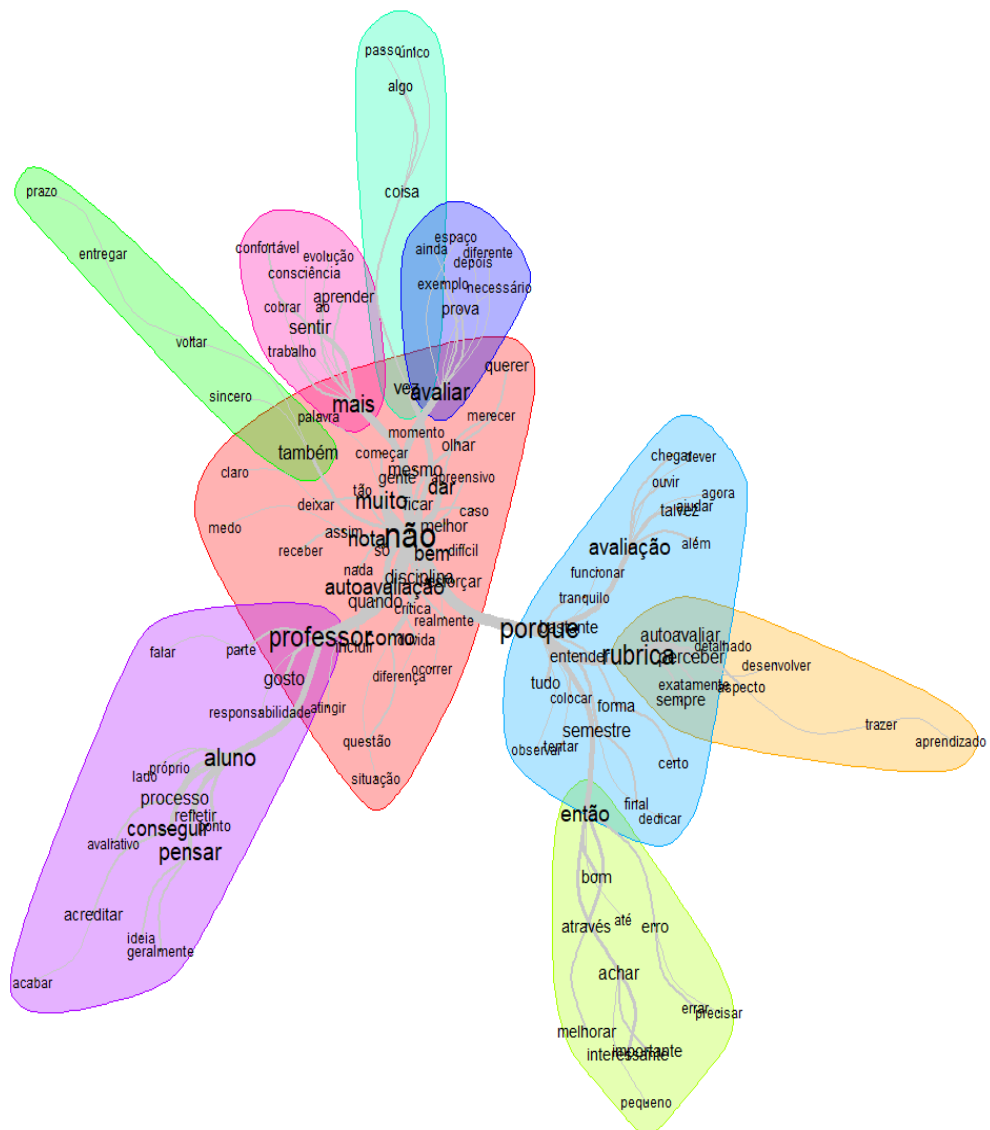
Figura 20 – Resumo 2



Fonte: Iramutec (2022)

Na análise de similitude, percebemos a existência de nove palavras que se destacam nos discursos: “não” (70); “porque” (36); “aluno” (35) “professor” (33); “rubrica” (33); “mais” (30) “avaliar” (28); “muito” (27) e “autoavaliação” (23). Delas se ramificam outras palavras que sugerem significados mais detalhadas, confira abaixo:

Figura 21 – Análise de Similitude 2



Fonte: Iramutec (2022)

No entanto, analisamos que da palavra “não” encontramos palavras com ramificações como: dar, muito, nota, autoavaliação, bem, quando, crítica, realmente, disciplina, esforçar, incluir, duvida, ocorrer, diferença, questão, situação, atingir, gosto, parte, nada, só, assim, receber, deixar, medo, claro, também, palavra, mais, vez, avaliar, querer, merecer, momento, olhar, começar, mesmo, gente, apreensivo, tão, ficar e melhor.

Da palavra “professor” saem palavras ramificadas como: parte, gosto, responsabilidade, falar, aluno, próprio, lado, processo, refletir, ponto, conseguir, pensar, avaliativo, acreditar, ideia, geralmente e acabar. De fato, Hill e West (2020)

afirmam que posicionar aluno e professores em dialogicidade, institui os alunos a pensarem criticamente os seus desenvolvimentos. Nessa ocasião, a atribuição do professor é insubstituível nas disciplinas e na motivação de seus alunos (SADKIN, 2021). E essa responsabilidade passa a fazer parte do processo, pensando, refletindo continuamente. Ademais, da palavra “também”, encontramos as palavras: “palavra, sincero, voltar, entregar e prazo”. De outro modo, na palavra “mais”, encontram-se as palavras: “trabalho, sentir, cobrar, ao, aprender, consciência, evolução e confortável”. Notamos que da ramificação “vez”, saem as palavras: “coisa, algo, posso e único”. Também na parte da palavra “avaliar”, encontramos as palavras: “prova, necessário, exemplo, depois, diferente, ainda e espaço”.

Ao visualizarmos a parte direita da imagem identificamos as ramificações do “porque” que se interligam as palavras: “bastante, tranquilo, funcionar, avaliação, entender, tudo, colocar, forma, semestre, tentar, observar, certo, final, dedicar, chegar, dever, ouvir, agora, ajudar, talvez, além e rubrica.” Essas palavras descrevem o entendimento do modo autorregulatório dos entrevistados, pensamos que justificam com a palavra “porque”, reverenciando com compreensão, observação, dedicação, prestar atenção, no entanto, ouvindo os *feedbacks*, as rubrica lembramo-nos de que ela é uma maneira de observar as principais características individuais e coletivas apresentada em uma modelo de escola com critérios bem estabelecidos, a qual também possibilita a autorregulação ao longo dos semestres.

Da palavra “rubrica” se puxam as palavras: “perceber, autoavaliar, detalhado, desenvolver, exatamente, sempre, aspecto, trazer e aprendizado”. Exemplificamos, a palavra autoavaliação por fazer parte da categoria de autorregulação, sendo que é vista como uma “aliada do processo instrucional que o professor utiliza como recurso pedagógico” (PANADERO; ALONSO-TAPIA, 2013, p. 554). Nós, pesquisadoras dessa dissertação, possuímos conhecimentos que a autoavaliação faz parte do processo da avaliação dialógica, sendo que estudos internacionais comprovam a importância dessa dinâmica para regular a aprendizagem. (ZIMMERMAN, 2000, p.14).

Outro detalhe importante é que os entrevistados argumentaram que os critérios sempre ficaram evidentes e explícitos desde o início das disciplinas ofertadas com essa metodologia no curso de Letras (ANDRADE, 2010). Como referenciado abaixo por licenciandos:

Quadro 10: Argumentos sobre definição dos critérios avaliativos

MARIANA/35 ANOS - “Olha, eu tenho que ser sincero, por exemplo, eu tinha que entregar dez trabalhos e entreguei dois, não posso dar nota nove para mim, não. Então tu tens que ser sincero. Eu fiz isso, me esforcei pouco, vou melhorar em tal aspecto. Então a avaliação através das rubricas, eu acho muito interessante porque mostra esse panorama, além de nos ajudar a perceber os erros de nós mesmos, não ficar só ouvindo: “tu erraste nisso, tu erraste naquilo”, conseguimos melhorar através disso. Eu acho bem interessante”.

MAURA/26 ANOS - “Tu sabes como tu vais ser avaliado, tu sabes quais requisitos tu vais estar sendo avaliado, e tu podes cobrar depois: olha, eu acredito que na parte da oralidade que é o que a professora 1 mais cobrava da gente. Eu poderia ter sido melhor. Ou não, não concordo com essa nota. Ela sempre dava um espaço para podermos perguntar o porquê da nota. Então eu acho super importante ser avaliada dessa forma, eu particularmente gosto bastante de avaliar e de ser avaliada”.

NAIARA/22 ANOS - “Considero a mais interessante e a melhor delas que foi a rubrica, tanto para inglês quanto para espanhol, me ajudou muito, e eu fui avaliada de uma melhor forma para conseguir perceber os aspectos em separado, eu consegui perceber como estava a minha pronúncia no espanhol, a escrita (...), tu consegues ver separado a gente não é ruim de um todo, temos aspectos em que manda melhor”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Além disso, Boekaerts e Cascallar (2006), ao terem objetivos claros, os indivíduos regulam melhor suas atividades. Em suma, a autoavaliação beneficia em todas as etapas do decorrer da autorregulação, agindo na organização das aulas, no processo de prática e na avaliação final. (ZIMMERMAN; MOYLAN, 2009). Por fim, trazemos a última ramificação com a palavra “então” que se ligam a: bom, até, através, erro, achar, melhorar, importante, interessante, pequeno, errar e precisar.

Contudo, é possível evidenciar que os critérios com demonstrações claras e objetivas, foram referenciados, por uma rubrica, sendo um instrumento de autoavaliação e classificação que irá conter os critérios de avaliação bem definidos (PANADERO; ALONSO-TAPIA). Enfim, buscando uma melhor visualização dessa seção da análise, mostramos a nuvem de palavras analisada pelo Iramutec:

argumentaram que os *feedbacks* imediatos com ênfase nos *feedforward* futuros, auxiliaram no melhoramento linguístico, inclusive na língua inglesa.

Quadro 11: Argumentos sobre autoavaliação

LEVI/26 ANOS - “Essa autoavaliação que ocorre durante o semestre, eu penso que o aluno consegue acompanhar cada passo de evolução que ele vai dando no decorrer do semestre”.

MAURA/26 ANOS - “Eu posso dizer que eu me senti um pouco apreensiva (...), porque tu começa a pensar e tu sabes que tem que ser uma nota que tu mesmo te daria, não adianta eu colocar 10, mas tu sabes que está merecendo um 5, a tua consciência não vai ficar tranquila, entendeu? Então eu sempre tentei fazer o melhor possível, mas eu me sentia bastante apreensiva”.

ROSANA/40 ANOS - “É complicado, se autoavaliar, ou às vezes a gente, se pega se criticando (...), você consegue se perceber, sim, se você parar e pensar em fazer a sua autoavaliação, geralmente você se dá uma nota um pouco inferior, em quesitos que você está bem”.

TAISA/20 ANOS - “Eu gosto bastante de me autoavaliar, é bom, porque faz refletir sobre tudo o que fizemos durante o semestre e eu penso que tem que ser um momento em que a gente é bem honesto também, com tudo o que nós fizemos, e é isso, eu acho bom, principalmente tendo um peso na nota”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Contudo, dizemos que a avaliação é formada ao longo da inserção de novas metodologias, faz parte a compreensão dos licenciandos sobre suas notas em função de seus desempenhos durante os semestres. Ao experienciarem esse formato avaliativo, compreenderam que avaliar, não é nada imediato, perceberam que o papel de aluno, deve ser executado com engajamento, porque, sim, são insubstituíveis no processo educacional para regulá-lo tanto no início, no meio e no fim dos componentes curriculares. Em seguida apresentamos a analítica dos futuros desdobramentos docentes dos 12 entrevistados.

5.2.3 Avaliação dialógica e desdobramentos para avaliação docente futura

Nesta sessão visualizamos na análise lexicográfica, 414 palavras denominadas no *software* como *formes actives*, ou formas ativas, as palavras que mais se repetem, constam na figura, a seguir:

Figura 23 – Formas Ativas 3

Forma	Freq. ↓	Tipos
aluno	53	nom
não	42	adv
pensar	31	ver
avaliar	30	ver
estar	30	ver
avaliação	29	nom
como	29	adv
muito	24	adv
mais	23	adv
então	19	adv
porque	19	adv
assim	15	adv
professor	15	nom
quando	15	adv
também	14	adv
acreditar	13	ver
sentir	13	ver
aula	11	nom
autoavaliação	11	nr
precisar	11	ver
sempre	11	adv
coisa	10	nom
exemplo	10	nom
forma	10	nom
tentar	10	ver
aprender	9	ver
bem	9	adv
desenvolver	9	ver
escola	9	nom

Fonte: Iramutec (2022)

Averiguamos uma abundância de palavras, e as que mais se repetem aparecem como: “aluno, não, pensar, avaliar, estar, avaliação, como, muito e mais”.

Investigamos que na presença da palavra “aluno”, que está em primeiro lugar, em razão de ser viável a reformulação das visões avaliativos pelos docentes, considerando os aspectos, a indispensabilidade e vontades dos discentes (SERRA-OLIVARES *et al.*, 2018). Interliga-se ainda aos vários discursos dos entrevistados, os quais grifaram ser importante compreender a forma e o modo dos seus futuros alunos aprenderem, que justamente entendendo esses processos de internalização, conseguirão organizar seus formatos avaliativos, confira no quadro a seguir:

Quadro 12: Argumentos sobre organização dos processos avaliativos

FRANCINE/21 ANOS - “Eu acredito que cada aluno deve ser avaliado de uma forma individual, claro que ele tem que ser avaliado como ele é, em grupo e como ele é individualmente, mas essa daí daria uma visão de como ele realmente é, quais são as habilidades reais dele e não só uma coisa superficial”.

FRANCISCA/35 ANOS - “Eu entendo a avaliação também como um processo, eu acho bem legal que o aluno faça parte disso, estou tentando começar isso, mas não é fácil os alunos são bem resistentes, eu acho bem importante para mim, porque eu me sinto mais segura, se eu tenho critérios bem claros de avaliação, eu vejo que quando fica muito solto eu não sei exatamente o que avaliar”.

HANNA/23 ANOS - “Eu penso que avaliação entra também nessa parte que tu tens que se colocar como professora e enxergar tuas crenças como professora em como tu julgas que os teus alunos vão aprender, em como tu vêes que eles aprendem, como que tu consegues ensinar melhor e avaliação ela te ajuda a entender todo esse processo”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

De imediato, um dos entrevistados comentou ser muito positiva a maneira como as professoras proporcionaram as disciplinas, fazendo com que eles refletissem sobre a futura docência. Tendo em consideração que eram motivados, devido os *feedbacks*, eles passaram a enxergar se estavam no ponto de partida, ou meio do percurso, assim eliminando a lacuna de aprendizagem (BIZARRO; SUCARI; QUISPE-COAQUIRA, 2019), até se encaminharem ao percurso final, potencializando suas melhores habilidades e potencializando as dificuldades encontradas ao longo do caminho. A seguir apresentamos alguns dos discursos:

Quadro 13: Argumentos positivos sobre a avaliação

ROSANA/40 ANOS - “É mais um acolhimento, um respeito com a sua dificuldade, é uma atenção especial, para você e por mais que você tenha às vezes as mesmas dificuldades que outros, mas você se sente acolhida porque aquela voz, foi direcionada para você, aquelas palavras eram-te e dá certo, coincidi com as suas dificuldades”.

FRANCISCA/35 ANOS - “A avaliação nunca foi um problema para mim, a avaliação assim, quando ela é processual, ela é mais justa, eu tenho essa sensação assim. Porque realmente eu estou acompanhando, aquele aluno, então, eu quando um professor vai me avaliando ao longo do processo eu me sinto mais segura e eu me sinto melhor quando os professores deixam claro os critérios”.

LEVI/26 ANOS - “Vejo de forma positiva, sim, embora eu acredite que a avaliação é quase uma faca de dois gumes, porque ela também pode acabar te frustrando de certa forma, às vezes, mas eu acredito que geralmente se na avaliação é feito apontamentos, crítico construtivo, eu penso que ela pode ter bons resultados também”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Com os critérios e procedimentos bem definidos sentiram-se mais confiantes. Sobre a palavra “avaliação”, puxamos um viés, porquanto esses entrevistados, modificaram suas interpretações avaliativas, e argumentamos com vigor teórico, que a avaliação é uma ferramenta peculiar para produção de informações insubstituíveis ao longo do ensino (DERONCELE ACOSTA; MEDINA ZUTA; GROSS TUR, 2020), estabelecendo verificação de particularidades fortes, perspectivas de refinamento e principalmente expectativas de formação qualificada.

Com a intenção de dar andamento, nas *formes supplémentaries*, ou formas suplementares, verificamos 68 palavras, de pronomes, verbos, artigos, adjetivos, preposições, advérbio e numeral. Na figura a seguir constam as mais utilizadas entre os entrevistados:

Figura 24 – Formas suplementares 3

Forma	Freq. ↓	Tipos
que	137	pro_rel
eu	136	pro_per
de	114	pre
o	95	art_def
a	78	pre
ser	77	ver_sup
em	76	pre
ter	53	ver_sup
ele	52	pro_per
ir	45	ver_sup
uma	44	art_def
para	33	pre
se	33	pro_per
fazer	28	ver_sup
com	26	pre
isso	23	pro_ind
por	21	pre
essa	20	pro_dem
me	19	pro_per
saber	14	ver_sup
um	13	art_def
dizer	12	ver_sup
meu	11	pro_pos
poder	11	ver_sup
aquele	10	pre
ela	8	pro_per
todo	8	pro_ind
minha	7	pro_pos
tu	7	pro_per

Fonte: Iramutec (2022)

Corroborando, as palavras verificadas somente uma única, totalizam-se em 234. Dentre elas estão nomes, verbos, advérbios, adjetivos e numerais. A seguir consta a figura que resume detalhadamente um total de mais repetições desta análise:

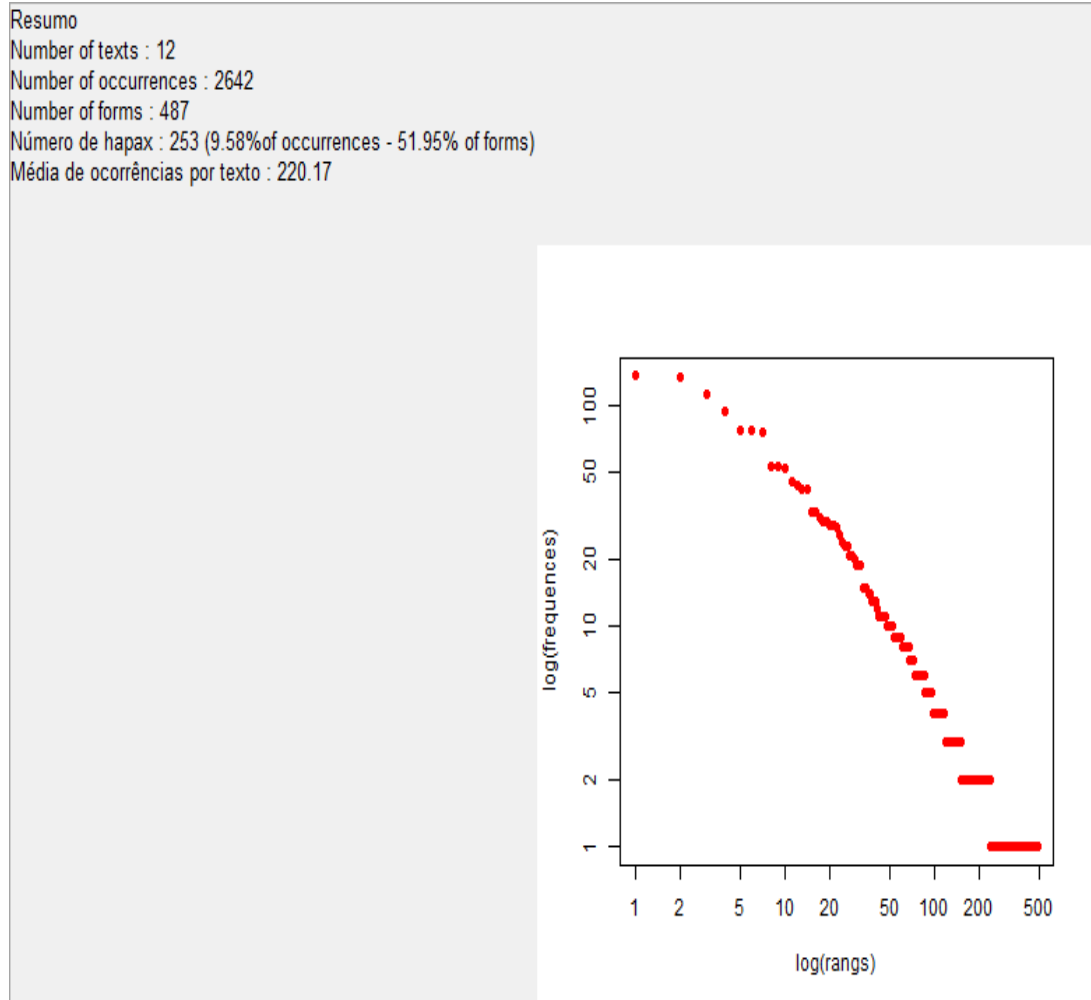
Figura 25 – Palavras mais repetidas no total

Resumo	Actives forms	Supplementary forms	Total ×	Hapax
Forma		Freq. ↓		Tipos
que		137		pro_rel
eu		136		pro_per
de		114		pre
o		95		art_def
a		78		pre
ser		77		ver_sup
em		76		pre
aluno		53		nom
ter		53		ver_sup
ele		52		pro_per
ir		45		ver_sup
uma		44		art_def
e		42		conj
não		42		adv
para		33		pre
se		33		pro_per
pensar		31		ver
avaliar		30		ver
estar		30		ver
avaliação		29		nom
como		29		adv
fazer		28		ver_sup
com		26		pre
muito		24		adv
isso		23		pro_ind
mais		23		adv
mas		21		conj
por		21		pre
essa		20		pro_dem

Fonte: Iramutec (2022)

Apresentamos a seguir também a imagem que resume essa parte da análise, apresentada acima:

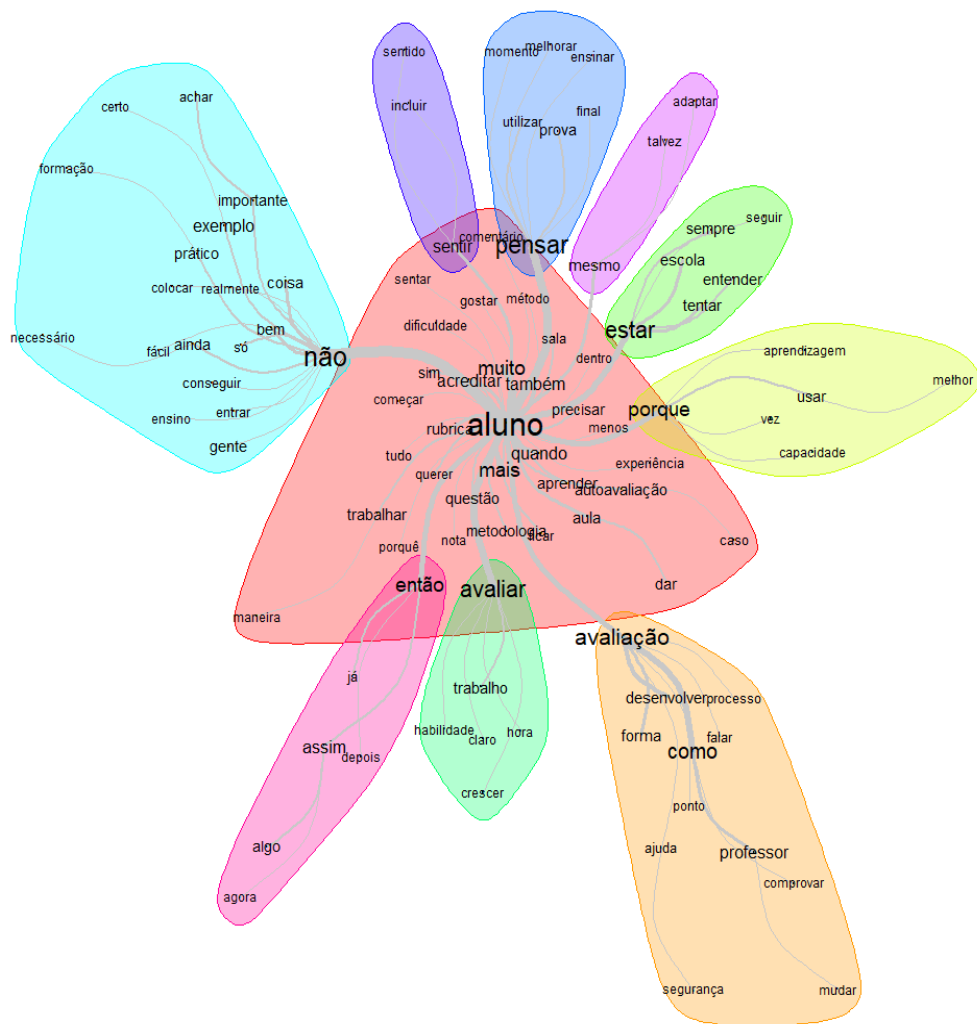
Figura 26 – Resumo 3



Fonte: Iramutec (2022)

Com o intuito de complementar, apresentamos, a análise de similitude, para que percebemos a existência de quatro palavras que se destacam nos discursos: “aluno” (53); “não” (42); “pensar” (31); “avaliar” (30); “estar” (30); “avaliação” (29) e “como” (29). Delas se ramificam outras palavras que sugerem significados mais detalhadas.

Figura 27 – Análise de Similitude 3



Fonte: Iramutec (2022)

Ao visualizarmos a imagem, notamos que ao centro dela, há a palavra “aluno” em evidência, após saem as conexões: “rubrica, quando, precisar, também, acreditar, muito, mais, sala, dentro, menos, método, gostar, dificuldade, sentar, sentir, comentário, pensar, sim, começar, quando, tudo, querer, porque, querer, questão, aprender, autoavaliação, experiência, aula, trabalhar, nota, metodologia, ficar, porquê, aula, caso, dar, então, avaliar e maneira”.

Como foi descrito acima, os discursos referentes as metodologias avaliativas serão seguidos com a possibilidade de auxílio e compreensão ao licenciando, citações como:

Quadro 14: Argumentos sobre aprendizados das experiências

ROSANA/40 ANOS - “Cada turma é de um jeito, preciso entender e analisar para organizar como vai ser melhor o planejamento”,

MAURA/26 ANOS - “Eu penso que em uma palavra apenas eu descreveria isso que seria “empatia”, sentir o que os alunos estão sentindo naquele momento, por já ter passado nesse processo igual a eles, então me ensinou a ter empatia”.

NAIARA/22 ANOS – “Saber avaliar aquelas pessoas, observar o que está por trás daquilo também, para eu não ser simplesmente uma pessoa que julga”,

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Todavia, mesmo que alguns licenciandos não estejam formados ainda, observamos menção a importância da conversa, do diálogo, “porque o professor e o aluno precisam interagir de forma síncrona e assíncrona; tornando assim o autoconhecimento e a autorregulação eficazes como pilares de transformação e melhoria contínua” (RIVEROS *et al.*, 2021, p. 52).

Também, olhando na parte de baixo da figura, encontramos três ramificações, um referente a palavra “então”, composta por palavras: já, assim, depois, algo e agora. Na subdivisão da palavra “avaliar”, existem as palavras: trabalho, habilidade, claro, hora e crescer. Visto que avaliar exige habilidades, trabalho e dedicação, é pertinente tempo e clareza para crescimento individual e grupal.

Na graduação é inevitável a preparação desses profissionais, sendo que essas práticas contribuem para o desenvolvimento de boas competências futuras (LÓPEZ PASTOR *et al.*, 2020). Na palavra “avaliação”, da divisão abaixo ainda, compõem as palavras: “desenvolver, processo, forma, falar, como, ponto, ajuda, professor, comprovar, segurança e mudar”.

Já nas ramificações acima, salientamos a palavra “não”, que se ligam as palavras: “coisa, bem, só, conseguir, entrar, gente, ensino, fácil, ainda, realmente, colocar, prático, exemplo, importante, achar, certo, formação e necessário” Na descrição “sentir”, há três palavras: “comentário, incluir e sentido”. E na sequência, enxergamos o verbo “pensar”, dando seguimento nas palavras: “prova, utilizar, final, ensinar, melhorar e momento”.

Aproximadamente, também encontramos a palavra “mesmo”, ligadas a ela, às duas palavras: talvez e adaptar. De penúltima vem a ordem “estar”, com: “tentar,

As palavras, mais citadas nos discursos, destinaram-se em: “aluno, não, pensar, avaliar, estar, avaliação e como”. Essas palavras foram grifadas também na análise de similitude.

Quanto à interação, foram interativos, pois obtivemos respostas de que a avaliação precisava ser feita de uma forma dinâmica e que não é só dar e receber notas. Nesse mesmo sentido, pesquisas justificam que os indivíduos ficam mais perspicazes em diagnosticar metas, entram em um ciclo de fluidez de desenvolvimento da alfabetização por *feedback* e aprimorando a capacidade de fazer uma atividade específica (REDDY, *et al.*, 2021). Completando, uma das entrevistadas abordou que quando virou professora interpretava a avaliação de forma positiva, mas que ainda falta diversificar essas avaliações, modificar a forma tradicional, porque como aluna ela percebia como algo muito rígido.

Quadro 15: Argumentos sobre sentimentos

NAIARA/22 ANOS - “Eu penso que a avaliação não é simplesmente dar uma nota, ou dizer, por exemplo, você foi bem ou você foi ruim, mas perceber, pontos a serem melhorados, aonde a gente ainda está errando, o que podemos fazer melhor, a avaliação serve para termos esse *feedback*, pensar e refletir”.

MARIANA/27 ANOS – “Bom, avaliação é um ponto importantíssimo, quando falamos em avaliação normalmente eu pensava antes de entrar na faculdade em prova (...), mas para mim agora a avaliação tem mais sentido com o processo, tem até uma expressão que diz, (que não é a chegada, mas sim a tua caminhada, então a caminhada). De forma geral eu percebo avaliação como modo de avaliar certo, não somente o fim, mas os teus problemas que tu vens tendo, durante as disciplinas”.

MARIANA/ 27 ANOS – “A avaliação através das rubricas, eu acho muito interessante porque mostra esse panorama, além de nos ajudar a perceber os erros de nós mesmos, não ficar só ouvindo: tu erraste nisso, tu erraste naquilo. Conseguimos melhorar através disso. Eu acho bem interessante”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A maioria citou que não se sente confortável com as provas, há sentimentos de tensão, ansiedade e que muitas vezes as barreiras foram criadas por eles mesmos,

que não é interessante somente avaliar o final, mas sim o processo inteiro, ao longo do caminho. Esses alunos demonstraram que seguiriam uma avaliação compartilhada e de preferência dialogada com sinceridade, e seria “entendida como um processo de reflexão e diálogo entre professores e alunos sobre seu processo de aprendizagem sem qualificação” (OTERO-SABORIDO; ESTRADA; DEVIA, 2022, p. 301).

Quadro 16: Argumentos sobre preferência das rubricas

MARIANA/ 27 ANOS - “A avaliação através das rubricas, eu acho muito interessante porque mostra esse panorama, além de nos ajudar a perceber os erros de nós mesmos, não ficar só ouvindo: tu erraste nisso, tu erraste naquilo. Conseguimos melhorar através disso. Eu acho bem interessante”.

ROSANA/ 40 ANOS - “É um pouquinho difícil assim, porque às vezes, você pensa que está tão bem, mas, na verdade, não. É meio confuso, porque é muito próximo. Uma pequena fração, uma pequena palavrinha pode mudar o conceito que você acha sobre você”.

ISABELA/27 ANOS - “É um sistema de avaliação talvez mais humano, ele é mais detalhado, mas justamente por ele ser mais detalhado, e isso deixar mais claro, quais são os pontos fortes e os pontos fracos do aluno vamos dizer e também com isso, cada pessoa a cada professor, enfim e também ao aluno, que muitas vezes a rubrica é, por parte do aluno e do professor, enfatizar o lado positivo e o lado negativo, “vamos dizer”, porque todos temos os pontos fortes e fracos, e isso pode ser muito positivo para o aluno, para o processo de aprendizagem”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

De fato, a maioria dos entrevistados prefere utilizar as rubricas, segundo eles, as mesmas esclarecem melhor o método avaliativo. Uma estudante especificou que possui preferência pelas rubricas, mas também faz com que tenham uma autocobrança e sensação de ansiedade, pois estariam sempre cumprindo as atividades de demandas das rubricas. Porém, argumentamos que experiências de *feedbacks* negativos (PRICE; HANDLEY; MILLAR, 2011) também podem interferir na motivação desses alunos, atrapalhando também a compreensão da autoavaliação.

Sem embargo, sobre a avaliação docente futura, alguns não se acham aptos para mencionar um método específico, no caso, eles estão na graduação construindo

seus pensamentos sobre o método ideal, outros citaram que as provas causam medo, sendo que elas são realizadas em único dia, não avaliam o desenvolvimento diário, mas sim o geral. A aplicação de provas não se preocupa se aluno está bem no dia, se ele teve disciplina e fez o máximo durante todo o período.

Todavia, essa experiência, única, vivenciada nas disciplinas, tocou nas dimensões e significados intrapessoais, mediando novas contextos sobre a palavra “avaliação”. Já que, lembraram-nos que como futuro professores, estarão sempre em processo de reconstrução e adaptação, pois na área da educação existem avanços e retrocessos desiguais, os quais devem buscar novos conhecimentos, para obtenção de engajamento de seus futuros alunos. Em simultâneo e para finalização abordamos os apontamentos finais, desta dissertação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma notável, perante nossos estudos, diagnosticamos poucas investigações relacionadas a literatura da Avaliação Dialógica no Ensino Superior, provavelmente o fator principal desse argumento é que nos situamos à frente de uma técnica de engajamento contemporânea.

De primeira instância, essa prática de avaliação surgiu em 2005 pela Rede de Avaliação Formativa e Compartilhada em Educação (López Pastor *et al.*, 2005). Assim, estamos analisando novas estratégias de integração dos alunos na composição da avaliação, entre a autoavaliação, a heteroavaliação e a coavaliação em busca de reconhecimentos metacognitivos para assim depararmos com a autorregulação da própria aprendizagem. No mesmo sentido, darão uma potencialização para a qualificação dialogada que é uma consequência lógica dos processos de uma avaliação bem estruturada, com a utilização de rubricas compartilhadas e mentorias diárias.

Retomando, a questão de pesquisa, de como se constroem os processos de letramento em avaliação/letramento em *feedback* de estudantes que têm/tiveram experiência em um modelo de avaliação dialógica durante o curso de Licenciatura? Respondemos, dizendo que a construção é realizada, a longos passos, e em outros com mais calma. Conforme a interligação das respostas, os alunos evidenciaram satisfação ao terem um contato maior com os docentes nessas duas disciplinas.

Em primeiro momento, a construção é realizada com a explicação das rubricas e da proposta metodológica. Visto que desde o início o diagnóstico dos sujeitos da pesquisa foram de que eles fizeram parte do processo integral da aprendizagem, habituando-se a novos ensinamentos linguísticos, com o auxílio dos *feedbacks/feedforward* e mentorias dos docentes, concluímos que nesse exercício de reflexões sobre suas práticas, seus conhecimentos, suas experiências, suas disposições para aceitarem os comentários/*feedbacks*, assim letrando-se em avaliação e na alfabetização de *feedback*.

Abrimos um viés, porque muitos desses entrevistados não possuíam conhecimentos técnicos e teóricos sobre essa metodologia utilizada em aula, mas isso não prejudicou em hipótese alguma, pois foram desenvolvendo o letramento em avaliação, através das experiências avaliativas expostas e disponibilizadas nas disciplinas com a união, explicação e crença da teoria estudada pelas docentes.

Há mais um parêntese para explicar, nesse caso, uma teoria, experienciada uma única vez, não obtém resultados imediatos, mas quando esses alunos foram expostos em mais de uma disciplina com essa abordagem avaliativa, passaram a visualizar esse modelo como uma perspectiva possível de ensino. Somente mudamos pensamentos, demonstrando atitudes nas práticas contínuas.

De acordo com as experiências, os avanços e os desafios diante da avaliação dialógica, esses indivíduos mapearam que avaliar os resultados não é o mais importante, sendo que para entender o processo, é necessário controlar e identificar as dificuldades, usando a honestidade e a pareceria com o corpo docente. O maior desafio é implementar essa mudança nas escolas, sendo que elas seguem um padrão avaliativo, e geralmente tradicionais, com a utilização de provas e testes mediados ao final. Outro avanço é que por meio de treinamento e planejamento, tentando encaixar nesse modelo escolar, os futuros professores podem descrever detalhadamente cada movimento da avaliação, para exemplificar e incluir essa metodologia desde os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Conforme, foi individualmente “tocado”, “experienciado” e “introduzido” a utilização de *feedbacks/feedforward*, a opinião dessas vivências foram descritos com palavras-chave como, “aproximar, mostrar, avaliar, diagnosticar e dar um retorno”. Evidenciamos que os *feedbacks* individuais, formam uma das preferências, dos entrevistados, pois quando recebem em frente aos outros colegas sentem-se envergonhados. No caso, dizem ser uma correção necessária que deveria ser feita pessoalmente.

Sobre a autorregulação, vivenciaram muitas vezes sem compreensão dessa questão teórica, mas disseram que se autoavaliaram e que por vezes davam-se notas menores por insegurança e por estarem vivendo recentemente esses novos hábitos, completamos que respostas de duas alunas já formadas e outros que já estão em semestres de conclusão, se diferem daqueles que estão iniciando a graduação. Dessa maneira, falamos que o exito do exercício é fundamental para obtenção de resultados positivos.

Nos desdobramentos dos futuros docentes, frisamos que duas entrevistadas utilizam da metodologia em suas turmas, alguns não se sentiram preparados para nomear uma opção avaliativa, por estarem em formação acadêmica, e uma das entrevistadas abreviou que não trabalharia com essa metodologia no ensino online,

pois muitos dos seus alunos não tinham internet em suas casas, mas no presencial usaria abertamente.

Sobre as perceptivas futuras, abrangemos a intencionalidade de estudos mais atualizadas sobre essa linha de pesquisa, ainda sobre a temática do *feedback* e *feedforward*, mas sobre interrogações de como proceder com os modelos tecnológicos, mantendo uma aproximação mesmo que online. Há, ainda, outra demanda, na introdução de possíveis imersões da avaliação dialógica em todas as áreas de graduações, enfim, não pendendo somente nas áreas das licenciaturas.

Finalmente, chegamos ao fim de um estudo, que gerou verificações minuciosas. Realçamos a importância dessa análise, sendo que vai gerar muitos entendimentos, sobre dúvidas para utilização dessa metodologia, pois aqui constam experiências verídicas de avaliação dialógica, introduzida para dar potência ao ato de avaliar. A partir de então, o erro passou a ser um impulso para regular o discernimento metacognitivo e os *feedbacks* tornaram-se essências para a evolução.

Concluo, mensurando metaforicamente, que um erro não nos define, devemos sim vê-lo como uma curva que nos levará a nosso impulsionamento, a melhores resultados, engajamentos e motivações. Porém, recordando sobre a palavra “experiência”, a qual foi explicitada no início desse trabalho, contribuo dizendo que, enquanto entrevistava e realizava o meu papel como pesquisadora, “experiei” o mesmo ato que vinha estudando. Isso me fez compreender que experiência, sim, é algo único e individual. No início da introdução da avaliação dialógica, me cobrava bastante, entretanto, finalizo a dissertação dizendo que mudanças ocorreram na minha escrita e na minha forma de ver a avaliação. Mesmo que já tenha estudado algum tempo sobre a temática, há efeitos que surgem somente depois de muita repetição, análise e exercício.

Por fim, digo que a avaliação deve ser vista, sentida e compreendida como parte do processo de aprendizagem, pois é através dela que conseguimos organizar nossa compreensão sobre nossa forma de aprender e como internalizamos nossos conhecimentos. Vai existir vezes que aprenderemos muito rápido e vai ter outras incontáveis vezes que iremos repetir as mesmas sequências de atos para compreensão interna. Nesse contexto, digo e finalizo, por experiência própria, que levo comigo a palavra “paciência”, pois é gradualmente que vamos conhecendo nossa forma de aprender e experienciar para evoluir, como pessoas, indivíduos e futuros profissionais docentes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Mere. **Avaliar uma avaliação da aprendizagem: um novo olhar**. São Paulo: Lúmen, p. 47-54, 1996.
- ANDRADE, Heidi L. Students as the definitive source of formative assessment: Academic self-assessment and the self-regulation of learning. In: **Handbook of formative assessment**. Routledge, 2010. p. 90-105.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. 1ª reimpressão. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2008.
- ALHARBI, Mohamed. Exploring the potential of Google Doc in facilitating innovative teaching and learning practices in an EFL writing course. **Innovation in Language Learning and Teaching**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 227–242, 2020.
- ÁLVAREZ MÉNDEZ, Juan. Manuel. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Tradução de Magda Schwarzhaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- ALVES, Adriana Célia; FELICE, Maria Inês Vasconcelos. Avaliação formativa: estudo da coavaliação no ensino médio e superior. **Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**. ISSN 2237-759X, v. 25, 2012.
- ARINDA, Putri; SADIKIN, Irma Savitri. Dialogic Feedback to Promote Deep Learning For Efl Speaking Learners In Online Learning Environment: Students'voices. **Projetct (Professional Journal of English Education)**, v. 4, n. 5, p. 803-813, 2021.
- BALULA, Ana Jorge. Avaliação digital como aprendizagem. **Educação, Formação & Tecnologias-ISSN 1646-933X**, v. 7, n. 1, p. 80-88, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BIZARRO, Wilfredo; SUCARI, Wilson; QUISPE-COAQUIRA, Angela. Evaluación formativa en el marco del enfoque por competencias. **Revista Innova Educación**, v. 1, n. 3, p. 374-390, 2019.
- BOEKAERTS, Monique; CASCALLAR, Eduardo. How far have we moved toward the integration of theory and practice in self-regulation?. **Educational psychology review**, v. 18, n. 3, p. 199-210, 2006.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.
- BOUD, David; SOLER, Rebeca. Sustainable assessment revisited. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 41, n. 3, p. 400-413, 2016.

BROOKHART, Susan M. Feedback that fits. **Engaging the whole child: Reflections on best practices in learning, teaching, and leadership**, v. 65, n. 4, p. 54-59, 2008.

BROOKS, Cameron et al. From job fixation to student improvement: An initial assessment of a professional learning intervention using a new student-centered feedback model. **Studies in Educational Assessment**, v. 68, p. 100943, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu et al. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**, v. 1, p. 511-539, 2005.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. **Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina**, 2013. CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Artmed, 2002.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CARLESS, David et al. Developing sustainable feedback practices. **Studies in higher education**, v. 36, n. 4, p. 395-407, 2011.

CARLESS, David. Learning-oriented assessment: conceptual bases and practical implications. **Innovations in education and teaching international**, v. 44, n. 1, p. 57-66, 2007.

CARLESS, David; BOUD, David. The development of student feedback literacy: enabling uptake of feedback. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 43, n. 8, p. 1315-1325, 2018.

CARLESS, David; JOUGHIN, Gordon; MOK, Magdalena. Learning-oriented assessment: principles and practice. **Assessment and evaluation in Higher Education**, v. 31, n. 4, p. 395-398, 2006.

CARLESS, David; WINSTONE, Naomi. Teacher feedback literacy and its interplay with student feedback literacy. **Teaching in Higher Education**, p. 1-14, 2020.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAWSON, Phillip; CARLESS, David; LEE, Pamela Pui Wah. Feedback autêntico: apoiando os alunos a se envolverem em práticas de feedback disciplinar. **Avaliação e avaliação no ensino superior**, p. 1-11, 2020.

DENSCOMBE, Martyn. **The Good Research Guide: For Small-Scale Social Research Projects.** McGraw-Hill Education (UK), 2017.

DEPRESBITERIS, Léa; TAVARES, Marialva Rossi. **Diversificar é preciso...: instrumentos e técnicas de avaliação de aprendizagem.** Senac, 2017.

DERONCELE ACOSTA, Angel; MEDINA ZUTA, Patricia; GROSS TUR, Ramiro. Gestión de potencialidades formativas en la persona: reflexión epistémica y pautas metodológicas. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 12, n. 1, p. 97-104, 2020.

DULFER, Nicky; AKHLAGHI KOOPAEI, Firoozeh. Moving from Feedback to Feedforward in IBDP classrooms. **Journal of Research in International Education**, v. 20, n. 2, p. 101-113, 2021.

EBADI, Saman; RAHIMI, Masoud. Exploring the impact of online peer-editing using Google Docs on EFL learners' academic writing skills: A mixed methods study. **Computer Assisted Language Learning**, v. 30, n. 8, p. 787-815, 2017.

FORSTER, Ricardo. Los tejidos de la experiencia. **Skliar, Carlos y Larrosa, Jorge (comp.) Experiencia y alteridad en educación.** Argentina: FLACSO-Homo Sapiens, p. 121-141, 2009.

FRAILE, Juan et al. Autorregulación del aprendizaje y procesos de evaluación formativa en los trabajos en grupo. **RELIEVE-Revista Electrónica de Investigación y Evaluación Educativa**, v. 26, n. 1, 2020.

FREEMAN, Rebecca; DOBBINS, Kerry. Are we serious about enhancing courses? Using the principles of assessment for learning to enhance course evaluation. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 38, n. 2, p. 142-151, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEITZ, Gerry; JOOSTEN-TEN BRINKE, Desirée; KIRSCHNER, Paul A. Changing learning behaviour: Self-efficacy and goal orientation in PBL groups in higher education. **International Journal of Educational Research**, v. 75, p. 146-158, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMEZ-RUIZ, M. A.; QUESADA-SERRA, V. An Analysis of Shared Grading in Co-Assessment Practices by Teachers and Students/Análisis de las calificaciones compartidas en la modalidad participativa de la evaluación colaborativa entre docente y estudiantes. **RELIEVE: Revista Electronica de Investigacion y Evaluacion Educativa**, v. 26, n. 1, p. 1d-1d, 2020.

GRIFFIN, P; FRANCIS, M. Escrevendo rubricas. **Assessment for Teaching** (2ª ed). Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press. 2018.

GRIFFIN, P; FRANCIS, M; ROBERTSON, P. Equipes de ensino colaborativo. **Avaliação para Ensino** (2ª ed). Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press. 2019.

GRIFFIN, P; INGLÊS, N; NIBALI, N; HARDING, S; GRHAM, L. Aprendizagem autorregulada. **Avaliação para Ensino** (2ª ed). Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press. (2019).

GRILLO, Marlene Corroero; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Autoavaliação: por que e como realizá-la. **Por que falar ainda em avaliação**, p. 45-49, 2010.

HADJI, Charles. Avaliação da aprendizagem. Revista aprendizagens, Pinhais, v.1, n.1, p. 25-31, 2007.

HADJI, Charles. Avaliação desmistificada. In: **Avaliação desmistificada**. 2011. p. 136-136.

HAMODI, Carolina; LÓPEZ PASTOR, Víctor Manuel; LÓPEZ PASTOR, Ana Teresa. Medios, técnicas e instrumentos de evaluación formativa y compartida del aprendizaje en educación superior. **Perfiles educativos**, v. 37, n. 147, p. 146-161, 2015.

HATTIE, John; TIMPERLEY, Helen. The power of feedback. **Review of educational research**, v. 77, n. 1, p. 81-112, 2007.

HAUGHNEY, Kathryn; WAKEMAN, Shawnee; HART, Laura. Quality of feedback in higher education: A review of literature. **Education Sciences**, v. 10, n. 3, p. 60, 2020.

HENDRY, Graham D.; WHITE, Peter; HERBERT, Catherine. Providing exemplar-based 'feedforward' before an assessment: The role of teacher explanation. **Active Learning in Higher Education**, v. 17, n. 2, p. 99-109, 2016.

HILL, Jennifer; WEST, Harry. Improving the student learning experience through dialogic feed-forward assessment. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, 2019.

HODGES, Charles *et al.* A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizagem online. **Revisão da Educause**, v. 27, p. 1-12, 2020.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: uma prática da construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, 1993.

HOFFMANN, Jussara. O jogo do contrário em avaliação. Mediação, 2011. InterMeio: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v.20, n.40, p.168-179, jul./dez. 2014

ION, Georgeta; SÁNCHEZ MARTÍ, Angelina; AGUD MORELL, Ingrid. Giving or receiving feedback: which is more beneficial to students' learning?. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 44, n. 1, p. 124-138, 2019.

IRALA, Valesca Brasil. Inovação na formação de professores de espanhol: a experiência em um curso de letras/línguas adicionais. **Enseñanza y aprendizaje del español en Brasil: aspectos lingüísticos, discursivos** e p. 173 à 190. 2021.

IRALA, Valesca Brasil; DUARTE FILHO, Paulo Fernando Marques; DUARTE, Gabriela Bohlmann. Cenário avaliativo inovador no Ensino Superior: análise a partir de uma e-rubrica holística bifocal. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 15, p. e5223072-e5223072, 2021.

IRALA, Valesca Brasil; MENA, Liziane Padilha. Avaliação discente na percepção de docentes da educação superior. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 32, 2021.

ISHTAIWA, Fawzi Fayez; ABUREZEQ, Ibtehal Mahmoud. The impact of Google Docs on student collaboration: A UAE case study. **Learning, Culture and Social Interaction**, v. 7, p. 85-96, 2015.

ISMAYATI, Imas; RATNANINGSIH, Nani; SUPRATMAN, Supratman. Students' Metacognition and Self-Regulated Learning: An Analysis Through Students' Work in Solving HOTS Problem. **Journal of Education, Teaching and Learning**, v. 5, n. 1, p. 21-27, 2020.

JOSHI, Rucha *et al.* Estruturação do feedback formativo em um curso de design gráfico online no BME. **Educação em engenharia biomédica**, p.1-9, 2021.

KLUGER, Avraham N.; DENISI, Angelo. The effects of feedback interventions on performance: a historical review, a meta-analysis, and a preliminary feedback intervention theory. **Psychological bulletin**, v. 119, n. 2, p. 254, 1996.

LANDRUM, Brittany. 'See me as i see myself': A phenomenological analysis of grade bump requests. **Qualitative Research in Education**, v. 8, n. 3, p. 315-340, 2019.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 19 p. 20-28, jan. /abr. 2002.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, p. 20-28, 2002.

LÓPEZ PASTOR, Víctor Manuel et al. The importance of using Formative and Shared Assessment in Physical Education Teacher Education: Tutored Learning Projects as an example of good practice. **Retos**, v. 37, p. 620-627, 2020.

LÓPEZ PASTOR, Víctor Manuel *et al.* **Evaluación formativa y compartida en educación: experiencias de éxito en todas las etapas educativas.** León: Universidad de León, 2017, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** Cortez editora, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem na escola?** 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 2011.

MARCHAND, Pascal; RATINAUD, Pierre. L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). **Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles.** JADT, v. 2012, p. 687-699, 2012.

MAGALHÃES, Mônica Lemes; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. Auto e hetero-avaliação no diagnóstico de necessidades de treinamento. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 6, n. 1, p. 33-50, 2001.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete avaliação dialógica. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/avaliacao-dialogica/>>. Acesso em 15 dez 2021.

MOALLEM, Mahnaz; WEBB, Ashley. Feedback and feed-forward for promoting problem-based learning in online learning environments. **Malaysian Journal of Learning and Instruction**, v. 13, n. 2, p. 1-41, 2016.

MOSER, Kelly M.; WEI, Tianlan; BRENNER, Devon. Remote teaching during COVID-19: Implications from a national survey of language educators. **System**, v. 97, p. 102431, 2021.

MURILLO, F. Javier; HIDALGO, Nina. Enfoques fundamentantes de la Evaluación de Estudiantes para la Justicia Social. **Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa**, v. 8, n. 1, p. 43-61, 2015.

NICOL, David J.; MACFARLANE-DICK, Debra. Formative assessment and self-regulated learning: A model and seven principles of good feedback practice. **Studies in higher education**, v. 31, n. 2, p. 199-218, 2006.

NICOL, David. The power of internal feedback: exploiting natural comparison processes. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, p. 1-23, 2020.

ORSMOND, Paul *et al.* Moving feedback forward: theory to practice. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 38, n. 2, p. 240-252, 2013.

OTERO-SABORIDO, Fernando Manuel; ESTRADA, Francisco José Pozuelos; DEVIA, Constanza Palomino. Percepción del alumnado universitario de educación

física sobre la calificación dialogada. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 43, p. 300-308, 2022.

PANADERO, Ernesto; ALONSO-TAPIA, Jesús. Autoevaluación: connotaciones teóricas y prácticas. Cuándo ocurre, cómo se adquiere y qué hacer para potenciarla en nuestro alumnado. **Electronic Journal of Research in Education Psychology**, v. 11, n. 30, p. 551-576, 2013.

PANADERO, Ernesto; JONSSON, Anders. A critical review of the arguments against the use of rubrics. **Educational Research Review**, v. 30, p. 100329, 2020.

PARIS, Scott G.; PARIS, Alison H. Classroom applications of research on self-regulated learning. **Educational psychologist**, v. 36, n. 2, p. 89-101, 2001.

PARR, Judy M.; TIMPERLEY, Helen S. Feedback to writing, assessment for teaching and learning and student progress. **Assessing writing**, v. 15, n. 2, p. 68-85, 2010.

PENUEL, William R.; SHEPARD, Lorrie A. Social models of learning and assessment. **The handbook of cognition and assessment: Frameworks, methodologies, and applications**, p. 146-173, 2016.

PÉREZ PUEYO, Ángel et al. **Esclarecimento dos termos envolvidos no processo de avaliação educacional**. León: Universidade de León, 2017, 2017.

PETER, E. **Escrevendo com poder: Técnicas para Dominar o Processo de Escrita**. OUP. 1998.

PIERRE, Ratinaud. **Iramuteq**. Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. Un logiciel libre construit avec des logiciels libres. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/>. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

PITT, Edd; NORTON, Lin. 'Now that's the feedback I want!' Students' reactions to feedback on graded work and what they do with it. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 42, n. 4, p. 499-516, 2017.

PLEZ, André; MORETTO, Milena. Uma análise benjaminiana da entrevista narrativa com professores: retomando a experiência. **Linhas Críticas**, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v. 27. 2021.

PRICE, Margaret; HANDLEY, Karen; MILLAR, Jill. Feedback: Focusing attention on engagement. **Studies in higher education**, v. 36, n. 8, p. 879-896, 2011.

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge; AZZI, Roberta Gurgel. Autorregulação: aspectos introdutórios. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed**, p. 149-164, 2008.

QUESADA, V. et al. Should I use co-assessment in higher education. **Pros and cons from teachers and students' perspectives**, 2019.

QUESADA-SERRA, Victoria; RODRÍGUEZ-GÓMEZ, Gregorio; IBARRA-SÁIZ, María Soledad. What are we missing? Spanish lecturers' perceptions of their assessment practices. **Innovations in Education and Teaching International**, v. 53, n. 1, p. 48-59, 2016.

RATNANINGSIH, N.; EL AKBAR, R. R.; HIDAYAT, E. Effect of chronotype and student learning time on mathematical ability based on self-regulated learning. In: **Journal of Physics: Conference Series**. IOP Publishing, 2018. p. 012141.

RIVEROS, Janet Meluzka García et al. Evaluación formativa: un reto para el docente en la educación a distancia. **Delectus**, v. 4, n. 2, p. 45-54, 2021.

RODRÍGUEZ-GÓMEZ, Gregorio; IBARRA-SÁIZ, María Soledad. Assessment as learning and empowerment: Towards sustainable learning in higher education. In: **Sustainable learning in higher education**. Springer, Cham, 2015. p. 1-20.

RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ, Eva; CASTAÑEDA, Martha E. The effects and perceptions of trained peer feedback in L2 speaking: Impact on revision and speaking quality. **Innovation in Language Learning and Teaching**, v. 12, n. 2, p. 120-136, 2018.

ROHMAT, Nur; SADIKIN, Irma Savitri. THE IMPACT OF PEER RESPONSE ON EFL LEARNERS' WRITING DESCRIPTIVE TEXT. **Indonesian EFL Journal**, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2019.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação dialógica. **Desafios e perspectivas. São Paulo**, 1998.

SABORIDO, Fernando Manuel Otero; POZUELO-ESTRADA, Francisco José; PALOMINO-DEVIA, Constanza. Percepción del alumnado universitario de Educación Física sobre la calificación dialogada (Perception of university students of Physical Education on the dialogue mark). **Retos**, v. 43, p. 300-308, 2022.

SADLER, D. Royce. Formative assessment: Revisiting the territory. **Assessment in education: principles, policy & practice**, v. 5, n. 1, p. 77-84, 1998.

SADIKIN, Irma Savitri. Weblog-Based Learning and Classroom-Based Learning with High, Adequate, and Low Motivation Indonesian Primary EFL Learners. In: **First Transnational Webinar on Adult and Continuing Education (TRACED 2020)**. Atlantis Press, 2021. p. 137-142.

SERRA-OLIVARES, Jaime et al. Estilos de aprendizaje y evaluación formativa: Estudio con universitarios de Educación Física chilenos. **SPORT TK-Revista EuroAmericana de Ciencias Del Deporte**, v. 7, n. 1, p. 129-138, 2018.

SILVA, Marcia Aparecida. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas (Dialogical assessment: challenges and perspectives). **Journal of Contemporary Issues in Education**, v. 8, n. 2, 2013.

SCHUNK, Dale H.; ZIMMERMAN, Barry (Ed.). **Handbook of self-regulation of learning and performance**. Taylor & Francis, 2011.

SPIRÓPULOS, Flávia Scheye. Um diálogo possível: paralelo entre Infância e história: destruição da experiência e origem da história, de Giorgio Agamben, e o processo de criação de Peças curtas para esquecer, da Companhia Perdida. **Revista Aspas**, v. 3, n. 1, p. 74-84, 2013.

TAM, Angela Choi Fung. Undergraduate students' perceptions of and responses to exemplar-based dialogic feedback. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 46, n. 2, p. 269-285, 2021.

FERNANDES, Igor Antônio Tavares. Iramuteq: um software para análises estatísticas qualitativas em corpus textuais. 2019. 40f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Estatística) - Departamento de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, Natal, 2019.

TINTO, Vincent. **Completing college: Rethinking institutional action**. University of Chicago Press, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Licenciatura em letras**. 2014. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/sisu/cursos/bage/licenciatura-em-letras/>. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

VOLLMMEYER, Regina; RHEINBERG, Falko. A surprising effect of feedback on learning. **Learning and Instruction**, v. 15, n. 6, p. 589-602, 2005.

WINNE, Philip H.; HADWIN, Allyson F. Studying as self-regulated engagement in learning. **Metacognition in educational theory and practice**, p. 277-304, 1998.

WINSTONE, Naomi E. et al. Supporting learners' agentic engagement with feedback: A systematic review and a taxonomy of recipience processes. **Educational Psychologist**, v. 52, n. 1, p. 17-37, 2017.

WOOD, James. A dialogic technology-mediated model of feedback uptake and literacy. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v. 46, n. 8, p. 1173-1190, 2021.

WOLF, Kenneth; STEVENS, Ellen. The Role of Rubrics in Advancing and Assessing Student Learning. **Journal of Effective Teaching**, v. 7, n. 1, p. 3-14, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: projeto e métodos**. 2005.

ZIMMERMAN, Barry J. Attaining self-regulation: A social cognitive perspective. In: **Handbook of self-regulation**. Academic Press, 2000. p. 13-39.

ZIMMERMAN, Barry J.; MOYLAN, Adam R. Self-regulation: Where metacognition and motivation intersect. In: **Handbook of metacognition in education**. Routledge, 2009. p. 311-328.

APÊNDICES

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA

Os questionamentos elaborados integram-se a um projeto de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Ensino, denominado como: **“NARRANDO EXPERIÊNCIAS DE AVALIAÇÃO FORMATIVA E DIALÓGICA PELO OLHAR DOS ESTUDANTES: AVANÇOS E DESAFIOS EM UM CURSO DE LICENCIATURA DA UNIPAMPA”**. O qual tem como o objetivo geral: mapear as percepções dos estudantes de uma Licenciatura da UNIPAMPA a respeito dos avanços e desafios percebidos diante de experiências de avaliação dialógica durante a sua formação inicial. Assim sendo, gostaríamos que você respondesse os questionamentos relacionados às experiências vivenciadas nessas disciplinas que abordaram avaliação formativa e dialógica. Gratidão!

Nome completo:
Quais disciplinas você cursou: <input type="checkbox"/> Letramento em Inglês - Primeiro semestre de 2019 <input type="checkbox"/> Letramento em Espanhol - Primeiro semestre 2019 <input type="checkbox"/> Análise linguística do inglês - Segundo semestre 2019 <input type="checkbox"/> Letramentos em Espanhol - Primeiro semestre 2020 <input type="checkbox"/> Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Adicionais 2 - Segundo semestre 2020 <input type="checkbox"/> Texto e Discurso em Espanhol - Segundo semestre 2020 <input type="checkbox"/> Letramentos em Espanhol - Primeiro semestre 2021
De 0 a 10, o quão importante você considera poder dar notas (autoavaliação) para suas atividades desenvolvidas ao final de disciplinas cursadas até agora: 0 - nada importante 10 - muito importante
De 0 a 10, o quão preparado você se sente para que a autoavaliação realizada por você faça parte das notas finais de uma disciplina? 0 - nada preparado 10 - muito preparado
De 0 a 10, o quão preparado você se sente para avaliar futuramente os seus alunos, caso estiver exercendo a docência? 0 - nada preparado 10 - muito preparado

Você gostaria de participar de uma entrevista individual recebendo horas complementares? Suas informações serão sigilosas, pois nosso trabalho respeita todos os procedimentos éticos envolvendo pesquisas com seres humanos.
() SIM () NÃO

APÊNDICE II - ENTREVISTA SOBRE EXPERIÊNCIA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA E DIALÓGICA

Os questionamentos elaborados integram-se a um projeto de pesquisa do Programa de Pós-graduação em ensino, denominado como: “**NARRANDO EXPERIÊNCIAS DE AVALIAÇÃO FORMATIVA E DIALÓGICA PELO OLHAR DOS ESTUDANTES: AVANÇOS E DESAFIOS EM UM CURSO DE LICENCIATURA DA UNIPAMPA**”. O qual tem como o objetivo geral: mapear as percepções dos estudantes de uma Licenciatura da UNIPAMPA a respeito dos avanços e desafios percebidos diante de experiências de avaliação dialógica durante a sua formação inicial.

É necessário também contemplar os objetivos específicos, pois a entrevista foi construída com base nos mesmos: a) Identificar o papel do *feedback/feedforward* no processo de avaliação dialógica na percepção dos estudantes; b) Compreender como os estudantes vivenciam a autorregulação da aprendizagem como integrante do processo avaliativo proposto; c) Verificar se o processo de avaliação dialógica terá algum impacto na atuação profissional futura dos licenciandos investigados.

Assim sendo, esta proposta de mestrado, exercida por mim, Anna Laura Kerkhoff Cristofari e com orientação da Profa. Dra. Valesca Brasil Irala, vinculada ao Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens, Metodologias e Avaliação (GAMA/Diretório de Grupos do CNPq) e ao Projeto de Pesquisa “Aprendizagens ativas e colaborativas: análise da percepção docente, do engajamento discente, da autorregulação e do processo avaliativo”, tem o intuito de avançar na compreensão teórica e empírica do campo avaliativo no Ensino Superior. Para um melhor esclarecimento da metodologia das disciplinas apresentamos no Anexo III, os planos de ensino. Este trabalho respeita todos os procedimentos éticos envolvendo pesquisas com seres humanos, por isso o sigilo dos participantes será resguardado. Desde já agradeço o seu interesse em participar deste estudo. Gratidão!

ANNA LAURA KERKHOFF CRISTOFARI
Mestrado Acadêmico em Ensino – UNIPAMPA

Nome completo:

Qual Idade:

Qual Gênero:

Em que ano de ingressou no curso:

1	1) O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?
2	2) Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo?
3	3) De forma geral, como percebe a avaliação? 4) Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?
4	5) O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?
5	6) Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?
6	7) O que você pensa a respeito dos <i>Feedbacks</i> que recebe? Como você se sente ao receber um <i>Feedback</i> ?
7	8) Em que medida o recebimento do <i>Feedback</i> impacta nas suas ações como aluno em tarefas futuras?
8	9) Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.
9	10) Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

	11)Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?
10	12)Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?
11	13)Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura? 14)Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê não? 15) Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a? 16) Deixar aberto para algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, caso queiram complementar alguma resposta.

APÊNDICE III - ENTREVISTAS TRANSCRITAS COMPLETAS

FRANCINE
21 anos, sexo feminino, ingressou em 2020, está no (4º) semestre. Faz parte do Rotaract Club de Bagé rainha da fronteira, do grupo de escrita da Unipampa e Pibid.
R: Eu não sei o que está acontecendo que não está aparecendo para ninguém para gravar P: Pois é, eu acredito que foi algo do (google), porque é só conta institucional que tem essa possibilidade, eu acredito que algo tenha mudado no (google) de acerto, algo com a Unipampa, ou ter que pagar algo. Eu vou só enviar o link antes para a docente 1, porque depois a gente não consegue finalizar a gravação, ainda bem que ela auxilia para eu conseguir fazer a gravação. R: Com certeza P: Se cair não te preocupa que eu entro novamente, ai tu não sais, tu ficas na sala para continuar a gravação, porque se nós duas sairmos talvez percamos a gravação. Eu vou colocar as questões aqui referentes a entrevista, aqui do

ladinho, para termos uma base, daí eu vou perguntando, são questões simples de como foi essa experiência, nessas disciplinas, então vamos iniciar. **Gostaria que tu falasses teu nome completo, tua idade?**

R:, 21 anos.

P: Em que ano tu ingressaste no curso e em que semestre tu estás hoje?

R: Eu ingressei em 2020 e estou no quarto semestre

P: A primeira questão é o que você entende quando ouve a expressão avaliação formativa e dialógica?

R: Olha, nunca ouvi falar, mas eu penso que seria uma avaliação de como tu foste ao longo da disciplina, tipo, como foi tua formação ao longo da disciplina. Não sei.

P: Bem tranquilo, tu tens que falar o que tu sabes, fica bem tranquila. Como você se sente na condição de aluna com o processo avaliativo? Sempre quando eu fizer essas perguntas tu procuras voltar àquilo que tu tiveste ou tu estás tendo nessas disciplinas ofertadas com a professora 1 eu não sei se tu chegaste a cursar com a professora 2?

R: Sim, sim.

P: Aí tu procuras refletir como foi, quando eu pergunto algo é referente àquilo que vocês vivenciaram, que vocês experienciaram

R: Mas específicos com elas?

P: Isso e depois vai ter outras perguntas que são referentes aos processos avaliativos diferentes, no caso. Como você se sente na condição de aluna com o processo avaliativo? Como tu se sentes, qual a tua relação, o sentimento que vem na cabeça quando fala em avaliação.

R: A normalmente eu fico meio nervosa, tipo, estou sendo avaliada, risos, eu travo um pouco, mas quando é algo que eu possa desenvolver, tipo, escrever algo, fazer um trabalho, por exemplo, é mais de boas, o problema é falarem que eu estou sendo avaliada ou fazer algo que seja mais produtiva quando eu estou sendo avaliada, não sei se é isso.

P: E como tu se sentes com o processo avaliativo. De forma geral como tu percebes a avaliação?

R: Olha, eu percebo que a avaliação ela tem que acontecer, precisa acontecer, avaliar o aluno de alguma jeito, mas de uma forma que deixe ele mais a vontade, no caso na disciplina da professora 1, em específico como tu mencionou, ela fazia isso, sentir que estava sempre sendo avaliado, mas de uma forma particular, por exemplo, fazendo relatórios, fazendo pesquisas, tínhamos muito de pesquisa nas aulas dela para justamente depois apresentar esse nosso trabalho, como uma forma avaliativa, então eu percebo ele de uma maneira mais didática, individual, eu penso que a avaliação ela tem que ser de uma certa forma individual, o aluno como um todo, seria isso.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Sim, eu penso que seria importante, sim, como tu se vê, no teu desenvolvimento, que às vezes o que o professor vê não é o mesmo o que tu achou, que tu se desenvolveu.

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: olha, eu acredito ser válido, porque tu se sente, tu recebes aquele retorno, acho que a rubrica, é aquela que ela respondia à gente, não era?

P: A rubrica é uma categoria de escala que aparece assim, se tu fores receber o, A, tu vais precisar fazer tal requisito. Nesses requisitos vai dizer para tirar o, A e o B. É tipo uma escala de avaliação a qual já apresenta o que tu tens que fazer para receber tal nota, tal conceito. O que você pensa sobre isso, já te dá uma visão como tu tens que fazer no semestre?

R: Sim, eu acho bem válido, por exemplo, se eu quero aquela nota, eu vou fazer aquilo para receber aquela nota e também quando eu me autoavaliar eu vou ser sincera, quanto tu se autoavalia, muitas vezes, tu também podes se autossabotar, ah eu fiz isso, fiz aquilo, mas não é bem isso, então com rubrica tu tens a ideia, exatamente do que tu precisarias para atingir aquela nota, se realmente tu fizeres aquilo.

P: E quando tu não fizeres tu já sabes que foi por causa daquilo e tu se autoavalia também. Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?

R: Olha, eu penso que as rubricas.

P: O que você pensa a respeito dos feedbacks que recebe? Como você se sente ao receber um *feedback*?

R: “Eu gosto de receber *feedbacks*, porque aí tu vêes onde tu tens que melhorar, onde tu acertaste. Ai tu fazes aquilo simplesmente sem objetivo, sem receber o teu retorno, ai sim! Você se sente frustrado, mais do que tu receberes um *feedback* negativo”.

P: E depois quando tu vais realizar uma atividade futura, no caso tu lembras do feedback que recebeu em tal e tal disciplina, tu tens essa consciência ou tu não faz essa reflexão?

R: A faço, quando eu recebo um *feedback*, *sim*, quando eu não recebo, não tem como saber o que tu erraste e o que tu não erraste.

P: E tu vêes ele de forma mais positiva ou negativa? Para o ensino para a tua aprendizagem?

R: Mais positivo

P: Ele te deixa mais próxima do professor ou com medo?

R: Mais próximo eu acho

P: Em que medida o recebimento do *feedback* tem impacto nas suas ações futuras? Qual o impacto em tarefas futuras, a tua visão.

R: Positiva, como estávamos conversando, tu vais refletir aquilo que tu já fizeste e aquilo que tu recebeu, olha eu posso fazer isso, não posso fazer isso, vou por esse caminho, não vou por esse caminho, um exemplo que eu tive em uma disciplina, que só fazíamos, mas obtemos um retorno em uma atividade, então a gente em

específico não soubemos o que era uma atividade, depois quando eu recebi um feedback, atividade é isso, a atividade é aquilo, aí tu já sabes o caminho a tomar.

P: É melhor quando tu tens um retorno do que tu fizeste

R: exatamente

P: Porque parece que quando tu não recibes um retorno fica tudo muito vago, sem sentido

R: Com certeza, e até o aluno perde o foco, porque eu vou fazer isso se eu não vou ser corrigido, não irei obter um retorno.

P: Verdade, como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota. Não sei se tu queres comentar mais ou menos como foi essa disciplina, no caso tu tinhas que se autoavaliar, quanto de nota era, quanto de nota o professor dava, se tu quiseses comentar algo assim, pode ficar bem a vontade, para comentar como foi.

R: Então, quando eu tive que me avaliar, foi tranquilo porque ela colocava as rubricas, como tu disse, ah! Aqui você denomina tal e tal ponto, e tu conseguia dispor a tua opinião, foi um espaço que tivemos, de se identificar como aluno e do como a gente progrediu ou não, naquela disciplina.

P: Você já se autoavaliou anteriormente na escola (por exemplo), como era?

R: Não, não tinha esse espaço, então para mim foi diferente, foi difícil, porque eu fiquei tipo assim, como assim se autoavaliar?

P: Foi a primeira vez com esse tipo de avaliação? De avaliação formativa e dialógica

R: Sim, sim, porque geralmente os professores não gostam de autoavaliar os alunos, porque acham sempre que aluno vai se avaliar bem, ah! Todo aluno vai se dar dez, ninguém vai tipo querer diminuir a nota e colocar algo menos disso.

P: No caso, o professor ou docente que faz isso, ele tem que confiar no aluno e ele vai realizar as atividades, vai refletir para entender como está esse processo avaliativo para poder se dar uma nota.

R: Com certeza

P: E na escola como era, tu queres comentar algo?

R: Na escola era mais a prova e deu, não tinha outro método de avaliação assim muito específico e quando chegamos na universidade difere, por exemplo, hoje em dia eu não tenho teste, eu não tenho prova, eu tenho que mostrar minhas capacidades de ser professora, seja fazendo seminários, seja fazendo uma pesquisa de métodos de ensino e isso o colégio não dá, para eles tu és só uma nota, uma prova, no meu ponto de vista.

P: Sim, no caso essa metodologia foi uma mudança na visão de vocês, também como futuros professores.

R: Com certeza

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação, e as que não incluem?

R: Olha eu não vejo muita diferença, mas eu acho que normalmente quando tem uma autoavaliação, acabamos vendo se teve um progresso, refletimos mais sobre aquilo, sobre a disciplina, sobre nós como futuros professores, se agente atingiu nosso potencial ou não, coisa que se tu não te autoavalia, tu acabas passando, ah! Não fui tão bem, vamos para a próxima, ali não, ali tu acaba, poxa eu poderia ter feito melhor, ter evoluído ou cumpriu os teus objetivos.

P: Sim, que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Eu acho válido, porque dai tu mostras para o aluno que a visão dele também importa, que o desempenho que ele pensou que teve também importa, não só o teu, porque tu com visão de professor vê uma coisa, mas eu como visão de aluno posso ter visto outra também, então seriam os dois pontos de vista que valeriam, não só tipo o do professor, ou não só do aluno.

P: E no caso tu achas que nessa parte entraria o diálogo?

R: Com certeza, eu acho que o diálogo seria importante

P: Para fazer a conexão entre às duas visões

R: Sim, claro

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluna pode auxiliar na sua atuação profissional futura?

R: Eu acho que agregar outros métodos de avaliação nas escolas que não sejam só, uma avaliação descritiva, as provas e era isso.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professora? Se sim porque sim? Se não porque não?

R: Sim, eu utilizaria, porque eu acredito que cada aluno deve ser avaliado de uma forma individual, claro que ele tem que ser avaliado como ele é, em grupo e como ele é individualmente, mas essa daí daria uma visão de como ele realmente é, quais são as habilidades reais dele e não só uma coisa superficial, entende, então a autoavaliação e as rubricas no caso tu tens uma ideia geral de quem é aquele aluno.

P: E o professor também tem uma visão sobre o trabalho, eu acredito que também o professor tem uma visão de como ele está, como está o andamento dos planejamentos, tu julgas que isso vai também te auxiliar?

R: Claro

P: Como pensa em desenvolver a avaliação na sua atuação como professora?

R: Já, eu faria uma avaliação, primeiro assim, sem o aluno estar ciente que está sendo avaliado, tipo na sala de aula, eu estaria avaliando ele de uma certa forma e depois com as habilidades, por exemplo, eu sou professora de línguas, eu tenho que avaliar as habilidades linguísticas daquele aluno de uma certa forma, seria ou através de seminários para avaliar a pronúncia, seria por meio de redações, então seria uma série sequenciais de trabalhos que fariam ao decorrer da disciplina e depois eu poderia adicionar a autoavaliação conversada entre a gente.

P: Então agora eu deixo aberto se tu quiseres fazer algum comentário adicional a respeito de algum assunto questionado, se tu quiseres falar algo.

R: Não, eu acho ser só isso mesmo

P: Daí no caso dessa visão que tu tens das disciplinas, quando tu tinha que dar a nota. 50% do valor é teu e os outro 50% do professor, como era o teu sentimento em relação a isso, como tu se sentia, em ter que dar uma nota, tu se sentia confiante, como era o sentimento?

R: É eu me sentia confiante, porque eu sabia exatamente o que eu tinha feito.

P: Foi algo positivo, então?

R: Sim, sim.

P: Então, queria te agradecer, terminamos a nossa entrevista, vou te enviar o termo de consentimento via e-mail, que tu vais receber referente às horas que participaste da entrevista para recebimento de um certificado e com horas, tá?

R: Muito obrigada!

FRANCISCA

35 anos, formada em português, sexo feminino, concluiu o curso de Letras adicionais em 2021 durante a pandemia, da aula na educação básica, ensino fundamental e para estrangeiros.

P: Oi, não estou ouvindo

R: Agora sim?

P: Agora deu

R: Obrigada

P: Demorou, mas deu. Tudo bem?

R: Tudo bem e com você?

P: Tudo bem, melhorou do siso?

R: Melhorei, agora estou bem, não sinto mais nada.

P: Deixa eu te avisar que a entrevista é sobre o processo avaliativo, de avaliação dialógica e formativa que tu tiveste nessas disciplinas com a professora 1 e com a professora 2, eu acho que atualmente tu já estás formada.

R: Sim, isso

P: Primeiramente eu vou colocar as perguntas só para a gente ter uma base aqui no lado, no chat, tá?

R: Ta bem

P: E para iniciar a entrevista eu gostaria que tu falasses teu nome completo, a tua idade e em que semestre tu estás ou se tu já terminaste, tá?

R: Ta, posso falar já?

P: Pode

R: Meu nome é, eu tenho 35 anos e eu já concluí a graduação.

P: Ta bom, em que ano tu concluíste?

R: Eu concluí em 2021

P: No meio da pandemia?

R: No meio da pandemia

P: Conseguiu fazer a formatura? Ou não fez ainda?

R: Sim, fiz, foi online.

P: A minha também foi, a minha eu terminei assim também

R: não é a mesma coisa, mas tudo bem.

P: Não é a mesma coisa, sentimos por ficar tanto tempo na faculdade e não conseguir terminar do jeitinho que gostaríamos.

R: Eu já tinha, eu sou formada em português, então eu fiz a outra formatura, então eu estava bem tranquila porque eu pensava que não ia fazer nada mesmo, então para mim não foi...

P: Tu sabes que eu tive várias colegas com esse caso que já tinham uma formação e tipo não precisavam, contudo, sentimos quem já pagou tudo e não foi realizado nada, a minha não saiu até agora é em alegrete, mas vamos iniciar tá?

R: Vamos

P: A primeira questão da entrevista é: O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?

R: Formativa e dialógica, eu penso em processo, tem essa questão de formativa, então, é uma avaliação que tu acompanhas o processo e isso influencia na tua própria formação também, quando eu penso sobre essa categoria de avaliação, é uma avaliação para eu pensar, para eu ter consciência do meu processo e isso trazer impactos no meu desenvolvimento, então eu sei como eu estou e eu posso pensar em como intervir e o professor também, não só como aluna, mas o professor pode planejar intervenções a partir do que ele ou ela avaliou gradualmente. Eu penso que dialógica porque tem esse caráter do aluno se avaliar e isso é muito forte nas disciplinas da professora 1, em que ela nos avalia, nos dá um feedback, mas nós também se avaliamos, então eu acredito que ter essas duas avaliações para mim, é muito importante, porque eu tendo a ser muito crítica comigo mesma, então observar a avaliação da professora às vezes me ajuda a não me cobrar tanto, porque eu tendo me cobrar, demais, então a minha avaliação tende a ser pior que a dela, em geral, então eu penso que complemente e me ajuda a pensar no que ainda eu preciso fazer, seria isso.

P: Tá! Entendi. Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo?

R: Eu me sinto tranquila, a avaliação nunca foi um problema para mim, a avaliação assim, quando ela é processual, ela é mais justa, eu tenho essa sensação assim. Porque realmente eu estou acompanhando, aquele aluno, então, eu quando um professor vai me avaliando ao longo do processo eu me sinto mais segura e eu me sinto melhor quando os professores deixam claro os critérios, mas nunca foi um problema para mim, eu sempre me senti confortável em ser avaliada, eu gosto de ser avaliada, para mim, é importante não por uma nota, mas é importante para eu

entender como eu estou nessa disciplina e o que eu preciso fazer para melhorar mesmo, nesse sentido eu gosto quando o professor vai me avaliando como um processo, eu penso que funciona mais e mostra mais quem eu sou como aluno, do que uma avaliação isolada.

P: De forma geral, como percebe a avaliação?

R: Como aluna ou como professora, pode ser os dois?

P: Tu pode, isso, pode falar dos dois.

R: Como professora, para mim, é mais difícil do que como aluna, eu me sinto mais confortável em ser avaliada do que avaliar, porque é bem difícil, tem que estar com os critérios bem claros, bem estabelecidos, como eu disse, tem que ser um processo. Eu me sinto mais confortável em ser avaliada, do que avaliar, mas claro é importante, como eu disse, a avaliação para mim, é mais importante do que pensar uma nota, pensar um conceito em todo caso, mas, mais no que ainda precisa ser feito, e no que pode ser melhorado, então, sempre que eu avalio ou eu sou avaliada eu tenho esse olhar para refletir, estou aqui ou o meu aluno está aqui, e o que fazer com isso? A avaliação tem muito disso, o que eu vou fazer com esses dados que eu obtive a partir de agora? Talvez não seja o que eu esperava ou talvez, seja melhor que eu esperava, mas o que eu posso fazer a partir disso? Como melhorar ainda isso ou até como entender, por que chegamos? Onde chegamos, então, avaliação tem muito a ver com isso.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Sim, é difícil para mim eu tendo a ser muito crítica, mas eu acho importante, porque fazemos isso muito pouco, aí acaba que se conhecemos pouco como aluno eu penso que deveríamos fazer isso mais e mais cedo, se eu tivesse feito isso no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, eu teria mais consciência do meu processo eu saberia mais como intervir nos problemas ou como melhorar o que eu tenho de potencial, identificar isso mais facilmente, acaba sempre sendo o outro o que te diz o que precisa melhorar ou o que tu tens de bom já, então eu gostaria de ter tido isso mais. Isso é bem importante e eu não me sinto segura e talvez por começar isso muito tardiamente, assim.

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Eu gosto, eu penso que funciona bastante porque sabemos exatamente o que está sendo avaliado, então nesse sentido é ótimo e, em geral, são critérios bem específicos, bem pensados, então eu gosto bastante, eu conheci com a professora 1 e comecei a adotar como professora também, então eu comecei a fazer por conta dela assim. Hoje eu faço com os meus alunos, porque eu penso que funciona bastante e para mim como professora funciona muito porque eu sei o que eu quero com aquilo, porque se não eu tendo a me desviar, eu começo a olhar outras questões que talvez para aquele momento não sejam tão importantes, então ajuda bastante a focar, então para mim, é importante como aluna e como professora.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?

R: Ah! É difícil, depende da forma de avaliação, por exemplo, eu não gosto muito de provas, se eu for comparar uma rubrica com uma prova, naquela ideia bem tradicional, de prova, um dia ganhamos uma nota, eu não gosto muito desse modelo de avaliação, e penso que ele não reflete aquilo que nós somos como alunos, não reflete como o professor é também, porque não é justo com o meu aluno eu avaliar só naquele dia, porque muitas vezes o aluno decora algumas coisas, vai bem naquele momento, mas ele não se dedicou todo o processo, ou ele está muito bem durante o processo, mas por algum motivo, porque ele está nervoso, porque muitas vezes a prova acaba virando um momento de tensão, de 'stress' para muitos alunos. Então comparando, por exemplo, com uma prova tradicional, eu prefiro pensar que a rubrica é mais interessante, assim, mas existem outros modos de avaliação, que podem ser interessantes também, mas, na verdade, a rubrica pode servir até como uma prova, eu posso fazer uma rubrica para pensar a prova também, então depende como eu olho, eu posso fazer um trabalho, mas a rubrica pode estar ali para avaliar esse trabalho, então, não sei se eu te respondi, essa é difícil.

P: Respondeu sim. O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*? No caso, quando tu recebias um *feedback*?

R: Eu gosto muito, funciona muito para mim, eu não gostava muito quando acontecia, quando me interrompiam, por exemplo, estou num fluxo, estou num raciocínio e interrompiam para dizer algo, uma palavra que eu errei em espanhol, por exemplo, que determinados professores dão esse *feedback*, e para alguns alunos funciona, para mim não funcionava, eu prefiro quando anotam as coisas que eu preciso melhorar e me falam depois, mas eu gosto bastante de receber *feedback*. Eu fico até preocupada quando eu não recebo, e eu digo como assim? "Precisamos ter esse retorno, é legal, e eu vejo que funciona, muita coisa eu começo prestar atenção, a me chamaram a atenção disso, então, eu tenho que ficar atenta, eu estudo mais a partir do *feedback*", eu sei que eu preciso estudar mais uma determinada questão, então eu gosto bastante, funciona bastante para mim".

P: E você utiliza essa metodologia com os seus alunos atualmente?

R: Sim, utilizo, sim, depende eu faço várias formas de *feedback*, ai depende do que estamos trabalhando, em textos eu costumo trabalhar com comentários para eles, então eles escrevem no word, por exemplo, e eu deixo comentários com o *feedback*, assim, com coisas positivas que tem no texto, coisas que eles podem aprimorar, que precisam serem revistas, se é um trabalho oral, eu procuro anotar e falar depois, mas eu sempre procuro dar *feedback*, em tudo o que fazemos em sala de aula.

P: Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: É difícil precisar, mas "eu sempre procuro pensar no *feedback* que eu recebi, nas coisas apontadas para melhorar, e eu realmente tento melhorar, eu vou atrás, estudo, às vezes eu lembro, assim, que em algumas escritas, eu lembrava de algum *feedback*, não pode ser assim porque já tinham me dito isso", para mim, funcionava bastante, tem um impacto bem positivo, claro que nem sempre, uma única vez vai

resolver, às vezes a pessoa te dá um *feedback*, tu compreendes naquele momento, mas quando tu vais fazer uma tarefa futura, tu acabas esquecendo, ou ainda tu não te familiarizou o suficiente com aquilo, mas funciona bastante, especialmente quando tu tentas estudar sobre aquilo, quando tu tentas te dedicar, a partir do *feedback*, funciona muito. E não só para mim eu fiquei pensando que possui impacto o *feedback* dos colegas, porque recebíamos muitas vezes *feedbacks* orais e tinha a possibilidade de escutar o que os colegas, enfim estavam recebendo como *feedback* e me ajudava também eu pensava, eu também faço isso, vou ter que ficar atenta, vou ter que estudar tal coisa, eu também já fiz isso. Isso também acontece comigo. Os dos colegas também me ajudavam bastante.

P: É verdade. Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Não é confortável para mim me avaliar, eu tento fazer o melhor, mas eu percebo que, em geral, eu sou bem crítica, não me sinto ainda confortável, eu prefiro quando o professor me avalia eu não gosto de me avaliar, mas eu sei que é um movimento necessário e eu tento já começar isso com os meus alunos, e é muito difícil, eles têm muita resistência, mas é bem a ideia do que eu te disse, tem que começar mais cedo, e eu estou tentando, eu trabalho na educação básica, no ensino fundamental e eu to tentando fazer esse movimento com os meus alunos, mas eles são bastante resistentes e eu também sou um pouco resistente, admito.

P: É, também quase uma vida inteira tendo que fazer provas e então quando vem essa parte de modificar, então é bom, porque tu já estás inserindo isso, desde o ensino fundamental, isso é ótimo, porque daí eles vão tendo outra percepção sobre avaliação.

R: Sim, e uma responsabilidade que às vezes a gente não tem, te responsabiliza mesmo, pela avaliação, pelo que tu estás fazendo, traz um senso de responsabilidade, talvez só o professor te dizendo não seja o suficiente.

P: Isso é, você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: Eu não lembro assim de ter me avaliado, deve ter acontecido alguma autoavaliação isolada, mas nada que tenha me marcado, não lembro, e eram coisas muito subjetivas, muito vagas, quando eu recordo de ter feito alguma avaliação, não era nada muito específico, não sabíamos bem ao certo o que estávamos avaliando, na verdade, assim, então, não era fácil.

P: E na tua outra faculdade como era o processo avaliativo? Era parecido como era?

R: Não tinha autoavaliação, eu não me lembro de me autoavaliar, era mais avaliação por parte do professor, ela era processual, mas ela ficava mais a cargo do professor, não tinha.

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Tem a ver com o que eu te disse da responsabilidade, eu me sinto mais responsável pelo meu aprendizado, pelo que eu to fazendo e pela nota mesmo que

eu vou receber, se é uma nota ou um conceito, eu também começo a ter mais consciência sobre o que eu tenho potencial, sobre o que eu preciso melhorar, traz uma conscientização, que às vezes as pessoas te dizem, tu escreves bem. Por exemplo, algum professor te diz, ata beleza. Mas quando tu tens que pensar isso, é diferente, será que eu escrevo realmente bem? E quando tu tens critérios para pensar o que é escrever bem, isso te ajuda a saber o que tu tens e o que ainda tu precisas melhorar. Nesse sentido é importante.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Não é nada fácil, eu fico pensando nos meus alunos, por exemplo, eu não sei eles têm maturidade para isso, a não ser se fosse uma parte pequena da nota, porque eu imagino que alguns alunos que não tivessem bem, por exemplo, eles iam querer tirar alguma vantagem, digamos disso e conseguir uma aprovação por meio disso, enfim não é fácil, algo que tem que ser trabalhado, muito bem trabalhado e exige uma maturidade do lado, que eu não sei, por exemplo, que conseguissem fazer isso no ensino fundamental, talvez não, talvez começar uma parte pequena da nota para eles irem se familiarizando, mas já na universidade acredito que sim graduandos conseguem se autoavaliar de verdade, sem querer tirar uma vantagem, já se consegue se perceber melhor, porque tem uma maturidade, se espera pelo menos que tenha maturidade para isso.

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura? No caso tu já estás atuando né

R: Como eu disse, influência muito, eu dou aula na educação básica e para estrangeiros e faço as rubricas com os estrangeiros também, então me influencia muito assim e me ajuda a ter mais segurança, porque a avaliação para mim como professora, aliás, continua sendo, na verdade, algo mais frágil para mim, eu sempre me sinto insegura, dar aula sempre foi muito tranquilo, sempre me senti muito segura, mas na hora de avaliar eu sempre ficava muito preocupada se eu estava sendo justa com aquele aluno, se muitas vezes o comportamento do aluno não está influenciando, porque às vezes isso influencia, então temos que ter muito cuidado, então a rubrica me ajuda muito nisso, eu ter mais segurança, eu saber que eu estou avaliando realmente o que eu estabeleci naquele momento, porque se não a gente se perde, se os critérios não estão bem claros, é bem provável de eu ir para outros caminhos e sair coisas que naquele momento não são relevantes.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê não?

R: Não só utilizaria, como utilizo, eu tento utilizar nas minhas aulas da educação básica quanto no português para estrangeiros, procuro usar nos dois casos. É uma metodologia que dá mais segurança, te ajuda. Para quem quer pensar, pesquisa ajuda bastante, para quem quer fazer pesquisas sobre avaliação, ajuda muito, porque fica muito claro, o que tu querias avaliar, aonde tu chegou, o que tu precisas fazer a partir daí. Eu me interessei muito por pesquisa, nunca pesquisei sobre avaliação exatamente, mas eu estou sempre pensando em pesquisa e como

explicar determinados resultados que obtemos, então para quem quer pesquisar ajuda muito. Acho bem interessante.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a?

R: Talvez fique repetitivo, mas é isso eu intendo a avaliação também como um processo, eu acho bem legal que o aluno faça parte disso, estou tentando começar isso, mas não é fácil os alunos são bem resistentes, eu acho bem importante para mim, porque eu me sinto mais segura, se eu tenho critérios bem claros de avaliação, eu vejo que quando fica muito solto eu não sei exatamente o que avaliar aí eu fico mais insegura ainda, então para mim, é importante me traz bastante segurança.

P: Então eu queria te agradecer pela tua participação, pela tua disponibilidade, agora deixo aberto para algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, caso queira complementar alguma resposta.

R: Não, só te agradeço, fiquei feliz também em fazer parte, espero poder ter te ajudado e é isso, depois quero ler a tua pesquisa, estou curiosa.

P: Pode deixar, até setembro estará pronta, graças a Deus.

R: coisa boa

P: Muito obrigada! Eu vou enviar para o teu e-mail um termo de consentimento que é para te agradecer de alguma forma esse tempo que tu se dedicou para a entrevista, preenchendo tu vais receber um certificado com as horas que tu participaste da pesquisa, da entrevista.

R: Está bem, muito obrigada e qualquer coisa estareis a disposição

P: Obrigada, pode sair, beijos

R: Beijos, tchau

GILBERTO

21 anos, ingressou no curso em 2019, atualmente no sexto semestre da graduação do curso de línguas adicionais, já fez todas as disciplinas do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto semestre e atualmente estou no sexto, no segundo semestre de 2021 e agora este ano, se não houver atrasos, retardamentos, eu termino minha graduação esse ano, dedica-se totalmente a faculdade.

P: Bom dia. Tudo bem?

R: Tudo bem, Anna Laura. Tudo bem, tudo bem

P: Hoje, então, nós vamos realizar a entrevista, referente a minha pesquisa de mestrado sobre avaliação, essas experiências que tu estás tendo no curso, são perguntas bem tranquilas, e eu vou colocar aqui no chat, vamos

conversando uma conversa bem tranquila, caso tu encontres uma pergunta que tu não entendeste, tu podes perguntar, se ficar alguma dúvida pode perguntar, se tu não conseguires responder, não tem problema, é uma entrevista bem leve para saber, a visão que vocês têm sobre essa avaliação dialógica e formativa, ta bom? Então, iniciando eu gostaria que tu falasses teu nome completo.

P: a tua idade

R: 21 anos, ano em que ingressei no curso, eu ingressei em 2019

P: A primeira questão é o que tu entendes quando tu ouves a expressão avaliação formativa e dialógica? Qual tua visão sobre esse tema

R: Formativa e dialógica, formativa me vem a cabeça formação, talvez aquela que os professores em formação, o meu caso e o teu também, nós vamos trabalhando, exercendo essa prática de avaliar o próximo e a si mesmo, é uma avaliação de construção em que se faz um processo, uma prática, não sei, uma visão padrão, primária, sem estudo, sem teoria, estou trazendo meus conhecimentos básicos. Eu interpretaria que avaliação formativa tem a ver com formação, com essa prática docente de avaliar, sendo um elemento importante na educação, uma avaliação para saber como uma pessoa, um aluno está aprendendo o conteúdo ou algo similar. “Dialógica me vem a palavra diálogo, negociação, diplomacia, avaliação dialógica considerando que eu já tive da experiência, talvez seja aquela avaliação que existe um acordo, um diálogo prévio, entre o aluno e professor, que talvez não só o professor avalie o aluno, mas o aluno avalie ele mesmo, uma avaliação pelos dois lados”. Apesar de, talvez, claro, é uma crença minha, uma experiência minha, as avaliações são em grande parte somente responsabilidade do professor e não do aluno, claro, isso pode não ser verdade, isso pode ser talvez a realidade ou a experiência de muitas pessoas, interpreto a avaliação dialógica desta forma como algo que há um diálogo, tanto do aluno quanto do professor para chegar num acordo de uma avaliação em comum.

P: Como tu sentes na condição assim de aluno com o processo avaliativo? Como tu se sentes ao ser avaliado, como é esse teu sentimento, que tu sentes quando se fala em avaliação?

R: Bom avaliação, vamos ver como eu me sinto quando eu sou avaliado, olha eu penso que a avaliação serve como um instrumento de auxílio, um guia, uma condição, um elemento que vai te explicar ou que vai tentar trazer a realidade e o estado do teu aprendizado a situação atual do teu aprendizado, ou seja, como tu estás te saindo, ah! O meu aprendizado, o meu conhecimento, a compreensão, a destreza a um conteúdo, a uma matéria, ah! É bom, é regular, é satisfatório, é ótimo, é excelente, então, a avaliação, eu acho muito importante, a avaliação, ela nos possibilita a saber se realmente em suma está tendo condição de decifrar, de compreender um conteúdo, um tema, um assunto, eu pessoalmente acho muito importante e interpreto essa visão, onde muitas pessoas, temos esse pensamento que o aluno pensa somente na nota, claro a gente também pensa nessa ideia que

a nota é importante, porque se não tivermos uma nota suficiente, não passamos, não aprovamos, não avançamos nos nossos estudos, uma série de estudos, de estágios, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano, enfim seja qual for a categoria de ensino, mas eu ensino primeiro o conhecimento. Aquela história aprender é importante, é necessário, estudar, ter o conhecimento no cérebro, praticá-lo, de que adianta termos uma nota dez na disciplina e depois se não aprendermos e não termos em mente o conteúdo, o domínio desse conteúdo a gente supostamente tirou dez, eu acho a avaliação sem, dúvidas que ela é importante, claro, mas ela deve ser talvez contínua a minha nota pode ser boa hoje, vamos supor dez e talvez daqui a um mês ou dois meses ela pode dar uma baixada de nível, temos essa visão, esse pensamento, talvez seja uma crença minha. A avaliação só ocorre formalmente, ali na aula numa disciplina, numa matéria, é numa cadeira que tu estás fazendo, minha nota foi essa, foi oito foi dez, mas pode acontecer que um tempo depois esse conteúdo que eu aprendi, que eu estudei daqui a um tempo se eu não praticar vou perder o domínio dele, o manejo e/ou talvez se eu for fazer uma nova prova, com uma nova avaliação a minha nota pode baixar, entendeu, eu penso que avaliação, deve ser feita continuamente, pessoalmente, talvez uma análise, uma reflexão de si mesmo para ver como ela está indo, como ela está se saindo, talvez seria interessante desconstruir refazer essa ideia de que avaliação ela só se dá em uma disciplina, formalmente como eu me sinto bem auxiliado guiado porque eu sei que os professores que me avaliam eles têm conhecimento, a experiência. Eles sabem qual a melhor forma de eu prosseguir com os meus estudos dando instruções.

P: Eu penso que tu já respondeste a outra, que diz de forma geral como você percebe a avaliação, que falar mais alguma coisa sobre isso?

R: Para complementar, para sermos sucintos, breves, de forma geral, percebo a avaliação como um instrumento necessário, interessante, importante para nós percebermos e analisarmos como nós estamos em relação a um tema, como está o nosso aprendizado, a nossa prática, é um dos pontos centrais da avaliação, talvez em grande parte ela seja importante, seja necessário ser avaliado por alguém que tem conhecimento como a experiência de um docente.

P: Vou fazer outra pergunta, tu pensas que o processo avaliativo deve ser realizado separadamente ou trabalhado em conjunto no processo de ensino aprendizagem, faz parte ou deve ser algo feito no final?

R: Tu estás falando uma licenciatura, no caso, nós alunos, quando estamos aprendendo, estamos aprendendo as disciplinas e, em simultâneo.

P: No caso, a avaliação ela faz parte do processo de aprendizagem ou ela é somente um método de avaliar no final do processo?

R: Bueno, vamos ver, eu acho a avaliação como um elemento que deve ser considerado desde o início para fazer uma avaliação do início, meio ao fim em todas as partes em todos os estágios uma avaliação assim diagnóstica, como é o teu conhecimento acerca de um tema antes da gente abordar ele, e daí fazemos uma avaliação dele a tua sabe isso e isso a tu não sabes isso. Eu penso ser contínuo e

nós como alunos, dos professores como formação, eu acho importante até escrevi no questionário. Enquanto aprendemos as matérias, as disciplinas, é importante a gente já exercer essa prática da avaliação porque ela é um elemento característico, tradicional dos métodos de aprendizagem de avaliar os alunos, parece tão genérico tão obvio sabe, mas eu acho importante exercer essa prática como professores em formação como alunos ainda da graduação do mestrado enfim essa prática eu acho importante desde cedo.

P: Até como tu, futuro professor, no caso, essa formação já te possibilita ter uma outra visão sobre o processo avaliativo?

R: Sim, sim

P: Vou passar para próxima, ta?

R: Perfeito

P: Você considera importante o espaço de avaliar seu próprio desenvolvimento?

R: Eu acho importante, eu considero necessário, pessoalmente, claro que isso vai depender muito da personalidade da pessoa, do seu emocional, das suas crenças, ideias. Enfim, nós fizemos essa prática trabalhamos com a professora 1 em algumas disciplinas na graduação em que ela nos avaliava com cinquenta por cento da nota e os outros cinquenta por cento da nota os próprios alunos avaliavam-se a si mesmos, pessoalmente eu costume a ser rígido, severo comigo mesmo eu sou uma pessoa muito exigente comigo, mas em relação ao próximo, talvez nem tanto, é um vício que eu tenho um toque, inclusive a avaliação da professora difere da minha a avaliação que eu dou a performance que eu dou a minha pessoa, a nota ela é muito menor em relação à nota que a professora atribui a mim talvez agora eu esteja fugindo um pouco do ponto central. Eu acho muito importante se avaliar, claro a avaliação do professor ela vai ser mais centrada, mais explicada, mais embasada e eu acho importantíssimo conhecemos a nós mesmos ou tentamos entender isso ah! Talvez entendamos a nós mesmos, ah tu estás exagerando em algo ou talvez, eu estou fazendo bem essa matéria praticando de forma eficaz, acho importante fazer essa categoria de avaliação, eu acho, eu considero e seja relevante refletir.

P: Mas tu estás certo falando do teu jeito de ser, porque quando falamos em autoavaliar, o caso de nos analisar, e o professor também consegue autoavaliar como está ensinando os seus alunos e, em simultâneo, é muito importante aprender como nós recebemos a avaliação e como é esse fato de dar nota, porque no caso nós fomos inseridos na escola, desde o início dos anos escolas recebendo notas, então difícil mudar essa percepção, acredito eu, sobre dar notas, sobre nosso próprio trabalho, então é importante tu falares sobre essa parte dos sentimentos que é algo que faz parte da avaliação e da nossa vida, do nosso contexto. Bom, continuando, o que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas? Vocês utilizaram isso? Utilizam?

R: Sim, sim, utilizamos, eu acho legal porque as rubricas que estivemos com a professora 1, ela deu as instruções, ela nos explicou a metodologia como se desenvolvia a avaliação na disciplina dela, tudo explicado, critérios, o que era

necessário para obter a nota máxima, tudo explicado, domínio satisfatório, por exemplo, em uma disciplina de Letras, de línguas, de falas, por exemplo, linguística aplicada, Letramentos em espanhol, um exemplo que envolve a fala, o diálogo, boa pronuncia, compreensão, vocabulário amplo, facilidade, não ter a dificuldade de falar, ter uma boa escuta, fazer as atividades em dia, ser participativo em aula, nota cinco, nota quatro, quase tudo isso menos elementos A, dois ou três, a nota três ia baixando e quanto mais baixo pior a avaliação. Eu acho interessante, tenho achado interessante essas rubricas, eu acho satisfatório como as rubricas, são feitas, são explicadas, elencadas, no caso nessas disciplinas que nós estivemos com a professora¹, elas são detalhadas, elas não deixam dúvidas e nos ajudam na hora de avaliar, de estabelecer a nota em cada elemento, em cada classe da disciplina.

P: Inclusive nelas aparecem, se tu fizeres de tal forma, tu vais receber tal conceito.

R: Isso

P: Então tu já consegues ter uma percepção do que tem que fazer, aquele semestre para poder receber tal conceito?

R: Sim, sim, claro

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual? Você gosta dessas rubricas ou preferes outro método avaliativo? Que método optaria no caso se fosses o docente

R: É, eu não sei se eu estaria na posição agora, na situação de sugerir outros métodos, primeiro porque eu não tenho ainda, eu penso, creio, não ter o conhecimento necessário, básico para exercer essa prática, ainda que, claro, tenhamos que fazer necessário, importante, mas é como eu falei eu não tenho experiência, talvez a ideia de sugerir outras formas de avaliação, há várias outras formas, mas eu não tive ainda, não tive essa prática suficiente para opinar outra sugestão. Eu acho as rubricas que eu fiz até o momento, sem problemas, claro eu digo isso, assim, a nota que eu recebo, eu não pergunto, eu não questiono a nota que eu recebi por parte da professora. Porque eu penso assim se a professora disse que eu tirei essa nota, é porque de fato eu mereci tirá-la, é porque eu agi dessa forma, eu trabalhei dessa forma, eu não questiono, sabe, eu tenho um comportamento muito passivo em relação aos professores, eu não ouzo levantar a mão contra um professor ou questionar, argumentar as suas propostas, eu as aceito sem exitar, não se a sonhara, disse ser isso, tranquilo, quem sou eu, um mero discente a frente de um doutor, ao professor doutor, com anos de experiência, no assunto, em avaliação, em uma matéria, então, assim, no momento eu com meros vinte e um anos eu não me atrevo a sugerir algo assim, olha uma avaliação.

P: Então tu não tens nenhuma preferência em relação ao processo avaliativo?

R: como eu falei no momento ainda não, porque eu não tenho experiência, domínio, eu não entendo o universo da avaliação, eu estou apenas inserindo aos poucos, graças a essas práticas com a professora Valesca, das rubricas, e começar a avaliar a si mesmo e eventualmente no futuro avaliar os alunos, né os meus próprios, aluno.

P: Peça para repetir em que semestre tu estás, porque tu falaste antes da gravação.

R: Reinternado que eu estou no atualmente no sexto semestre da graduação do curso de línguas adicionais, já fiz todas as disciplinas do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto semestre e atualmente estou no sexto, no segundo semestre de 2021 e agora este ano eu, se não houver atrasos, retardamentos, eu termino minha graduação esse ano.

P: Tomara, fico na torcida.

R: Muito obrigada

P: O que você pensa a respeito dos *feedbacks* que recebe? Como tu se sentes quando tu recebes um *feedback*?

R: Eu tento fazer, agir e reagir da maneira mais natural possível em relação a um possível erro que gradualmente vamos entendendo como natural, nós temos essa ideia, tem esse sentimento, eu talvez seja um instinto, ou crença, a maioria de nós, talvez não haja exceções, mas sentimos uma ferida, uma fraqueza quando erramos, uma inferioridade, mas não é para ser assim, porque ninguém é perfeito, ainda mais quando estamos no início, aprendendo algo, é normal errar. Não começamos aprendendo tudo do dia para a noite, então o *feedback* ele serve como um auxílio, como uma instrução, para dizer, não, não é dessa forma que se faz, é dessa forma, é um exercício constante por parte do aluno entender que errar não é feio, a professora 1 cansa de dizer isso, que errar não é feio, é natural, faz parte, por meio dos erros vamos aprendendo as coisas, por meio da prática, eu gosto de falar uma frase: o sucesso consiste em passar de fracasso a fracasso sem a perda de entusiasmo, é por meio dos erros que temos o sucesso, basta não perder o entusiasmo entendeu? Então, eu penso que o *feedback* ele é importante, importantíssimo, sem o *feedback* nós vamos continuar errando, claro o erro é natural, mas errar continuamente, aí isso pode se tornar um problema.

P: Desculpa te interromper, no caso tu iniciaste a tua graduação, sem estar acontecendo a pandemia?

R: Sem estar acontecendo a pandemia

P: Vocês tinham esse recebimento de *feedback*, por diálogos presenciais, no caso coma docente e durante a pandemia como ficou o *feedback*? Como ele é recebido, como acontece?

R: No caso as disciplinas que eu cursei com a professora1, a dizer letramentos em espanhol, no terceiro semestre, no primeiro semestre de 2020 já na modalidade remota e depois eu fiz linguística aplicada dois, também no segundo semestre de 2020, também remoto com a mesma professora, as atividades que nos fazíamos pelo google *meet* ou *drive*, tarefas que ela nos atribuía, ela fazia comentários, dos nossos trabalhos, através de alguns elementos, de algumas ferramentas na plataforma do (google), docs, por exemplo, há opção de escrever um comentário, em relação a uma escrita do aluno, aí ela destacava, um trecho, algo, uma palavra que tivesse errada, a escrita, a ortografia e então ela fazia a correção ou ela colocava um comentário. Os *feedbacks* eles eram feitos dessa forma, também às

vezes a professora utilizava a plataforma *WhatsApp* em atividades de fala, de oralidade, falando acerca das nossas atividades orais, da oralidade, às vezes, nós enviávamos áudio, referentes a uma tarefa para a professora, depois ela escutava e às vezes ela escrevia tanto pelo *whats*, ou em um áudio, ou por meio dessas ferramentas do google docs. Às vezes planilhas, das várias ferramentas ali, que estão vinculadas ao (google) drive, tecnologias digitais de comunicação e informação no google drive.

P: Então não houve um distanciamento desses *feedbacks*, eles continuaram, mas através das tecnologias?

R: Isso, exato

P: Em que medida o recebimento do *feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras? No caso tu recebes um *feedback* e tu recebeu alguma crítica sobre algo da tua atividade, no caso o que tu fazes com esse comentário no futuro, que tu pensa, da próxima vez tu vais fazer da mesma forma ou tu vai tentar lembrar desse *feedback* e pensas assim vou fazer diferente?

R: Sim, eu tento avaliar, eu avalio, eu leio, o *feedback* e eu tento avaliar continuamente, eu interpreto, pode haver vários fatores circunstâncias pelas quais eu faço algo de uma forma e não de outra, é preciso avaliar, considerar a situação, cenário das coisas, claro, mas sempre considerar os comentários, vindos dos professores e inclusive dos alunos, por que dos alunos? Eu tenho um exemplo que eu posso te dar, quando eu fiz o estágio no quinto semestre, (estágio em contexto escolar um), nós fazemos as nossas aulas, já na modalidade remota. Nossos colegas estagiários eles fazem as fichas de observação e nessas fichas de observação os nossos colegas podem, além de atribuir as notas a nós, eles também colocam comentários a respeito da nossa aula, e uma situação, nesta ocasião uma das minhas colegas disse que na hora em que eu passei as atividades para meus alunos na aula, eu não compartilhei com eles a tela da atividade, eu apenas lhes mostrei o link e não mostrei a tela, a atividade que iriam fazer, e talvez eles ficaram um pouco perdidos, e então ela sugeriu que na próxima vez eu apresentasse essa tela aos meus alunos para ficar mais clara a atividade, explicada, claro, considerando sempre o tempo, controlando o tempo, mas que ficaria mais fácil. Eu levei em questão essa fala da minha colega, não foi minha professora, e eu fiz isso agora, nesta última semana na aula que eu dei na disciplina de (estágio contexto escolar dois), no caso, naquela época foi em uma aula de espanhol e agora semana passada, foi em uma aula de inglês. Eu considerei o comentário que a minha colega fez no semestre do ano passado, naquela ocasião e apliquei na minha aula, “dessa vez eu vou compartilhar a tarefa com os meus alunos e vou mostrar a tela para facilitar, para ficar mais clara a atividade, para eles não terem dúvidas”. Acho necessário, interessante avaliar não só o professor, inclusive nossos próprios alunos, os nossos próprios colegas, o diálogo, ele sempre é importante, duas cabeças pensam melhor, do que uma.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota. Ai, entra aquele requisito que tu falaste da professora 1 que é 50% a nota dela e 50% a de vocês, tu já falaste um pouco sobre, mas poderia complementar.

R: Claro, ao ter essa responsabilidade, eu me vejo na obrigação de fazer essa ação de executar essa ação, essa tarefa com seriedade, porque, no caso nas ocasiões em que eu tive essa oportunidade de avaliar a mim mesmo, de atribuir cinquenta por cento da minha nota, essas ocasiões foram com a professora 1, e ela reiterou que nós teríamos uma grande responsabilidade ao fazer essa nota e ela nos deu a confiança para tu ter uma ideia, claro que é necessário um pouco de coragem, mas comprometimento, responsabilidade, ela sabe que nós “estamos”, somos professores em formação, mas mesmo assim eu acho, é uma crença minha. É corajoso tu simplesmente dizer aos teus alunos, não cinquenta por cento da nota de vocês, vai ser dada por vocês mesmo, entendeu, é claro que é necessária uma confiança, uma relação sadia com os teus alunos, é um exercício que eu acho necessário, importante, como eu falei nós estamos em processo de formação inicial e eu acho importante avaliar a si mesmo, necessário porque amanhã nós estaremos fazendo essa prática, então como eu disse é bom começar desde cedo e aprender com os erros, errar hoje para não errar amanhã.

P: Você já se autoavaliou anteriormente na escola, por exemplo, como era?

R: Eu tenho vagas memórias, remotas, pouquíssimas situações, poucas ocasiões. Eu acredito que um professor exclusivo, na filosofia, eu lembro que ele tinha uma metodologia um pouco bem, não era nada ortodoxa, vamos dizer assim, era uma metodologia nada ortodoxa. A forma dele dar as aulas era bem curiosa e avaliação também, tanto que algumas ocasiões não cinquenta por cento, cem por cento na nota era atribuída por nós alunos, no ensino médio, então como eu falei haja confiança ou não sei qual a intenção, eu me pergunto qual era a intenção desse professor? Desse docente, nesse momento, naquele momento, eu fico me perguntando, hoje após tanto tempo, isso foi um cinco, seis anos atrás, eu me lembro que talvez foi a única oportunidade que eu tive de avaliar a mim mesmo no ensino médio, claro que sabe que nós éramos alunos e não professores em formação e muitos dos meus colegas que eram na época, muitos deles penderam para carreiras não licenciadas, carreiras nas quais eles não vão exercer o trabalho docente, então difere, entendeu? Diferente, talvez fazer essa prática de autoavaliação e considerando que talvez tu no futuro não vá trabalhar na docência, é curioso, é interessante. Eu vou fazer uma área de medicina, de engenharia, claro tu vais ter ali os professores no teu curso e tudo, mas não vai exercer esse estágio, essa pedagogia, esses exercícios pedagógicos, eu acho curioso, eu me pergunto quais eram as intenções, mas em suma eu penso que para tudo na vida é preciso avaliar, refletir, pensar duas vezes antes de fazer algo, será que isso vale a pena, isso nós podemos colocar para tudo na vida, avaliar as coisas antes de realizar, pensar.

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Eu não consigo notar diferença, eu não vejo diferenças, nada especial, eu não quero ser controverso, polêmico, a nada assim relevante, significativo, claro que há uma diferença entre se avaliar, avaliar a si mesmo, e não avaliar, há uma diferença. Talvez em uma situação tenhamos uma responsabilidade e na outra não tenha essa responsabilidade que ficaria só para o professor, às duas situações, os dois casos são válidos, são legítimos, são legais, a legitimidade não é questionável e as experiências eu penso que elas são iguais, elas são as mesmas, claro que na situação que não se avaliamos, não temos essa oportunidade de praticar esse exercício, que pode ser talvez no nosso caso, o professor em formação, pode ser talvez algo lamentável de nós não termos essa oportunidade de avaliarmos a nós mesmos, eu não sei, é uma crença minha, existe prejuízo, poderia haver ou não, é uma questão de interpretação, mas eu não consigo notar grandes diferenças, dando algo prejudicial, até o momento eu não consegui notar nada de diferente.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte final de uma disciplina?

R: Bom, eu não quero ser repetitivo, talvez um pouco genérico, mas eu acho, como eu falei, é importante, é relevante fazer essa prática, esse exercício, essa reflexão, como tu eras antes, como tu és agora, e o que tu aprendeste de lá para cá, pensar, refletir, o que eu aprendi é suficiente para passar de fase? Para seguir adiante? É uma reflexão constante, necessária, interessante, nós não temos em todas as disciplinas, não é em todas as situações que nós passamos por isso, geralmente em disciplinas de estágios que fazemos essa autoavaliação também, no final relato de experiência também, eu não sei se eu respondi, direito.

P: Tu falaste bastante sobre a autoavaliação, mas no caso é algo que, como eu posso te explicar, no caso tu já tens essa experiência, tu tens autoavaliação como natural na tua vida, comparando com uma pessoa que nunca teve essa experiência de se autoavaliar de se dar a nota, como tua acha que ela se sente?

Como tu se sentiu no primeiro momento

R: Se autoavaliar pode citar ser “diferente, desafiante, provocativa, intimidativa”, agora eu compreendi é um exercício difícil, complexo, tanto que geralmente quando a professora 1 no final das disciplinas fazia essa prática, conosco, no final para preencher as rubricas eu era o último a preencher, eu ficava mais de hora fazendo, claro isso aí é de pessoa, varia de pessoa, mas claro é uma prática difícil, desafiante principalmente no início, mas eu acho relevante.

P: No caso, agora a partir das tuas vivências é natural?

R: Não, sim, é natural, a mim não é problema.

P: Agora eu vou fazer uma pergunta bem da área profissional, como ter vivenciado essa experiência como aluno pode auxiliar na sua atuação profissional? Agora te coloca no futuro, como essa experiência pode ser somativa na tua vida? Ou tu pensa que não tem relevância?

R: Claro que não, volto a dizer muito genérico, muito padrão, clichê, mas assim para tudo na vida (prática), principalmente nas letras, quando nós aprendemos uma língua, palavras, vocabulário, não aprendemos na vida as coisas num piscar de olhos, num estalar dos dedos muito rapidamente, é tudo uma questão de prática, constante, eu interpreto que a avaliação, ocorre, desenvolve da mesma forma. Vamos ter dificuldade a lidar com elas, se não tivermos à prática, logo ainda na formação inicial, que chegamos na hora de avaliar o aluno, vamos se sentir inseguros, desconfortáveis, acanhados, com medo de avaliar o aluno. Não vai ter feito essa prática, esse exercício de reflexão, de pensar, o que o aluno, como ele trabalhou? Como ele se desenvolveu? Eu vou dar essa nota para ele, porque eu ele merece ou eu vou dar essa nota porque ele não fez isso e isso, talvez ele precise trabalhar, melhorar, agir, aprender mais coisas, eu acho importante, eu acho necessário praticar, prática é importante, experiência eu defendo eu sou um adepto da experiência, eu sou verde ainda, eu estou no início, eu brinco, assim o pessoal que no final da graduação são veteranos, ah somos veteranos e vocês são bixos, tchê veterano para mim, é aquele que está nos seus 50, 60, 70 anos, já tem pelo menos 30 anos em uma área, isso é um veterano, e o que tem um veterano? Experiência na área, no assunto, então eu penso que aprendemos as coisas por meio das experiências, dos erros, dos acertos, das convivências, da prática.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor, porque sim? porque não?

R: Porque, sim, porque não, eu respondo um sim e um não, ou apenas um, ou posso dar uma justificativa?

P: Tu utilizarias essa metodologia?

R: Vamos voltar na questão que eu estava falando, na questão da experiência, eu diria sim, porque eu acho importante tentar, é necessário tentar, arriscar, ainda mais algo que ainda tu ainda não praticaste, que tu não tentaste, é prática. Ah! De novo, práticas, experiências, não, mas é mesmo, tu tens que tentar, tu nunca tiveste experiência, tu nunca trabalhaste com isso, é necessário, importante, em algum momento, em alguma situação, em algum contexto, talvez isso seja mais relevante, seja mais eficaz que outra forma de avaliação, tem que analisar o contexto para ver, não essa categoria de avaliação, nesse caso aqui pode dar certo, nesse caso, nessa situação aqui, nesse contexto, talvez não dê muito, é uma questão de avaliação. Considerar a avaliação, o contexto, o cenário e sempre tentar é importante, arriscar, como eu falei por meio da prática e da experiência, eu já trabalhei o suficiente com essa forma de avaliação para dizer o seguinte ela é eficaz, os alunos gostam, acham importante, acham necessário, eles se sentem bem.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor? Tu já pensaste, tem alguma ideia de como seria esse processo? No caso na tua vida como professor?

R: Ainda não cheguei a pensar com grande foco assim de forma tão fora, é não pensei, confesso não pensei ainda, mas eu adaptaria, eu seguiria tudo que eu trabalhei, que eu pratiquei, que eu tenho trabalhado, na verdade, eu estou nesse

processo, eu aproveitaria das experiências, dos trabalhos que eu tive na minha graduação, na minha formação, mestrado, doutorado, enfim por meio das experiências, das práticas e seguir, ter conhecimento teórico, eu acho importante ter o conhecimento teórico e prático das coisas, eu acho difícil ainda responder essa pergunta porque de fato não pensei ainda, mas segundo os conselhos, o que os professores têm a dizer sobre, os professores mais experientes, no fim tudo volta para a experiência, convívio da prática, isso aí claro, essa minha fala talvez ela é um pouco repetitiva, mas infelizmente se é que eu posso dizer é a visão que eu tenho, ainda eu não tenho uma mente tão aberta sobre essa questão da avaliação, porque ele não tem a experiência, porque eu não tenho convívio o suficiente para pensar, para ser criativo com essa forma de avaliação, com essas práticas avaliativas, eu ainda trabalhei pouco, ainda sou verde, ainda to muito verde quanto essa questão da avaliação, é apenas o início, mas necessário começar a praticar.

P: Então, eu deixo aberto se tu quiseses fazer algum comentário adicional, a respeito das perguntas, complementar algo, fique a vontade, essa última pergunta.

R: Foi bem tranquilo, eu tenho medo de ser repetitivo, e repetir, repetir, eu falo bastante, mas às vezes eu acabo falando a mesma coisa, sabe, claro talvez ainda me falta essa arte da retórica, da fala, da dialética, não tenho muito, eu tenho a facilidade em falar, eu não tenho travas na língua eu falo, é da minha pessoa, da minha característica, da minha personalidade, mas como eu falei eu acho a avaliação em suma a avaliação ela é necessária, interessante, muito legal, fazer essa prática ao longo e logo no início da nossa graduação, porque talvez vai ser muito provável que iremos trabalhar com ela no futuro, na nossa área, na docência, na sala de aula, com os nossos alunos. A avaliação temos que ter essa visão, talvez, começar, a pensar que ela não só exclusiva a docência, na educação, a avaliação se dá em todos os aspectos da vida, no nosso dia a dia, na nossa rotina, o que fazemos, tu, fazer a tua avaliação, tipo como foi o teu comportamento em algum lugar, ambiente? Como tu (reagiu)? Como tu interagiste com certas pessoas, com certos grupos? E pensar eu agi desse jeito, mas talvez eu poderia ter agido de outra forma, então, avaliação é muito mais do que apenas educação e isso aí eu penso que eu já tenha uma visão, a avaliação ela não se limite somente a área da educação, ela se expande, ela é muito ampla e ela é necessária. É necessário, é o velho ditado da vida pensar duas vezes antes de fazer algo, então esse pensar é avaliar, o que tu estás pensando, imaginando, é um exercício contínuo, envolve razão, emoção, é uma batalha constante na vida, mas necessário. A avaliação, sim, ela é crítica, a avaliação define o destino das pessoas, a avaliação pode salvar a vida de uma pessoa, se tu não calculares bem o que tu fores fazer, essa tua ação pode custar a tua própria vida, qualquer erro mal calculado custará tua própria vida, então é isso que eu tenho a dizer.

P: Queria te agradecer Gabriel, pela compreensão, pela compreensão do início para realizar a gravação, por me auxiliar também e colaborar com a minha pesquisa.

HANNA

23 anos, o semestre é sempre uma pergunta muito difícil, porque eu estou fazendo algumas cadeiras do segundo, na verdade, é uma cadeira só do segundo, mas as outras cinco cadeiras que eu estou fazendo atualmente são do sexto.

R: Oi

P: Oi, está bem?

R: to bem, desculpa pelos nossos desencontros, eu sei que foi culpa minha, mas desculpa

P: Capaz, acontece, da outra vez, marcamos, e a professora 1 também não conseguiu fazer a gravação, e eu tentei entrar em contato, e acabou, eu penso que tu não visualizaste, e teve esse de hoje que eu entrei na sala e fiquei esperando e não deu certo. Mas tudo bem.

R: Ai, desculpa, fiz tu acordares cedo para entrar

P: capaz, acontece, às vezes nos programamos e dai dá algo, temos que aprender... As perguntas da entrevista, são bem tranquilas, são referentes ao processo avaliativo que tu experienciou nessas disciplinas da professora 1 e também da 2, eu não sei se tu tiveste aula com a 2? Que é de inglês!

R: Eu tive só um semestre com ela, fundamentos dois de inglês.

P: É, é sobre o processo avaliativo, são perguntas bem tranquilas, o que tu não souberes, não tem problema, pode me perguntar, que tentamos explicar, podemos dialogar, eu vou colocar as questões aqui do lado no chat, só para termos mais ou menos um embasamento, tá?

R: Tá

P: Para termos um seguimento, e depois que terminarmos a entrevista, eu vou te enviar um termo de consentimento para o teu e-mail que para ti, ganhares horas adicionais referentes a tua participação da entrevista tá?

R: Tá! Tranquilo

P: Primeiramente, então eu gostaria que tu falasses teu nome completo, a tua idade, e em que semestre você está?

R: Meu nome é helena de oliveira soares jardim, eu tenho 23 anos e o semestre é sempre uma pergunta muito difícil, porque eu estou fazendo algumas cadeiras do segundo, na verdade, é uma cadeira só do segundo, mas as outras cinco cadeiras que eu estou fazendo atualmente são do sexto.

P: Ta, O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?

R: Complicado pensar em avaliação formativa, eu entendo a avaliação formativa como um processo da construção da avaliação, sabe? Pequenos passos que vão

formando essa avaliação, mas a avaliação dialógica eu acho uma expressão muito ampla, digamos assim, sabe. É difícil fazer recortes do que é uma avaliação dialógica e onde ela se encaixa. Pela avaliação formativa eu tenho essa ideia, avaliação em forma de construção, pequenos passos que vão formando essa avaliação geral, mas a dialógica deixo em aberto.

P: O que te lembra dialógica? No caso, o que te vem a cabeça?

R: Sim, entra muito essa questão do diálogo, talvez entre professor e aluno, penso nessa questão, por exemplo, a professora 1 sempre teve essa proximidade maior, eu sempre considerei ela como a professora que tem essa proximidade maior e não tem essa barreira entre professor e aluno, tanto que eu entrei, começamos conversar, discutir algumas coisas que eu nem sabia referente ao semestre que vem, eu acho que entra essa questão do diálogo, mas, por exemplo, em outras disciplinas eu não consigo aplicar o contexto da avaliação dialógica assim.

P: Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo?

R: Eu sou aquela pessoa que ouve a palavra prova e chega dar um arrepio no corpo inteiro, sabe? Teste, prova eu me arrepio inteira, eu sou a pessoa que dá um branco na hora da prova, quando existe essa pressão que às vezes a instituição coloca, mas talvez o próprio aluno coloca por ser uma prova, pelo nome da avaliação, mas eu gosto muito de avaliações que aprendemos por seminários, por exemplo, em apresentações de trabalho eu me sinto mais confortável, quando o processo avaliativo ele é em comum acordo com o professor e o aluno, identificando o que é melhor para o aluno, sempre funciona bem melhor! E isso está sendo mais ativo na universidade, ótimo.

P: De forma geral, como percebe a avaliação?

R: Se fosse uns dois semestres atrás eu diria que a avaliação era algo muito rígido, hoje eu entendo porque eu também me coloco como professora, tanto pelo programa do (residência) pedagógica, quanto estágios que eu venho fazendo, então eu entendo a necessidade da avaliação, mas também falta diversificar um pouco a avaliação, fugir mais desses métodos tradicionais que temos de avaliação na sala de aula e tentar algo mais divertido, digamos assim, tirar um pouco essa pressão, como eu citei a pouco, essa pressão sobre cada uma das avaliações.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Nossa muito, para ser sincera as cadeiras que eu tenho esse processo de autoavaliação como uma forma de avaliação, eu sempre acabo me dedicando mais, eu fico com aquela vozinha na cabeça, não quero ser aquela aluna que dá um sete para si mesmo, porque merece um sete, então vou fazer mais de que um sete, mas mesmo quando não tenho, a autoavaliação ela é um processo também, ela envolve muitos outros contextos, como, por exemplo, tem dias que eu não consigo falar em aula porque meu filho está na volta, então eu sei que isso vai pesar quando eu for fazer uma autoavaliação em frete aquela aula, tem sempre um processo da gente validar todos os contextos que envolvem a sala de aula e o entorno dela, sabe?

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Eu descobri o que era uma rubrica com a professora 1, e assim eu achei incrível, por cada passo ser separado, tem uma organização tão grande para fazer uma avaliação que é algo muito amplo, uma avaliação ela envolve tanta coisa e às vezes como professor a gente não sabe por onde começar a avaliar, vai avaliar o aluno que está falando, não? Vai avaliar esse teste aqui, mas avaliar a gramática, o jeito que o aluno escreve, é muita coisinha, sabe, e eu penso que a rubrica te facilita muito assim, esse entendimento tanto quanto professor para tua própria organização, como para aluno para ti saber de verdade o que está sendo considerado ou não.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?

R: Ah, eu prefiro as rubricas, 101% as rubricas

P: O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*?

R: Depende, não só do ambiente que estamos, muito complicado, por exemplo, quando tu estás no primeiro semestre, eu acho muito diferente o *feedback* do primeiro semestre ao *feedback* do sexto semestre, onde que no sexto semestre tu podes chegar no aluno que está na frente da sala toda e enquanto ele está falando tu podes ir corrigindo, até porque o aluno já tem uma noção maior de vocabulário da língua específica e assim por diante, já no primeiro semestre eu me sentia muito desconfortável, quando terminava de apresentar um trabalho o professor vinha com uma lista de coisas que eu olhei para corrigir sabe, eu acho isso muito desconfortável, essa abordagem deveria ser feita, talvez de uma forma individual, ou talvez anotando o que a turma inteira errou, não fazendo esse *feedback* individual, mas sim para turma, se fosse um *feedback* (individual) preferia que fosse mais isolado, não na frente de uma turma inteira falando tu erraste esta palavra.

P: Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: Gigantesco, gigantesco, assim como essa parte do *feedback*, quando falamos o *feedback* oralizado, sim, quando estamos falando que ele ajuda muito, tu pensares melhor nas tuas próximas fases, nas tuas próximas apresentações de trabalho, ajuda a te preparar melhor, às vezes entram essas partes de que eu não quero me sentir desconfortável de novo por errar a mesma palavra, então tu vais dar uma lida a mais, vai dar uma estudada a mais, mas eu penso que também vai muito esse *feedback* individual que o professor, para mim ele tem um impacto maior, porque o professor que está ali somente contigo, ele vai te orientar melhor, do que te orientar na frente de uma turma inteira, sabe, por exemplo, eu vou falar uma experiência que eu estive com a professora 1, que foi em uma apresentação de trabalho e depois nós tivemos *feedbacks* individuais e hoje em dia eu me sinto muito segura para apresentar um trabalho, porque com ela eu consegui aprender a importância da gente fazer um roteiro para apresentação de trabalho, por mais que seja um assunto que tu domina, que tu tens os tópicos dos slides, é bom tu ter um roteiro, mesmo que tu não vás seguir um roteiro, tu estás planejado para caso isso aconteça, não sei, o impacto do *feedback* tem para as ações futuras depende da forma e como o

feedback é feito, se é um *feedback* coletivo talvez eu considere bem menor que um *feedback* individual com mais orientação.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: É exatamente essa situação: eu não quero ser a aluna que se dá um sete, eu quero poder olhar e dizer, eu mereço um 10, eu me esforcei na cadeira, eu penso que a autoavaliação ela te dá um incentivo a mais, sabe? Para tu se esforçar um pouco mais porque tu sabes que não adianta eu olhar e me dar um dez e a professora vai dar um sete e mesmo assim eu me dei um dez porque eu suponho que eu mereço um dez, não é assim, vale a pena a autoavaliação como uma forma de incentivo, porque querendo ou não a gente se esforça mais quando vai se autoavaliar.

P: Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: Não, graças a Deus, se eu fosse me autoavaliar na escola seria muito triste, mas as minhas primeiras experiências de autoavaliação ocorreram a partir do terceiro semestre em diante.

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Eu penso que também ensina o aluno a pensar na avaliação, que às vezes a gente só vai pensar nisso quando estamos chegando no estágio ou quando estamos como residente, ou quando tá no projeto como Pibid, quando tu se coloca como professor e esquece que aluno também precisa se avaliar, então as cadeiras, as disciplinas que tem esse processo de autoavaliação te ajudam muito a pensar, no contexto do que é uma avaliação, contextualizar a avaliação, facilita muito depois.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Eu acho ótimo, não penso que deva substituir 50% da nota do professor, por exemplo, 50% é um peso muito grande, eu acho ótimo, considerar a autoavaliação do aluno, isso dá de certa forma uma voz para o aluno, porque precisamos se posicionar, quando estamos se autoavaliando então, essa é uma sensação ótima, de tu entenderes o que é uma avaliação de tu conseguires se posicionar, se defender, são coisas importantes.

P: Mas você já teve a experiência de ter que se dar 50% da nota?

R: Já

P: E é fácil? Como foi?

R: Não foi bem complicado, eu lembro que eu passei uns dois dias pensando na minha autoavaliação, eu abri Google drive, eu fiquei lá, lendo os meus relatos, vendo como estava a minha pasta, organização da pasta eu avaliei, eu avaliei se eu entreguei tudo nas datas certas, o que eu escrevi em cada reflexão que eu fiz, se eu não me engano foi em uma cadeira com a professora 1, tínhamos em cada semana um diário reflexivo para entregar sobre o que estava produzindo, eu lembro que eu sempre colocava no meu diário, espero que essa semana a professora seja compreensiva e eu levei isso em consideração também quando eu fui autoavaliar,

às vezes precisamos ter essa compreensão sabe? De que nem sempre tu vais conseguir dar 100% e também está tudo bem não dar esse 100%. Foi muito importante, eu ter escrito aquilo e eu ter considerado aquilo e na época a professora 1 também, todas as notas foram parecidas na minha autoavaliação e da dela, então foi ótimo, eu penso que valeu muito a pena, eu ter tido essa experiência de ter validado aquelas frases e ela também e ela levou isso para aula, ela fez comentários, tipo: eu lembro que a Helena ficava colocando para eu ser compreensiva e eu fui e isso foi incrível, foi uma experiência muito boa, hoje em dia avaliando, dando cinquenta por cento na minha nota talvez eu não me sinta tão segura, mas foi uma experiência boa na época.

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura?

R: Bom foi isso que eu te falei, ajuda a gente a pensar, conceituar a avaliação, pensar o que é a avaliação, como desenvolver uma avaliação, eu lembro que as minhas primeiras aulas da residência pedagógica eu era aquela professora que focava sempre em gramática, levava aula de gramática para eles, se eu pudesse eu chegava e dizia senta aqui que vamos conjugar 30 verbos, e eu achava ótimo porque eu sou uma pessoa que gosta muito de trabalhar com gramática, e então eu tive que entender que eu não podia cobrar dos meus alunos, só porque eu gosto não posso levar esse material específico para eles e cobrar que eles conjuguem 30 verbos e fiquem felizes por conjugarem esses 30 verbos, eu penso que avaliação entra também nessa parte que tu tens que se colocar como professora e enxergar tuas crenças como professora em como tu julgas que os teus alunos vão aprender, em como tu vêes que eles aprendem, como que tu consegues ensinar melhor e avaliação ela te ajuda a entender todo esse processo.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê não?

R: No ensino remoto eu não usaria, o ensino remoto apesar de ter facilitado para alguns, sabemos que não foi para a maioria tão fácil assim e agora eu me colocando como professora, por exemplo, dessas que eu sou do estágio e da residência pedagógica, e tenho muitos alunos que não tem acesso à internet, que tentam buscar o conhecimento de outras formas, então eu penso que não seria uma metodologia que eu conseguiria aplicar agora com o contexto que eu tenho, seria mais difícil para eles, também desenvolverem, tanto que tem seis ou sete alunos que eu nunca conversei, nunca vi em uma aula, nunca consegui conversar pelo WhatsApp, mesmo quando eu vou à escola eu não consigo contato com eles, porque é uma escola de baixa renda, talvez eles precisam se deslocar até a escola e não tem como, então é um contexto que não conseguiria aplicar, mas numa aula presencial digamos que fosse tudo ok, sabemos que não é tudo 100% sempre na aula presencial, mas colocando dentro aqui da minha possível imaginação de uma aula ótima, é uma metodologia que eu usaria, muito tranquilamente, porque talvez no ensino médio precisamos adaptar ela, obviamente, é muito complicado também tu querer que os alunos do ensino médio tenham a mesma cabeça que um aluno da

faculdade, então, talvez precisássemos adaptar, a rubrica, por exemplo, para essa autoavaliação, mas mesmo assim seria muito útil.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a?

R: Que pergunta difícil, porque eu ainda estou tentando descobrir, eu dei aula durante dois semestres já, foram um ano na escola, somos obrigados a seguir a prova e fazer a recuperação, então eu sei que apesar disso podemos trabalhar de outras formas, o que eu tento fazer é sempre levar alguns jogos e avaliar o quão empenhados eles estão com os jogos? O quão interessados eles estão a todas as formas que o levam para se divertir? Mas é muito difícil pensar isso, em como eu vou desenvolver a avaliação, sem saber a escola e o contexto que eu vou estar, porque, por exemplo, eu estou trabalhando a um ano no online e se no presencial eles forem completamente diferentes do que eu tenho no online? Eu tenho aula com três alunos online, o resto é tudo material impresso, eu me comunico com eles via Whats, então é muito difícil fazer uma avaliação assim, contudo eu fico imaginando o presencial, talvez me dê um frio na barriga, só de imaginar eu fico muito nervosa, mas responder essa pergunta sem ter o contexto, sem ter tudo o que envolve a sala de aula, o aluno e também o geral assim, o contexto do aluno, é muito difícil.

P: No caso, agora vão retornar as aulas?

R: eu penso que sim, que retorna agora o presencial, mas talvez os residentes não retornem, até ter a liberação da Unipampa, então, não sei, se eles retornando agora a gente vai também.

P: A, é que vocês não tiveram a liberação da Unipampa, eles já retornaram

R: Isso, eles retornaram o ano passado

P: E no caso é a prof. que aplica?

R: Isso

P: Teve uma menina que eu fiz a entrevista que comentou sobre isso.

R: a gente teve umas três semanas assim que eles já tinham retornado e a gente não pôde, até então a gente estava dando aula online e estava bem complicado, mas quando eles voltaram, retornaram de forma reduzida, as turmas estavam divididas e tava ficando um pouco sobrecarregado também para a professora, por que ela tinha às quatro turmas normais só que elas eram divididas e era o nosso material que ela tinha que aplicar, então sempre ficava alguma coisa, porque é difícil tu aplicares o material de outra pessoa, desenvolver a aula de outra pessoa, por mais que tu tenhas todas as orientações tenham um plano a professora vai dizer tais palavras, é diferente de tu planejares um material, então foi bem complicado esse retorno deles e sem a gente poder estar presente para ajudar, sabe?

P: Tomara que vocês consigam retornar para terem essa experiência

R: Sim

P: Porque se tu passar, a pandemia passar, eu acredito que as aulas também retornem, as nossas aulas presenciais em abril, então

R: Eu to enlouquecendo, estou torcendo que retorne, eu preciso de uma rotina, sabe? De ir para o ambiente da universidade... (conversas sobre a faculdade, sobre a pandemia, não vamos utilizar na pesquisa)

P: Deixar aberto para algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, caso queiram complementar alguma resposta.

R: Faz a pergunta sobre o porquê pesquiso sobre a avaliação

P: Eu respondo e fim.

ISABELA

27 anos, ingressou no curso em 2015. Fez a residência pedagógica. Participa do projeto de extensão desde 2015 laboratório de leitura e produção textual e do grupo de pesquisa Philos Sophias.

P: Então, vamos começar nossa entrevista, pode ficar bem tranquila, são perguntas sobre o processo então de ensino nessas disciplinas, com a professora 1 eu acredito que ela já deva ter comentado, aí eu vou colocar aqui no chat, as perguntas.

R: Só para nós termos um norte?

P: Isso, isso porque eu tenho elas anotadas aqui, conforme eu for te perguntando, aí tu podes ficar bem tranquila que vamos conversando, tá? Ai, após o término da entrevista eu vou enviar para o teu e-mail o termo de consentimento, tá ok? Tu estás em qual semestre, tu já terminaste?

R: Não eu ainda estou fazendo, qual semestre, é assim eu estou fazendo uma cadeira do quarto semestre ainda, e nas outras eu estou entre o sexto semestre, é assim, entre o quarto e sexto.

P: Ta, então para iniciar eu gostaria que tu falasses teu nome completo, a tua idade e em que ano tu ingressaste no curso?

R: Meu nome completo é....., eu tenho 27 anos, na verdade, 26 estou perto de fazer 27 anos, e eu ingressei no curso em 2015.

P: A primeira pergunta da entrevista é como você entende tu ouves a expressão avaliação formativa e dialógica, qual o teu entendimento, sobre esse assunto?

R: Eu acredito que dentro do que eu estudei e sei até o momento, no curso é uma avaliação em que, formativa porque não é, vamos partir do dialógico em que se têm o diálogo com o aluno, acredito que sim, e formativa porque não é nada que vá se formar, que vá se ter um produto somente no final, avaliado somente naquele dia, é algo que vem sendo feito ao longo do ano letivo do semestre, seja do que for.

P: Posso continuar?

R: Pode

P: Como você se sente na condição de aluna com o processo avaliativo?

R: No geral, assim?

P: No geral, então qual o teu sentimento sobre o processo avaliativo?

R: Eu acredito que assim ele é bem variado, colocando assim dentro da Unipampa ele é bem variado e isso por um lado é muito positivo, entre os professores, porque vai contemplar a vários alunos, cada aluno aprende de uma forma, então vai contemplar cada aluno, alguns eu me sinto um pouco mais a vontade, outros menos, questões assim dependendo do conteúdo eu me sinto melhor com o seminário, por exemplo, mas se for um outra categoria de área vamos supor, a fala sobre um tema, eu prefiro um seminário do que uma dissertação suponha, um texto dissertativo, é, mas se for algo mais específico, seria melhor como uma prova ou algo escrito, entre escrito e oral esse que eu to colocando assim, mas eu penso que, ainda hoje eu falava isso aqui na minha casa, o quanto muitas vezes, a avaliação, não só na Unipampa, no nosso sistema geralmente, ela se resume a um número, ela tem muito disso, o quanto a avaliação pode se resumir somente ao número e muitas vezes no sistema de rubrica nós, é uma tentativa de fugir disso, a própria professora já havia dito isso, só é uma coisa que eu me pergunto muito, também é certo uma tentativa de fugir disso, mas nos final nós precisamos entregar um número também, eles, enfim os professores, então isso é uma coisa que me deixa muito com uma pulguinha atrás da orelha, vamos partir para a próxima pergunta.

P: De forma geral, como você percebe a avaliação?

R: Muitas vezes é um momento de tensão e ansiedade para mim, dependendo, não é uma questão tu estudaste não estudou, está sabendo tudo ou não está sabendo, muitas vezes só o fato de ok serei avaliada, dá o famoso branco, ou travar, qualquer coisa do tipo, às vezes eu me pergunto, ok é cadeira, é a disciplina, é o professor, é a professora, às vezes não são nada disso, sou eu mesma, momentos que estou mais calma a avaliação se transcorre tranquilamente sabe, é muito esquisito de ver isso, porque eu já vi isso em cadeiras, bom eu entrei em 2015 no curso como eu disse, então, fui uma pessoa que tive bastante reprovações e olhando para trás eu vejo, qual foram os motivos das minhas reprovações, eu jamais deixei de, não quero fazer porque não to nem aí, jamais foi esse de situação, e qual foram as barreiras que eu encontrei? Muitas vezes barreiras minhas mesmas, porque tenho a dizer que os professores, sempre me ajudaram muito assim e não tenho o que me queixar, acredito que seja isso.

P: Você considera importante o estágio de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Eu acredito que sim, porque, dentro desses espaços, foi como eu cheguei a conclusões como as respostas anteriores, sobre avaliação, eu penso que apesar dele ser bem difícil porque eu também tenho essa questão, porque como é, eu me lembro a primeira vez que me pediram para me avaliar, eu pensei como assim eu me avaliar, sempre foi o professor que me avaliou, que história é essa, e gradualmente eu fui me adaptando com essa ideia de da autoavaliação e de perceber que sim, visto que serei professora, como uma professora em formação é

importante eu me avaliar também, isso foi meio que, um divisor de águas para mim quando eu percebi isso, a importância que é.

P: E o que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Eu falei um pouquinho sobre isso na outra resposta também, eu penso que, como eu disse é um sistema de avaliação talvez mais humano, ele é mais detalhado, mas justamente por ele ser mais detalhado, e isso deixar mais claro, quais são os pontos fortes e os pontos fracos do aluno vamos dizer e também com isso, cada pessoa a cada professor, enfim e também ao aluno, que muitas vezes a rubrica é, por parte do aluno e do professor, enfatizar o lado positivo e o lado negativo, “vamos dizer”, porque todos temos os pontos fortes e fracos, e isso pode ser muito positivo para o aluno, para o processo de aprendizagem eu acredito que sim, bem mais positivo que o processo que temos hoje em dia.

P: comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual? Tu tens alguma preferência? Já deve ter tido outro método de vivência de avaliação?

R: Eu gosto bastante do uso das rubricas por essa questão de como eu falei de avaliar o processo, sim, a única coisa que me deixa um pouco pensativa nas rubricas, é justamente essa questão que eu tenho muitas vezes ou com a ansiedade, às vezes, uma sensação de eu deveria estar fazendo algo agora porque na rubrica a avaliação é processual.

P: Ela é informativa, ela vai te dando, te informando se tu fizer, seguir tal e tal jeito, tu vai, receberes, tal nota, então isso faz tu ter uma autocobrança

R: Exatamente, e isso às vezes é um pouco negativo também, mas comparando com outras avaliações que existam, eu penso que a rubrica ainda é, ela ainda pode ser melhor, acredito que sim.

P: o que você pensa a respeito dos *feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *feedback*?

R: Eu diria que *feedback* foi uma das melhores coisas que já inventaram, porque é justamente com o *feedback*, eu aprendi a ouvir críticas, o que no nosso próprio trabalho de professora, vamos receber e vamos ouvir muitas críticas ao longo da carreira, e, além disso, como ser humano mesmo, todo mundo vai lá diz-nos as coisas boas e ruins que fazemos, enfim, isso acontece no nosso dia a dia e trazer isso para dentro da sala de aula e que o *feedback* ele enfatiza muito mais o que de positivo fazemos, pelo menos dos *feedbacks* que eu recebi, comparando os *feedbacks* entre simplesmente uma correção de uma prova de um texto em que vem aquele texto cheio de correções né, sublinhado ou circulado, o *feedback* ele te dá um contexto maior, aliás um panorama maior, do meu processo de aprendizagem, então é uma sensação bem melhor assim com os *feedbacks*, eu saio dos *feedbacks* sabendo ok, isso aqui eu estou fazendo de uma forma boa, que bom vamos seguir e essa parte aqui não está legal e eu recebi caminhos para melhorar, então, show, de boa, 100%.

P: Em que medida o recebimento do *feedback* tem impacto nas suas ações como aluna em tarefas futuras?

R: Eu acredito ser muito isso que eu falei da gente receber esses caminhos, sempre quanto eu termino de receber um *feedback*, eu digo assim ok, o que, muitas vezes. Muito dos *feedbacks* que eu recebi eles começaram dizendo as coisas positivas que eu fiz, mas após falam quais foram as coisas que faltaram e muitas vezes eu escutava e o professor ficava, professor ou professora, a maioria das vezes foi assim ficava parado esperando se eu queria falar algo, coisa assim, e eu digo bom qual o caminho que eu posso tomar agora e o professor sempre teve, bom, enfim tem formação para isso, sempre teve o caminho certo ali, em todos os *feedbacks* que eu recebi, as dicas e conselhos que eu recebi dos professores eu sempre saio mais aliviada, esclarecida, todo aquele sentimento que eu falava lá em cima, eu saia de um *feedback*, pensando nada está perdido eu tenho como recuperar o que foi feito, o erro também é um processo, mas eu tenho como recuperar isso e eu acredito que só tenho coisas boas a dizer sobre o *feedback*.

P: Deixa eu te perguntar quando tu iniciaste a tua graduação ela era presencial?

R: Sim

P: e tu recebia esses feedbacks de forma, como que eram esses feedbacks?

R: Eles eram também presenciais, já aconteceu de receber *feedbacks*, eu já recebi *feedbacks*, por e-mails, já recebi *feedbacks*, a professora separava tempo, assim, sei lá, cinco minutos, dez minutos para cada um, cinco minutos nunca chegou a ser para cada aluno e íamos até lá falar com ela, sempre não era com os colegas que eu queria dizer, e que eu me lembre geralmente eram dessas duas formas ou algum texto no drive, coisa assim, através dos comentários.

P: E agora são realizados pelo drive no caso ou pelo google docs, isso?

R: Isso, exatamente, ou no caso das rubricas já é feito até um comentário em baixo, como comentário *feedback* mesmo, exatamente.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Essa questão da autoavaliação, cai muito nesse peso que tem de ser o professor que me avalia, então, eu me lembro que nas primeiras vezes eu cheguei a pensar, eu digo nossa, como assim eu me autoavaliar, foi a primeira sensação que eu tive, é meio que como fazer isso? E ao longo do semestre fui formando essa ideia, digamos me adaptando, porque muitas vezes na escola mesmo não temos essa oportunidade, são raríssimas às vezes que eu tive, e chegar na universidade e ter essa experiência, mas sendo um pouco mais objetiva, por um lado é difícil, muitas vezes eu penso assim, a e se eu der uma nota acima da que a professora for me dar, será que eu vou estar meio estou me “achando”, eu estou sabendo mais que a própria professora, esta pensando que eu estou sabendo, e se eu der uma nota mais a baixo, então é uma questão de baixo autoestima, tudo isso me passa assim, quando eu estou fazendo uma autoavaliação, eu penso assim, o que eu realmente fiz? É bem difícil ter esse equilíbrio entre o que eu realmente fiz para não ser não tão alto nem não tão baixo, a é muita? De novo essa questão a professor quem sabe, entretanto visto que seremos professoras, então, é bem, um sentimento de

muita, em princípio de muita dúvida, eu demoro bastante a concluir uma autoavaliação.

P: Faz uma reflexão?

R: Exato

P: Você já se autoavaliou anteriormente (por exemplo) na escola como era?

R: Eu tive raras situações de autoavalição, eu não vou me recordar agora a disciplina ou professora de que foi, mas eu recordo de que algum momento da escola a gente na prova, tínhamos a opção de na última questão assim, era uma autoavaliação, e se aquela questão valesse um ponto, aquele ponto era garantido, ela queria saber a nossa autoavaliação, mas independente do que disséssemos ali, aquele um ponto da prova era garantido, isso eu me lembro de já ter acontecido, foi no ensino fundamental se não me engano, no ensino médio eu me lembro que não foi, mas não me recordo em que era, separado na época por matérias, não me lembro disso, mas também foi essa situação, não era uma coisa recorrente, tanto que quando eu cheguei na graduação eu percebi que isso seria uma prática, recorrente, penso que a primeira coisa que eu senti foi um susto, foi bem isso, como assim, eu serei avaliado?

P: Mudança de hábito.

R: Exatamente

P: Quais diferenças então você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Eu acredito que a grande diferença entre às duas é a que inclui a autoavaliação ela se importa muito com o que o aluno pensa, ela inclui o aluno nesse processo, é uma questão por parte do professor, de ok eu não sou detentor de todo o saber, eu quero também saber o que o meu aluno está pensando, eu vejo muito por esse lado a autoavaliação, a palavra que eu poderia resumir mesmo isso é humanismo gente, incluir uma autoavaliação e também por parte dos professores estar aberto a ouvir alguma crítica, se o aluno na autoavaliação resolver dizer, ok eu não aprendi nada, se acontecer isso, como o professor se sente também.

P: Ai o professor ao mesmo tempo, faz essa autoavaliação, é interessante essa metodologia.

R: Isso, exatamente.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte final de uma disciplina?

R: Visto que eu já tive essa experiência, disso acontecer, eu acredito que por um lado é uma coisa muito positiva de nossa eu também vou poder dar a minha nota, mas, por outro lado, é uma grande responsabilidade também, porque vai ser a tua nota final, faz parte, vai fazer parte do teu histórico, o teu histórico vai fazer parte do teu currículo, nós sempre caímos nessa questão da nota no final, mas sentimos parte do processo, eu penso ser isso, a grande questão é essa, se sentir parte do processo

P: Você se sente incluída então no processo avaliativo, não é algo que é feito separadamente, que só o professor tem o dom do saber, que sabe tudo?

R: Exatamente, enquanto se tem essa responsabilidade de serei parte do processo, é muito bom também, tem essa ambiguidade, mas geralmente ótimo!

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluna pode auxiliar na sua atuação profissional futura?

R: Eu acredito que fez toda a diferença, por uma questão assim, ok, como eu avaliaria meus alunos no futuro? Assim como eu gostei de fazer essa autoavaliação, que me senti incluída, eu também vou incluir os meus alunos, foi muito isso que eu também refleti quando fiz essa autoavaliação, até porque foi em uma disciplina, digamos de formação docente, então é um momento que comecei a pensar como que será a professora Isadora? Como que eu vou tratar os meus alunos? Como que eu vou avaliar eles? Então são coisas que passam, e uma dúvida que eu tenho muito grande, eu ainda não tenho essa resposta, eu não sei se eu terei essa resposta quando eu me formar e, ao mesmo tempo, eu posso ter essa “resposta” quando eu me formar, mas essa resposta mudar ao longo da minha carreira e eu acredito ser fundamental para o professor, estar aberto a sempre mudar de opinião, desde que seja para crescer, seja para o positivo, acredito que sim.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professora?

R: Eu acredito que sim

P: Por que sim?

R: Eu acredito que sim, e eu acredito que eu teria que me sentir muito preparada principalmente em fazer, por exemplo, essa mediação em justamente por essas questões que eu falei, vamos supor que eu tenho um aluno que está tendo os mesmos sentimentos que os meus, a de me avalia para menos, me avalio para mais e o porquê que sim? Justamente por essas questões que eu falei sobre o quanto isso inclui o aluno, hoje em dia se fala tanto em inclusão e eu acho isso importantíssimo a inclusão, já vi, vivenciei questões de inclusão, em questão da residência pedagógica, outros espaços que eu tive a oportunidade de circular nas escolas, então eu percebo o quanto isso é importante e eu penso ser umas das metodologias mais inclusivas, essa questão de poder ouvir o aluno, isso é tudo para o aprendizado, quando o aluno se sente ouvido, ele aprende mais.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professora?

R: Muitas vezes eu já me peguei pensando sobre isso e uma coisa que eu reflito muito, é sobre a questão, vamos puxar um pouquinho antes da avaliação, sobre o filtro afetivo em que o aluno vai aprender mais se ele tiver contato com aquilo que ele gosta, falando aqui nas questões de inglês e espanhol, bom tem um universo de filmes, séries, animes, músicas, várias coisas, se dentro disso o aluno conseguir, trabalhar com isso, e puder “devolver” de uma forma como uma produção que ele possa se expressar da melhor maneira que ele souber, ah ele sabe melhor construir diálogos, ele tem essa oportunidade, eu sei melhor construir parágrafos, eu sei melhor, talvez até uma história em quadrinhos, criar os balões das histórias em quadrinhos, isso seria, eu acredito que isso seria uma coisa muito positiva, para o aprendizado, porque ele ter essa oportunidade de um pouquinho de cada coisa, mas também ter essa oportunidade de mostrar, olha isso aqui, é que eu sou bom, eu

penso que é uma das coisas que eu considero melhor, digamos assim, hoje em dia com as leituras e caminhada que eu tenho para o ensino de línguas, não sei se a Isadora daqui a cinco, dez anos vai pensar diferente, mas.

P: No caso tu tens a percepção de que o professor precisa conhecer, no caso, os gostos dos seus alunos para poder então fazer essas produções, para no caso ter pelo aproximadamente uma noção do que vai dar-lhes né? Para o aprendizado ser mais prazeroso.

R: Exatamente, isso dentro de uma turma, é uma tarefa extremamente difícil, porque imagina ouvir o gosto de trinta alunos, é bem mais difícil, mas geralmente tem aquelas coisas, por exemplo, não vem nenhum nome para dizer, mas algum cantor que esteja na moda e que vários estejam gostando, já vai contemplar vários aluno ali, então, pegando coisas assim fica um pouco mais fácil.

P: Mas é através dessas avaliações, que tu vai realizando e tu vai conversando e conhecendo o gosto de cada um.

R: Exatamente, e é assim, essa questão que eu falei, em uma delas, no que ele for melhor ele vai se sair melhor, eu acredito que seria uma forma justa de se avaliar, hoje em dia é o que eu tenho pensado muito assim, eu falo muito sobre no curso, sobre o quanto ouvir o aluno é importante.

P: É verdade, também concordo. Então, agora eu deixo aberto para ti se tu quiseres fazer algum comentário a respeito dos assuntos questionados, se tu quiseres completar alguma resposta fica a vontade, já te agradeço de antemão, por fazer parte da minha pesquisa, por disponibilizar um pouquinho do teu tempo, que eu sei nós vivemos numa correria, mas muito obrigada, Isadora.

R: Eu que agradeço a oportunidade e eu sei o quanto é importante a pesquisa no meio acadêmico, então sempre que eu posso eu vou estar disponibilizando o meu tempo para contribuir, eu to pensando aqui se tem algum que eu gostaria de complementar algo. Parece que eu falei tanto em cada uma, risos... mas deixa eu ver, não sei, realmente, acredito que não, não sei se teria alguma que tu sentiste que foi menos respondido? Ou menos completa?

P: Eu acredito que fomos conversando e conforme fomos conversando eu fui te perguntando algo que surgiu de dúvida, mas nessa parte assim da avaliação, que acontece eu acho nas disciplinas da professora 1, 50% da nota tu que vai dar e os outros 50% é da prof., e assim quando tu foste dar a primeira nota, como tu se sentiu? Como foi isso?

R: Olha, essa experiência para mim, foi uma questão assim, eu lembro que eu dei uma nota um pouco mais baixa sendo parecida com a nota dela também, era a cadeira de Linguística aplicada, tinha três coisas a serem feitas, de diferentes formas, a última coisa era uma aula, a outra era uma videoaula, não precisava ser muitos minutos, essas eram duas coisas grandes que nós tínhamos que fazer, fora as palestras que vínhamos fazendo ao longo do semestre e um diário que entregávamos semanalmente sobre as atividades da semana, o diário eu consegui cumprir, a maioria do tempo, quando chegou perto de entregar as outras duas,

estávamos numa pandemia, foi bem a época que a minha família inteira pegou covid, todos pegaram em simultâneo, e eu me perdi totalmente e ainda assim ela me deu um prazo maior, além do semestre, além de ter terminado o semestre, ela conversou com a coordenação e me deu esse prazo, mas como eu vinha dizendo teve todo esse processo avaliativo, minha família pegara covid e ela teve uma ótima compreensão comigo, eu tive um tempo a mais um pouco antes das matrículas do próximo semestre, além das férias, conversou com a coordenação, eu e mais alguns dois colegas que não alcançamos para tentarmos ainda alcançar e entra o que eu falei da ansiedade, do branco eu paralisei mesmo com esse tempo e eu não consegui seguir adiante, meus familiares se recuperaram tudo mais, não chegaram a ser hospitalizados, ainda não tinha vacinação, mas foi mais leve assim, mas mesmo assim mexeu muito comigo e eu fiquei paralisada e a minha média ficou baixa, mas foi por questões pessoais minhas, não posso dizer que foi por parte dela, me justificando não foi porque eu pensei não vou fazer nada disso, teve toda essa questão do covid por trás e isso fez parte do processo, considerando a aprovação ou não, foi boa, eu aprendi muito naquele semestre, de forma nenhuma posso dizer que a média baixa que eu tive, com as palestras eu aprendi muito, com as leituras, a troca com os colegas que eu tive no dia da aula que os outros socializaram os seus vídeos, aulas e aulas reais, eu estava ali escutando os colegas, então, com certeza teve muito crescimento naquele semestre, não foi porque não teve aprovação que não teve crescimento, contribuiu muita para mim, mas são coisas externas.

P: Mas agora tu vais ter que cursar novamente?

R: Na verdade, eu estou cursando ela

P: É, que bom viu

R: É eu já estou matriculada e cursando novamente, então eu penso que agora eu consigo e tem sempre essa questão da nota e da aprovação, enfim faz parte do sistema

P: Ta ok,, se tu quiseres sair pode sair, porque dai a professora 1 entra, eu vou dar o ok para ela finalizar a gravação, mais uma vez muito obrigada.

R: Eu que agradeço

LARISSA

22 anos no sexto ao sétimo semestre, não sabe exatamente, está fazendo estágios do início dos semestres. É residente.

P: Oi, tudo bem?

R: Olá! Tudo bem!

P: Eu vou só enviar o link para professora 1 para ela depois conseguir encerrar tá?

R: Tá bom

P: Então só para te avisar são perguntas bem tranquilas referentes a esse processo, sobre essas experiências, no caso que tu tiveste nessas disciplinas com a professora 1, eu não sei se tu chegaste a cursar as da professora 2 também?

R: Eu não lembro quais eram, eu não fiz letramento inglês, eu só fiz letramento em espanhol.

P: Só para te avisar então que no final da entrevista vou te enviar um link com o termo de consentimento, para ti, preencher em formato do Google forms, também para de receber um certificado, referente as horas que tu participaste na entrevista, tá?

R: Ta

P: Vou colocar as questões, vou colocando as questões aqui do lado só para tu ter um embasamento conforme eu for te perguntando. Pode ficar bem tranquila, tu tens que responder sobre o teu entendimento, uma visão geral sobre o que tu entendes, vou colocar as 4 perguntas aqui primeiro, são 16 questões, tá? Então vamos, iniciar, a primeira questão é: o que tu entendes quando tu ouves a expressão avaliação formativa e dialógica? Qual o teu entendimento?

R: Não sei, penso que com a questão dialógica, essa questão do *feedback*, algo a ver com isso, de dialogar, sobre avaliação. Eu penso ser isso, não sei, não consigo pensar em algo agora, foi só o que eu consegui pensar e relacionar o diálogo com *feedback*, com individual geralmente nessas avaliações, não sei.

P: Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo? Como é o teu sentimento, pode ser verdadeira

R: Depende, por exemplo, com a professora 1, eu me sinto tranquila eu gosto dessa função de rubrica e de se autoavaliar, e tudo mais, eu estava vendo que depois eu tenho que responder sobre isso, mas, depende muito, por exemplo, no inglês como nós fazemos inglês e espanhol eu me sinto bem nervosa na questão da avaliação, e o processo avaliativo porque eu tenho dificuldade na língua inglesa, mas no espanhol não tenho tanto, eu fico mais tranquila, então, depende muito, mas geralmente eu sou tranquila porque eu sou uma pessoa que tenta fazer tudo na data certa, tudo mais, então, não tenho muito erro, na questão da língua que eu fico mais nervosa, mas geralmente me sinto tranquila.

P: Dê forma geral como tu percebes a avaliação?

R: tipo a avaliação?

P: Avaliação geral, como tu percebe, tu pensa que ela é importante no contexto acadêmico?

R: acho que é importante

P: Tu vais ser uma professora, futura professora, está em formação, tu acreditas que é importante para tu conheceres os teus alunos

R: Acho importante, mas não penso que tem que ser avaliado da forma tradicional, somente prova, no final do semestre, tem que ser uma coisa contínua, tem que observar o processo do aluno, se ele vai evoluir, se ele não vai evoluir, porque eu penso que somente no final uma coisa única é ruim. Não acho legal.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Sim, eu considero muito importante

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Eu penso ser bom, eu gosto de ser avaliada através das rubricas, porque temos uma noção do que gente precisa fazer naquele disciplina, naquele componente, para poder alcançar a nota máxima e tudo mais, aí tu vais se esforçar para ser excelente sempre, então, eu gosto de rubricas.

P: E foi a primeira vez que tu trabalhaste nesse formato avaliativo?

R: Sim, através da professora 1, depois que eu entrei na faculdade, mas eu fui aluna da professora 1 desde o segundo ano de faculdade, então foi bem no início.

P: Faz tempo então que tu já conheces essa metodologia?

R: Isso, eu já fiz várias rubricas, porque eu já fiz várias disciplinas com a professora 1 e com a 2 também, mas eu não lembro se nas outras, na 2 tinha rubrica, ou se foi somente essa que era com a 1, eu não consigo lembrar, mas somente na universidade.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?

R: Eu prefiro as rubricas porque, é mais fácil, como eu disse, porque tu sabes o que tem que fazer e ser avaliado continuamente conforme a tua evolução, do que fazer uma prova no final e ser avaliado por causa daquela prova por um conteúdo que tu tiveste que estudar, por exemplo, às vezes tu nem prestou atenção durante o semestre, estudou uma semana antes, aí foi lá e fez e não foi uma evolução contínua, que tu estavas ali presente o tempo todo, foi uma coisa, que tu estudaste somente. Então eu prefiro a rubrica e essa avaliação contínua.

P: O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*?

R: Eu gosto dos *feedbacks*, eu me sinto bem, porque eu consigo rever, repensar as minhas atitudes, o que eu preciso melhorar, o que eu não preciso melhorar, o que eu fiz bem. Eu me sinto bem, eu gosto de receber o *feedback*.

P: Então, tu recibes de forma positiva?

R: Recebe de forma positiva, pode falar

P: Porque às vezes recebemos de forma negativa, esquecemos de, por exemplo, agora tu estás cursando, em que semestre tu estás?

R: Eu estou, não sei, no sexto ao sétimo semestre eu nem sei, tô fazendo estágios, fazendo alguns que eu não fiz no início porque eu fui deixando para trás, então eu nem sei que semestre eu estou, mas faltou só dois para terminar.

P: No caso tu fazes uma reflexão da próxima disciplina que tu fores cursar, tu vais lembrar daquele *feedback*? Tu fazes isso? Tu lembras do *feedback* passado, tu consegues ter essa memória? Para não repetir o mesmo erro?

R: Sim, eu acredito que sim, mas geralmente eu tento dar o meu melhor. Eu sou bem, tipo às vezes eu acho que eu sou puxa saco de professor, eu tô sempre tentando fazer exatamente o que eles pedem, e às vezes, mesmo quando eu tenho um *feedback* ruim, aí eu fico meio mal, tipo, depende, por exemplo, da professora 1 eu sempre levo bem o *feedback* dela. Mas tem um professor que ele dá tão ruim para nós, que nós estamos sempre mal, aí eu fico meio mal. Eu sei que ele faz aquilo para o nosso bem,

P: No caso, nessa disciplina desse professor ele utiliza rubricas também?

R: Não, ele não usa rubricas, eu faço a residência pedagógica com ele, escrever artigo, e ele exige muito da gente, e nós temos que fazer exatamente como ele quer e nós não conseguimos fazer exatamente como ele, quer. E às vezes ele meio que chateia, sabe de tanto ficar exigindo, mas não, é algo que eu ache ruim, entendeu? Porque na hora eu acho ruim porque tipo que saco de novo vou ter que refazer, já fiz tudo o que ele pediu e nunca está bom, mas eu sei que ele quer que melhoremos e tudo mais, não é nada que ele faça com o nosso mal, entendeu? E para o nosso bem e no futuro vamos agradecer, então eu não vejo isso tão ruim assim.

P: E é uma forma como tu recebes, às vezes né, que às vezes a gente se dedica tanto, mas, às vezes até numa atividade, por exemplo, no artigo mesmo a gente se dedica tanto para escrever ele, aí tu vêes que ele não tava bom, mas achava estar bom, mas, porque tu estás aprendendo, tu estás em formação, a residência pedagógica é um projeto de formação, já fiz parte da (residência) pedagógica e ele é bem legal.

R: É eu também eu fiz parte do pibid e agora da (residência) pedagógica.

P: Esses dois projetos são muito importantes, nos deixam mais próximos das práticas.

R: Exatamente, inclusive o pibid, é para quem está no início, então, a gente vai ter estágio agora nos últimos semestres, então, tu já tens uma noção de como é a escola, a prática, e se tu não consegues, tu já tens como desistir logo no início, sinal que se tu não gostaste de nada vale tu perdeste um monte de tempo e chegar no final de dizer desistir. Então é bem legal.

P: É bom, verdade. Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: Mais ou menos, a pergunta que tu me fez foi tipo, que eu mudo as ações e tudo mais, eu penso que impacta bastante, daí eu tento melhorar cada vez mais, eu julgo que, impacto de uma forma positiva, igual à gente estava falando.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Então, eu estava falando com a professora 1, esses dias na aula, a semana passada que era sobre um texto dela sobre as rubricas, foi exatamente sobre a aula dela, letramentos em espanhol, e muitas vezes na disciplina dela eu fiquei tipo, com

nota menor que ela me deu. Se ela me deu, 10, eu botei 9,8, porque eu fiquei não fiz tudo, então vou botar excelente para mim, então eu gosto de me autoavaliar, mas às vezes eu me crítico demais e uma coisa que a professora viu estar bom, para mim não estava bom, e eu penso que eu tenho que melhorar, é isso.

P: Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: É que tem colegas que não, tipo, eles não fazem nada, tipo entregam atrasado e tudo mais e mesmo assim eles estão excelentes sabe, porque eles sabem que a nota deles vai pesar também, mas é errado tu fazer isso, tu tens que ter noção que realmente tu fizeste para te dar uma nota. Uma nota verdadeira, não pode tipo, só porque a nota vai pesar mesmo sabendo que tu não fizeste nada, então eu acho injusto meio errado fazer isso.

P: Daí tu já tiveste experiência, por exemplo, na escola?

R: Que eu lembre na escola, não, não me lembro, não, eram sempre provas finais, não era nada que nós autoavaliássemos, era o professor sempre.

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Eu acredito que quando incluem autoavaliação, nós conseguimos mudar mais as atitudes das que não incluem, tipo, nós vamos observar o que fizemos, o que não fizemos, o que precisa melhorar. As que não incluem geralmente tu não (reflete) sobre isso, tu simplesmente deixas, tanto faz sabe, tu não ficas refletindo sobre e não pensa sobre, essa é a maior diferença. E se a disciplina que tu tens que seguir, por exemplo, pré-requisito para outra, tu não vais avaliar o que tu precisas melhorar naquela temática, algo assim, não, sei algo assim, nesse sentido, foi o que eu vejo de diferença.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Acredito ser bom, penso que a pessoa se autoavalia da forma correta e justa, é uma boa, mas tem que ver bem porque tem gente que vai lá, como eu disse e vai dar nota mais do que deveria, somente por saber que integra na nota final.

P: No caso tu desses que tens mais dificuldade na língua inglesa, no caso no recebimento dos feedbacks, tu procuras melhorar, procura evoluir? Ou tu não pensas sobre isso?

R: De todos eu procuro evoluir, mas o de inglês mais ainda porque como que eu tenho bastante dificuldade no inglês, acaba que a minha nota é mais que a de espanhol, porque daí eu me esforço mais, vou mais atrás e os feedbacks, às vezes a professora fala e eu penso, meu deus, eu preciso muito melhorar isso, porque se a professora está falando. E o de espanhol como eu já sei mais espanhol, eu vou deixando de lado e acabo, que vai ficando de lado, eu não me esforço tanto.

P: Tu te esforça na que tu tens mais dificuldade?

R: Exatamente, eu deveria nos dois de qualquer forma.

P: Mas no caso que não teria o mesmo rendimento se tu se esforçasse em espanhol

R: No caso não me esforço tanto quanto eu me esforço em inglês porque eu tenho mais facilidade em espanhol, eu não estudo mais porque eu sei que eu sei. Entendeu?

P: Entendi, uma boa visão. Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura?

R: Eu penso que se eu não tivesse tido essa experiência não ia ter essa visão de avaliar o aluno continuamente, sabe? De querer que ele tenha uma autoavaliação, eu penso que isso vai auxiliar no futuro porque, eu vou querer fazer isso com os meus alunos, não sei, talvez a rubrica, para alunos no fundamental é uma coisa mais difícil, mas eu sei que essa questão, faz eles repensarem, o que eles precisam melhorar e o que eles não precisam melhorar, eu penso ser uma coisa que todos os professores deveriam utilizar. E essa questão de fazer somente a prova final, eu mudaria, não pretendo fazer quando eu for professora, se for uma regra do colégio, por exemplo.

P: E tu gostaste dessa experiência, essa experiência foi somativa na tua vida?

R: Sim

P: Na tua vida acadêmica?

R: Eu sempre gosto das rubricas, gosto, gostei bastante.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê! Não?

R: Sim, eu utilizaria, tanto é que eu repeti, dei a mesma resposta que eu utilizaria, porque eu penso ser importante para o aluno saber, se autoavaliar e repensar as práticas, o que ele precisa melhorar, o que ele não precisa, o que ele tem mais dificuldade, o que ele não tem, para ele, também se sentir mais incluído.

P: Tu, como acadêmica, como tu vês que tu podes se aproximar do teu aluno? Quais meios?

R: Eu penso que tentando trazer aquilo que ele tem no dia a dia. Uma coisa que ele consiga conviver, que consiga ver que ele está presente naquilo, ah! Eu vou dar uma aula de espanhol, eu vou querer ensinar algo rua, por exemplo, como dobra aqui, como dobra ali, tipo em uma rua que eles conheçam na cidade, algo assim que eles se sintam parte no algo distante, que eles nem sabem o que estão aprendendo, algo assim.

P: Tu pensas que o diálogo é fundamental para esse processo de aproximação, no caso nas tuas vivências agora, tu pensas que o diálogo foi fundamental para crescer como aluna, como acadêmica?

R: Sim, eu penso ser muito importante ser próximo do professor, ter uma amizade, algo assim, ser próximo é importante quanto mais a gente se distancia, quanto mais nós tivermos longe menos aquele aluno vai de se interessar por aprender. Eu acredito.

P: E menos ele vai desenvolver suas habilidades

R: Aham

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a? Até porque tu participaste dos programas...

R: nós não chegamos a avaliar eles, na verdade, no (residência) gente fez atividade, agora no final fizemos os materiais para eles, mas a professora que aplicou, porque a Unipampa não deixou voltar presencial, e as professoras tiveram que voltar porque os alunos voltaram no presencial, então a gente planejou fez o material de avaliação recuperação, e a professora mandou fazermos a provinha ali com conteúdo que nós demos. Mas quando eu for a professora, a dona da sala eu penso em desenvolver, a avaliação como eu citei várias vezes que seja algo contínuo que não tenha uma prova final, porque a prova ela deixa o aluno muito tenso, o aluno fica pensando naquilo e pensa até enrolar essas coisas que tem dificuldade, eles nunca levam a sério o espanhol e o inglês, eles acham: eu não vou rodar nisso, fazem de qualquer jeito. Penso em fazer algo que eles se sintam incluídos alguma apresentação, algo assim, é o que eu penso em desenvolver na avaliação, e a avaliação final se for obrigado, mas trabalhos assim nesse sentido, eles entendem o porquê que ele está aprendendo aquilo, se sentem incluídos, se sentem parte, entendem o porquê da importância de aprender aquilo.

P: Deixar aberto para algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, caso queiram complementar alguma resposta, se tu quiseres também falarem sobre esse processo de aprendizagem, algo que te marcou fica à vontade.

R: Não sei, eu não tenho muito mais o que falar, mas o que me marcou mais foi esse processo de rubricas, que eu falei de me dar uma nota menor do que a da professora, foi o que mais me marcou, e essa disciplina essa foi muito interessante, porque era de espanhol, quem tava em inglês e espanhol fazia o trabalho junto porque, teve amostra final nos campos e todo mundo podia participar do campus por que era bem no saguão bem no meio, eu fazia só de Espanhol porque a de inglês era bem no horário que eu dava aula do pibid, então eu não podia entrar, e eu tenho que fazer essa no semestre que vem se aparecer... Eu entrei no grupo que todos desistiram, tanto é que a professora 1 pensou que eu ia desistir. Que aí eu tinha que fazer toda amostra sozinha, todo trabalho sozinha. E, nessa altura eu percebi, no colégio mesmo odiava trabalho, e ainda era no segundo ano da faculdade e tipo agora eu falo mais, mas naquela época eu ficava meio assim, tinha colegas que eu não conhecia e era uma amostra para todo Campos, E eu comecei a ficar apavorada, mas daí eu consegui a professora 1 foi lá conversou comigo e auxiliou em tudo que eu precisei e eu fui lá e fiz sozinha, e depois dessa disciplina eu percebi que eu sou capaz e não fiquei mais com tanto medo, esse eu tenho que fazer algo eu faço sozinha, não tô nem aí porque eu sei que eu consigo. A disciplina foi muito interessante, por que era sobre o que era felicidade para ti, ela trouxe um monte de convidados para esse dia, fizemos uma roda e ele sentava no chão e ela brigava comigo porque não sentava também, os convidados eram de outros países que falavam em espanhol, tem uma professora da Argentina, (falas sobre os convidados)... falas acadêmicas pessoais, não há necessidade de colocar aqui.

P:, muito obrigada, pela participação, por doar um pouquinho do teu tempo

R: ah! Não foi nada, hoje eu nem tinha aula... tchau

LEVI

26 anos, ingressou no curso em 2020, está no quarto semestre.

P: Boa tarde, eu vou colocar no chat as questões da entrevista, mas pode ficar bem tranquilo que são perguntas referentes a essa experiência que vocês, no caso tu tiveste e os teus colegas, de avaliação formativa e dialógica, é sobre os entendimentos, e eu vou colocar aqui porque daí tu consegues ir acompanhando conforme eu for te perguntando, tá bom?

R: tranquilo

P: Primeiramente então eu gostaria que tu falasses o teu nome completo

R: Bom, eu me chamo Leonardo.....

P: Quantos anos tu tens?

R: Eu tenho 26 anos

P: Em que ano então tu ingressaste no curso?

R: 2020

P: em 2020, e atualmente em que semestre tu estás?

R: Estou no quarto semestre

P: Quarto semestre, então, ok. Então vou começar fazer a primeira pergunta da entrevista. Eu quero saber o que tu entendes quando tu ouves a expressão avaliação formativa e dialógica? Qual o teu entendimento sobre essa temática?

R: Sim, bom, no primeiro momento, acredito que não necessariamente eu entenda a base que sustenta o enunciado da frase, mas considerando, a avaliação formativa e dialógica, eu penso serem maneiras, não sei se necessariamente uma autoavaliação, mas uma maneira onde que existe um diálogo formativo entre o docente e o discente, é isso que eu penso.

P: Como você então se sente, na condição de aluno com o processo avaliativo?

R: Neste caso o processo avaliativo referente a universidade que tu dizes?

P: Referente ao processo avaliativo no contexto da tua vida, na tua vida acadêmica, como tu sentes em relação ao processo avaliativo? Tu vês de forma positiva ou de forma negativa?

R: Eu acredito que vejo de forma positiva, sim, embora eu acredite que a avaliação é quase uma faca de dois gumes, porque ela também pode acabar te frustrando de certa forma, às vezes, mas eu acredito que geralmente se na avaliação é feito apontamentos, crítica construtiva, eu penso que ela pode ter bons resultados também, e é isso.

P: De forma geral, como tu percebes a avaliação?

R: Eu percebo como uma oportunidade para melhorar, os equívocos.

P: Você considera importante o espaço de avaliar seu próprio desenvolvimento?

R: Sim

P: O que você pensa sobre ser avaliado através das rubricas? Penso que é algo que vocês veem trabalhando, que acontece no meio acadêmico no curso de letras.

R: Eu não sei se necessariamente, acredito que sim, não lembro se todos os professores usam essa metodologia para avaliação dos alunos, mas eu lembro que a professora 1 desenvolveu uma rubrica, que abarcava muitos aspectos e eu acredito que o jeito que acabamos trabalhando eu consegui perceber a rubrica de um jeito diferente agora né, porque antes era só rubrica, mas ela, por exemplo, você ia lá fazia uma prova e você veria quais aspectos seriam avaliados no seu texto, por exemplo, contudo a autoavaliação que fazemos baseado na rubrica é uma autoavaliação que engloba um trajeto que trazemos, enquanto estamos atuando no semestre, então a rubrica que ela desenvolve, nós também conseguimos perceber mais o quanto ela está diretamente, assim ligada com as nossas decisões no coletivo, seja nosso desenvolvimento, nossa desenvoltura na oralidade ou até na escrita, então eu vejo como uma coisa boa também!

P: É a primeira que tu utilizaste essa metodologia, no caso das rubricas o primeiro contato?

R: Sim

P: Então, comparando o uso das rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual? Tu preferes outras ou tu gosta dessa metodologia? Qual tu optarias?

R: Eu sempre tive um meio que um problema com avaliações, justamente porque, eu entendia que a avaliação sempre vai estar voltada, no panorama do avaliador, então, às vezes, me parecia que quando existia uma metodologia de avaliação, ela não necessariamente consegue prever, habilidades que o aluno tem, contudo, ele não consegue desenvolver naquela disciplina ou a metodologia que você usa não abarca todas essas questões, por cada aluno ser um agente, ele tem habilidades diferentes que às vezes ele não desenvolveu, seja por N motivos, então eu quase tendo a pensar que a rubrica nesse caso ela ainda pode conseguir abarcar, mas ainda assim, está presa dentro de uma metodologia, eu não sei se eu, nem tenho conhecimento para falar de uma outra forma de avaliação.

P: No caso outras experiências que tu estiveste com avaliação, por exemplo, na escola, difere das avaliações acadêmicas

R: Sim, sim! Mas pode não necessariamente, bom eu penso que as outras avaliações, pelas quais eu passei, também, é, algumas não eram tão aprofundadas assim, quanto a de autoavaliação a si próprio e tanto com a rubrica ela te possibilita a adentrar nesse aspecto.

P: Posso dar continuidade? Pode ficar bem tranquilo, tá?

R: Se eu tiver saindo do tempo também.

P: Pode ficar bem tranquilo, não tem nenhum tempo estipulado

P: Então o que você pensa a respeito dos *feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *feedback*?

R: Nesse aspecto eu considero que o *feedback* é importante sim e nem sempre o *feedback* é importante em sala de aula sabe, eu penso que *feedback* também é relevante quando você tem um contato com o aluno, porque, por exemplo, quando pegamos as metodologias ativas, o professor pode ser um agente afetivo então ele consegue criar um ambiente de harmonia, um ambiente onde o aluno consiga se sentir confortável suficiente para que ele também vire um agente facilitador, que está envolvido com essas coisas, eu acredito que esse processo, esse *feedback* ele acaba aumentando essa integridade da comunicação entre os dois, a relação professor/aluno e também para o próprio desenvolvimento de ambos, porque os dois estão juntos, não existe um só. Na questão do *feedback* que também é dado em sala de aula o aluno pode necessariamente se sentir, não sei se frustrado é a palavra certa, mas eu penso que isso é uma linha tênue, porque até a onde o *feedback* é dado, onde todo mundo está vendo, porque, por exemplo, o que eu entendo de *feedback* pode ser até uma correção, por exemplo, o aluno está falando, e isso eu estou falando do curso de letras e línguas adicionais que é aonde a gente sempre tem que experimentar a língua precisamos estar em contato, então nós acabamos usando muito o português com referência para aquilo que queremos falar e quando se expressamos pensando na língua materna acabamos meio que levando alguns equívocos em relação à língua de partida e o professor, por exemplo, poderá te dar uma correção, não é assim que faz, isso tem jeitos e maneiras. Mas as pessoas nas quais elas cometem demasiados erros, um atrás do outro e como que fica esse *feedback*? Será que a pessoa se sente bem quando tem várias pessoas em volta, vendo quantas vezes ela está cometendo o mesmo erro, então eu penso que o *feedback* em sala de aula é importante, mas nem sempre, eu acredito.

P: Nem sempre ele é visto de forma positiva

R: Sim, é, exato

P: Em que medida o recebimento do *feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras? Será que ele tem impacto, depende do recebimento do *feedback*, tu pensas assim, da próxima vez eu vou ter que fazer diferente ou não tem essa análise?

R: Eu acredito ser possível, porque veja essa questão do agente afetivo, ou filtro afetivo que seria uma teoria de Krashen, ele vai falar sobre essa questão do desenvolvimento do aluno enquanto agente social também enquanto ele consegue depois desenvolver essas habilidades socialmente porque quando o aluno entende que a sala de aula é o ambiente de experimentação, o ambiente onde ele pode errar que ela pode fazer, cometer muitos equívocos, porque entra muito uma relação de ego, uma relação do quanto aprendemos ou do quanto oprimimos os erros das pessoas, quando estamos vestindo a máscara social, quando saímos para a rua, e as pessoas têm aquele lance de politicamente correto e quando você vai para a sala de aula não, não existe isso, você consegue tentar, não sei se tem uma expressão para isso, você tenta fazer tudo isso, então nesse aspecto eu acredito ser possível porque quando ele entende isso, ele também começa a se policiar aos seus equívocos e, por exemplo, futuramente ele poderá conseguir, melhores resultados.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Eu penso que, posso pensar um pouco?

P: Claro, no caso nessas disciplinas que tu tens com a professora 1, não sei quantas que tu já fizeste, já cursou?

R: Uma

P: Cinquenta por cento da nota era dela, e cinquenta por cento da outra nota era de vocês, se sentiu confortável ao ter que se dar uma nota?

R: Nessa disciplina eu tenha me sentido mais, porque todas perguntas que vieram antes, também, foi um pouco chave para essa pergunta e também porque a professora 1 sempre oferece os *feedbacks*. Eu me sentia muito bem fazendo aquela disciplina, então eu realmente me esforçava muito para fazer, tanto que fazia um semanário, uma espécie de diário sabe e descrevia uma vez por semana, e eu gostava muito de escrever, eu realmente me sentia muito confortável fazendo aquilo, contudo eu sou muito crítico comigo mesmo, nas minhas autoavaliações e isso poderia de certa forma determinar, minha nota final sabe, porém, nessa disciplina em específico que foi a qual eu mais me dediquei no semestre, foi a qual eu mais gostei de desenvolver trabalhos, de fazer pesquisa, eu me senti confortável, assim, eu acredito que eu consegui ser sensato em relação a minha autoavaliação.

P: Você já se autoavaliou anteriormente na escola, por exemplo, como era? Alguma vez tu já passaste por esse processo de autoavaliação?

R: Sim, mas não dentro desse quadro educacional, sabe, eu acredito que foram situações decorrentes da vida, onde você tem que ponderar muitas coisas, situações que ocorrem no cotidiano, maneiras como nós degustamos, tantas teologias, tantas propostas de ideias que circulam e às vezes aceitamos elas muito fácil, então eu faço essa autoavaliação em relação à maneira como eu penso, como isso vai refletir no meu discurso, sabe, então eu acredito que sim, eu já fiz autoavaliação, mas não dentro desse âmbito escolar.

P: Vou colocar as outras questões aqui, penso que não foi todas. Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Sim, porque me parece que quanto só tem autoavaliação, volta naquilo que eu falei, fica no espectro do avaliador, apenas que seria no caso o professor e o aluno ele não consegue criar essa capacidade crítica de conseguir autoavaliar-se, normalmente ele vai receber a nota, mas muitas das vezes ele nem sabe porque está tirando aquela nota ou ele não teve esse processo de reflexão, acerca do que está acontecendo, tanto que essa autoavaliação que ocorre durante o semestre, eu penso que o aluno consegue acompanhar cada passo de evolução que ele vai dando no decorrer do semestre.

P: Que visão você tem sobre a avaliação integrar parte final de uma disciplina?

R: Bom, eu nunca tinha experienciado isso em determinados lugares, específicos, então para mim, é uma coisa nova, é uma experiência nova quanto as universidades

tendem a aplicar essa metodologia, penso que teria uma visão de que de certa forma, uma escala significativa que talvez seja importante sabe.

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluno pode auxiliar na sua atuação profissional futura?

R: Eu acredito que isso mexe com a estrutura comportamental, assim, de certa forma, por exemplo, do meu caso, quando eu penso eu ainda não tenho recurso suficiente para conseguir fazer uma autoavaliação de fato sobre o que eu irei ensinar no campo onde eu vou atuar, mas eu acredito que terá mudanças significativas, tanto quando eu pensar, como que eu vou criar um método de avaliação para os meus alunos mas também de que maneira eu quero que eles se autoavaliem também.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor?

R: Sim.

P: Por que sim?

R: Porque me parece que eu não sei o quanto isso é novo, porque talvez seja só falta de sapiência mesmo, mas me parece que quebramos aquele paradigma tradicional que existe na escola, sabe a gente agora está entrando num ponto, aonde que o aluno também consegue fazer isso, por exemplo, quando você pega a BNCC de 2015, se você faz uma comparação com a versão do final de 2018, você percebe que a de 2015 era melhor, mais progressista, ela tinha os verbos no texto, eles eram, voltado muito mais para a questão da aprendizagem social do aluno entender a sua condição de ser cidadão, a condição do outro e conseguir compreender esse aprender, essa diversidade, cultural que existe, agora quando você pega a BNCC de 2018, você percebe um vocabulário totalmente voltado para o mercado empresarial e, porque talvez seja financiado pelo governo, mas por empresas privadas, então o interesse também é delas. Quando eu vejo essa metodologia, eu acredito ser um ponto pelo menos onde o professor por mais que ele tenha que corresponder algumas expectativas da BNCC o aluno ainda consiga se autoavaliar nisso também sabe, não é uma possibilidade de trabalhar isso sim. Na minha época, ainda tinha professores educados na época da ditadura sabe, então, essa tendência, esse mercado, professor, professorado, essa produção em larga escala, também na formação deles, qual muitas das vezes também são financiadas por escolas de ensino à distância sabe, talvez também exista uma crítica para isso, por exemplo, tudo isso vai refletir no quanto o profissional consegue se desenvolver ao nível suficiente, ele consiga ter uma proficiência para conseguir desenvolver esse trabalho porque não é uma coisa fácil, quando paramos e coloca todos esses pontos em vista, então por mais que seja uma metodologia nova, aonde que se ensina, será que toda universidade aborda essa perspectiva e tudo? Então eu achei muito interessante.

P: Será que todo professor também tem essa visão?

R: Exato

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor? No caso vai seguir se autoavaliando, vai seguir esse modo de avaliação? O que tu pensas que vai desenvolver?

R: Eu penso em desenvolver de uma forma onde eu acredito que essa avaliação se torne invisível, por mais que não esteja com uma folha escrita, eu estou me autoavaliando, é no meu modo de me expressar? Eu acredito que ela tenha que aparecer sabe, porque quando nós dizemos ser uma avaliação isso tem que funcionar, isso tem que mostrar de algum jeito, assim como o feedback se ele tem um resultado positivo ou não, conseguimos ver isso depois de um tempo, então eu começaria assim. Agora, se for em relação aos meus alunos, eu diria que eu tentaria ser menos, fazer com que avaliação seja menos competitiva possível.

P: Agora eu deixo em aberto para tu fazeres um comentário, adicionar algo a respeito do que já foi questionado, complementar algo, fique a disposição, a vontade. Mais sobre entendimento da entrevista, tu pensas que vai seguir nessa percepção de avaliação?

R: Eu acredito que sim, eu penso que essa pesquisa embora participar da pesquisa não signifique estar por dentro do que ela está embasada, mas o pouco que eu li sobre, eu achei muito interessante esse olhar, interessante ver como a educação, “está tendo tantos progressos”, porque financiamento não tem muito, mas elas têm tantos progressos e pessoas dispostas a sentar numa cadeira e passar dias, passar desenvolvendo, analisando, entendo como funciona um processo que é totalmente humano. Um dia você acorda péssimo, em outro dia você pode estar com um problema psicológico e tem que lidar com esse dia a dia, diariamente e por uma preocupação, às vezes um pouco egocêntrica, acaba deixando isso de lado, mas não agora percebemos que cada vez mais tem pessoas empoderadas, com esse assunto, eu acho isso muito importante, assim, porque não é somente a questão do diploma, de poder dar aula, de poder exercer uma profissão ou ser licenciado para algo, mas é uma questão humanitária, eu não penso que professor tenha aquela imagem de pessoa apaixonada por ensinar, aquele negócio muito romantizado. Eu acredito que educação e a autoavaliação funcionam como uma formação crítica do aluno, ela é totalmente necessária, mas também é política, então quando ficamos fechados dentro desse aspecto tradicional, conservador, neoliberal não estamos pensando sobre essas questões e aonde isso circula, e quando você para, e pensar, no fato da gente ser um ser político, excluimos muitas comunidades, cometemos epistemicídio, não sei, mas essa metodologia de avaliação formativa e dialógica para mim me parece bem sensato em relação a isso, nesse sentido.

P: No caso faz com que percamos o medo de analisamos os nossos comportamentos, porque não é nada separado e essa pergunta eu ia fazer: tu pensas que a avaliação é algo separado, ou algo que faz parte do processo de aprendizagem, do ensino assim, enquanto tu estás cursando uma disciplina, tem que fazer parte, ou tem que ser ao final, porque muita evolução acontece no meio disso, até quando tu entras no curso tu mesmo tens uma percepção sobre a tua personalidade, quando tu entrou, e agora que tu estás cursando

muita coisa se modificou, então com esse processo de avaliação e avaliação, ela pode te auxiliar de forma positiva ou de forma negativa, porque desde nós começamos a conhecer realmente como é a nossa personalidade, como recebemos o *feedback*, como se vemos de forma positiva ou negativa.

R: Exato, é claro que eu penso que como você pontuou sabiamente, a avaliação teria que acontecer durante o período, durante esse trajeto, isso foi uma coisa que, essa metodologia que a professora 1, nos permitiu muito, porque toda semana você tinha que parar e pensar, no que você está produzindo, sobre o porquê você está fazendo isso, sobre como se planeja, aonde eu tive mais dificuldade, onde eu tinha menos dificuldade, isso me fazia toda semana eu ter que refletir sobre se eu pensar, era sobre o meu desenvolvimento na faculdade. Eu pensava assim, o que eu to fazendo aqui, porque ninguém pediu para eu entrar na faculdade, na universidade, sabe, mas o que eu quero aqui.

P: Passa a responsabilidade inteiramente para ti, é algo que pode ser assustador, porque dai tu não tens essa certeza quando tu entras que isso que tu queres, ou é algo que tu querias mesmo, e às vezes, já se transformou em algo que nem era do jeito que tu pensava, é algo que também, aí faz tu pensares que a autoavaliação faz parte não só do processo avaliativo, mas da vida né, eu acredito que seja.

R: Eu acredito também, porque isso mexe com o nosso juízo de valor, mexe com o nosso, eu entrei considerando educação, um passo muito performativo, até na sociedade sabe, mas agora eu estou estudando como acontece a questão do ensino, como que eu desenvolvo o ensino, como que eu consigo ensinar alguém, sabe, e isso é muito porque você vai estudando e começa aprender de um jeito diferente de outra pessoa, tem suas manias, eu penso ser um processo essencial, assim na sociedade até, acredito que sim, que anda junto.

P: Então podemos finalizar? Queria te agradecer Leonardo pela tua participação, pela tua disponibilidade, muito obrigada, tu irás ajudar muito na minha pesquisa, pela sinceridade também, vou avisar a professora 1 que ela poderá encerrar

R: Sim, eu que agradeço também de poder participar de uma pesquisa, eu sempre quis saber como que era, e é primeira vez que participo de uma entrevista também, eu achei muito bacana, bem legal, que tudo dê certo, e tu consigas ir para frente cada vez mais, outra coisa que prova é que autoavaliação está sempre andando conosco, estamos sempre exercitando.

MARIANA

27 anos, está no oitavo semestre da faculdade do curso de letras línguas adicionais. Utiliza a metodologia, trabalha na educação básica.

P: Oie, tudo bem?

R: Prazer em te conhecer

P: Prazer, virtual ainda, seguimos assim.

R: É verdade

P: Vou fazer perguntas da entrevista, referentes as disciplinas que tu cursou, com a professora 1, eu não sei se tu chegaste a cursar com a professora 2?

R: Qual disciplina especificamente?

P: eu penso que ela dá inglês, mas é sobre avaliação, avaliação dialógica o formato que acontece, com essas duas professoras, eu vou colocar as perguntas aqui no chat só para irmos nos embasando, um seguimento, são perguntas bem tranquilas, pode responder bem na calma, se tu souberes não tem problema, a gente conversa sobre, tá?

R: Ta

P: então, primeiramente para iniciar eu gostaria que tu falasses teu nome completo, a tua idade e que semestre tu está?

R: bom meu nome é, tenho 27 anos, vou fazer agora né, eu estou no oitavo semestre da faculdade do curso de letras línguas adicionais.

P: Vou iniciar então, a primeira pergunta é: O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?

R: Bom, formativa dialógica só pela nomenclatura a gente já entende que formativa vai tender a formação do estudante e dialógica que vamos conversar com o modo de avaliação, não sei se é bem isso, mas que tu vais conversar com a avaliação do aluno, tu vais dialogar e vai mostrar os passos que desenvolveu no semestre, trimestre, e a formativa compreende esse processo, acredito que seja o processo, não avaliar somente o meio e o fim, mas o processo do aprendizado. Eu já estou trazendo para esse sentido.

P: Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo?

R: Bom, eu tenho essa consciência, principalmente na faculdade, quando aprendemos ser professor, sempre estamos entre esses dois papéis aluno e também professor. Eu me sinto numa condição de que eu tenho não somente cumprir aquelas expectativas do meu professor, como também aprender com aquilo que eu estou fazendo, por exemplo, eu sempre prestava atenção na forma de avaliação dos professores, os meus professores, em posição de aluno, para mais tarde, ter uma base, repetir ou não? Por exemplo, um professor com um péssimo modo de avaliação, bom desse jeito eu não vou copiar, não vou ter como base para mim, e se esse professor tem uma avaliação boa, então, talvez eu possa replicar esse modo de avaliação, então eu me sinto num formato mais de observadora, gosto

de cumprir aquela expectativa do professor, mas também aprender com aquilo para usar, ou não futuramente.

P: De forma geral, como percebe a avaliação?

R: Bom, avaliação é um ponto importantíssimo, quando falamos em avaliação normalmente eu pensava antes de entrar na faculdade em prova. Provas, testes, etc.. Mas para mim agora a avaliação tem mais sentido com o processo, tem até uma expressão que diz, que não é a chegada, mas sim a tua caminhada, então a caminhada. De forma geral eu percebo avaliação como modo de avaliar certo, não somente o fim, mas os teus problemas que tu vens tendo, durante as disciplinas, por exemplo, vou pegar, um exemplo da disciplina de matemática, eu tenho dificuldades em subtrair, então a avaliação ela vai te ajudar, não só tu responderes o teste assertivo, mas tu ir percebendo os teus erros, e melhorando eles, então eu percebo a avaliação como uma oportunidade de melhorar esse processo de ensino, melhorar o nosso aprendizado, no decorrer do semestre e do tempo específico.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Com certeza a autoavaliação é importantíssima, tanto como aluno, quanto professor. O espaço de avaliar o próprio desenvolvimento como aluna, muitas vezes eu consigo perceber onde eu errei e o que eu preciso melhorar, às vezes os professores fazem esse papel também: olha, tu precisas entregar todo trabalho, a maioria das vezes, eles fazem isso. Mas a autoavaliação, a autorreflexão também vai ajudar nisso, porque eu mesma vou ser crítica comigo, olha, eu preciso melhorar ou me parabenizar, eu fui muito bem nessa escrita e nisso e naquilo. E como professora, a autoavaliação serve para analisar: será que eu estou apoiando todos os alunos? Será que eu estou avaliando corretamente? Então esse espaço de avaliar o próprio desenvolvimento tanto como aluno ou como professor é importantíssimo para consertarmos os erros e melhorar aquilo que precisa.

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Bom, até o sexto semestre não entendia muito bem assim: eu vou dar a nota para mim? A que eu quiser? A mais alta talvez? Mas vai exatamente em direção que eu estava falando antes, em tu te autoavaliar, e tu refletir sobre o que tu fez, e ser sincero. “Olha, eu tenho que ser sincero, por exemplo, eu tinha que entregar dez trabalhos e entreguei dois, não posso dar nota nove para mim, não. Então tu tens que ser sincero. Eu fiz isso, me esforcei pouco, vou melhorar em tal aspecto. Então a avaliação através das rubricas, eu acho muito interessante porque mostra esse panorama, além de nos ajudar a perceber os erros de nós mesmos, não ficar só ouvindo: “tu erraste nisso, tu erraste naquilo”, conseguimos melhorar através disso. Eu acho bem interessante”.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?

R: Atualmente eu também estou usando as rubricas, não em sua totalidade, na escola onde eu estou mestrando eu uso parcialmente, nas atividades, por exemplo, e no final da aula eu entrego uma pequena rubrica, com a seguinte questões. Vocês

gostaram da atividade? Onde vocês deveriam melhorar? Quanto que vocês dariam para os seus desempenhos nessas atividades? Eu acredito que seja uma forma da gente ajudar, tanto os alunos, quanto nós mesmos. Eu prefiro, não estou usando na totalidade, mas como eu falei, eu prefiro usar parcialmente, porque conseguimos explorar melhor, as dificuldades e tudo o que eu falei antes. Diferente das avaliações tradicionais, prova, teste e tanto para uma atividade, tanto por outra, tanto que, por exemplo, no dia o aluno pode não estar tão bem, pode ter acontecido algo em casa, ou, então, eu acredito, que prefiro seguir nessa nova forma de avaliar, eu já avalio na forma processual, então, não é somente uma nota no fim do trimestre, ou uma atividade específica que vai avaliar todo o aluno, todo o processo dele. Então comparando a rubrica com as outras formas de avaliação, eu prefiro a rubrica, porque ela abrange melhor as necessidades de todos os alunos e também abrange o processo todo, não só o final, não só o elemento final que seria o teste, mesmo que em algumas escolas seja obrigatório o uso de alguns testes e provas, algo físico, mas é eu vou colecionando aquelas avaliações, autoavaliações e também vai servir de avaliação final.

P: No caso tu já mudas a percepção desses alunos porque eles já estão acostumados a receberem provas, e a receberem notas, por exemplo, nos trabalhos, igual era conosco, acontecia isso muitas vezes.

R: às vezes o que eu vejo assim é que os alunos pedem por uma prova, por um teste, porque para eles parece mais fácil, eu vou fazer esse teste foi bem, mas é interessante desafiar eles assim, porque não é legal avaliar de uma vez só, a cada dia ir avaliando, não só, como eu sou professora de língua, as linguagens, não só no fim do trimestre, ou no fim da semana, mas acada fim de aula. Será que eu consegui atingir aquele objetivo seja de pronúncia? De *listend*? De leitura, será que eu consegui, atingir aquele objetivo, então eu acho bem interessante, eu já estou adaptando para minhas aulas, e estou me apropriando dessa forma de avaliar.

P: é que não adianta, a outra moça que eu também fiz a entrevista, ela está avaliando também, ela disse claro que eu tenho que ter um comprovante, eu tenho que comprovar que fiz prova e aí, mas ela comentou também que está fazendo dessa forma, que faz a autoavaliação, mas ela diz, eu tenho que comprovar, eu tenho que fazer uma prova, eu tenho que fazer um teste para quando eu precisar comprovar algo, eu preciso comprovar.

R: Exatamente, não conseguimos fugir ainda dessa parte

P: é, é difícil mudar esse percentual a que tanto tempo acontece. O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*?

R: Me colocando no lugar de aluna da universidade, a maioria das vezes eu concordo, como eu já lhe falei, quando o professor já propõe a rubrica vamos pensando, olha realmente, isso aqui, não podemos fugir, por mais que tentemos mentir na rubrica, sabemos que não é bem assim. Na maioria das vezes eu concordo com os professores, porque vai conforme o meu pensamento, se, por exemplo, não for segundo o meu pensamento, se o professor acha isso e eu acho aquilo, temos

que ver onde está o erro. Será que eu não consegui me comunicar com o professor? Ele não recebeu algum trabalho meu? Ou será que eu entendi errado a proposta da disciplina? Mas normalmente eu me sinto avaliada, não só por mim, mas também pelo professor, porque também esse é o papel do professor, não podemos tirar o papel do professor, porque ele está ali, além de eu conseguir enxergar o meu processo, ele também vai enxergar. Então “eu aceito e respeito todos os *feedbacks* dos professores, inclusive teve disciplinas que eu resolvi repetir elas, eu conversava com o professor, ele falava não está tudo certo, tu fazes mais uma atividade, tu consegues. Eu falava não professor, não consegui dar tudo de mim nessa disciplina, eu não consegui aprender o que eu queria aprender, eu fiz os trabalhos e tudo, mas eu não desenvolvi aquilo que foi proposto na disciplina, então eu quero repetir o ano que vem se eu puder de novo”. Claro, atrasa a gente um pouquinho, mas em disciplinas importantes eu fiz várias vezes assim, principalmente nas de língua.

P: Eu imagino que também trabalhar inglês e espanhol seja uma coisa que exige mais de ti, não é somente português, é as línguas no geral, então é algo que tu também te cobra bastante para poder a passar a ensinar o outro.

R: E eu sou uma pessoa muito perfeccionista, às vezes eu fico muito chateada quando eu não consigo dar tudo de mim numa disciplina, eu fico em desanimada, eu converso com os professores, eles falam, não vamos, vamos tentar e tal, mas tem vezes que eu tenho que ser sincera, um *feedback* contra mim mesmo, eu não estou conseguindo, eu não vou deixar de lado, não vou passar por passar, eu vou voltar e fazer de novo. E quando um professor fala, olha, tu precisas melhorar, tu precisas estudar mais, entrega essas atividades. O *feedback* que ele vai te dando é importante, tem que ser humilde, normalmente as pessoas pensam eu não posso errar, estamos aqui para errar e aprender com erros, então eu respeito e aceito os *feedbacks* tranquilamente e também como professora, por exemplo, a escola o Marcelhe tu precisas melhorar nessa parte, nessa, nessa e nessa, quer melhorar então, tem que ser humilde e receber os *feedbacks*.

P: Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: Bom, foi como eu te falei, quando eu recebo um *feedback* negativo, a tendência é a gente se chatear, aconteceu isso, isso e aquilo, mas eu tenho duas opções, ou eu sigo batendo na mesma telha, e rejeito o *feedback*, ou eu pego esse *feedback* negativo e tento melhorar, então, eu penso que em questão de receber os *feedbacks*, normalmente eles são negativos ou positivos, independente, eu acredito que temos que usar aquilo, o erro para nos ajudar. A minha mãe sempre fala, pega os problemas e usa eles de escala para subir mais alto, então, eu acredito que isso também vai impactar nas minhas tarefas, porque se eu ficar emburrada com um *feedback* negativo, eu não vou fazer mais nada e isso vai impactar nas minhas tarefas futuras, como aluna e como professora também. Então eu acredito que temos que ser humildes, e também tem que aprender com os nossos erros, sejam *feedbacks* positivos ou negativos.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Essa parte é difícil, que nem eu te falei, temos que ser sinceros, mas sempre fica com aquilo, e se eu tiver me dando uma nota menos? Porque às vezes a gente se autossabota também, eu fiz tudo o que eu pude, mas eu queria mais. Mas se no olhar do professor for aquilo que ele queria e eu estou pensando que não, então sempre fica nesse meio-termo. Eu penso que a sinceridade é importantíssima, eu me sinto nessa tensão, como todos os alunos, uma pequena tensão, de será que eu estou fazendo certo? Será que não? Mas essa dúvida ela é boa porque estamos se autoavaliando, aquele aluno que nem tem essa dúvida, e vai logo dar um nove, ele não está se autoavaliando. Se eu estou me avaliando, vou pesar na balança, será que eu fiz? Será que eu não fiz? Eu consegui desenvolver ou não? Então tem uma tensão, me sinto às vezes com um pouquinho, uma tensão, mas é importante e sabermos que tem um peso, na nota, mas se usarmos a sinceridade, vai dar tudo certo.

P: É no caso, tu já estás exercendo a profissão, então tu estás refletindo isso nos teus alunos, tu estás seguindo dois papéis, uma de aluna e outra de professora, então tu passas a também se colocar no lugar de professora e entender também o lado do professor.

R: E muitas vezes já te digo agora, no ano passado teve atividades que eu propus para turma e muitos alunos não fizeram, uns tinham problemas familiares, outros não sei se era plataforma, ou faziam outra coisa.

P: A pandemia também

R: Isso a pandemia em geral atrapalhou bastante e teve alunos que chegaram a mim que falaram, professora eu não consegui fazer isso, eu sei que eu não estou sendo uma boa aluna ou aluno, não consegui entregar a atividade, mas eu prometo que vou chegar em casa, eu vou me esforçar, então o aluno também já está se esforçando, se avaliando, já está tentando mudar e percebendo que tem coisas para modificar e muitas vezes quando eu entregava as notas no primeiro trimestre, principalmente, os que ficavam com nota baixa, falavam: eu preciso melhorar, professora o que eu posso fazer para melhorar, onde foi que eu errei o que eu não fiz, aí eu abria o caderno e isso, isso e isso, aqui, vou dar aulas a mais nisso, e é muito interessante, e isso a gente também traz como alunos, assim, porque quando o aluno consegue se autoavaliar quer dizer que estamos dando oportunidades para ele refletir sobre o processo dele e acredito que tenha a ver também com os feedbacks, não só julgar o aluno, mas aqui tu poderias melhorar, aqui vamos trabalhar juntos tanto o feedback, quanto a autoavaliação, são importantes na avaliação geral do aluno.

P: Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: Bom, sim, eu sou uma pessoa muito crítica, às vezes eu até brinco que me impeço de fazer novas coisas com medo de errar, e com medo de fazer aquilo perfeito. Eu lembro que principalmente no ensino fundamental, eu tinha muitas dificuldades em desenvolver o português geral, porque eu sofria muito bullying, então eu não escrevia

no caderno, não lia, não fazia as coisas e eu ficava sempre sentindo que eu não consigo fazer igual os meus colegas, até certo dia que eu tive uma professora eu lembro até hoje a “Rosa”, que ela me incentivou e foi me dando feedbacks, falando tu podes melhorar aqui e aqui, vou te ajudar a escrever, isso era no ensino fundamental, nos anos iniciais, eu me avaliava como alguém que não conseguia fazer nada, claro isso foi mudando, no ensino médio eu fui melhorando a minha autoconfiança, porque precisamos ter essa autoconfiança, temos que estar sempre com a cabeça tranquila, para conseguir fazer aquilo, porque se a gente tiver com um turbilhão de ideias não conseguiremos realizar nada. Eu acredito que eu fui sempre me avaliando, porque eu sou uma pessoa, autocrítica, eu sempre me avaliei em tudo, não somente na escola, mas em relacionamentos, atitudes, era bem difícil, porque normalmente quando se autoavaliamos nos criticamos muito negativamente, então até passarmos por essa crise existencial, e entender que está tudo bem errar. Então, sim, já me autoavaleiei, anteriormente tanto nas disciplinas, como na vida e era bem difícil, bem difícil conseguir, não me cobrar tanto e me entender também, mas com essa autoavaliação da vida eu fui entendendo que sim, está tudo bem errar, até comentar que eu comecei a fazer meu tcc e comecei a falar sobre identidade, e primeira pergunta que me veio a cabeça, quem sou eu? Que é a pergunta clássica, ou quem eu estou sendo na universidade como aluna ou como professor e isso também já é uma autoavaliação, uma autorreflexão, eu tava refletindo, se eu estava indo bem, era aquilo mesmo que eu queria e como que aquilo foi mudando a minha vida, então, sim, a autoavaliação é importante em todas as áreas da nossa vida e eu faço isso a todo momento.

P: Na verdade, nós temos essas atitudes, mas às vezes a gente não sabe o nome científico, muitas vezes estamos fazendo, desde sempre, e temos essa tendência de ser dura consigo mesmo, de se cobrar e de ver a parte negativa, então a gente também se autoavaliando, cresce em relação a esses processos para entender ser natural errar, porque quando tu tiveres um aluno tu vais ter que dizer tu erraste aqui, mas tu não podes falar de tal forma dura, tu não podes ser cruel, então se não somos cruéis com outra pessoa, não podemos ser cruéis consigo mesmo, mas não é fácil, é um processo de crescimento, solitário, mas passa, aos pouquinhos vamos crescendo.

R: exatamente, e às vezes causa muitas e muitas dúvidas porque ficamos pensando será? Será que é isso? A, mas quando nos permitimos errar estou sendo preguiçoso, estou deixando de lado, estou errando em algo, na verdade, a sociedade coloca isso na nossa cabeça, não podemos errar, nós como mulheres temos que estar sempre bonita, temos que fazer isso, fazer aquilo, então aprendemos que não podemos errar, mas a autoavaliação ela permite isso ai: que entendamos que os erros também são formas da gente aprender, da gente crescer de alguma forma.

P: Verdade. Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Bom a diferença é gritante, conseguimos separar em dois mundos, a que não tem avaliação, por exemplo, avaliação tradicional o aluno preenche uma prova, entrega para o professor e recebe a nota, máximo que ele vai receber é um feedback, aqui tu errou, talvez tu tenhas que fazer de novo e é isso. Na autoavaliação o aluno consegue entender porque ele fez, porque ele não fez. Por exemplo, nesta atividade, nesta semana vamos aprender sobre os pronomes: por que aqui eu não consegui escrever o pronome em inglês? Ou, por que eu não consegui colocar isso aqui? A talvez eu tenha usado a minha referência na língua materna, ou usei o Google tradutor e ele traduziu literalmente, então, tu consegues refletir e é nesse ponto da autoavaliação também por rubrica o aluno consegue perceber o processo dele. Neste processo estamos lincando o aluno com o professor. O aluno produz a autoavaliação e o professor, também produz avaliação do aluno. Nas avaliações tradicionais é somente o professor, ele vai avaliar com o x ou o v, está certo ou errado, então acredito ser essa via, temos uma que o aluno participa da avaliação, e a outra que tem somente um professor, penso que essa é uma diferença.

P: É qual tua visão?

R: isso, isso também vai nos métodos de ensino, também né.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Eu penso que a autoavaliação tem que estar na nota final, porque não é necessariamente somente o professor avaliar o aluno, mas o aluno também tem que se avaliar, a importância dessa autoavaliação estar na nota final da disciplina, mostra que o aluno esteve trabalhando com o professor, foi uma aprendizagem conjunta, mostra que o aluno não está sendo somente uma peça ou um número na sala de aula, ele fez parte do processo de aprendizagem dele, essa é a importância.

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura? Ou no caso agora tu já estás inserida, já está trabalhando.

R: Bom, é exatamente o que eu disse, aprendemos com os erros, e tentamos não cometer eles novamente, quando aluna, quando eu estou no papel de aluna da universidade ou na escola mesmo, fui vendo várias coisas que, observando coisas que eu poderia replicar, poderia fazer novamente, e também o que não, por exemplo, no sentido de eu ser avaliada, eu vi algo que eu precisava melhorar e as que estavam ok. E na forma que os professores me avaliavam, eu vi formas que estavam ok, e formas que também não estavam ok. Também vai entrar essa parte de sentimento, olha eu me senti desconfortável quando o professor fez tal avaliação, ou me cobrou tal coisa, ou me senti confortável, ou fiquei incluída quando ele fez tal avaliação, usou dessa forma e não da outra, me ouviu, queremos ser ouvidos, e os alunos também querem, ouvir sobre o que eu pensava sobre mim mesmo, o que eu pensava sobre o meu próprio processo de avaliação, sobre o que eu aprendi e o que eu não aprendi, eu acredito que sim, que essas experiências de observar os professores, observar os métodos de avaliação, eles sim, estão me auxiliando, de

como replicar ou não, uma forma boa de avaliar, reproduzir ou não nas minhas aulas e na escola.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê não?

R: Sim, já uso em alguns, porque o aluno precisa se sentir incluído no processo de aprendizagem dele, ele precisa interagir no processo de aprendizagem dele.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a? No caso tu já foste respondendo gradualmente, no caso se tu quiseses, explicar como que tu fazes a avaliação já, um pouquinho mais sobre como que é esse processo, fica a vontade.

R: A minha avaliação normalmente eu vou fazendo por etapas, então, por exemplo, uma semana eu trabalho com a escuta e a fala, então eu vou avaliar aqueles dois pontos, as habilidades do aluno que ele precisa desenvolver. Irei avaliar também a gramática, que isso não podemos e vou avaliar também o processo dele, como ele foi desenvolvimento, ele teve dificuldade, não teve? Na próxima semana eu pego aquele resultado, e meloro em algum momento. Olha, por exemplo, eu levei uma atividade para eles que era uma gincana, eles tinham que ler uma frase, conversar sobre, como eles entendiam, eu estava tentando passar insumos para eles, então eles teriam que tentar entender, o que eles sabiam a princípio, lendo assim, o que conseguiam entender? Somente olhando. Bom, muitos tiveram dificuldades, ouvi algumas falas como: não consigo, não sei nada. Depois de um momento eles começaram a, mas aquela palavra, parece aquela outra, e eram as palavras cognatas, entendeu? Eles deveriam identificar as palavras que já conheciam. Na próxima aula eu levei um texto e eles deveriam olhar as palavras cognatas, mas eles já foram lembrando, de que na semana passada, eles não se ligaram muito para desenvolver essa parte, e reproduziram falas diferentes como: eu já conheço. Qual é o meu conhecimento de mundo? Então, usar o conhecimento de mundo deles.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a

R: Isso. Bom eu penso em desenvolver uma avaliação com degraus, que vai crescendo, como se diz, uma avaliação somativa, que vai somando erros e acertos, então acredito que seja isso, eu vou avaliar todos os pontos, não somente à escrita final em uma prova, mas também o que ele conseguiu fazer, e o que não conseguiu, se ele melhorou em relação à última aula, se ele desenvolveu as habilidades que a escola pede, o currículo e tudo. Se ele conseguiu entender o processo dele, se ele conseguiu ser crítico com ele mesmo, olha aqui professora eu não entendi, mas eu vou procurar, aqui eu posso, eu coloquei isso aqui e nem sei porque, mas eu vou tentar melhorar, então mais nesse sentido, refletir sobre os erros e ser algo mais processual, algo mais crescente. Não sei se respondi a tua pergunta?

P: Respondeu, entendi

R: Eu tenho esse problema de falar muito

P: Não, mas tu explicou, como está acontecendo, como tu faria, como tu estás fazendo.

R: É, em geral, avaliar todos os pontos, né, não só a gramática, mas também a fala, a escuta e avaliar esse ponto importante que é como o aluno está se sentindo daquilo que tu estás aprendendo, às vezes ele está gostando, porque ninguém aprende o que não gosta.

P: É verdade, então....., deixo aberto para algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, caso queiram complementar alguma resposta. Mas de antemão eu queria te agradecer, pela tua participação, pela tua boa vontade de compartilhar um pouquinho das tuas experiências, dessas tuas vivências. Te desejar, que agora tu falaste do caso de saúde da tua mãe, que tu mãe melhore, que passe e que tudo passa para que essa fase do tcc se finalize porque eu já passei, também sei como é, não é fácil, mas às coisas vão se finalizando aos pouquinhos, muito obrigada!

R: Muito obrigada! Eu que agradeço, ali de um comentário é que às vezes vamos encontrar alunos que não gostam da avaliação através de rubrica ou processual, eles vão te pedir uma prova, eu tenho alunos que me pedem, eu não quero fazer nada, me oferece uma prova no final do semestre que eu faço. E também está tudo temos que respeitar, sim, vamos estar avaliando ele, mas vamos encontrar pessoas que também não querem aprender de outra forma.

P: o que tu achas assim que eles não querem, porque dá mais trabalho pensar sobre si mesmo, será?

R: é eu acredito que sim, geralmente eles dizem assim que eles tem preguiça, de ficar toda aula dizendo se eu gostei da atividade, o que eu posso melhorar, então me dá uma prova no fim, eu faço, é mais fácil, uma aluna que falou isso era do nono ano.

P: Mas é difícil prender essa idade né, ainda mais com a tecnologia

R: Verdade, mas o argumento que ela me usou foi, não professora eu já estudei inglês a vida toda, então eu já sei de tudo, qualquer prova que tu me der eu vou conseguir fazer, porque é currículo realmente das escolas, do ensino fundamental, elas não são tão avançadas como as escolas públicas, então são conteúdos básicos que eles abordam, então, quem faz cursinho, já estudou muito tempo, igual ela disse, eu já fui até para o exterior professora, então eu nem preciso de autoavaliação, não quero ficar fazendo esses trabalhinhos, eu vou só ficar na tua aula para tu não me reprovar por frequência, mas no fim do semestre tu me dá uma prova e eu faço, e tá! Tudo certo.

P: E professora tem que também aprender a lidar com essas situações

R: exatamente

P: nós temos que estar sempre nos adaptando, sempre em formação...

R: não tem o manual de instrução, mas de certa forma conseguimos avaliar esses alunos também. Essa aluna em específico ela não fazia nada na aula, mas ela se sentia de certa forma excluída, porque os outros estavam aprendendo, então ela ficava sentada do lado da outra e ia ajudando.

P: Mas ela estava se envolvendo também

R: exatamente, então de certa forma, ela estava fazendo, porque somos seres sociais, temos que estar com o outro e ela

P: Ela interagiu

R: interagiu e ajudava o colega e não ficava totalmente em branco, mas é isso temos que ter persistência e se errarmos na avaliação que pode acontecer procurar acertar com os erros.

P: Somos seres, humano igual tu falaste, temos que ser humildes, reconhecer os nossos erros, mas estamos nesse processo da vida que tem que reconhecer quando erra e quando acerta.

R: Exatamente, principalmente quando acertamos porque quando erramos é muito fácil de corrigir e se cobrar por isso

P: Eu vou te enviar por e-mail o termo de consentimento

R: Obrigada, tchau

P: Tchau, bom dia

MAURA

Formada na Unipampa, fiz o curso de Letras e línguas adicionais, atualmente faz pós-graduação em psicologia da educação. Tem 40 horas, no estado e da aula do sexto ano, até a EJA no ensino fundamental.

P: Bom dia, então....., tudo bem?

R: Bom dia, tudo bem!

P: São perguntas bem simples, eu vou colocar só aqui no chat as perguntas, só para tu ir se guiando, tá

R: Tá

P: Mas é bem tranquilo, pode ir respondendo bem na calma o que tu não souberes, tu podes me perguntar também.

R: Ta

P: Depois que terminar a entrevista eu vou te enviar um termo de consentimento, que para tu respondes em um questionário do (google) forms, é bem tranquilo também, é só ir marcando e eu penso que deva ter feito.

R: Sim

P: E agora com a pandemia a gente tem usado bastante esse questionário do (google) forms, então para iniciar eu vou pedir para ti falar o teu nome completo, a tua idade, se tu já concluíste a tua graduação ou em que semestre tu está, e é isso.

R: Então, o meu nome é, já sou formada na Unipampa, fiz o curso de Letras e línguas adicionais. Posso começar a responder?

P: Eu vou fazer o primeiro questionamento: O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?

R: Então, eu não o conheço o conceito, nunca pesquisei sobre este conceito, o que eu posso dizer que quando eu escuto avaliação formativa, parece aquela avaliação mais formal, comum, um teste, uma prova, algo que sirva como documento para posteriormente eu estar utilizando.

P: Formativa isso que tu entendes?

R: isto

P: E dialógica? O que vem a cabeça sobre avaliação dialógica?

R: Então, quando eu escuto a palavra dialógica, parece que algo relacionado a diálogo, que possivelmente é, porém, eu não sei o termo, nunca pesquisei sobre.

P: Como você se sente (como você se sentiu), na condição de aluno/a, com o processo avaliativo? Não sei se atualmente tu estás estudando algo?

R: atualmente eu estou fazendo a minha pós-graduação em psicologia da educação, eu vou responder como eu me sinto, em relação ao processo avaliativo. Para mim, é de extrema importância, mas eu não concordo que esse processo avaliativo se de através testes e provas porque o conhecimento vai muito, além disso. Quando eu faço uma avaliação, eu me sinto bastante nervosa e eu creio que quase todos os alunos se sentem assim, eu fico nervosa, eu fico apreensiva, essas duas características que eu posso dizer que eu fico em relação à avaliação.

P: De forma geral, como percebe a avaliação? Sem falar dos sentimentos, mas podendo falar dos sentimentos, mas como tu percebes o processo avaliativo no ensino e na aprendizagem?

R: Então, eu, quanto professora, eu percebo ser uma construção que vai se dando por um percurso que vamos trilhando. Como aluna eu percebo avaliação como se fosse uma prova, um teste se eu aprendi aquilo ou se eu não aprendi.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Sim, eu considero importante, até para eu poder fazer uma auto-análise e uma autocrítica sobre mim mesmo, será que eu fiz o melhor? Será que eu não poderia ter sido melhor? O que eu poderia ter mudado para tirar uma nota maior? Para poder ser avaliado de uma forma diferente? Eu penso que acabamos se cobrando até um pouquinho mais, do que só fazer uma prova, um teste elaborado por um professor.

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Então eu vou pedir tua ajuda porque eu nunca fui avaliada através de rubricas, se tu puderes me explicar.

P: No caso, quando tu foste aluna da Valesca, e tu não teve nenhuma experiência, é tipo um quadro com escala de avaliação, onde que está especificado, por exemplo, excelente, tu tens que fazer tal coisa, suficiente, ótimo, daí em cada requisito vai aparecer o que tu precisas fazer, tu sabendo o que tu vais fazer, é como se fosse um quadro explicativo, no caso tu vais lá,

se eu fizer, isso, isso e isso eu vou receber um excelente, e se eu não fizer nada, eu não vou receber nada disso. No caso, eu não sei se tu já avaliada dessa forma? Por nome talvez não conheça, que isso é um nome da escala de avaliação, mas eu acredito que Valesca, no caso, já tenha utilizado isso.

R: Sim, eu já fui aluna da professora 1 e da 2, então eu já utilizei bastante, agora tu explicando eu já entendi. Já utilizei bastante e eu penso que de certa forma é o melhor sabe, por quê, “tu sabes como tu vais ser avaliado, tu sabes quais requisitos tu vais estar sendo avaliado, e tu podes cobrar depois: olha, eu acredito que na parte da oralidade que é o que a professora 1 mais cobrava da gente. Eu poderia ter sido melhor. Ou não, não concordo com essa nota. Ela sempre dava um espaço para podermos perguntar o porquê da nota. Então eu acho super importante ser avaliada dessa forma, eu particularmente gosto bastante de avaliar e de ser avaliada” dessa forma.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual? Tu tens alguma preferência, qual metodologia, como, no caso tu já estás inserida nesse papel de aprendizagem na escola, qual tu preferes? Qual tu consideras? Tu tens experiências, tu não tens?

R: Então eu sempre procuro ser o mais transparente possível quando eu vou avaliar um aluno. Eu trabalho numa escola do estado, então eu prefiro que o aluno saiba por rubricas como ele vai ser avaliado para que depois não se surpreenda e depois ele não diga como eu tirei essa nota? Tendo um manualzinho sabendo como ele vai ser avaliado, com certeza é a melhor forma e também eu prefiro o uso de rubricas.

P: O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*?

R: Então quando eu ingressei no curso de letras e línguas adicionais, eu me sentia muito mal com *feedbacks* porque eu não sabia inglês, então cada vez que eu lia que eu via que não foi legal, que não tava bom, eu sentia que não iria conseguir nunca aquilo que a professora queria, nunca ser aquilo que a professora queria. Mas com o tempo eu digo que o curso foi me moldando, as professoras foram me moldando, através dos *feedbacks* eu sabia o que eu poderia melhorar, e o que eu não poderia melhorar. Eu me cobrando também, porque às vezes não damos o máximo que poderíamos dar, e através dos *feedbacks* podemos mudar, avançamos naquilo que estamos errando, então eu acho extremamente relevante, extremamente importante. Para podermos também construir nossa identidade acadêmica.

P: no início tu sentiste medo? Com algo novo e no final, assim esse *feedback* passou a ser positivo ou negativo? Como tu percebes?

R: Hoje analisando eu sinto que todos os *feedbacks* foram positivos, assim, para mim, porque eu acabei me cobrando mais e hoje eu melhorei e hoje eu avancei graças aos *feedbacks* de todos os professores.

P: Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: Se o professor me disser assim: tu tentas usar mais o uso dos pronomes em inglês, ou em espanhol, isso aqui está errado, a estrutura não é essa, usa de tal

forma. Eu sei que no próximo trabalho que eu for realizar preciso usar mais pronomes, eu vou saber uma estrutura, eu vou saber como utilizar, entender como fazer. Então eu penso que ele vai impactar no termo de como eu vou fazer posteriormente o trabalho, o qual eu já recebi um *feedback* e sei o que eu preciso mudar.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Então, eu posso dizer que eu me senti um pouco apreensiva, sabe de como que é que eu vou me autoavaliar, eu penso que isso é um papel do estudante muito difícil, se não o mais, é quase. Porque tu começa a pensar e tu sabes que tem que ser uma nota que tu mesmo te daria, não adianta eu colocar 10, mas tu sabes tudo que está merecendo um 5, a tua consciência não vai ficar tranquila, entendeu? Então eu sempre tentei fazer o melhor possível, mas eu me sentia bastante apreensiva.

P: Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: Eu nunca me autoavalei na escola, nunca me deram essa oportunidade, nunca me ensinaram o que era e onde eu estudei o professor dizia: é aquilo e ponto acabou. A palavra dele é a última, eu nunca tive essa oportunidade somente na graduação mesmo.

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: Penso que as diferenças entre as experiências é uma que vai possuir, a palavra do professor vai ser a última e acabou, o que ele pensa e eu não vou saber o que eu devo mudar, não vou saber nada. No momento em que eu vou me autoavaliar, eu mesmo vou colocar, igual eu falei, a mão na consciência, ah! Eu mereço cinco porque eu não fiz isso, não entreguei no prazo, eu não escrevi como deveria escrever, aqui dizia as normas e eu não fiz. Eu penso que a autoavaliação nas avaliações, assim, por exemplo, fiz as cadeiras com a professora 1, todas as que tinham autoavaliação eu senti alívio para escrever sobre mim, mas dizia-me mesma porque eu não fiz melhor? Então eu acho mega importante essa autoavaliação, porque tu observas no final do semestre, no caso, de graduação, o que deveria ter mudado e o que não, e que a palavra do professor não é a última e a única que vai entrar, porque tu vais ter o teu espaço.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Então eu como aluna pensava assim “Vai subir a minha nota”, porque eu sempre fazia tudo o que elas pediam, entendeu? Eu sabia que no final ia somar na minha nota, não ia diminuir também, porque eu entregava tudo no prazo, fazia tudo certo ou tentava. Eu lembro que teve ocasiões que eu também não consegui. Então eu sabia que a minha nota ia ser menor, porém as professoras sempre falavam não tu estás se cobrando demais.

P: Penso que tem isso, e alguns alunos que eu também fiz a entrevista, exemplificação que sentiam uma pressão, se cobravam demais, era uma autocobrança, quando passaram a se autoavaliar.

R: Sim, bastante

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura?

R: Eu penso que em uma palavra apenas eu descreveria isso que seria “empatia”, sentir o que os alunos estão sentindo naquele momento, por já ter passado nesse processo igual a eles, então me ensinou a ter empatia.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê! Não?

R: Eu utilizo porque trabalho nessa área. Então utilizo essa metodologia porque eu penso que assim eu vou estar somando para que o aluno possa formar a identidade dele, acadêmica, mesmo eles estando na escola, temos esse termo acadêmico não é só na faculdade, é quando estamos dentro de uma sala de aula ensinando. Os alunos perguntam muitas vezes se é somente nota, teste e prova? Eu repondo: tu vais ser autoavaliar. Então ele sabe que vai ser cobrado. Os meus alunos já foram ensinados, eu utilizo formar a identidade acadêmica deles, para eles poderem também se avaliar.

P: Quais anos tu estás dando aula?

R: Então eu tenho 40 horas, no estado e dou aula do sexto ano, até a EJA no ensino fundamental.

P: então pega os alunos maiores, é importante no caso tu já estás trabalhando a autoavaliação com eles.

R: isso, sim.

P: E na EJA como fica?

R: Então na outra avaliação eu peço primeiro para eles escreverem um texto, como o que eles pensaram do semestre, o que eles aprenderam, então como eles avaliam o papel do professor. E eles reclamam muito porque trabalhar com pessoas que estão no quinto ano, dizem professor eu não sei escrever, então fica bem difícil porque ainda eu tenho que ajudar eles a escreverem também, não é só aquilo, escrevam tal coisa, É fica bem difícil, quando se trata de falar deles se torna bem complicado.

P: Eles estão no processo de alfabetização ainda?

R: Isso

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a? No caso tu já respondeste, se quiseres contar como é o processo avaliativo? Se tem cobranças da escola ou se tu és livre para fazer o teu processo avaliativo? Da autoavaliação, como é?

R: Então na escola onde eu trabalho entregam um papel com os assuntos relacionados que eu preciso trabalhar aquele ano com os meus alunos, porém na hora de avaliar, é livre para o professor avaliar do jeito que quiser. Porém, como todos os professores sabem, precisamos de um documento que comprove. Caso precise comprovar algo, eu faço: trabalhos, testes e provas com eles, tudo isso mais autoavaliação. É trimestre, no último dia do trimestre, antes de fechar as notas eu digo: fechem os cadernos, peguem uma folhinha, e agora vocês vão se autoavaliar

e o que é isso professora? E eu digo: que nota vocês dariam para vocês mesmos nesse trimestre? Eu exemplifico, em relação aos trabalhos vocês entregaram? Em relação ao teste, vocês estudaram bastante? Vocês estudaram um pouco? Ou não estudaram nada? O que vocês poderiam mudar? Eles vão lá e escrevem. E eu digo: o que vocês pensam que o professor deveria mudar nesse próximo semestre? O que ele pode levar a vocês no semestre que vem? Eles vão lá escrevem. Já tive comentários de alunos que preferiam realizar a autoavaliação do que os testes, porém como temos documento e uma pasta, olha fulano fez isso, fez aquilo, até eu poder comprovar, então, eu já tive que pedir feedback de aluno que preferia realizar Autoavaliação do que avaliação.

P: E esse testes como que tu faz, um teste, uma prova?

R: Então eu procuro, por exemplo, vamos ter uma data festiva agora em março. Como eu dou aula de português para eles também, eu digo assim. Gente vamos escrever em maio, por exemplo, o Dia das Mães. Façam um texto sobre mãe, ai eles vão lá e fazem um texto, esse já é um trabalho avaliativo, eu cobro bastante textos, porque realmente eles têm um déficit de escrever assim, então eu cobro bastante, gente, teste, dei esse conteúdo, esse conteúdo e esse, vai cair só esse, os outros dois a gente deixa para a prova, ai eu faço sempre uma revisão toda aquela matéria que vai cair no teste, faço uma revisão de toda aquela matéria que vai cair na prova, E, nessa altura eu dou a prova para eles, eu dou um teste para eles. E como eu falei no último dia, eles fazem autoavaliação.

P: E na pandemia, agora vocês já retornaram? Durante a pandemia como que ficou a situação, do processo avaliativo?

R: Durante a pandemia, nós damos aula também para crianças e adultos em extrema vulnerabilidade, então dava aula pela internet, porém, eles não tinham acesso à internet, e sabemos que infelizmente grande o índice de pessoas que não tem internet em casa, e faziam mandava para a escola e escola imprimia e entregava na mão dele, e aí o que acontecia, eles muitas vezes não faziam o trabalho, porque eles não entendiam, não estavam assistindo aulas presenciais, por um celular, por um computador, com um professor explicando como que é, e pegava nos dados da matrícula o telefone da pessoa, eu fazia isso, como falei por mim, pegava ligava, mandava uma mensagem, fulano tu estás, entendendo quando eu falo em substantivo, substantivo é o que dá nome a coisas, a seres e animais, tu entendeste o que é isso? Então sempre eu mandava um áudio para eles dizendo sobre aquele conteúdo que eu estava trabalhando com eles, para que eles não ficassem nadando no conteúdo, porque eu me cobro bastante como professora, então eu pegava na pandemia e mandava, o tema hoje vai ser adjetivo, adjetivo é aquilo que caracteriza algo, para eles poderem acompanhar com a turma, por menos que seja, é algo que eu achava importante de se fazer.

P: E no caso o processo avaliativo ficou meio distante, por causa desse distanciamento

R: É o processo avaliativo deles, esses que estavam online em casa não fizeram autoavaliação, e os testes que lhes mandava as provas serem impressas na escola, muitas vezes, eram entregues em branco porque não faziam.

P: Agora eu vou deixar aberto, se tu quiseres fazer algum comentário a respeito dos assuntos questionados, se tu quiseres complementar alguma resposta, fica bem a vontade.

R: Eu acho de extrema importância esse trabalho que tu estás realizando até para saber de diferentes pontos de vista: O que é uma avaliação? O que é autoavaliação? Então depois, se tu quiseres compartilhar os dados comigo, fico muito feliz de saber também.

P: Claro compartilho, sim, para mim também é uma novidade porque cada entrevista que eu faço, Eu fico pensando do ponto de vista de cada pessoa, no caso tu já estás inserida no ambiente, no campo educacional, nas escolas, então a tua visão, já mudou a minha percepção, também Deixa claro que, enquanto tu tentas mudar esse processo avaliativo, fazendo autoavaliação, utilizando as rubricas, tu precisas entregar a nota final do teste de comprovante de que aquele aluno fez, e refletir sobre, conversando com outros alunos que estão ainda no processo de gravação e tu no caso já terminou, tu se for formou, tu seguiste, que está tentando modificar, que estão trabalhando sobre a autoavaliação, Então é o que faz eu refletir porque cada pessoa que eu converso eu vejo um ponto de vista diferente, e quanto estiver pronta se deus quiser, a até a metade, esse ano eu finalizo, compartilho com maior gosto com vocês, queria te agradecer também pela tua disponibilidade de tempo, que eu sei ser uma correria, queria te agradecer e contar um pouco como é esse processo avaliativo na escola onde tu trabalhas.

R: Capaz eu que agradeço, eu estando de férias podendo ajudar, é muito gratificante, podemos auxiliar alguém em uma pesquisa porque, eu também já pesquisei sabe fazer um trabalho de conclusão de curso, sei o quão difícil é, e quantos vezes a gente não tem para quem perguntar, que recurso usar, e muitas das poucas são aquelas que se colocam sabe para nos ajudar, então.

P: Obrigada, ainda mais agora que eu tive que enviar mensagens nas redes sociais. Para alguns porque eles estão recebendo muitos questionários pelo e-mail, em função da pandemia, as pessoas estão pesquisando assim, e fica difícil porque temos que ir atrás, pesquisar, não é fácil, tem que ir atrás dos participantes, mas vai dar tudo certo, Graças a Deus já consegui bastante para fazer as entrevistas.

R: Vai dar certo sim

P: Eu queria te agradecer Marieli

R: Muito obrigada

P: Eu que agradeço, bom dia

22 anos e eu concluí a graduação no ano de 2021, trabalha com revisões e outras tarefas do tipo.

P: Oi!, tudo bem?

R: Oi! tudo bem

P: Então, só para te informar é referente, sobre o processo avaliativo, o qual tu cursaste, eu penso que tu finalizaste.

R: Sim,

P: E foi nas disciplinas da professora 1 e da professora 2, é sobre avaliação formativa e dialógica, são perguntas em tranquilas, o que tu não souberes não tem problema, tu poderás perguntar, tá bom?

R: Ai eu vou colocar as questões, aqui no lado, no chat, vou colar agora, somente para termos um embasamento.

P: Para iniciar, então, eu gostaria que tu falasses teu nome completo, a tua idade e em que ano tu concluíste a graduação

R:, eu tenho 22 anos e eu concluí a graduação no ano de 2021

P: Após o término da entrevista, eu vou enviar para o teu e-mail um termo de consentimento, para ti, preencher pelo google forms, questionário, que é referente as horas adicionais que tu participaste da entrevista. A primeira pergunta, então, O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?

R: Bom, avaliação formativa, se refere a uma avaliação, com o intuito de formar, de formar o pensamento crítico, digamos assim, dos alunos, no caso das disciplinas, aprendemos a se autoavaliar para poder avaliar os trabalhos dos nossos alunos futuramente.

P: E dialógica?

R: Não sei, algo como, uma avaliação que não parte somente do professor mas também do aluno, onde há uma troca, o aluno se autoavalia e o professor autoavalia essa avaliação. Se aquela avaliação realmente corresponde com o que o aluno fez durante o semestre.

P: Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo?

R: Eu ainda acho difícil como aluna, avaliar e às vezes acho difícil me autoavaliar também como foi em questão das disciplinas, a questão da rubrica de perceber, se você foi bem ou não, quais pontos você foi bem, então como aluna eu sinto que eu tenho essa dificuldade de me avaliar, de me perceber, tanto os pontos bons e os ruins.

P: De forma geral, como percebe a avaliação?

R: Eu penso que a avaliação não é simplesmente dar uma nota, ou dizer, por exemplo, você foi bem ou você foi ruim, mas perceber, pontos a serem melhorados, aonde a gente ainda está errando, o que podemos fazer melhor do que, então a avaliação serve para termos esse *feedback*, pensar e refletir, ah eu penso que aqui não está ótimo, dá para melhorar. Então, quando fazemos esse exercício de autoavaliar com as rubricas, por exemplo, que foi no caso das disciplinas, a

conseguimos observar a nossa evolução, a avaliação serve para nós mesmos percebermos a nossa evolução e também para o professor poder pontuar, você pode melhorar aqui. Ainda dá para fazer mais. Aqui está bom. Não está tão bom, mas não simplesmente para qualificar o aluno com nota dez ou com nota cinco.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Eu acredito que sim, no início achei um pouco difícil quando começou com as rubricas, porque os professores anteriores não aplicavam essas rubricas, essas autoavaliações, a primeira vez foi com a professora 2 e depois com a 1 que eu tive contato depois, foi uma experiência interessante, mas no início é difícil, as minhas primeiras rubricas, por exemplo, em inglês e depois a minha última, eu sempre me avalei inferior à avaliação do professor e o legal disso é que o professor também avalia, e vale tanto a nota do professor, quanto a minha. Perceber que eu não soube enxergar a minha evolução, porque eu tenho dificuldade para admitir às vezes, e eu me autocrítico, ou eu acho mais fácil me julgar do que julgar os outros, então, talvez se eu fosse avaliar o meu aluno, eu teria uma empatia um pouco maior de pensar não, mas evoluiu. Aqui mandou bem, ele merece um ponto a mais, comigo, difere, eu consigo me criticar mais a ponto de não me dar uma nota boa, por exemplo, eu me dou sempre regular, porque eu penso assim: ainda não está bom o suficiente, dá para melhorar mais, ao contrário vai ficar parecendo que eu estou pensando que eu cheguei lá, e ainda eu não cheguei. Então é muito importante, ajuda a gente a refletir e ajuda muito também quando é às duas pontes, ele vai me avaliar e eu vou me avaliar, e quando eu observo a avaliação do professor, eu vejo que foi maior que a minha, eu percebo o quanto eu me crítico, o quanto eu sou rígida comigo mesma, ou quando eu me avalio em alguns casos algumas pessoas se avaliam com nota maior, elas percebem, o professor percebeu coisas que talvez eu não percebi, então faz refletirmos bastante sobre o nosso processo, sobre como a se vemos, se avaliamos e como o professor vê isso.

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Eu acho mais interessante, eu gosto mais do que provas, por exemplo, porque eu não trabalho, eu ainda não dou aula em escolas, por exemplo, eu trabalho com revisões e outras tarefas do tipo, mas se eu pudesse escolher entre aplicar uma prova, e aplicar uma rubrica, avaliar por rubrica, eu penso ser mais válido, porque o aluno percebe a evolução. Conseguimos observar na rubrica, eu gosto mais da ideia de uma avaliação gradual, de ir observando os trabalhos ao longo do percurso. Eu fui formada em uma escola e já faz um tempo, no fundamental e no médio aonde era uma prova final, e era essa prova que te definia e a ideia de você saber do seu processo com a rubrica, você se avalia depois, na questão da pronúncia eu melhorei de tal forma, eu to melhor que na escrita, por exemplo, no meu caso eu sempre avalei a minha escrita um pouco abaixo, e sim em espanhol ainda tenho alguns pontos a melhorar, mas eu consigo avaliar as coisas em separado, uma prova simplesmente tem uma nota que definiu todo o meu processo do meu ano inteiro, e eu o meu ano inteiro não é definido por uma nota e sim por vários processos. Teve,

momentos que eu mandei muito bem, teve, momentos que eu não fui tão bem e na rubrica eu consigo ver isso, ser avaliado pela rubrica me faz eu ver o todo, me ajuda a perceber o todo, meu processo e a minha evolução na totalidade. Então eu acho mais interessante do que uma prova, não desmerecendo as provas, mas talvez se fossem pequenas provas ao longo do semestre, pequenos trabalhos que ao final fossem por meio da rubrica, e pudéssemos ver: nesse quesito, nesse aqui fui de tal jeito. Fui melhor. Eu fui evoluindo porque conseguimos perceber que no início do semestre a nossa pronúncia estava ruim, e a escrita, por exemplo, quando começamos fazer os diários, eu consigo perceber que nos primeiros diários eu escrevia bem pouco e falava o que aconteceu e deu. E nos últimos eu refletia sobre o que aconteceu, eu trazia outros pontos, o que acontecia na aula, aquilo que foi mostrando, conseguimos perceber, todas as pequenas tarefas, nos ajudam a perceber o todo, processo, como nós melhoramos, no início era de um jeito, no final era de outro jeito, para melhor.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual? Eu penso que até tu respondeste, mas se tu quiseres falar mais algo.

R: Sobre essa pergunta foi o que eu falei anteriormente, eu penso que a ideia de rubrica para mim, é mais interessante, eu não tive acesso a outras grandes formas de avaliação, é a rubrica porque foi implementada pelas professoras, mas as outras disciplinas geralmente eram provas e trabalhos, eramos somente avaliados, e era somado tudo dividido, geral, então das formas que eu tive acesso ao longo da minha jornada na escola e acadêmica, na Unipampa, eu considero a mais interessante e a melhor delas que foi a rubrica, tanto para inglês quanto para espanhol, me ajudou muito, e eu fui avaliada de uma melhor forma para conseguir perceber os aspectos em separado, eu consegui perceber como estava a minha pronúncia no espanhol, a escrita, porque não é tudo uma coisa, vai ter pessoas, por exemplo, que tem mais facilidade para falar e se desenvolver em espanhol que eu tenho mais facilidade e eu conheço colegas que escrevem melhor, com uma escrita ótima, tu consegues ver separado a gente não é ruim de um todo, temos aspectos em que manda melhor, mas da bem e aspectos que temos com certa dificuldade, então eu acho mais interessante isso, conseguimos observar as coisas em separadamente.

P: O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*?

R: Então, ainda até hoje eu recebo *feedbacks*, no trabalho a gente também recebe, eu sempre acho o *feedback* muito importante, mas eu penso ser difícil dar *feedback* tem que tomar cuidado para dar *feedback*, até eu mesmo que reviso textos, que eu trabalho com isso e eu reviso textos de outras pessoas, eu acho o *feedback* uma coisa importante, mas delicada temos que saber dar *feedback*. Eu tive um projeto de monitoria que eu tive que dar *feedbacks* para esses alunos e eu sempre fui muito orientada nessa questão, temos que ter muito cuidado com a pessoa que está recebendo aquele *feedback*, e os *feedbacks* que eu recebi, maior parte deles foram positivos, que me ajudaram muito, na questão do inglês desde o meu primeiro dia na Unipampa, eu tinha muita dificuldade, sempre tive muita dificuldade com o inglês,

mas eu sempre recebi *feedbacks* muito positivos. Na questão é normal errar, erramos, no começo vai ser difícil, mas você está evoluindo e eu gostava disso, por exemplo, a professora 2, mostrou muito isso, da minha evolução, ela tentava me fazer enxergar a evoluindo, por mais que tu cometes alguns erros, ta dando certo, é devagar e sempre, conseguimos, com a professora 1 foi a mesma coisa, eu tive pouco contato com as aulas dela, porque foi mais no final do curso que eu encontrei com ela em uma disciplina, mas eu senti os *feedbacks* muito positivos e certos. Deram muito certo, sabe. E gostei muito porque nas rubricas ela me autoavaliou melhor que eu e por mais que não tenha dito nada, eu entendi, eu me autocritiquei muito naquela avaliação, eu fui muito rígida, eu falei, nos meus áudios mesmo eu sou muito de pontuar, eu falava eu erreí isso, eu erreí isso aqui, até no diário eu conseguia dizer no dia tal eu falei, tal coisa errada, eu disse a palavra tal, eu critico os pequenos erros e não olhava o todo, tipo, mas no todo eu mandei bem, no todo eu melhorei, evolui. Então, os *feedbacks* são muito importantes e como eles são dados, faz toda a diferença, esses *feedbacks* mais secos, que simplesmente pontuam: você errou isso. Você errou aquilo. Eu não considero eles construtivos, eu considero eles muito rígidos e o aluno somente sabe simplesmente que ele errou, e eu penso que como a professora 1 e a professora 2 fizeram isso, foi ótimo, porque elas, simplesmente, não disseram: tu erraste ou aqui está teu erro. Elas falaram: ah! Aqui poderia ter melhorado. Você pode fazer de tal forma para ficar melhor. A pronúncia não está boa, mas prática em tal, em tal aplicativo. Faz de tal forma, que vai chegar lá, que vai dar certo. Então é essa ideia de mostrar para o aluno que ok, hoje você cometeu esse erro, mas praticando um pouco mais na próxima vez, na outra semana vai ficar ok e vai estar melhor e tudo bem, então foi bem positivo.

P: Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: Já teve muito impacto porque antes de sair da graduação, quando eu consegui esse meu primeiro emprego, eu precisei dar muito *feedback*, não um emprego que vamos às vezes para o mais obvio, pelo que eu esperava. Peguei tarefas que eu não estava acostumada, essas tarefas eu precisava dar *feedback*, eu precisava corrigir outros textos e dizer, se texto o estava bom ou não, não é no sentido de dizer se esse texto estava bom, e como elas me deram *feedbacks* foi positivo porque eu entendi como eu deveria fazer ou a melhor forma de se dar um *feedback*. Hoje em dia eu olho um texto e eu não digo simplesmente isso aqui está errado, não. Eu olho aquele texto e eu sugiro, você pode fazer de tal forma que fique melhor assim e como você usa as palavras faz toda diferença para aquela pessoa que vai receber, então, isso me impactou muito porque eu aprendi vendo e eu sigo aquele raciocínio de que a aprendemos mais vendo, com os outros, não faz o que nos dizem, fazemos o que nós vemos “ações”. Desde criança o que vemos os nossos professores, e refletimos não quero ser como aquele professor, eu quero ser esse porque me impactou de uma maneira positiva. Então os *feedbacks* da professora 1 e da professora 2, sim, impactaram muito positivamente, porque eu aprendi, eu entendi, um *feedback* certo, um *feedback* bom que faz a diferença para as minhas tarefas

hoje no trabalho, para não dar um *feedback* não ríspido, mas para eu saber dizer para aquela pessoa não está tão legal, mas se você fizer de tal forma, fica bacana, o que você acha? Estou te sugerindo, e a pessoa vai ler aquilo e vai pensar: opa, é uma sugestão super válida e eu vou aceitar. Agora, se você diz isso aqui está errado, você errou. A pessoa, eu me sinto mal quando eu recebo um *feedback*, mais seco, por exemplo, até mesmo no trabalho eu fico pensando, poxa, não sei fazer aquilo, eu não sei fazer nada direito, é assim que ficamos quando o *feedback*, é meio, seco, ríspido. Eu semana passada recebi um feedback e pensei puts, achei esse *feedback* meio seco, ah eu fiquei, eu não sei fazer nada direito. Não, tu erraste e é normal errar, às vezes escrevemos uma palavra errada, falamos uma palavra errada, então como a pessoa fala ela te influência bastante assim e aprender com elas me ajudou a tentar não ser esse tipo de pessoa.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Então, eu gostava e não gostava, como eu posso dizer? Eu gostei, eu achava interessante e eu achava justo. Eu estou dando parte da minha nota, sou eu que estou ali, mas o que eu não gostei é que eu não sabia me avaliar, eu me subjugava ou me criticava muito, o que eu falei antes, eu era muito mais ríspida comigo, eu fiquei, na última disciplina que eu fiz com a professora 1, eu fiquei triste, mas comigo mesma, a professora 1 me deu uma nota máxima, eu me dei uma nota baixa, essas notas somam, então, se eu não fiquei com o máximo não foi culpa do professor, foi culpa minha, foi como eu me avaliei, eu pensei eu não sou capaz de pensar, de me avaliar conscientemente bem para entender que eu mandei bem, entendeu? Mas eu fiquei pensando é um processo, eu estava aprendendo a me avaliar e está tudo bem, eu me avaliei com uma nota inferior, mas ainda eu tenho problema com isso e isso é para vida, assim, não sei me avaliar muito bem, eu sempre me cobro mais, eu poderia ter feito melhor, que dava para fazer melhor, e sabemos que dá, mas às vezes temos que entender quando mandamos bem, importante e eu não sabia fazer isso muito bem, eu sempre me avaliava com uma nota inferior do que o professor dava, inglês era a mesma coisa eu sempre dei uma nota mais baixa, mais mediana, eu gosto do mediano, é a zona de conforto, eu tenho um problema de sair da zona do conforto e dar uma bem alta, porque você está mostrando para o seu professor que você manda bem e te dar uma nota muito baixa, é dizer poxa eu sou ruim, eu não mando nada bem e uma nota meio-termo é zona de conforto, eu não estou nem me achando demais, nem de menos, e então eu sempre fazia isso, porque eu ficava confortável, eu sabia que, não iria reprovar com uma nota razoável, mas também não vou ser o bonzão e tirar a melhor nota. E foi o que aconteceu, recebi uma avaliação super boa e me dei uma avaliação bem mediana, claro a minha nota não ficou ruim somando, somando às duas ela fica uma nota super boa, mas ela não fica a máxima e poderia ter ido para o meu histórico e você pensa poxa poderia ter ido para o meu histórico? Foi uma nota “top” e não foi porque eu me avaliei inferior, mas eu acho porque eu estou aprendendo ainda, terminei a graduação faz pouco,

então, com o tempo entendemos melhor e conseguimos perceber melhor, quando mandamos bem, ou quando não foi tão bem.

P: Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: Eu nunca tive esse modo de avaliação na escola, penso que não, na escola era o professor que te avaliava, você não se autoavalia, mas eu tenho-me que sempre nos autoavaliando, quando fazemos algo, antes de entregar, eu já me autoavalei, porque eu penso duas vezes antes de entregar algo para alguém e eu estou me autoavaliando, isso aqui está bom o suficiente, eu já posso entregar? Na escola era assim, eu pensava esse slide está o bom suficiente? Posso enviar? Esse trabalho que eu escrevi está bom o suficiente? Então, sim, se autoavaliamos, por mais que não tenhamos isso como um “método avaliativo” que está descrito no plano de ensino, naquela aula, naquela escola, estamos se autoavaliando, porque temos que pensar sempre duas vezes antes de enviar algo para o professor, a maioria das pessoas faz isso com todo mundo, escreve e fala para o professor olhar, porque temos que ver se aquilo está bom, se autoavaliar, eu fiz isso bom? Ta boa? Da para enviar? Isso já é uma forma de se avaliar, de ver eu fiz isso bem, e quando recebe as nossas notas no fim de tudo faz uma avaliação foi bom sabe? Eu concordo com isso, eu mandei bem mesmo ou será que não? Então, sim, eu sempre fui muito crítica, eu não era das melhores alunas, mas eu era crítica, no sentido de que se eu ficasse de recuperação, eu já ficava, o que eu fiz? Não dá certo isso ai, e eu já ficava diferente, então era essa crítica e eu sempre fui muito assim, na faculdade foi a mesma coisa, a primeira vez que eu reprovei, porque é normal reprovar, na faculdade mais ainda, na escola eu nunca (reprovei), mas na graduação eu tive a minha primeira reprovação que é algo diferente, quando estamos na escola não tem muito isso. Se criticamos muito, quando reprovamos uma vez, sim, eu me critiquei muito, mas eu acho interessante porque buscamos melhorar, se autoavalia e vê que não está bom e corre atrás, entendeu.

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: As que não incluem, não fazem o aluno refletir sobre seu próprio processo, não sei, as que não incluem elas são simplesmente o professor avaliando o aluno, dizendo se o aluno é bom ou não, mas não ajudam o mesmo a fazer esse esforço de entender o porquê ele não mandou bem. Quando você faz o aluno se autoavaliar, você faz o aluno entender porque quando os professores dão nota, os alunos ficam brabos, nós somos alunos e às vezes recebemos uma nota, e se pergunta porque eu recebi essa nota? Queria uma nota maior, queria uma média melhor. Agora se eu me autoavaliao, eu entendo o porquê daquilo, realmente eu não fui muito bem, sabe? Essa nota está certa, então eu penso que a avaliação quando ela tem autoavaliação, é legal para o aluno perceber, o aluno refletir sobre seu próprio processo. O aluno entender aonde ele não mandou bem, e ele pode até argumentar, mas ele vai ter estudado sobre aquele processo, sobre aquela nota, ele vai ter refletido, e percebe que realmente eu não mandei muito bem, eu não entreguei esse trabalho aqui. Nas rubricas geralmente tem partes que você dá nota para sua

organização, entregar todos os trabalhos no prazo, dentro da sua pasta no drive, no nosso caso, é uma coisa com computador na escola, nem todas tem sabemos disso, mas se fizesse na escola, por exemplo, o aluno, ia lá na pasta dele, nas folhas dele, no material que ele tem em casa e ele olha e vê se eu entreguei tudo mesmo, tipo eu dei tudo para professora? Eu tenho tudo escrito no meu caderno? E ele vai ver que realmente ele não é organizado, ele vai entender o porquê ela deu aquela nota, eu também não posso me dar uma nota tão alta assim, porque eu não mandei bem, será visto, ele irá buscar. Quando me autoavaliar eu ia na minha pasta, eu olhava se eu entreguei todas as coisas no prazo, as datas, por mais que eu soubesse que eu fiz no prazo, conferimos, eu entreguei tudo no prazo? Não faltou nada? Vou lá e olho, fazemos esse esforço de voltar para trás e ver, eu também voltava nos meus diários porque era neles onde eu coloquei algum erro, se eu falei algo errado e contava cada passo, cada coisa vale e eu penso que se fizerem isso na escola o aluno também vai ter esse trabalho de voltar e refletir e se ele quiser questionar, ele talvez tenha argumentos para questionar, porque ele foi atrás e ele entendeu, olha eu realmente fiz isso aqui. Entreguei esse trabalho.

P: Entendi, Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Em alguns casos ela é boa, mas eu ainda sinto insegurança porque eu sei que às vezes o aluno não sabe se autoavaliar, e eu não vou dizer que eu acho errado, mas é como se eu achasse errado, injustas vezes o aluno se dar uma nota alta, porque tens uns alunos, por exemplo, por experiência de viver de conviver com colegas, com pessoas e entendemos que tem pessoas que levam as coisas mais na boa, tipo, eu só estou aqui, eu estou indo, levando. Ele pode dar uma nota que vai compor a nota final dele, e isso vai ajudar ele mandar bem, por que ele poderia reprovar e se ele se der uma nota que ajude ele a passar? Eu ainda penso que tem que ter um certo discernimento e um entendimento bom sobre avaliação e que as pessoas, elas têm que serem, conscientes na hora de se autoavaliar e os alunos precisam aprender a se autoavaliarem primeiro e claro, é importante se autoavaliar, mas o professor deveria ter o martelo final sobre cada autoavaliação, até quando a pessoa se autoavalia mal, e ela mandou bem, eu gostaria de pensar assim, mas ela não foi mal como ela disse. Então dá para subir um ponto para arredondar esta nota e quando o aluno é um aluno que não entrega nada e só dá uma nota boa para se sair bem? Para mandar bem? Ele está errado, eu penso que precisa ter intervenção do professor, para dizer: esse aluno não entregou nada. Essa autoavaliação que ele fez está errada, então eu não vou considerar. É legal de fazer o esforço, de o aluno pensar sobre, refletir, mas também vale, dar regras e dizer para o aluno que se eu não concordar com a tua autoavaliação, porque realmente tu não entregaste nada, eu não vou considerar e eu ainda acho justo, porque não podemos fazer para se dar bem, eu acho legal o professor deixar claro, vocês vão se autoavaliar, mas pensem bem porque essa nota, ela vai compor, mas se ela não tiver condizente com o semestre, ela não vale e então eles serão cuidadosos, vão falar a verdade se esforçarão para serem verdadeiros com aquela nota.

P: Interessante a tua percepção, bom tu fales. Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura? No caso tu já estás atuando.

R: Eu não dou aula e não avalio, no sentido de avaliar um aluno, no sentido de dar uma nota, eu trabalho em uma escola de idiomas online, é uma escola que trabalha muito com mídias sociais, com redes sociais, então a gente não tem esse contato direto com o aluno. O meu papel é revisar o que os professores entregam, eu avalio outros professores, conteúdos criados por outras pessoas, eu vou dizer se aquele texto está ok, se tens erros de escritas, e eu vou dar *feedbacks* nesse sentido. Sugerir como melhorar aquele conteúdo, como tornar o teu vídeo melhor, o teu texto melhor, mas aprender a dar *feedback* e a avaliar, se autoavaliar, ajuda bastante nesse quesito. Saber avaliar aquelas pessoas, observar o que está por trás daquilo também, para eu não ser simplesmente uma pessoa que julga, muitas das pessoas com quem eu trabalho, eu preciso ter um discernimento maior, porque as que eu trabalho são nativas, elas falam o espanhol, e é a língua delas, mas elas não são nativas do português e elas vão cometer erro na escrita de português, eu como a pessoa que está avaliando, eu tenho que ter esse discernimento de entender, não é a língua nativa daquele indivíduo e entender o porquê aqueles erros ocorrem, é normal, não é a idioma dela, então eu tenho que saber avaliar nesse quesito, vai ter vídeos em que elas vão falar de um jeito que vai ficar um pouco estranho, mas tu entendes o porquê a língua não é nativa delas e elas estão em processo de aprendizagem, de entendimento, de adquirir, então é interessante, conseguir avaliar, dar um *feedback*, temos que ter empatia na hora de dizer, olha da para melhorar aqui, você cometeu esse erro, ta ok? Você faz desse jeito que vai ficar melhor, está ajudando muito no meu trabalho, na minha área que tu estás trabalhando, porque eu estou lidando muito com pessoas, eu lido com pessoas todo dia e eu tenho que aprender a dar *feedback*, o *feedback* não é, por exemplo, para quem é da licenciatura, por exemplo, não existe uma disciplina específica sobre *feedback* em outros cursos, mas seria interessante que todas as áreas soubessem dar *feedbacks*, todo mundo vai para o mercado de trabalho e encontrar, vai encontrar pessoas em qualquer lugar vamos ter que dar *feedbacks*, em qualquer área, vamos ter que dizer quando algo não está ok e saber fazer isso é muito importante, ter alguém que te passou isso de uma forma bacana e positiva ajuda muito quando tu fores para o mercado de trabalho, seria legal que todos os cursos tivessem algo voltado para *feedback*, porque existem áreas em que os humanos são muito ríspidos para lidar e nós estamos lidando com pessoas, temos que aprender a ser mais empático não somente com os alunos, em qualquer área, então ajuda muito.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê não?

R: Sim, eu utilizaria, eu penso que sim quando eu entrar em uma sala de aula, eu já entrei em sala de aula para estágio, para projeto, eu tenho pouca experiência com docência, dentro da Unipampa, dos projetos que eu já fiz, do (residência)

pedagógica, do pibid, do isf, eu tive experiência, mas nesses projetos eu não cheguei aplicar provas aos alunos, quem aplicava a prova era o professor daquela turma, então a gente não chegou a avaliar eles nesse sentido. O que fazíamos era uma avaliação de ter um feedback daquele aluno, de saber como foi as aulas, do que eles lembravam, atividades, jogos e perguntas. Eu acredito que quando eu pisar em uma sala de aula como uma professora regente, se tiver, porque temos que entender que cada escola tem uma formativa, cada uma tem uma forma e algumas são abertas a novas formas de avaliar, eu digo isso que tens escolas que avaliam de um jeito diferente, tem umas que são tradicionais que são da prova e hoje em dia e não sei como é, na minha época de ensino médio não eram notas, começaram com notas, depois passaram para aquelas letras, que eu já não me lembro muito bem quais são, é SP, é algo assim, eu não gosto muito das letras, por elas serem do 60 ao 100, e o S era a nota boa, eu achava injusto porque aquela pessoa que tirou nota boa, noventa, está igual à pessoa que tira sessenta, então não concordo com essa avaliação. Eu penso que números explicam melhor, mas “eu usaria a rubrica porque ela é mais específica, entendemos e vemos o aluno na totalidade, por exemplo, tirei noventa, é uma nota nove e é somente isso, o aluno é uma nota, como se fossemos números e a rubrica não. Temos os critérios, características e vemos, que somos bons na pronúncia, sou melhor ainda na escrita e estou melhorando muito. O melhor da rubrica é que tens comentários, uma nota nove não te diz nada, diz que você é nota nove, a rubrica não, você pode adicionar comentários, e o aluno pode ver e dizer realmente eu mandei bem. Nesse aqui ainda vai dar para melhorar mais. Eu digo que ele não vai ficar cabisbaixo, não vai ficar triste, porque ele verá que tem locais e pontos que ele mandou bem, e se você tirou um seis, você será simplesmente um seis”. Pode pegar por matérias, por exemplo, eu tirei seis em matemática, não gosto muito de matemática, mas se fosse por critérios, você poderia avaliar o todo, realmente dizer você é melhor, nessa parte ou nessa outra parte, você manda melhor em resolução de cálculo, nessas atividades, do que nessas, você melhorou ao processo do que no início, anteriormente você não conseguia desenvolver esses exercícios, agora você consegue, então é mais interessante.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a?

R: Não pensei muito sobre, quando estamos na universidade temos a preocupação que será que eu vou conseguir, eu sempre pensei muito, será que eu vou conseguir, avaliar alguém um dia? Eu sempre tive receio de avaliar os outros, porque eu nunca penso que estou avaliando bem, então, eu não pensei muito sobre, mas eu “sempre tive essa ideia de ser cautelosa, de tentar entender o que está por trás daquilo, de não ser muito ríspida, mas também não folgar muito”. Mas o método da rubrica seria mais interessante de todos que eu presenciei para avaliar um aluno, eu nunca tinha pensando: eu vou utilizar; eu conheci a rubrica mais para o meio da faculdade e eu nunca pus isso em prática e utilizei disso. Nunca pensei muito sobre, mas eu acredito que sim é uma avaliação gradual, ao longo de um semestre, sempre foi uma ideia melhor para mim, algo interessante avaliar a pessoa ao longo do semestre

e não somente no final, é mais interessante, saber avaliar, eu sempre tive muito medo de avaliar e no início quando eu comecei no meu trabalho, e não faz muito tempo que eu estou trabalhando, mas no meu primeiro mês, eu tinha muita dificuldade, eu era aquela pessoa que simplesmente fazia comentários de gramática, a está faltando uma vírgula, está faltando um ponto, eu não sabia comentar sobre o texto, dizer o que eu achava porque tinha medo de interferir muitas vezes no texto da pessoa. Eu não sabia avaliar e hoje consigo fazer comentários no texto e sugerir coisas de uma forma empática e dizer o que eu penso, ficaria legal, sem que a pessoa se sinta invadida e sem invadir aquele texto, é de alguém, de uma pessoa, certo. Eu aprendi lentamente e eu vou saber melhor, quando pisar, quando eu pisar na sala de aula talvez eu saiba, conheça a turma e pense isso aqui vai funcionar. Aplicar uma rubrica, fazer uma coisa mais eletiva, vai ser bacana aqui, vai dar certo. Podemos sempre experimentar, eu não vejo problema em testar métodos, para observar o que vai funcionar melhor, acredito que as turmas não sejam iguais, quando eu estava na residência eu dei aula para uma turma de oitava e um terceiro, depois eu fui para outra escola no sexto ano e elas não tinham nada ver uma coisa com a outra. O terceiro ano super calado, e os do sexto ano falavam super, horrores. Eu aprendi com algumas turmas que eu posso trazer algumas atividades mais interativas, porque eu sempre fiz aulas de perguntar, aquelas aulas que você começa jogando perguntas para os alunos e você depende deles para isso, eu entendi que com o terceiro ano não funcionava, porque eu ia jogar e ninguém ia falar nada, mas com o sexto eu podia perguntar qualquer coisa, que eles iam levantar para responder, “é uma coisa que eu vou descobrindo com o tempo, na sala de aula, vou saber qual avaliação vai funcionar melhor, com a prática, quando realmente eu pisar na sala de aula e eu for ter as primeiras experiências, irei aprender”.

P: Exatamente, com as vivências com as experiências e hoje tu mesmo disse que cresceu bastante na área profissional que tu estás. É algo que precisamos experienciar, assim como tu experienciou essa avaliação, que eu estou fazendo essa entrevista para saber a tua percepção e assim vamos crescendo, e é verdade, cada turma é de um jeito, cada aluno é de um jeito e precisamos pensar, refletir antes de aplicar, então eu queria deixar aberto para algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, caso queiram complementar alguma resposta. Agradeço tua participação.

R: eu agradeço o convite, essa experiência fez diferença, é umas das poucas experiências que tem me ajudado no mercado de trabalho, vamos dizer assim, para eu ter esse *feeling* para eu saber avaliar, para eu saber refletir, para eu me avaliar também e melhorar e buscar os pontos que eu posso melhorar. Foi uma experiência muito bacana, muito interessante e deveria, na minha opinião, ser aplicada também em outras disciplinas. A ideia da prova ela já foi um pouco, poderíamos pensar outras maneiras, a prova foi uma coisa criada a muitos anos, que já pode ser repensada, existem outras formas de avaliar, maneiras mais legais e que a estamos vendo que dão certo, é mais interessante, eu sou a aluna que ficou nervosa ao fazer

prova, eu sou uma pessoa ansiosa, então a palavra prova, só de saber que tem uma prova. Uma experiência legal é falar para um aluno, vamos fazer um trabalhinho hoje, mas é nada de mais, não vale nota e sabemos que aquilo não é uma pressão, fazemos com mais tranquilidade e às vezes saímos melhor, porque ficamos tranquilos. Agora quando a gente sabe que estão nos avaliando, que tem uma pressão, que tens uma prova, que aquilo vai nos definir, com nota, ficamos nervosos, aí acabamos se preocupando mais e ficando mais nervoso e não presta tanta atenção na hora de fazer. Eu sou super a favor e concordo com essa ideia de que o aluno não sabia, é porque ele ficou tão nervoso, digo pelo Enem que falamos sempre, não nos define, mas precisamos disso para entrar, dependemos de uma nota e eu sou a favor dessas avaliações que tem nas universidades americanas, por exemplo, você faz uma prova que te define, que vai definir você para sempre, eles avaliam o seu processo, quem foi você na escola? Você foi um aluno engajado? Você foi um aluno que estudava, que mandava bem? Isso, eu acho legal porque eles avaliam o teu processo, não te definem por uma nota, isso é como a rubrica, a rubrica avalia o teu processo, não é uma nota que te define, podemos aprender com os outros, como eles avaliam, eu acho muito legal, eu sei que não é nada que a talvez não vai ter no Brasil. O Enem é bacana porque ele dá acesso a muitas pessoas a entrarem na universidade, mas também não dá para algumas pessoas porque é muito difícil, a minha nota não foi alta e eu estudei muito e pessoas que estudam anos para entrar, tanto que tem indivíduos que estão indo estudar na argentina porque lá uma nota não define, tem acesso e elas possuem direito e eu acho legal e que todos deveriam ter acesso, não precisamos ter uma nota que nos defina, a podemos olhar o todo, como nas universidades americanas eles olham o todo, como foi esse aluno? Eles dão oportunidade, até para quem gosta mais de esporte e naquela questão de habilidades múltiplas, tem gente que manda bem no esporte e não está errado, ele sabe menos porque gosta de esporte, e eu não acho errado isso, é algo que faz bem e ele também deve ter uma chance, tem outros que gostam mais de música e talvez não sejam tão bons em matemática, mas aqui no Brasil se tu não sabes matemática muito bem, não passa com uma nota boa no Enem, em matemática é muito difícil de você conseguir entrar em uma universidade, e depende do que tu quer, eu quero letras, tenho que tirar algo razoável, porque se não eu zero matemática e não vai dar, então, essa avaliação está ultrapassada e que a rubrica e avaliação que vê o todo é mais interessante.

P: Muito obrigada pela participação, boa noite e bom descanso, obrigada.

R:Obrigada, tchau

ROSANA

40 anos, e está no quarto semestre.

P: Oi tudo bem?

R: Tudo bem

P: Eu vou colocar as questões da entrevista aqui no chat, só para tu ir acompanhando conforme eu for questionando. São perguntas bem tranquilas referentes ao processo avaliativo, primeiramente para iniciar, eu gostaria que tu falasses o teu nome completo, a tua idade, e em que semestre tu estás ou se tu concluíste.

R: Meu nome é, estou completando hoje 40 anos, e estou no quarto semestre.

P: E tu resides aonde?

R: Eu estou residindo em Resende, do Rio de Janeiro, mas atualmente eu estou em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

P: Tá bom, então eu vou iniciar, a primeira pergunta, O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?

R: É sobre a autoavaliação, é isso?

P: É sobre essas experiências que tu tiveste, nas disciplinas referentes a professora 1, eu com a 2 que tu tiveste, mas sobre as disciplinas e o formato avaliativo.

R: A, sim, você quer saber a minha opinião, é isso?

P: O que tu ententes, qual o teu entendimento quando tu ouves a expressão avaliação formativa e dialógica.

R: É a capacidade de se autoavaliar, de avaliar o aluno perfeitamente, nós mesmo se autoavaliarmos pelo menos é mais ou menos isso, nessa linha que eu penso.

P: Quando você ouve a expressão dialógica. Qual o teu entendimento?

R: Que há um diálogo, uma devolutiva entre professor e aluno, é isso?

P: Isso, pode ficar tranquila é os teus conhecimentos prévios.

R: Ta

P: Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo?

R: Eu gosto, eu acho interessante

P: De forma geral, como percebe a avaliação?

R: Eu acho bom, eu acho bom porque é uma forma de você se autoconhecer, de você estar vendo como está evoluindo, se você está entendendo corretamente, se está sendo bom para você, o seu aproveitamento.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Acho, acho importante sim.

P: Por que sim?

R: Que eu posso perceber as minhas dificuldades, eu posso saber até que ponto eu me encontro, naquela situação, e uma maneira de que, digamos, de eu poder mudar. Quando eu faço isso, eu posso perceber aonde foi que eu errei, o que eu posso melhorar.

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: É um pouquinho difícil assim, assim, porque às vezes, você pensa que está tão bem, mas, na verdade, não, é meio confuso, porque é muito próximo. É, uma pequena fração, uma pequena palavrinha pode mudar o conceito, que você acha sobre você, é diferente o seu olhar de quem está no caso está avaliando, por

exemplo, com a professora 1 tem partes que eu me dei uma nota baixa, no caso eu me sentia um pouco frágil, e pelo contrário depois ela falou que não que a minha percepção diferiu, e é isso.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?

R: Depois que eu entendi direito como funciona as rubricas, eu prefiro, porque depois você consegue ler e realmente se avaliar, porque quando está observando no geral, estamos vendo por cima, você sempre se imagina melhor, depende muito da fase que você está, às vezes não estão, digamos que você está meio baixo astral, então você mesmo, depois você lendo, o feedback, que você teve, ali na sua avaliação, você percebe que não.

P: Você já tinha utilizado esse tipo de metodologia avaliativa?

R: Não, não é a primeira vez, tudo aqui na universidade está sendo a primeira vez.

P: O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*?

R: Eu me sinto privilegiada, porque a maneira de você estar mais próximo do professor, e dele está realmente te explicando, e atento ao que você está sendo falho. Eu me sinto privilegiada em relação ao *feedback*, mas o que eu percebi, nesse pouco tempo na Unipampa, é que nem todos esses professores conseguem fazer esses *feedbacks* com clareza, talvez alguns, talvez alguns não estejam falando algo, mas não são todos os professores que te dão esse *feedback*. Que conseguem chegar até você de uma maneira tão clara, mas quando isso acontece, de maneira clara, objetiva, você evolui muito, muito.

P: No caso nessas disciplinas que você cursou, as outras disciplinas, utilizaram dessa metodologia avaliativa?

R: Não, eu só tive essa, eu só fui atendida dessa maneira tão corretamente com a professora 1 mesmo, foi bem direcionado, tudo bem explicado e eu conseguia entender e compreender direito, as outras não, são mais por e-mail, ou pelo WhatsApp, mas é muito superficial, não é uma coisa direcionada para aquele aluno, não é um olhar, por isso que eu digo que eu me sentia privilegiada, porque aquilo era para mim, o que eu precisava mudar para que eu melhorar? E geralmente não é assim, claro, que temos professores que mesmo no whats ele dá uma explicação, ele diz algo, mas não uma coisa tão específica, tão direcionada, é mais, no contexto geral.

P: E por mais que seja ensino online, ele precisa aproximar

R: Foi uma experiência fantástica, maravilhoso, assim sabe, porque eu tinha dúvida, perguntava, e foi ótimo e se fosse assim, seria perfeito, porque já é difícil online, para mim até certo ponto foi porque eu tive que sair de Bagé e continuar na Unipampa, é importante para mim, porque foi aonde fui recebida, foi ótimo, as pessoas me receberam bem, muitos professores assim, com paciência, sabe incentivando, a própria professora 1, incentivava, não é assim. Às vezes reclamamos um pouquinho, sendo muita coisa, para os mais jovens, eu fui até mais fácil, porque, eles, muito não tem, é só estudar, só aquilo, mas para outras pessoas, tipo que é mãe, que trabalha, que tem filhos, casa e às vezes nem sempre recebe um apoio necessário. Todos apoiam da casa, todo querem que você melhore, mas

é muito difícil conciliar, então, tendo assim, eu não queria deixar a Unipampa e foi muito importante para mim os *feedbacks*, os ensinamentos, é bem legal.

P: No caso, você se sentiu acolhida?

R: Sim, sim, é mais um acolhimento, um respeito com a sua dificuldade, é uma atenção especial, para você e por mais que você tenha às vezes as mesmas dificuldades que outros, mas você se sente acolhida porque aquela voz, foi direcionada para você, aquelas palavras eram-te e dá certo, coincidi com as suas dificuldades.

P: Isso é importante, legal ouvir tua fala. Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: Olha me dá um ânimo para querer continuar, é um incentivo para você buscar outras coisas, eu, por exemplo, não ficava na que eu pegava aquele *feedback*, e seguia e olhava as minhas dificuldades, e sempre abre um leque assim, para você buscar o que você precisa, você não fica somente naquilo, não, não preciso estudar isso, porque vendo aquilo, por exemplo, eu abri o computador e estava pesquisando sobre uma coisa, e aparecia outra coisa, e juntava as dúvidas.

P: Entendi, uma coisa complementava a outra

R: Isso

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: É complicado, para o ser humano, é complicado, se autoavaliar, ou às vezes a gente, se pega se criticando de uma maneira que não é, não sendo uma crítica construtiva, não é nada que vá te motivar, levar adiante, mas, por outro lado, você consegue se perceber, sim, se você parar e pensar em fazer a sua autoavaliação, geralmente você se dá uma nota um pouco inferior, em quesitos que você está bem, eu não sei porque, mas às vezes você, no quesito que você não está muito bem, acostuma a dar uma nota um pouco melhor.

P: E quando tu mesmo, no caso no ato final, assim, de você dar a nota, como que era, qual era o sentimento, era decisivo, ou tu ficavas em dúvida?

R: Eu ficava em dúvida

P: Refletindo sobre o que você fez? No caso no semestre

R: É a minha dúvida era o seguinte, será que eu consegui atingir os objetivos mesmo? Por mais que eu tivesse entendido muita coisa, você sempre quer mais, você sempre quer saber mais. Essa é única dúvida que fica: eu consegui entender o quanto eu evoluí, e o quanto eu cresci, sabe? E consegui fazer assim, tranquilamente, mas com um pouco de medo, de mim mesma assim, medo de se pontuar menos, de se pontuar mais, mas com consciência, que você consegue fazer com consciência, aquilo, as respostas são conscientes, no final, condiz com o que você aprendeu.

P: Entendi. Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: Olha, eu não me lembro porque, eu fiquei quase 30 anos, sem ir para escola, e quando eu ia não era assim, o professor dava nota de 0 a 10, e pronto. Você não fazia essa avaliação do seu conhecimento, do que você aprendeu, você aceitava

aquela nota, como boa e pronto ou ruim e ia para uma recuperação sem entender o porquê. Você estava tendo que recuperar uma nota, às vezes você até pensava, nossa eu estudei, eu entendi aquilo, por que na prova eu não consegui? Ou não respondi, por que é errado? Essa é questão que ficava na cabeça, mas você não tinha opinião sobre você aceitava e pronto. E como eu te disse depois de muito tempo, aqui na Unipampa, que eu fui passar por isso, de rubrica, eu fiquei perdida quando eu fui lendo assim, eu fiquei meu Deus, eu não vou saber fazer isso. Mas como tínhamos anteriormente falado com professora, ela explicou e eu imprimi todo o documento que ela deu, ai eu li, li e reli direito, aí foi fácil.

P: É que foi algo novo, né

R: É muito novo para uma pessoa com a cabeça, digamos assim, que antiga, tipo: porque a professora não me dá a nota, já, entendeu? Mas é o hábito a quantos anos.

P: Porque nós fomos inseridos neste meio e era o professor que tinha o saber, o aluno não tinha argumento, não podia falar, agora é diferente, as metodologias vão se modificando.

R: É eu estou gostando, quem dera que se fosse assim, mas desta forma, por isso eu repito nem todo professor, ainda está capacitado para fazer desse jeito, entendeu? E foi ótimo, ótimo, tudo o que eu passei assim, toda essa experiência foi assim bem gratificante para mim, e hoje assim, às vezes, na época eu reclamava, tipo sempre reclamamos, porque de alguma forma você reclama um pouquinho, a podia ser assim, contudo hoje eu vejo meu Deus como eu estava errada, ai agora eu aprendi sempre estar avaliando algo.

P: Virou rotina, um hábito?

R: É, é verdade

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: A diferença é que pelo menos para mim, você sente... você aprende que você pode se autoavaliar com consciência, você sabe os seus erros, você sabe onde você errou e você onde você precisa melhorar, isso na autoavaliação. Quando não é assim, você está dependendo de outra pessoa, do pensamento dela, por mais que ela tenha clareza sobre aquele assunto, ela sabe o que ela está passando, conteúdo, mas ela não sabe até que ponto você aprendeu, porque às vezes numa prova, numa coisa, você nem sempre está bem naquele dia, é totalmente diferente ela te avalia pelo que você fez, pelo que você escreveu e não pela sua capacidade de entender aquilo, não sei se eu te respondi, se era isso.

P: Explicou, sim, consegui entender o teu pensamento, foi bem explicado. Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Seria bom, mais prático, você consegue, eu só vejo praticidade, agora nesse instante, após ter passado pela experiência, eu só vejo praticidade. Sabe, você acaba evoluindo, crescendo, sendo crítica, sobre você mesmo, sobre o que você vai, por exemplo, quando você vai avaliar um aluno, você entende o porquê ele está passando, as coisas por a observação diferem, pelo menos eu penso assim.

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura?

R: Eu penso que tudo, porque aquilo que eu te disse anteriormente, eu vou estar avaliando o aluno num todo, na capacidade dele em se envolver, em acreditar, dele mesmo, eu penso que ficaria até mais fácil, porque às vezes o próprio aluno chega e vai te dizer, a minha dificuldade é essa. Está acontecendo isso. Porque ele vai ter essa capacidade, ele vai ter essa capacidade, com o retorno dos *feedbacks*, ele consegue porque para mim, foi muito difícil, e eu consegui, entendeu? E eu acho assim que, como profissional, quando eu estiver trabalhando, se eu puder estar trabalhando dessa forma, dessa maneira para mim, vai ser mais prático, eu acredito ser prático, e funciona, assim para o aluno e assim eu espero, porque hoje as pessoas tem a cabeça diferente, pensam diferente e elas querem ser ouvidas, elas querem ser entendidas, e quando não é assim, a pessoa desmotiva, a pessoa fica.

P: Verdade, cada vez mais precisamos ouvir os nossos alunos, ouvir as pessoas ao nosso redor, elas têm essa necessidade, ainda mais no ato de avaliar.

R: É, por avaliar ruim é muito fácil, tipo, se você for avaliar a pessoa por si, porque às vezes ela não entendeu um assunto e você já pensar que ela não é capaz e avaliar só por aquele instante, é muito ruim.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê não?

R: Usaria porque acredito que nessa metodologia avaliativa podemos acompanhar melhor o desenvolvimento do aluno e compreender onde ele tem dificuldades, auxiliando melhor seu aprendizado e estimulando sempre o seu desenvolvimento para ele alcançar as próprias metas de aprendizagem.

P: Tens razão. Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a?

R: Eu ainda sinceramente não pensei, nesse assunto, de avaliar, mas com certeza. Eu vou ouvir mais o meu aluno, o que ele tem a dizer, o que ele pensa sobre aquilo, o que ele acha. Eu gostaria de trabalhar de uma maneira aberta, não dando, digamos assim, sem confundir, liberdade com libertinagem, algo assim, mas dando a liberdade para que eles se expressem, para eles irem atrás, para eles trazerem o conhecimento, que ele tem e diante disso, trabalhar com ele, de uma maneira que o motive, a avaliar ele, ele mesmo e ajudar ele a crescer, a evoluir.

P: Sim, eu queria te agradecer primeiramente pela participação na minha pesquisa, pela tua disponibilidade de tempo, mesmo estando longe tu deste um jeitinho de participar, agora a questão final eu deixo aberto se tu quiseres fazer algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, se tu quiseres complementar alguma resposta pode ficar bem a vontade.

R: Assim, eu já disse tudo, mas eu queria perguntar para você, o que você acha, a sua opinião, em relação ao que você me perguntou.

P: O que eu tenho estudado no caso na minha pesquisa?

R: Isso.

P: Explicação da pesquisa para a (Está no vídeo).

R: Sim, você disse exatamente como eu me senti no semestre em que foi assim para mim, é como se eu tivesse num casulo, eu sempre disse, gente, para os meus colegas de turma, eu estou num casulo, porque às vezes eu ouvindo eles falarem, coisas do computador, quando eu entrei eu mal sabia abrir um e-mail, e hoje quando você disse, ela mandou por e-mail, eu já fui, sabe, assim. E muitas coisas que eu aprendi foi no *feedback*, foi com a professora 1, por isso que eu disse eu cresci junto assim, como se é, não sei se você conhece, tem o bichinho da seda, que você vai tratando ele pequenininho, ai ele forma um casulo e vira a borboleta e do casulo se faz a seda, às vezes eu me sinto seda, às vezes eu me sinto borboleta, aprendi a voar e entender sozinha as coisas, e às vezes eu me sinto seda por ter amacies de entender aquilo, de compreender o colega, a dificuldade que o colega, ele fala eu não consigo, eu não sei o que, e eu: olha tenta isso, tenta aquilo e isso foi do *feedback*, foi dessa aproximação entre aluno e professor.

P: Por isso que eu estou entrevistando esses alunos que tiveram essa experiência, claro que essa é uma percepção tua, uma vivência tua, hoje tu enxergas uma ... mais forte, capaz, que consegue, que vai atrás, que anda junto do professor, e a minha pesquisa é para entender como é essa alfabetização do *feedback*, no caso falamos alfabetização, até eu tive que exemplificar no meu projeto, que alfabetização é algo separado, não é nada aqui sobre letramento da língua portuguesa, mas enfim, nessa parte o aluno passa pela alfabetização do processo avaliativo.

R: Eu não tenho palavras para dizer o quanto isso foi bom para mim, só eu mesmo sei o que significou para mim, entendeu? E às vezes, hoje, quando eu tenho alguma dificuldade em algo, eu lembro, poxa podia ser assim, por que não é assim? Porque o professor limita tanto assim as ideias, às vezes cria um bloqueio até na hora se expressar ou querer falar, você trava de medo às vezes, entendeu? Difere quando o professor abre e te dá oportunidade para você falar.

P: É totalmente, o aprendizado fica diferente. Então queri te agradecer mais uma vez pela tua disponibilidade... Vou enviar um e-mail com o termo de consentimento.

R: Obrigada

TAISA

20 anos e está no quarto semestre do curso de Letras Línguas Adicionais, inciou em 2020. Dedicou-se totalmente à faculdade.

P: Oi,, tudo bem?

R: Oi, tudo bem.

P: Vamos começar a nossa entrevista, são perguntas relacionadas, a avaliação dialógica e formativa nas disciplinas referentes, que tu tiveste, ou não sei se

tu estás cursando ainda com a professora 1 ou se tu já cursaste com a professora 2, eu vou colocar as questões aqui no chat, só para tu teres um embasamento, mas pode ficar tranquila, sem ansiedade e responder tranquilamente com os teus conhecimentos que tu tens sobre esses assuntos, tá?

R: Ta bem

P: Depois que terminar a nossa entrevista, eu vou enviar um e-mail com o termo de consentimento para tu preencheres, pelo questionário do (google) forms, para poder receber, um atestado referente às horas que tu participaste da minha pesquisa, ta?

R: Tá bom

P: Primeiramente, para iniciar, eu gostaria que tu falasses teu nome, tua idade e em que semestre tu estás.

R: Meu nome é, tenho 20 anos e estou no quarto semestre.

P: Vou terminar de colar e já inicio, então a primeira questão da entrevista é: O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”?

R: Seria, por exemplo, quanto ao desenvolvimento do aluno, durante o semestre?

P: E dialógica mais ou menos o que tem em mente? O que seria?

R: No momento não penso em nada que poderia ser, não ouvi muito sobre o assunto.

P: Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo?

R: Eu me sinto bem, é eu gosto bastante, no caso isso é, seria sobre a autoavaliação?

P: Sobre as experiências que tu tiveste nessas disciplinas, que tu cursaste, então no caso com a professora 1, com a autoavaliação, tem o *feedback*, as rubricas, ou então como você se sente na condição de aluna com o processo avaliativo, em geral, ou como tu se sente nessas disciplinas.

R: Olha, eu gosto bastante da avaliação que a professora 1 usou, que eu cursei uma disciplina com ela que foi no semestre passado, e eu me senti muito bem, porque durante todo o semestre eu sentia que eu estava avançando sabe, porque nós utilizamos, semanário, por exemplo, eu gostei bastante disso, porque podíamos perceber, assim, o que estávamos aprendendo, porque todo dia tinha que escrever sobre isso , etc. E no final, nós nos autoavaliámos e eu acredito que isso foi bom, porque desde do início tínhamos consciência que no final teríamos que se autoavaliar, então isso meio que ocorria durante o semestre, enquanto nós trabalhávamos, eu gostei bastante.

P: De forma geral, como percebe a avaliação?

R: Eu acredito ser uma forma ótima, assim porque tem várias disciplinas que não utilizam muito assim, é que, por exemplo, cursamos toda a disciplina, às vezes chegar no final, sem ter noção de como foi nosso desempenho, etc. Então eu penso que a avaliação durante o semestre, é algo bom.

P: Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?

R: Muito, eu acho bem importante.

P: O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas?

R: Eu gosto bastante também porque, porque o professor tem que saber exatamente o que ele vai colocar na rubrica, para chegar perto do desempenho do aluno, porque tem sempre uma avaliação, alunos com um desempenho muito alto, outros muito baixo, então tudo isso tem que estar na rubrica, e se tiver tudo direito, penso que é ótimo.

P: Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?

R: Prefiro as rubricas, porque possibilita o aluno de saber o que é esperado durante o período avaliativo.

P: No caso tu tens como base essas rubricas para saber o que tu tens que fazer, então no semestre? Para poder tirar tal conceito?

R: Sim, sim, a professora 1 eu lembro que ela fez isso, desde o início tínhamos consciência exatamente das rubricas, isso foi bom.

P: O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*?

R: Eu acho ótimo, porque podemos ter noção do que erramos, praticar isso para não errar de novo, sabe, eu acho ótimo.

P: Como é o sentimento quando tu recibes um *feedback*? Tem algum sentimento?

R: Senti que o professor dava atenção realmente, porque eu tava aprendendo, ou para o que eu não tava aprendendo e isso motiva muito a gente em uma disciplina.

P: Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras?

R: Bastante, como eu já disse, no final da última questão, eu penso que quando nós percebemos que o professor ele está realmente prestando atenção no nosso desempenho e na nossa dedicação, isso influência muito em como vamos encarar os próximos trabalhos, as atividades e realmente se sente uma motivação de estudar, por fazer parte de tudo.

P: Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota.

R: Eu gosto bastante de me autoavaliar, é bom, porque faz refletir sobre tudo o que fizemos durante o semestre e eu penso que tem que ser um momento em que a gente é bem honesto também, com tudo o que nós fizemos, e é isso, eu acho bom, principalmente tendo um peso na nota.

P: No caso nessas disciplinas eu não sei se tu queres argumentar algo, pelo conhecimento que eu tenho é 50% da nota de vocês e os outros 50% da nota da docente, como que é?

R: Eu acho assim é bom, tem alguns professores que fazem uma porcentagem menor, mas eu penso que não flui grande coisa assim.

P: Tu não tens medo de te dar essa nota?

R: Não, é, depende, se eu não tivesse me dedicado durante o semestre eu com certeza chegaria nesse momento com medo, mas sabendo o que eu fiz, que eu me dediquei bastante, acredito que não.

P: Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?

R: Na escola, sim, não era muito controlado, e os professores não exatamente controlavam e raramente não davam parte da nota, normalmente era ponto, não era muita coisa.

P: Então tu já se autoavaliou antes?

R: Aham, sim.

P: Tu lembras em qual ano do ensino médio, ensino fundamental?

R: Não me lembro o ano, já aconteceu mais de uma vez, mas foram duas, três vezes eu acho.

P: Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem?

R: As que incluem autoavaliação a gente se sente melhor, talvez durante o semestre, até porque sabemos que tudo o que está fazendo, vai ter no final, vai agregar algo na nossa nota, porque ocorre às vezes da gente dar tudo de si, mas o professor às vezes não perceber, aquilo, então na autoavaliação conseguimos dizer o que realmente fizemos e o que não fizemos. E as disciplinas que não incluem essa autoavaliação, ficamos um pouco a cegas, assim durante o semestre, se o professor não dá o feedback também.

P: Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina?

R: Eu acho ótimo!

P: Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura? Após formada, essa experiência foi boa, somativa, você utilizaria?

R: É ótimo, porque nos incentiva a continuar nos autoavaliando como profissional em diante.

P: Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Por quê sim? Por quê não?

R: Usaria, se eu fosse professora, sim, porque faz parte os alunos, como eu disse, perceberem o seu desempenho e pensar mais durante os semestres, exatamente o que eles estão fazendo, etc. Para chegar no final e poder responder, falar também as suas experiência nas disciplinas, até para próximas disciplinas poder ter um feedback dos alunos.

P: Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a?

R: Eu nunca parei muito para pensar sobre isso, mas eu gosto bastante de mais trabalhos, do que provas, por exemplo, isso é uma coisa que eu acho muito importante.

P: Então deixo aberto agora, se tu quiseres fazer algum comentário, referente aos questionamentos para complementar alguma resposta fica bem a vontade Tatiana.

R: Eu gostei bastante dessa pesquisa, eu achei bem importante porque a disciplina da professora 1, por exemplo, foi uma das mais marcantes que passei, porque que foi a única disciplina que eu me senti, realmente ouvida, eu senti que a minha opinião importava, que o meu desempenho era realmente monitorado, se eu não estava indo às aulas a professora me perguntava o porquê, sempre. Se importante realmente, o porquê que não estávamos fazendo as atividades, se estávamos bem, isso foi ótimo durante a disciplina, e realmente motiva a gente.

P: Quando você iniciou a sua graduação acontecia a pandemia?

R: Sim, foi em 2020

P: No caso vocês recebiam esses *feedbacks*, através de? Quer falar alguma coisa?

R: Nós recebíamos o feedback pelo WhatsApp, sempre a professora, enviava a correção, se falássemos alguma palavra errada, ela sempre corrigia isso e nos explicava por áudio a pronúncia correta das palavras para não errar mais

P: No caso tu te considera nova no curso de letras, tu estás analisando ainda, tu estás gostando?

R: Sim, bastante, mas ainda estou analisando, eu estou na metade, mas sempre online, não sabemos se futuramente vai ter o presencial, seria bom ter às duas experiências.

P: Que aproxima né?

R: Aham

P: Então eu queria te agradecer pela tua participação, pela tua colaboração com a minha pesquisa, obrigada por disponibilizar um pouquinho do teu tempo, eu vou enviar para o teu e-mail o termo de consentimento, ta?

R: Ta bem

P: Qualquer coisa que precisar estou a disposição

R: Obrigada

APÊNDICE IV - RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

O que você entende quando ouve a expressão “Avaliação Formativa e Dialógica”? (vermelho-cereja)

FRANCINE	“Olha, nunca ouvi falar. Mas eu penso que seria uma avaliação de como tu foste ao longo da disciplina, tipo: como foi sua formação ao longo da disciplina. Não sei”.
----------	--

FRANCISCA	<p>“Formativa e dialógica, eu penso em processo, tem essa questão de formativa, então é uma avaliação que tu acompanhas o processo e isso influência na sua própria formação também. Quando eu penso sobre essa categoria de avaliação, é uma avaliação para eu pensar, para eu ter consciência do meu processo e isso traz impactos no meu desenvolvimento, dessa forma eu sei como eu estou e eu posso pensar em como intervir e o professor também. Não somente como aluna, mas o professor pode planejar intervenções a partir do que ele ou ela avaliou gradualmente. Eu penso que a dialógica tem esse caráter do aluno se avaliar e isso é muito forte nas disciplinas da professora 1, em que ela nos avalia, nos dá um <i>feedback</i>, mas nós também se avaliamos. Eu acredito que ter essas duas avaliações para mim, é muito importante, porque eu tenho sido muito crítica comigo mesma. Ao observar a avaliação da professora às vezes me ajuda a não me cobrar tanto, porque eu tendo que me cobrar demais, então a minha avaliação tende a ser pior que a dela, em geral, eu penso que complemente e me ajuda a pensar no que ainda eu preciso fazer, seria isso”.</p>
GILBERTO	<p>“Formativa e dialógica. Formativa me vem à cabeça formação, talvez aquela que os professores em formação, o meu caso e o teu também. Nós vamos trabalhar, exercendo essa prática de avaliar o próximo e a si mesmo, é uma avaliação de construção em que se faz um processo, uma prática, não sei, uma visão padrão, primária, sem estudo, sem teoria, estou trazendo meus conhecimentos básicos. Eu interpretaria que avaliação formativa tem a ver com formação, com essa prática docente de avaliar, sendo um elemento importante na educação, uma avaliação para saber como uma pessoa, um aluno está aprendendo o conteúdo ou algo similar. Dialógica me vem a palavra diálogo, negociação, diplomacia. Considerando que eu já tive essa experiência, talvez seja aquela avaliação que existe um acordo, um diálogo prévio, entre o aluno e professor, que talvez não só o professor avalie o aluno. Mas o aluno</p>

	<p>avaliar ele mesmo, uma avaliação pelos dois lados. Apesar de, talvez, claro, é uma crença minha, uma experiência minha, as avaliações são, na maioria, somente responsabilidade do professor e não do aluno, claro, isso pode não ser verdade, isso pode ser talvez a realidade ou a experiência de muitas pessoas. Interpreto a avaliação dialógica desta forma como algo que há um diálogo, tanto do aluno quanto do professor, para chegar num acordo de uma avaliação em comum”.</p>
HANNA	<p>“É complicado pensar em avaliação formativa, eu entendo a avaliação formativa como um processo da construção da avaliação. Pequenos passos que vão formando essa avaliação, mas a avaliação dialógica eu acho uma expressão muito ampla, digamos assim: é difícil fazer recortes do que é uma avaliação dialógica e onde ela se encaixa. Pela avaliação formativa eu tenho essa ideia: avaliação em forma de construção, pequenos passos que vão formando essa avaliação geral, mas a dialógica deixo em aberto, mas entra muito essa questão do diálogo, talvez entre professor e aluno, penso nessa questão, por exemplo, a professora 1 sempre teve essa proximidade maior, eu sempre considerei ela como a professora com essa proximidade e não tem essa barreira entre professor e aluno. Eu penso que entra essa questão do diálogo, mas, por exemplo, em outras disciplinas eu não consigo aplicar o contexto da avaliação dialógica assim”.</p>
ISABELA	<p>“Eu acredito que dentro do que eu estudei e sei até o momento. No curso é uma avaliação em que, vamos partir do dialógico e se têm o diálogo com o aluno. E formativa porque não é nada que vá se formar, que vá se ter um produto somente no final, avaliado somente naquele dia, é algo que vem sendo feito ao longo do ano letivo do semestre, seja do que for”.</p>
LARISSA	<p>“Não sei, penso que com a questão dialógica vem essa questão do <i>feedback</i>, algo a ver com isso, de dialogar, sobre avaliação. Eu</p>

	<p>penso ser isso, não sei, não consigo pensar em algo agora, consegui pensar e relacionar o diálogo com <i>feedback</i>, com individual, geralmente nessas avaliações, não sei”.</p>
LEVI	<p>“No primeiro momento, acredito que não necessariamente eu entenda a base que sustenta o enunciado da frase, mas considerando, a avaliação formativa e dialógica, eu penso serem maneiras, não sei se necessariamente uma autoavaliação, mas uma maneira onde existe um diálogo formativo entre o docente e o discente, é isso que eu penso”.</p>
MARIANA	<p>“Bom, formativa dialógica, pela nomenclatura entendo que formativa vai tender a formação do estudante e dialógica que vamos conversar sobre o modo de avaliação, não sei se é bem isso, mas que tu vais conversar com a avaliação do aluno, tu vais dialogar e vai mostrar os passos que desenvolveu no semestre, trimestre. E a formativa compreende esse processo, acredito que seja o processo, não avaliar somente o meio e o fim, mas o desenvolvimento do aprendizado. Eu já estou trazendo para esse sentido”.</p>
MAURA	<p>“Então, eu não conheço o conceito, nunca pesquisei sobre este conceito, o que eu posso dizer é que quando eu escuto avaliação formativa, parece aquela avaliação mais formal, comum, um teste, uma prova, algo que sirva como documento para posteriormente eu estar utilizando. Quando eu escuto a palavra dialógica, parece ser algo relacionado a diálogo, que possivelmente é, porém, eu não sei o termo, nunca pesquisei sobre”.</p>
NAIARA	<p>“Bom, avaliação formativa, se refere a uma avaliação, com o intuito de formar, de formar o pensamento crítico, digamos assim, dos alunos. No caso das disciplinas, aprendemos a se autoavaliar para poder avaliar os trabalhos dos nossos alunos futuramente. Dialógica, uma avaliação que não parte somente do professor mas também do aluno, onde há uma troca, o aluno se autoavalia e o</p>

	professor autoavalia essa avaliação. E se aquela avaliação realmente corresponde com o que o aluno fez durante o semestre”.
ROSANA	“É a capacidade de se autoavaliar, de avaliar o aluno perfeitamente, nós mesmos se autoavaliarmos pelo menos. É isso, nessa linha que eu penso. Dialógica que há um diálogo, uma devolutiva entre professor e aluno”.
TAISSA	“Seria, por exemplo, quanto ao desenvolvimento do aluno”.

Como você se sente, na condição de aluno/a, com o processo avaliativo? (vermelho)

FRANCINE	“Normalmente eu fico meio nervosa, tipo: estou sendo avaliada, eu travo um pouco. Mas quando é algo que eu possa desenvolver, escrever algo, fazer um trabalho, por exemplo, é mais de boas, o problema é falarem que eu estou sendo avaliada ou fazer algo que seja mais produtivo quando eu estou sendo avaliada, não sei se é isso”.
FRANCISCA	“Eu me sinto tranquila, a avaliação nunca foi um problema para mim, a avaliação quando ela é processual, ela é mais justa, eu tenho essa sensação assim. Porque realmente eu estou acompanhando, aquele aluno. Quando um professor vai me avaliando ao longo do processo eu me sinto mais segura e eu me sinto melhor quando os professores deixam claro os critérios, nunca foi um problema para mim, eu sempre me senti confortável em ser avaliada, eu gosto de ser avaliada, para mim, é importante, não por uma nota, mas é importante para eu entender como eu estou nessa disciplina e o que eu preciso fazer para melhorar mesmo. Nesse sentido, eu gosto quando o professor vai me avaliando como um processo, eu penso que funciona mais e mostra mais quem eu sou como aluno, do que uma avaliação isolada”.

GILBERTO

“Olha, eu penso que a avaliação serve como um instrumento de auxílio, um guia, uma condição, um elemento que vai te explicar ou que vai tentar trazer a realidade e o estado do teu aprendizado a situação atual do teu aprendizado, ou seja, como tu estás te saindo, ah! O meu aprendizado, o meu conhecimento, a compreensão, a destreza a um conteúdo, a uma matéria, ah! É bom, é regular, é satisfatório, é ótimo, é excelente. Então, a avaliação eu acho muito importante, a avaliação ela nos possibilita a saber se realmente em suma está tendo condição de decifrar, de compreender um conteúdo, um tema, um assunto. Eu pessoalmente acho muito importante e interpreto essa visão, onde muitas pessoas, possuem esse pensamento que o aluno pensa somente na nota, claro a gente também pensa nessa ideia que a nota é importante, porque se não tivermos uma nota suficiente, não passamos, não aprovamos, não avançamos nos nossos estudos. Uma série de estudos, de estágios, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano, enfim seja qual for a categoria de ensino, mas eu ensino primeiro o conhecimento. Aquela história de que aprender é importante, é necessário, estudar, ter o conhecimento no cérebro, praticá-lo, de que adianta termos uma nota dez na disciplina e depois se não aprendermos e não termos em mente o conteúdo, o domínio desse conteúdo a gente supostamente tirou dez. Eu acho a avaliação, sem dúvidas, importante, claro, mas ela deve ser talvez contínua a minha nota pode ser boa hoje, vamos supor dez e talvez daqui a um mês ou dois meses ela pode dar uma baixada de nível, temos essa visão, esse pensamento, talvez seja uma crença minha. A avaliação só ocorre formalmente, ali na aula numa disciplina, numa matéria, é numa cadeira que tu estás fazendo, minha nota foi essa, foi oito, foi dez, mas pode acontecer que um tempo depois esse conteúdo que eu aprendi, que eu estudei daqui a um tempo se eu não praticar vou perder o domínio dele, o manejo e/ou talvez se eu for fazer uma nova prova, com uma nova avaliação a minha nota pode baixar, entendeu, eu penso que avaliação, deve ser feita

	<p>continuamente, pessoalmente, talvez uma análise, uma reflexão de si mesmo para ver como ela está indo, como ela está se saindo, talvez seria interessante desconstruir refazer essa ideia de que avaliação ela só se dá em uma disciplina, formalmente como eu me sinto bem auxiliado guiado porque eu sei que os professores que me avaliam eles têm conhecimento, a experiência. Eles sabem qual a melhor forma de eu prosseguir com os meus estudos dando instruções”.</p>
HANNA	<p>“Eu sou aquela pessoa que ouve a palavra prova e chega dar um arrepio no corpo inteiro, sabe? Teste, prova eu me arrepio inteira, eu sou a pessoa que dá um branco na hora da prova, quando existe essa pressão que às vezes a instituição coloca, mas talvez o próprio aluno coloque também por ser uma prova, pelo nome da avaliação mesmo, mas eu gosto muito de avaliações que aprendemos por seminários, por exemplo. Em apresentações de trabalho eu me sinto mais confortável, quando o processo avaliativo ele é em comum acordo com o professor e o aluno, identificando o que é melhor para o aluno, sempre funciona bem melhor! E isso está sendo mais ativo na universidade, ótimo”.</p>
ISABELA	<p>“Eu acredito que ele é bem variado, colocando assim dentro da Unipampa ele é bem variado e isso por um lado é muito positivo, entre os professores, porque vai contemplar a vários alunos, cada aluno aprende de uma forma, então vai contemplar cada aluno. Com alguns eu me sinto um pouco mais a vontade, outros menos, questões assim: dependendo do conteúdo, eu me sinto melhor com o seminário, por exemplo, mas se for outra categoria de área, vamos supor, a fala sobre um tema, eu prefiro um seminário do que uma dissertação. Um texto dissertativo, mas se for algo mais específico, seria melhor uma prova ou algo escrito, entre escrito e oral, eu to colocando assim, mas eu penso que, ainda hoje eu falava isso aqui na minha casa, o quanto muitas vezes, a avaliação, não somente na Unipampa, no nosso sistema geralmente, ela se</p>

	<p>resume a um número, ela tem muito disso, o quanto a avaliação pode se resumir somente ao número. No sistema de rubrica, é uma tentativa de fugir disso, a própria professora já havia dito isso. É uma coisa que eu me pergunto muito, é uma tentativa de fugir disso, mas no final, nós precisamos entregar um número também, eles, enfim os professores, então isso é uma coisa que me deixa muito com uma pulguinha atrás da orelha”.</p>
LARISSA	<p>“Depende, por exemplo, com a professora 1, eu me sinto tranquila, eu gosto dessa função de rubrica e de se autoavaliar, e tudo mais. Eu estava vendo que depois eu tenho que responder sobre isso, mas, depende muito, por exemplo, no inglês como nós fazemos inglês e espanhol eu me sinto bem nervosa na questão da avaliação e no processo avaliativo, porque eu tenho dificuldade na língua inglesa, mas no espanhol não tenho tanto, eu fico mais tranquila, então, depende, mas geralmente eu sou tranquila porque eu sou uma pessoa que tenta fazer tudo na data certa, então, não tenho muito erro. Na questão da língua eu fico mais nervosa, mas geralmente me sinto tranquila”.</p>
LEVI	<p>“Eu acredito que vejo de forma positiva, sim, embora eu acredite que a avaliação é quase uma faca de dois gumes, porque ela também pode acabar se frustrando de certa forma, às vezes. Mas eu acredito que geralmente se é feito apontamentos, críticas construtivas, eu penso que ela pode ter bons resultados também, e é isso”.</p>
MARIANA	<p>“Bom, eu tenho essa consciência, principalmente na faculdade quando aprendemos ser professor, sempre estamos entre esses dois papéis aluno e também professor. Eu me sinto numa condição de que eu tenho, não somente que cumprir aquelas expectativas do meu professor, como também aprender com aquilo que eu estou fazendo. Por exemplo, eu sempre prestava atenção na forma de avaliação dos professores, os meus professores, em posição de</p>

	<p>aluno, para mais tarde, ter uma base, repetir ou não? Por exemplo, um professor com um péssimo modo de avaliação. Bom, desse jeito eu não vou copiar, não vou ter como base para mim, e se esse professor tem uma boa avaliação, então, talvez eu possa replicar esse modo de avaliação. Eu me sinto num formato mais de observadora, gosto de cumprir aquela expectativa do professor, mas também aprender com aquilo para usar, ou não futuramente”.</p>
MAURA	<p>“Em relação ao processo avaliativo. Para mim, é de extrema importância, mas eu não concordo que esse processo avaliativo seja de pôr testes e provas porque o conhecimento vai muito, além disso. Quando eu faço uma avaliação, eu me sinto bastante nervosa e eu creio que quase todos os alunos se sintam assim, eu fico nervosa, eu fico apreensiva, essas duas características que eu posso dizer que eu fico em relação à avaliação”.</p>
NAIARA	<p>“Eu ainda acho difícil como aluna, avaliar e às vezes acho difícil me autoavaliar também como foi em questão das disciplinas. A questão da rubrica de perceber, se você foi bem ou não, quais pontos você foi bem, então como aluna eu sinto que eu tenho essa dificuldade de me avaliar, de me perceber, tanto os pontos bons e os ruins”.</p>
ROSANA	<p>“Eu gosto, eu acho interessante”.</p>
TAISSA	<p>“Eu me sinto bem, é eu gosto bastante da avaliação que a professora 1 usou. Eu cursei uma disciplina com ela que foi no semestre passado, e eu me senti muito bem, porque durante todo o semestre eu sentia que eu estava avançando, sabe, porque nós utilizamos, semanário, por exemplo, eu gostei bastante disso, podíamos perceber, assim, o que estávamos aprendendo, porque todo dia tinha que escrever sobre isso , etc. E no final, nós nos autoavaliamos e eu acredito que isso foi bom, desde o início tínhamos consciência que no final teríamos que se autoavaliar, então isso meio que ocorria durante os semestres, enquanto nós trabalhávamos, eu gostei bastante”.</p>

De forma geral, como percebe a avaliação? (laranja)

FRANCINE	<p>“Olha, eu percebo que a avaliação ela tem que acontecer, precisa acontecer, avaliar o aluno de algum jeito. Mas de uma forma que deixe ele mais a vontade, no caso na disciplina da professora 1, eu sentia estar sempre sendo avaliada, mas de uma forma particular, por exemplo, fazendo relatórios, fazendo pesquisas, tínhamos muito de pesquisa nas aulas dela para justamente depois apresentar esse nosso trabalho, como avaliação. Então eu percebo ele de uma maneira mais didática, individual, eu penso que a avaliação ela tem que ser de uma certa maneira individual, o aluno na totalidade, seria isso”.</p>
FRANCISCA	<p>“Como professora, para mim, é mais difícil do que como aluna. Eu me sinto mais confortável em ser avaliada do que avaliar, porque é bem difícil. Temos que estar com os critérios bem claros, bem estabelecidos, como eu disse tem que ser um processo. Eu me sinto mais confortável em ser avaliada, mas claro é importante, como eu disse a avaliação para mim, é mais importante do que pensar uma nota, pensar um conceito em todo caso, mais no que ainda precisa ser feito, e no que pode ser melhorado, então, sempre que eu avalio ou eu sou avaliada eu tenho esse olhar para refletir, estou aqui ou o meu aluno estamos aqui, e o que fazer com isso? A avaliação tem muito disso, o que eu vou fazer com esses dados que eu obtive a partir de agora? Talvez não seja o que eu esperava ou talvez, seja melhor que eu esperava, mas o que eu posso fazer a partir disso? Como melhorar ainda isso ou até como entender, porque chegamos? Onde chegamos, então, a avaliação tem muito a ver com isso”.</p>
GILBERTO	<p>“Percebo a avaliação como um instrumento necessário, interessante, importante para percebermos e analisarmos como</p>

	<p>estamos em relação a um tema, como está o nosso aprendizado, a nossa prática, é um dos pontos centrais da avaliação, talvez na maioria ela seja importante. Seja necessário ser avaliado por alguém que tenha conhecimento como a experiência de um docente”.</p>
HANNA	<p>“Se fosse uns dois semestres atrás eu diria que a avaliação era algo muito rígido, hoje eu entendo porque eu também me coloco como professora, tanto pelo programa de (residência) pedagógica, quanto estágios que eu venho fazendo, então eu entendo a necessidade da avaliação, mas também falta diversificar um pouco a “avaliação”, fugir mais desses métodos tradicionais que temos na sala de aula e tentar algo mais divertido, digamos assim, tirar um pouco essa pressão, como eu citei a pouco, essa pressão sobre cada uma das avaliações”.</p>
ISABELA	<p>“Muitas vezes é um momento de tensão e ansiedade para mim, dependendo, não é uma questão de tu estudaste, está sabendo tudo ou não está sabendo, muitas vezes só o fato de ser avaliada, dá o famoso branco, ou troco. Qualquer coisa do tipo, às vezes eu me pergunto, é cadeira? É a disciplina? É o professor? A professora? Às vezes não são nada disso, sou eu mesma, nos momentos que estou mais calma a avaliação se transcorre tranquilamente, sabe, é muito esquisito de ver isso, porque eu já vi isso em cadeiras. Bom eu entrei em 2015 no curso como eu disse, então, fui uma pessoa que teve bastante reprovações e olhando para trás eu observo os motivos das minhas reprovações. Eu jamais deixei de fazer porque não tô nem aí, jamais. E quais foram as barreiras que eu encontrei? Muitas vezes barreiras minhas mesmas, porque tenho a dizer que os professores, sempre ajudaram muito e não tenho o que me queixar, acredito que seja isso”.</p>
LARISSA	<p>“Acho importante, mas não penso que tem que ser avaliado da</p>

	<p>forma tradicional, somente prova, no final do semestre, tem que ser uma coisa contínua, tem que observar o processo do aluno se ele vai evoluir, se ele não vai evoluir, porque eu penso que somente no final uma coisa única é ruim. Não acho legal”.</p>
LEVI	<p>“Eu percebo como uma oportunidade para melhorar, os equívocos”.</p>
MARIANA	<p>“Bom avaliação é um ponto importantíssimo, quando falamos em avaliação, normalmente eu pensava antes de entrar na faculdade em prova. Provas, testes, etc. Agora a avaliação tem mais sentido com o processo, tem até uma expressão que diz, que não é a chegada, mas sim a tua caminhada, então a caminhada. De forma geral, eu percebo avaliação como modo de avaliar durante o processo, não somente o fim, mas os teus problemas que tu vens tendo, durante as disciplinas. Por exemplo, vou pegar, um exemplo da disciplina de matemática, eu tenho dificuldades em subtrair, então a avaliação ela vai te ajudar, não só tu responderes o teste assertivo, mas tu irás percebendo os teus erros, e melhorando eles. Eu percebo a avaliação como uma oportunidade de melhorar esse processo de ensino, melhorar o nosso aprendizado, no decorrer do semestre e do tempo específico”.</p>
MAURA	<p>“Então, eu, enquanto professora, eu percebo ser uma construção que vai se dando por um percurso que vamos trilhando. Como aluna eu percebo avaliação como se fosse uma prova, um teste se eu aprendi aquilo ou se eu não aprendi”.</p>
NAIARA	<p>“Eu penso que a avaliação não é simplesmente dar uma nota, ou dizer, por exemplo, você foi bem ou você foi ruim, mas perceber, pontos a serem melhorados, aonde a gente ainda está errando, o que podemos fazer melhor, a avaliação serve para termos esse <i>feedback</i>, pensar e refletir, “ah eu penso que aqui não está ótimo, dá para melhorar”. Então, quando fazemos esse exercício de autoavaliar com as rubricas, por exemplo, que foi no caso das disciplinas, conseguimos observar a nossa evolução, a avaliação</p>

	serve para nós mesmos percebermos a nossa evolução e também para o professor poder pontuar: você pode melhorar aqui. Ainda dá para fazer mais. Aqui está bom. Não está tão bom. Mas não simplesmente para qualificar o aluno com nota dez ou com nota cinco”.
ROSANA	“Eu acho bom, porque é uma forma de você se autoconhecer, de você estar vendo como está evoluindo, se você está entendendo corretamente, se está sendo bom para você, o seu aproveitamento”.
TAISSA	“Eu acredito ser uma forma ótima, assim porque tem várias disciplinas que não utilizam muito assim, é que, por exemplo, cursamos toda uma disciplina e às vezes chegamos no final, sem ter noção de como foi nosso desempenho, etc. Então eu penso que a avaliação durante o semestre, é algo bom”.

Você considera importante o espaço de avaliar o seu próprio desenvolvimento?
(amarelo-escuro 3)

FRANCINE	“Sim, eu penso que seria importante, sim, como tu se vê, no seu desenvolvimento, que às vezes o que o professor vê não é o mesmo o que tu achou, que tu se desenvolveu”.
FRANCISCA	“Sim, é difícil para mim eu tendo a ser muito crítica, mas eu acho importante, porque fazemos isso muito pouco, nos conhecemos pouco como aluno, eu penso que deveríamos fazer isso mais e mais cedo, se eu tivesse feito isso no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, eu teria mais consciência do meu processo, eu saberia mais como intervir nos problemas ou como melhorar o que eu tenho de potencial, identificar isso mais facilmente. Acaba sempre sendo o outro que te diz o que precisa melhorar ou o que tu tens de bom já, então eu gostaria de ter tido isso mais. Isso é bem importante e eu não me sinto segura e talvez por começar isso muito tardiamente, assim”.

GILBERTO	<p>“Eu acho importante, eu considero necessário, pessoalmente, claro que isso vai depender muito da personalidade da pessoa, do seu emocional, das suas crenças e ideias. Enfim, nós fizemos essa prática, trabalhamos com a professora 1 em algumas disciplinas na graduação em que ela nos avaliava com cinquenta por cento da nota e os outros cinquenta por cento da nota os próprios alunos avaliavam-se a si mesmos. Pessoalmente eu costumo ser rígido, severo comigo mesmo, eu sou uma pessoa muito exigente comigo, mas em relação ao próximo, talvez nem tanto, é um vício que eu tenho um toque. Inclusive a avaliação da professora difere da minha, a avaliação que eu dou a performance que eu dou a minha pessoa, a nota, ela é muito menor em relação à nota que a professora atribui a mim. Eu acho muito importante se avaliar, claro a avaliação do professor ela vai ser mais centrada, mais explicada, mais embasada e eu acho importantíssimo conhecermos a nós mesmos ou tentarmos entender isso, ah tu estás exagerando em algo ou talvez, eu estou fazendo bem essa matéria praticando de forma eficaz, é importante fazer essa avaliação, considero que seja relevante refletir”.</p>
HANNA	<p>“Nossa muito, para ser sincera as cadeiras que eu tenho esse processo de autoavaliação como uma forma de avaliação, eu sempre acabo me dedicando mais, eu fico com aquela voz na cabeça: não quero ser aquela aluna que dá um sete para si mesmo, porque merece um sete, então vou fazer mais de que um sete. A autoavaliação é um processo também, ela envolve muitos outros contextos, como, por exemplo, tem dias que eu não consigo falar em aula porque meu filho está na volta, então eu sei que isso vai pesar quando eu for fazer uma autoavaliação em frente aquela aula. Tem sempre um processo da gente validar todos os contextos que envolvem a sala de aula e o entorno dela, sabe?”.</p>
ISABELA	<p>“Eu acredito que sim, porque, dentro desses espaços, foi como eu cheguei a conclusões como as respostas anteriores, sobre</p>

	<p>avaliação. Eu penso que apesar dele ser bem difícil porque eu também tenho essa questão, eu me lembro a primeira vez que me pediram para me avaliar, eu pensei como assim eu me avaliar? Sempre foi o professor que me avaliou, que história é essa, e gradualmente eu fui me adaptando com essa ideia da autoavaliação e de perceber que serei professora. Como uma professora em formação é importante, eu me avaliar também, isso foi, meio que, um divisor de águas para mim quando eu percebi isso, a importância que é”.</p>
LARISSA	<p>“Sim, eu considero muito importante”.</p>
LEVI	<p>“Sim”.</p>
MARIANA	<p>“Com certeza a autoavaliação é importantíssima, tanto como aluno, quanto professor. O espaço de avaliar o próprio desenvolvimento como aluna, muitas vezes eu consigo perceber onde eu errei e o que eu preciso melhorar, às vezes os professores fazem esse papel também: olha, tu precisas entregar todo trabalho, a maioria das vezes, eles fazem isso. Mas a autoavaliação, a auto reflexão também vai ajudar nisso, porque eu mesma vou ser crítica comigo: olha, eu preciso melhorar ou me parabenizar, eu fui muito bem nessa escrita e nisso e naquilo. E como professora, a autoavaliação serve para analisar: será que eu estou apoiando todos os alunos? Será que eu estou avaliando corretamente? Então esse espaço de avaliar o próprio desenvolvimento tanto como aluno ou como professor é importantíssimo para consertarmos os erros e melhorar aquilo que precisa”.</p>
MAURA	<p>“Sim, eu considero importante, até para eu poder fazer uma auto-análise e uma autocrítica sobre mim mesmo, será que eu fiz o melhor? Será que eu não poderia ter sido melhor? O que eu poderia ter mudado para tirar uma nota maior? Para poder ser avaliado de uma forma diferente? Eu penso que acabamos se cobrando até um pouquinho mais, do que só fazer uma prova, um teste elaborado</p>

	por um professor”.
NAIARA	<p>“Eu acredito que sim, no início achei um pouco difícil quando começou com as rubricas, porque os professores anteriores não aplicavam essas rubricas, essas autoavaliações, a primeira vez foi com a professora 2 e depois com a 1 que eu tive contato depois, foi uma experiência interessante, mas no início é difícil, as minhas primeiras rubricas, por exemplo, em inglês e depois a minha última, eu sempre me avaliei inferior à avaliação do professor e o legal disso é que o professor também avalia, e vale tanto a nota do professor, quanto a minha. Perceber que eu não soube enxergar a minha evolução, porque eu tenho dificuldade para admitir às vezes, e eu me autocrítico, ou eu acho mais fácil me julgar do que julgar os outros, então, talvez se eu fosse avaliar o meu aluno, eu teria uma empatia um pouco maior de pensar não, mas evoluiu. Aqui mandou bem, ele merece um ponto a mais, comigo, difere, eu consigo me criticar mais a ponto de não me dar uma nota boa, por exemplo, eu me dou sempre regular, porque eu penso assim: ainda não está bom o suficiente, dá para melhorar mais, ao contrário vai ficar parecendo que eu estou pensando que eu cheguei lá, e ainda eu não cheguei. Então é muito importante, ajuda a gente a refletir e ajuda muito também quando é às duas pontes, ele vai me avaliar e eu vou me avaliar, e quando eu observo a avaliação do professor, eu vejo que foi maior que a minha, eu percebo o quanto eu me critico, o quanto eu sou rígida comigo mesma, ou quando eu me avalio em alguns casos algumas pessoas se avaliam com nota maior, elas percebem, o professor percebeu coisas que talvez eu não percebi, então faz refletirmos bastante sobre o nosso processo, sobre como a se vemos, se avaliamos e como o professor vê isso”.</p>
ROSANA	<p>“Acho, acho importante sim. Porque eu posso perceber as minhas dificuldades, eu posso saber até que ponto eu me encontro, naquela situação, e uma maneira de que, digamos, de eu poder mudar. Quando eu faço isso, eu posso perceber aonde foi que eu errei, o</p>

	que eu posso melhorar”.
TAISSA	Muito, eu acho bem importante.

O que você pensa sobre ser avaliado através de rubricas? (verde)

FRANCINE	“Sim, eu acredito ser válido, porque tu se sente que recebes aquele retorno, sim, por exemplo, se eu quero aquela nota, eu vou fazer aquilo para receber aquela nota e também quando eu me autoavaliar eu vou ser sincera, eu penso que quanto tu se autoavalia, muitas vezes, tu também podes se autossabotar, fiz isso, fiz aquilo, mas não é bem isso, então com rubrica tu tens a ideia, exatamente, do que tu precisas para atingir aquela nota, se realmente tu fizeres aquilo”.
FRANCISCA	“Eu gosto, eu penso que funciona bastante porque sabemos exatamente o que está sendo avaliado, então nesse sentido é ótimo e, em geral, são critérios bem específicos, bem pensados, então eu gosto bastante. Eu conheci a professora 1 e comecei a adotar como professora também. Hoje eu faço com os meus alunos, porque eu penso que funciona bastante e para mim como professora funciona muito porque eu sei o que eu quero com aquilo, porque se não eu tendo a me desviar, eu começo a olhar outras questões que talvez para aquele momento não sejam tão importantes, então ajuda bastante a focar, então para mim, é importante como aluna e como professora”.
GILBERTO	“Eu acho legal porque as rubricas que tivemos com a professora 1, ela deu as instruções, ela nos explicou a metodologia como se desenvolvia a avaliação na disciplina dela, tudo explicado, os critérios, o que era necessário para obter a nota máxima, tudo explicado. Domínio satisfatório, por exemplo, em uma disciplina de Letras, de línguas, de falas, na de linguística aplicada, Letramentos

	<p>em espanhol, um exemplo que envolve a fala, o diálogo, boa pronúncia, compreensão, vocabulário amplo, facilidade, não ter a dificuldade de falar, ter uma boa escuta, fazer as atividades em dia, ser participativo em aula. Eu acho interessante, tenho achado interessante essas rubricas, eu acho satisfatório como as rubricas, são feitas, são explicadas, elencadas, no caso nessas disciplinas que nós cursamos com a professora 1, elas são detalhadas, elas não deixam dúvidas e nos ajudam na hora de avaliar, de estabelecer a nota em cada elemento, em cada classe da disciplina”.</p>
HANNA	<p>“Eu descobri o que era uma rubrica com a professora 1, eu achei incrível, por cada passo ser separado, tem uma organização tão grande para fazer uma avaliação que é algo muito amplo, uma avaliação envolve tanta coisa e às vezes como professor a gente não sabe por onde começar a avaliar, vai avaliar o aluno que está falando, não? Vai avaliar esse teste aqui? Mas avaliar a gramática? O jeito que o aluno escreve, é muita coisinha, sabe, e eu penso que a rubrica te facilita muito assim, esse entendimento tanto quanto professor para tua própria organização, como para aluno para ti saber de verdade o que está sendo considerado ou não”.</p>
ISABELA	<p>“Eu falei um pouquinho sobre isso na outra resposta também, eu penso que, como eu disse é um sistema de avaliação talvez mais humano, ele é mais detalhado, mas justamente por ele ser mais detalhado, e isso deixar mais claro, quais são os pontos fortes e os pontos fracos do aluno vamos dizer que muitas vezes a rubrica é, por parte do aluno e do professor, enfatizar o lado positivo e o lado negativo, “vamos dizer”, porque todos temos os pontos fortes e fracos, e isso pode ser muito positivo para o aluno, para o processo de aprendizagem eu acredito que sim, bem mais positivo que o processo que temos hoje em dia”.</p>
LARISSA	<p>“Eu penso ser bom, eu gosto de ser avaliada através das rubricas,</p>

	<p>porque temos uma noção do que a gente precisa fazer naquele disciplina, naquele componente, para poder alcançar a nota máxima e tudo mais. Tu vais se esforçar para ser excelente sempre, então, eu gosto de rubricas. Eu já fiz várias rubricas, porque eu já fiz várias disciplinas com a professora 1 e com a 2 também, mas eu não lembro se nas outras, se na 2 tinha rubrica, ou se foi somente essa que era com a 1, eu não consigo lembrar, mas somente na universidade”.</p>
LEVI	<p>“Eu não sei se necessariamente, acredito que sim, não lembro se todos os professores usam essa metodologia para avaliação dos alunos, mas eu lembro que a professora 1 desenvolveu uma rubrica, que abarcava muitos aspectos e eu acredito que o jeito que acabamos trabalhando eu consegui perceber a rubrica de um jeito diferente agora. Antes era prova, você ia lá fazia uma prova e você verá quais aspectos seriam avaliados no seu texto, por exemplo, contudo a autoavaliação que fazemos baseado na rubrica é uma autoavaliação que engloba um trajeto que trazemos, enquanto estamos atuando no semestre. A rubrica que ela desenvolve, através dela também conseguimos perceber mais o quanto ela está diretamente ligada com as nossas decisões no coletivo, seja nosso desenvolvimento, nossa desenvoltura na oralidade ou até na escrita, então eu vejo como uma coisa boa também”!</p>
MARIANA	<p>"Bom, até o sexto semestre não entendia muito bem assim: eu vou dar a nota para mim? O que eu quero? A mais alta talvez? Mas vai exatamente na direção que eu estava falando antes, em tu te autoavaliar, e tu refletir sobre o que tu fez, e ser sincero. Olha, eu tenho que ser sincero, por exemplo, eu tinha que entregar dez trabalhos e entreguei dois, não posso dar nota nove para mim, não. Então tu tens que ser sincero. Eu fiz isso, me esforcei pouco, vou melhorar em tal aspecto. Então a avaliação através das rubricas, eu acho muito interessante porque mostra esse panorama, além de nos ajudar a perceber os erros de nós mesmos, não ficar só</p>

	<p>ouvindo: tu erraste nisso, tu erraste naquilo. Conseguimos melhorar através disso. Eu acho bem interessante”.</p>
MAURA	<p>“Já utilizei bastante e eu penso que de certa forma é o melhor sabe, por que tu sabes como tu vais ser avaliado, tu sabes quais requisitos tu vais estar sendo avaliado, e tu podes cobrar depois, por exemplo: olha, eu acredito que na parte da oralidade que é o que a professora 1, mas cobrava da gente. Eu poderia ter sido melhor. Ou não, não concordo com essa nota. Ela sempre dava um espaço para podermos perguntar o porquê da nota. Então eu acho super importante ser avaliada dessa forma, eu particularmente gosto bastante de avaliar e de ser avaliada dessa forma”.</p>
NAIARA	<p>“Eu acho mais interessante, eu gosto mais do que provas, por exemplo, porque eu não trabalho, eu ainda não dou aula em escolas, eu trabalho com revisões e outras tarefas do tipo, mas se eu pudesse escolher entre aplicar uma prova, e aplicar uma rubrica, avaliar por rubrica, eu penso ser mais válido, porque o aluno percebe a evolução. Conseguimos observar na rubrica, eu gosto mais da ideia de uma avaliação gradual, de ir observando os trabalhos ao longo do percurso. Eu fui formada em uma escola e já faz um tempo, no fundamental e no médio onde era uma prova final, e era essa prova que te definia e a ideia de você saber do seu processo com a rubrica, você se avalia depois, na questão da pronúncia eu melhorei de tal forma, eu to melhor que na escrita. No meu caso eu sempre avalei a minha escrita um pouco abaixo, e sim em espanhol ainda tenho alguns pontos a melhorar, mas eu consigo avaliar as coisas em separado, uma prova simplesmente tem uma nota que definiu todo o meu processo do meu ano inteiro. E eu o meu ano inteiro não somos definidos por uma nota e sim por vários processos. Teve, momentos que eu mandei muito bem, teve, momentos que eu não fui tão bem e na rubrica eu consigo ver isso, ser avaliado pela rubrica me faz eu ver o todo, me ajuda a perceber o todo, meu processo e a minha evolução na totalidade. Então eu</p>

	<p>acho mais interessante do que uma prova, não desmerecendo as provas, mas talvez se fossem pequenas provas ao longo do semestre, pequenos trabalhos que ao final fossem por meio da rubrica, e pudéssemos ver: nesse quesito, nesse aqui fui de tal jeito. Fui melhor. Eu fui evoluindo porque conseguimos perceber que no início do semestre a nossa pronúncia estava ruim, e a escrita, por exemplo, quando começamos fazer os diários, eu consigo perceber que nos primeiros diários eu escrevia bem pouco e falava o que aconteceu e deu. E nos últimos eu refletia sobre o que aconteceu, eu trazia outros pontos, o que acontecia na aula, aquilo que foi mostrado, conseguimos perceber, todas as pequenas tarefas, nos ajudam a perceber o todo, processo, como nós melhoramos, no início era de um jeito, no final era de outro jeito, para melhor”.</p>
ROSANA	<p>“É um pouquinho difícil assim, porque às vezes, você pensa que está tão bem, mas, na verdade, não. É meio confuso, porque é muito próximo. Uma pequena fração, uma pequena palavrinha pode mudar o conceito que você acha sobre você. É diferente o seu olhar de quem está avaliando, por exemplo, com a professora 1 tem partes que eu me dei uma nota baixa, no caso eu me sentia um pouco frágil, e pelo contrário depois ela falou que não. Que a minha percepção diferiu, e é isso”.</p>
TAISSA	<p>“Eu gosto bastante também porque o professor tem que saber exatamente o que ele vai colocar na rubrica, para chegar perto do desempenho do aluno, porque tem sempre uma avaliação, alunos com um desempenho muito altos, outros muito baixos, então tudo isso tem que estar na rubrica, e se tiver tudo direito, penso que é ótimo”.</p>

Comparando o uso de rubricas com outra forma de avaliação, você prefere qual?
(azul-centáurea)

FRANCINE	“Olha, eu penso que as rubricas são positivas”.
FRANCISCA	<p>“Ah! É difícil, depende da forma de avaliação, por exemplo, eu não gosto muito de provas, se eu for comparar uma rubrica com uma prova, naquela ideia bem tradicional, de prova, um dia ganhamos uma nota. Eu não gosto muito desse modelo de avaliação, e penso que ele não reflete aquilo que nós somos como alunos, não reflete como o professor é também. Não é justo com o meu aluno eu avaliar só naquele dia, porque muitas vezes o aluno decora algumas coisas, vai bem naquele momento, mas ele não se dedicou todo o processo, ou ele está muito bem durante o processo. Mas por algum motivo, ele está nervoso, porque muitas vezes a prova acaba virando um momento de tensão, de ‘stress’ para muitos alunos. Então comparando, por exemplo, com uma prova tradicional, eu prefiro pensar que a rubrica é mais interessante. Mas existem outros modos de avaliação, que podem ser interessantes também, na verdade, à rubrica pode servir até como uma prova, eu posso fazer uma rubrica para pensar a prova também, então depende como eu olho, eu posso fazer um trabalho, mas a rubrica pode estar ali para avaliar esse trabalho, então, não sei se eu te respondi, essa é difícil”.</p>
GILBERTO	<p>“É, eu não sei se eu estaria na posição agora, na situação de sugerir outros métodos. Primeiro, porque eu não tenho ainda, o conhecimento necessário, básico para exercer essa prática, ainda que, claro, tenhamos que fazer necessário. Mas como eu falei, eu não tenho experiência, talvez a ideia de sugerir outras formas de avaliação, há várias outras formas, mas eu não tive ainda, não tive essa prática suficiente para opinar outra sugestão. Eu penso que as rubricas que eu fiz até o momento, sem problemas, claro eu digo isso, assim, a nota que eu recebo, eu não pergunto, eu não questiono a nota que eu recebi por parte da professora. Porque eu penso assim, se a professora disse que eu tirei essa nota, é porque de fato eu mereci tirá-la, é porque eu agi dessa forma, eu trabalhei</p>

	<p>dessa forma, eu não questiono. Eu tenho um comportamento muito passivo em relação aos professores, eu não ousa levantar a mão contra um professor ou questionar, argumentar as suas propostas, eu as aceito sem exitar. Quem sou eu? Um mero discente a frente de um doutor, ao professor doutor, com anos de experiência, no assunto, em avaliação, em uma matéria, então, assim, no momento eu com meros vinte e um anos, eu não me atrevo a sugerir algo assim, olha uma avaliação. No momento ainda não tenho nenhuma preferência, porque eu não tenho experiência, domínio, eu não entendo o universo da avaliação. Eu estou apenas inserindo, gradualmente, graças a essas práticas com a professora 1, das rubricas, e começar a avaliar a si mesmo e eventualmente no futuro avaliar os alunos, os meus próprios alunos”.</p>
HANNA	<p>“Ah, eu prefiro as rubricas, 101% as rubricas”.</p>
ISABELA	<p>“Eu gosto bastante do uso das rubricas por essa questão de como eu falei de avaliar o processo. A única coisa que me deixa um pouco pensativa nas rubricas, é justamente essa questão que eu tenho muitas vezes ou com a ansiedade. Às vezes, uma sensação de eu deveria estar fazendo algo agora porque na rubrica a avaliação é processual. É uma autocobrança, e isso às vezes é um pouco negativo também, mas comparando com outras avaliações que existem, eu penso que a rubrica ainda é, ela ainda pode ser a melhor, acredito que sim”.</p>
LARISSA	<p>“Eu prefiro as rubricas porque, é mais fácil, como eu disse, porque tu sabes o que tem que fazer e ser avaliado continuamente conforme a tua evolução. Do que fazer uma prova no final e ser avaliado por causa daquela prova por um conteúdo que tu tiveste que estudar, por exemplo, às vezes tu nem prestou atenção durante o semestre, estudou uma semana antes, aí foi lá e fez, e não foi uma evolução contínua, que tu estavas ali presente o tempo todo, foi uma coisa, que tu estudaste somente. Então eu prefiro a rubrica</p>

	e essa avaliação contínua”.
LEVI	<p>“Eu sempre tive meio que um problema com avaliações, justamente porque, eu entendia que a avaliação sempre vai estar voltada, no panorama do avaliador, então, às vezes, me parecia que quando existia uma metodologia de avaliação, ela não necessariamente consegue prever, habilidades que o aluno tem, contudo, ele não consegue desenvolver naquela disciplina ou a metodologia que você usa não abarca todas essas questões, por cada aluno ser um agente, ele tem habilidades diferentes que às vezes ele não desenvolveu, seja por N motivos, então eu quase tendo a pensar que a rubrica nesse caso ela ainda pode conseguir abarcar, mas ainda assim, está presa dentro de uma metodologia, eu não sei se eu tenho conhecimento para falar de outra forma de avaliação”.</p>
MARIANA	<p>“Atualmente eu também estou usando as rubricas, não em sua totalidade. Na escola onde eu estou mestrando eu uso parcialmente, nas atividades, por exemplo, e no final da aula eu entrego uma pequena rubrica, com as seguintes questões. Vocês gostaram da atividade? Onde vocês deveriam melhorar? Quanto que vocês dariam para os seus desempenhos nessas atividades? Eu acredito que seja uma forma da gente ajudar, tanto os alunos, quanto nós mesmos. Eu prefiro, não estou usando na totalidade, mas como eu falei, eu prefiro usar parcialmente, porque conseguimos explorar melhor, as dificuldades e tudo o que eu falei antes. Diferente das avaliações tradicionais, prova, teste. E tanto para uma atividade, por exemplo, no dia o aluno pode não estar tão bem, pode ter acontecido algo em casa, ou, então, eu acredito, que prefiro seguir nessa nova forma de avaliar, eu já avalio na forma processual, então, não é somente uma nota no fim do trimestre, ou uma atividade específica que vai avaliar todo o aluno, todo o processo dele. Então comparando a rubrica com as outras formas de avaliação, eu prefiro a rubrica, porque ela abrange melhor as necessidades de todos os alunos e também abrange o processo</p>

	<p>todo, não só o final, não só o elemento final que seria o teste, mesmo que em algumas escolas seja obrigatório o uso de alguns testes e provas, algo físico, mas é eu vou colecionando aquelas avaliações, autoavaliações e também vai servir de avaliação final”.</p>
MAURA	<p>“Eu sempre procuro ser o mais transparente possível quando eu vou avaliar um aluno. Eu trabalho numa escola do estado, então eu prefiro que o aluno saiba por rubricas como ele vai ser avaliado para que depois não se surpreenda e depois ele não diga como eu tirei essa nota? Tendo um manualzinho sabendo como ele vai ser avaliado, com certeza é a melhor forma e também eu prefiro o uso de rubricas”.</p>
NAIARA	<p>“Sobre essa pergunta foi o que eu falei anteriormente, eu penso que a ideia de rubrica para mim, é mais interessante. Eu não tive acesso a outras grandes formas de avaliação, é a rubrica porque foi implementada pelas professoras, mas as outras disciplinas geralmente eram provas e trabalhos. Éramos somente avaliados, somado tudo, dividido, geral. Então das formas que eu tive acesso ao longo da minha jornada na escola e acadêmica na Unipampa, eu considero a mais interessante é a melhor delas, a rubrica. Tanto para inglês quanto para espanhol, me ajudou muito. Eu fui avaliada de uma melhor forma para conseguir perceber os aspectos em separado, eu consegui perceber como estava a minha pronúncia no espanhol, a escrita, porque não é tudo uma coisa, vai ter pessoas, por exemplo, que tem mais facilidade para falar e se desenvolver em espanhol que eu tenho mais facilidade e eu conheço colegas que escrevem melhor, com uma escrita ótima, tu consegues ver separado a gente não é ruim de um todo, temos aspectos em que mandamos melhor e aspectos que temos certa dificuldade, então eu acho mais interessante isso, conseguimos observar as coisas separadamente”.</p>
ROSANA	<p>“Depois que eu entendi direito como funcionam as rubricas, eu</p>

	<p>prefiro. Porque depois você consegue ler e realmente se avaliar, porque quando está observando no geral, estamos vendo por cima, você sempre se imagina melhor, depende muito da fase que você está, às vezes você está meio baixo astral, então você mesmo, depois você lendo, o <i>feedback</i>, que você teve, ali na sua avaliação, você percebe que não”.</p>
TAISSA	<p>“Prefiro as rubricas, porque possibilita o aluno saber o que é esperado durante o período avaliativo. Sim, a professora 1 desde o início explicou como funcionava, tínhamos consciência exatamente das rubricas, isso foi bom”.</p>

O que você pensa a respeito dos *Feedbacks* que recebe? Como você se sente ao receber um *Feedback*? (azul)

FRANCINE	<p>“Eu gosto de receber <i>feedbacks</i>, porque tu vêes onde tu tens que melhorar, onde tu acertaste. Quando fazemos aquilo simplesmente sem objetivo, sem receber o seu retorno, você se sente frustrado, mais do que tu receberes um <i>feedback</i> negativo. Faço reflexões, quando eu recebo um <i>feedback</i>, quando eu não recebo, não tem como saber o que tu erraste e o que tu não erraste. Vejo de forma positiva, deixa mais próximo do professor”.</p>
FRANCISCA	<p>“Eu gosto muito, funciona muito para mim. Eu não gostava muito quando acontecia, quando me interrompiam. Por exemplo, estou num fluxo, estou num raciocínio e interrompiam para dizer algo, uma palavra que eu errei em espanhol. Determinados professores dão esse <i>feedback</i>, e para alguns alunos funciona, para mim não funcionava. Eu prefiro quando anotam as coisas que eu preciso melhorar e me falem depois, mas eu gosto bastante de receber <i>feedback</i>. Eu fico até preocupada quando eu não recebo, e eu digo como assim? Precisamos ter esse retorno, é legal, e eu vejo que funciona, muita coisa eu começo prestar atenção, me chamaram a</p>

	<p>atenção disso, então, eu tenho que ficar atenta. Eu estudo mais a partir do <i>feedback</i>, eu sei que eu preciso estudar mais uma determinada questão, então eu gosto bastante, funciona bastante para mim. Eu utilizo essa metodologia com os meus alunos, eu faço várias formas de <i>feedback</i>, mas depende do que estamos trabalhando, em textos eu costumo trabalhar com comentários para eles, então eles escrevem no Word, por exemplo, e eu deixo comentários com o <i>feedback</i>, assim, com coisas positivas que tem no texto, coisas que eles podem aprimorar, que precisam ser revistas. Se é um trabalho oral, eu procuro anotar e falar depois, mas eu sempre procuro dar <i>feedback</i>, em tudo o que fazemos em sala de aula”.</p>
GILBERTO	<p>“Eu tento fazer, agir e reagir da maneira mais natural possível em relação a um possível erro que gradualmente vamos entendendo como natural, nós temos essa ideia, tem esse sentimento ou talvez seja um instinto, ou crença, a maioria de nós, talvez não haja exceções, mas sentimos uma ferida, uma fraqueza quando erramos, uma inferioridade. Mas não é para ser assim, porque ninguém é perfeito, ainda mais quando estamos no início, aprendendo algo, é normal errar. Não começamos aprendendo tudo do dia para a noite, então o <i>feedback</i> ele serve como um auxílio, como uma instrução, para dizer: não, não é dessa forma que se faz. É dessa forma. É um exercício constante por parte do aluno entender que errar não é feio. A professora 1 cansa de dizer isso, que errar não é feio, é natural, faz parte, por meio dos erros vamos aprendendo as coisas, por meio da prática. Eu gosto de falar uma frase: o sucesso consiste em passar de fracasso em fracasso sem a perda de entusiasmo, é por meio dos erros que temos o sucesso, basta não perder o entusiasmo. Então, eu penso que o <i>feedback</i> é importante, importantíssimo, sem o <i>feedback</i> vamos continuar errando, claro o erro é natural, mas errar continuamente, aí isso pode se tornar um problema. No caso das disciplinas que eu cursei</p>

	<p>com a professora 1, no ensino remoto, as atividades que nos fazíamos pelo Google Meet ou Drive, tarefas que ela nos atribuía, ela fazia comentários, dos nossos trabalhos, por alguns elementos, de algumas ferramentas na plataforma do (Google), docs, por exemplo, há opção de escrever um comentário, em relação a uma escrita do aluno, destaca um trecho, algo, uma palavra que tivesse errada, a escrita, a ortografia e então ela fazia a correção ou ela colocava um comentário. Os <i>feedbacks eram</i> feitos dessa forma, também, às vezes a professora utilizava a plataforma WhatsApp em atividades de fala, de oralidade, falando acerca das nossas atividades orais, da oralidade, outros nós enviamos áudio, referentes a uma tarefa para a professora, depois ela escutava. Ela escrevia tanto pelo whats, ou em um áudio, ou por meio dessas ferramentas docs as tecnologias digitais de comunicação e informação do drive”.</p>
HANNA	<p>“Depende, não só do ambiente que estamos, é muito complicado. Por exemplo, quando tu estás no primeiro semestre, eu acho muito diferente o <i>feedback</i> do primeiro semestre ao <i>feedback</i> do sexto semestre. No sexto semestre tu podes chegar no aluno que está na frente da sala toda e enquanto ele está falando tu podes ir corrigindo, até porque o aluno já tem uma noção maior de vocabulário da língua específica e assim por diante. Já no primeiro semestre eu me sentia muito desconfortável, quando terminava de apresentar um trabalho o professor vinha com uma lista de coisas para corrigir, eu acho isso muito desconfortável, essa abordagem deveria ser feita, talvez de uma forma individual, ou talvez anotando o que a turma inteira errou, não fazendo esse <i>feedback</i> individual, mas sim para turma, se fosse um <i>feedback</i> (individual) preferia que fosse mais isolado, não na frente de uma turma inteira falando tu erraste esta palavra”.</p>
ISABELA	<p>“Eu diria que <i>feedback</i> foi uma das melhores coisas que já inventaram, porque é justamente com o <i>feedback</i>, que eu aprendi a</p>

	<p>ouvir críticas, o que no nosso próprio trabalho de professora, vamos receber e vamos ouvir muitas críticas ao longo da carreira, e, além disso, como ser humano mesmo, todo mundo vai lá diz-nos as coisas boas e ruins que fazemos. O <i>feedback</i> ele enfatiza muito mais o que de positivo fazemos, pelo menos dos <i>feedbacks</i> que eu recebi, comparando os <i>feedbacks</i> entre simplesmente uma correção de uma prova de um texto em que vem aquele texto cheio de correções, sublinhado ou circulado. O <i>feedback</i> ele te dá um contexto maior, aliás um panorama maior, do meu processo de aprendizagem, então é uma sensação bem melhor com os <i>feedbacks</i>. Eu saio dos <i>feedbacks</i> sabendo ok: isso aqui eu estou fazendo de uma forma boa, que bom vamos seguir e essa parte aqui não está legal e eu recebi caminhos para melhorar, então, show, de boa, 100%”.</p>
LARISSA	<p>“Eu gosto dos <i>feedbacks</i>, eu me sinto bem, porque eu consigo rever, repensar as minhas atitudes, o que eu preciso melhorar, o que eu não preciso melhorar, o que eu fiz bem. Eu me sinto bem, eu gosto de receber o <i>feedback</i>. Às vezes eu penso que eu sou puxa saco de professor, eu estou sempre tentando fazer exatamente o que eles pedem, e às vezes, mesmo quando eu tenho um <i>feedback</i> ruim, eu fico meio mal, tipo, depende, por exemplo, da professora 1 eu sempre levo bem o <i>feedback</i> dela”.</p>
LEVI	<p>“Nesse aspecto eu considero que o <i>feedback</i> é importante sim e nem sempre o <i>feedback</i> é importante em sala de aula. Eu penso que <i>feedback</i> também é relevante quando você tem um contato com o aluno, porque, por exemplo, quando pegamos as metodologias ativas, o professor pode ser um agente afetivo, então ele consegue criar um ambiente de harmonia, um ambiente onde o aluno consiga se sentir confortável suficiente para ele também vire um agente facilitador, que está envolvido com essas coisas. Eu acredito que esse processo, esse <i>feedback</i> ele acaba aumentando essa integridade da comunicação entre os dois, a relação</p>

	<p>professor/aluno e também para o próprio desenvolvimento de ambos, porque os dois estão juntos, não existe um só. Na questão do <i>feedback</i> que também é dado em sala de aula, o aluno pode necessariamente se sentir, não sei se frustrado é a palavra certa, mas eu penso que isso é uma linha tênue, porque até a onde o <i>feedback</i> é dado, onde todo mundo está vendo, porque, por exemplo, o que eu entendo de <i>feedback</i> pode ser até uma correção, por exemplo, o aluno está falando, e isso eu estou falando do curso de letras e línguas adicionais que é aonde a gente sempre tem que experimentar a língua, precisamos estar em contato, então nós acabamos usando muito o português com referência para aquilo que queremos falar e quando se expressamos pensando na língua materna acabamos meio que levando alguns equívocos em relação à língua de partida e o professor, por exemplo, poderá te dar uma correção. Não é assim que faz, isso tem jeitos e maneiras. Mas as pessoas nas quais elas cometem demasiados erros, um atrás do outro e como fica esse <i>feedback</i>? Será que a pessoa se sente bem quando tem várias pessoas em volta, vendo quantas vezes ela está cometendo o mesmo erro? Então eu penso que o <i>feedback</i> em sala de aula é importante, mas nem sempre, eu acredito”.</p>
MARIANA	<p>“Me colocando no lugar de aluna da universidade, a maioria das vezes eu concordo, como eu já lhe falei, quando o professor já propõe a rubrica vamos pensando, olha realmente, isso aqui, não podemos fugir, por mais que tentemos mentir na rubrica, sabemos que não é bem assim. Na maioria das vezes eu concordo com os professores, porque vai conforme o meu pensamento, se, por exemplo, não for segundo o meu pensamento, se o professor acha isso e eu acho aquilo, temos que ver onde está o erro. Será que eu não consegui me comunicar com o professor? Ele não recebeu algum trabalho meu? Ou será que eu entendi errado a proposta da disciplina? Mas normalmente eu me sinto avaliada, não só por mim, mas também pelo professor, porque também esse é o papel do</p>

	<p>professor, não podemos tirar o papel dele, porque ele está ali, além de eu conseguir enxergar o meu processo, ele também vai enxergar. Então eu aceito e respeito todos os <i>feedbacks</i> dos professores, inclusive teve disciplinas que eu resolvi repetir. Eu conversava com o professor, ele falava que não está tudo certo, tu fazes mais uma atividade, tu consegues. Eu falava não professor não consegue dar tudo de mim nessa disciplina, eu não consegui aprender o que eu queria aprender, eu fiz os trabalhos e tudo, mas eu não desenvolvi aquilo que foi proposto na disciplina, então eu quero repetir. Claro, atrasa a gente um pouquinho, mas em disciplinas importantes eu fiz várias vezes assim, principalmente nas de língua”.</p>
MAURA	<p>“Quando eu ingressei no curso de Letras e Línguas adicionais, eu me sentia muito mal com <i>feedbacks</i> porque eu não sabia inglês, então cada vez que eu lia que eu via que não foi legal, que não tava bom, eu sentia que não iria conseguir nunca aquilo que a professora queria. Mas com o tempo eu digo que o curso foi me moldando, as professoras foram me moldando, através dos <i>feedbacks</i> eu sabia o que eu poderia melhorar, e o que eu não poderia melhorar. Eu me cobrava também, porque às vezes não damos o máximo que poderíamos dar, e através dos <i>feedbacks</i> podemos mudar, avançamos naquilo que estamos errando, então eu acho extremamente relevante, extremamente importante. Para podermos também construir nossa identidade acadêmica. Hoje analisando eu sinto que todos os <i>feedbacks</i> foram positivos, assim, para mim, porque eu acabei me cobrando mais e hoje eu melhorei e hoje eu avancei graças aos <i>feedbacks</i> de todos os professores”.</p>
NAIARA	<p>“Então, ainda até hoje eu recebo <i>feedbacks</i>, no trabalho a gente também recebe, eu sempre acho o <i>feedback</i> muito importante, mas eu penso ser difícil dar <i>feedback</i>, tem que tomar cuidado para dar <i>feedback</i>, até eu mesmo que reviso textos, que eu trabalho com isso e eu reviso textos de outras pessoas, eu acho o <i>feedback</i> uma</p>

coisa importante, mas delicada temos que saber dar *feedback*. Eu tive um projeto de monitoria que eu tive que dar *feedbacks* para esses alunos e eu sempre fui muito orientada nessa questão, temos que ter muito cuidado com a pessoa que está recebendo aquele *feedback*, e os *feedbacks* que eu recebi, maior parte deles foram positivos, que me ajudaram muito, na questão do inglês desde o meu primeiro dia na Unipampa, eu tinha muita dificuldade, sempre tive muita dificuldade com o inglês, mas eu sempre recebi *feedbacks* muito positivos. Na questão é normal errar, erramos, no começo vai ser difícil, mas você está evoluindo e eu gostava disso, por exemplo, a professora 2, mostrou muito isso, da minha evolução, ela tentava me fazer enxergar a evolução, por mais que tu cometes alguns erros, tá dando certo, é devagar e sempre, conseguimos. Com a professora 1 foi a mesma coisa, eu tive pouco contato com as aulas dela, porque foi mais no final do curso que eu encontrei com ela em uma disciplina, mas eu senti os *feedbacks* muito positivos e certos. Deram muito certo, sabe. E gostei muito porque nas rubricas ela me autoavaliou melhor que eu e por mais que não tenha dito nada, eu entendi, eu me auto critiquei muito naquela avaliação, eu fui muito rígida, eu falei, nos meus áudios mesmo eu sou muito de pontuar, eu falava eu errei isso, eu errei isso aqui, até no diário eu conseguia dizer no dia tal eu falei, tal coisa errada, eu disse a palavra tal, eu critico os pequenos erros e não olhava o todo, tipo, mas no todo eu mandei bem, no todo eu melhorei, evolui. Então, os *feedbacks* são muito importantes e como eles são dados, faz toda a diferença, esses *feedbacks* mais secos, que simplesmente pontuam: você errou isso. Você errou aquilo. Eu não considero eles construtivos, eu considero eles muito rígidos e o aluno somente sabe simplesmente que ele errou, e eu penso que como a professora 1 e a professora 2 fizeram isso, foi ótimo, porque elas, simplesmente, não disseram: tu erraste ou aqui está teu erro. Elas falaram: ah! Aqui poderia ter melhorado. Você pode fazer de tal forma para ficar melhor. A pronúncia não está boa, mas vai

	<p>praticar em tal, em tal aplicativo. Faz de tal forma, que vai chegar lá, que vai dar certo. Então é essa ideia de mostrar para o aluno que hoje você cometeu esse erro, mas praticando um pouco mais na próxima vez, na outra semana vai ficar ok e vai estar melhor e tudo bem, então foi bem positivo”.</p>
ROSANA	<p>“Eu me sinto privilegiada, porque é a maneira de você estar mais próximo do professor, e dele estar realmente te explicando, e atento ao que você está sendo falho. Eu me sinto privilegiada em relação ao <i>feedback</i>, mas o que eu percebi, nesse pouco tempo na Unipampa, é que nem todos esses professores conseguem fazer esses <i>feedbacks</i> com clareza, talvez alguns, talvez alguns não estejam falando algo, mas não são todos os professores que te dão esse <i>feedback</i>. Que conseguem chegar até você de uma maneira tão clara, mas quando isso acontece, de maneira clara, objetiva, você evolui muito, muito. Fui atendida dessa maneira tão corretamente com a professora 1 mesmo, foi bem direcionado, tudo bem explicado e eu conseguia entender e compreender direito, as outras não, são mais por e-mail, ou pelo WhatsApp, mas é muito superficial, não é uma coisa direcionada para aquele aluno, não é um olhar, por isso que eu digo que eu me sentia privilegiada, porque aquilo era para mim, o que eu precisava mudar para melhorar? E geralmente não é assim, claro, que temos professores que mesmo no whats ele dá uma explicação, ele diz algo, mas não uma coisa tão específica, tão direcionada, é mais, no contexto geral. É mais um acolhimento, um respeito com a sua dificuldade, é uma atenção especial, para você e por mais que você tenha às vezes as mesmas dificuldades que outros, mas você se sente acolhida porque aquela voz, foi direcionada para você, aquelas palavras eram-te e dá certo, coincide com as suas dificuldades”.</p>
TAISSA	<p>“Eu acho ótimo, porque podemos ter noção do que erramos, praticar isso para não errar de novo, sabe, eu acho ótimo. Senti que o professor dava atenção realmente, porque eu estava aprendendo,</p>

	ou para o que eu não estava aprendendo e isso motiva muito a gente em uma disciplina”.
--	--

Em que medida o recebimento do *Feedback* tem impacto nas suas ações como aluno em tarefas futuras? (roxo)

FRANCINE	<p>“Positiva, como estávamos conversando, tu vais refletir aquilo que tu já fizeste e aquilo que tu recebeste. Pensamos, eu posso fazer isso, não posso fazer isso, vou por esse caminho, não vou por esse caminho. Um exemplo que eu tive em uma disciplina, que só fazíamos, mas não tínhamos um retorno em uma atividade, então a gente em específico não sabia o que era uma atividade. Depois que recebemos um <i>feedback</i>: a atividade é isso, é aquilo, aí tu já sabes o seguimento. Quando não tem até o aluno perde o foco, pensa porque eu vou fazer isso se eu não for corrigido, não irei obter um retorno”.</p>
FRANCISCA	<p>“É difícil precisar, mas eu sempre procuro pensar no <i>feedback</i> que eu recebi, nas coisas apontadas para melhorar, e eu realmente tento melhorar, eu vou atrás, estudo, às vezes eu lembro que em algumas escritas, de algum <i>feedback</i> que não podem ser assim porque já tinham me dito. Para mim, funcionava bastante, tem um impacto bem positivo, claro que nem sempre, uma única vez, vai resolver. Às vezes a pessoa te dá um <i>feedback</i>, tu compreendes naquele momento, mas quando tu vais fazer uma tarefa futura, tu acabas esquecendo, ou ainda tu não te familiarizou o suficiente com aquilo, mas funciona bastante, especialmente quando tu tentas estudar sobre aquilo, quando tu tentas te dedicar, a partir do <i>feedback</i>, funciona muito. E não só para mim. Eu fiquei pensando que possui impacto o <i>feedback</i> dos colegas, porque recebíamos muitas vezes <i>feedbacks</i> orais e tinha a possibilidade de escutar o que os colegas, enfim, estavam recebendo com o <i>feedback</i> e me ajudava também. Eu pensava, eu também faço isso, vou ter que</p>

	<p>ficar atenta, vou ter que estudar tal coisa, eu também já fiz isso. Isso também acontece comigo. Os dos colegas também me ajudaram bastante”.</p>
GILBERTO	<p>“Sim, eu tento avaliar, eu avalio, eu leio, o <i>feedback</i>. Eu tento avaliar continuamente, eu interpreto pode haver vários fatores pelas circunstâncias pelas quais eu faço algo de uma forma e não de outra, é preciso avaliar, considerar a situação, o cenário das coisas, claro, mas sempre considerar os comentários, vindos dos professores e inclusive dos alunos, por que dos alunos? Eu tenho um exemplo que eu posso te dar, quando eu fiz o estágio no quinto semestre, (estágio em contexto escolar um), fizemos as nossas aulas, já na modalidade remota. Nossos colegas estagiários eles fazem as fichas de observação e nessas fichas de observação os nossos colegas podem, além de atribuir as notas a nós, eles também colocam comentários a respeito da nossa aula, e nesta ocasião uma das minhas colegas disse que na hora em que eu passei as atividades para meus alunos, eu não compartilhei com eles a tela da atividade, eu apenas mostrei o link e não mostrei a tela, a atividade que iriam fazer, e talvez eles ficaram um pouco perdidos, e então ela sugeriu que na próxima vez eu apresentasse essa tela aos meus alunos para ficar mais clara a atividade. Considerando sempre o tempo, controlando o tempo, mas que ficaria mais fácil. Eu levei em questão essa fala da minha colega, não foi minha professora. Inclusive, fiz isso agora, nesta última semana na aula que eu dei na disciplina de (estágio contexto escolar dois), no caso, naquela época foi em uma aula de espanhol e agora semana passada, foi em uma aula de inglês. Eu considerei o comentário que a minha colega fez no semestre do ano passado, naquela ocasião e apliquei na minha aula, “dessa vez eu vou compartilhar a tarefa com os meus alunos e vou mostrar a tela para facilitar, para ficar mais clara a atividade, para eles não terem dúvidas”. Acho necessário, interessante avaliar não só o professor,</p>

	<p>inclusive nossos próprios alunos, os nossos próprios colegas, o diálogo, ele sempre é importante, duas cabeças pensam melhor, do que uma”.</p>
HANNA	<p>“Gigantesco. Assim como essa parte do <i>feedback</i>. Quando falamos o <i>feedback</i> oralizado, ele ajuda muito pensares melhor nas tuas próximas fases, nas tuas próximas apresentações de trabalho, ajuda a te preparar melhor. Às vezes entra essa parte de que eu não quero me sentir desconfortável de novo por errar a mesma palavra, então tu vais dar uma lida a mais, vai dar uma estudada a mais. Mas eu penso que também vai muito esse <i>feedback</i> individual que para mim, tem um impacto maior, porque o professor que está somente contigo, ele vai te orientar melhor, do que te orientar na frente de uma turma inteira, sabe, por exemplo, eu vou falar uma experiência com a professora 1, que foi em uma apresentação de trabalho e depois nós tivemos <i>feedbacks</i> individuais e hoje em dia eu me sinto muito segura para apresentar um trabalho, porque com ela eu consegui aprender a importância da gente fazer um roteiro para apresentação, por mais que seja um assunto que tu domina, tu tens os tópicos dos slides, é bom tu ter um roteiro, mesmo que tu não vás seguir um roteiro. Tu estás planejado para caso isso aconteça. O quanto de impacto o <i>feedback</i> tem para as ações futuras depende da forma e como o <i>feedback</i> é feito, se é um <i>feedback</i> coletivo talvez eu considere bem menor que um <i>feedback</i> individual com mais orientação”.</p>
ISABELA	<p>“Eu acredito ser muito isso que eu falei da gente receber esses caminhos, sempre quando eu termino de receber um <i>feedback</i>, eu digo assim ok. Muitos dos <i>feedbacks</i> que eu recebi eles começaram dizendo coisas positivas, após falam quais foram as coisas que faltaram e muitas vezes eu escutava e o professor ou professora ficava, “a maioria das vezes foi assim”, ficava parado esperando se eu queria falar algo. E eu digo: qual o caminho que eu posso tomar agora? O professor sempre teve. Enfim, tem formação para isso,</p>

	<p>sempre teve o caminho certo ali, em todos os <i>feedbacks</i> que eu recebi. Com as dicas e conselhos que eu recebi dos professores, eu sempre saio mais aliviada, esclarecida, todo aquele sentimento que eu falava lá em cima, eu saio de um feedback, pensando que nada está perdido, eu tenho como recuperar o que foi feito. O erro também é um processo, mas eu tenho como recuperar isso e eu acredito que só tenho coisas boas a dizer sobre o <i>feedback</i>”.</p>
LARISSA	<p>“Impacta bastante, eu tento melhorar cada vez mais, eu penso que, tem impacto de uma forma positiva”.</p>
LEVI	<p>“Eu acredito ser possível, porque veja essa questão do agente afetivo, ou filtro afetivo que seria uma teoria de Krashen. Ele vai falar sobre essa questão do desenvolvimento do aluno enquanto agente social e também do quanto ele consegue depois desenvolver essas habilidades socialmente porque quando o aluno entende que a sala de aula é o ambiente de experimentação, o ambiente onde ele pode errar. Que ela pode fazer e cometer muitos equívocos! Entra muito uma relação de ego, uma relação do quanto aprendemos ou do quanto reprimimos os erros das pessoas. Quando estamos vestindo a máscara social, quando saímos para a rua, e as pessoas têm aquele lance de politicamente correto e quando você vai para a sala de aula, não existe isso, você consegue tentar, não sei se tem uma expressão para isso. Você tenta fazer tudo isso, então nesse aspecto eu acredito ser possível porque quando ele entende isso, ele também começa a se policiar aos seus equívocos e, por exemplo, futuramente ele poderá conseguir, melhores resultados”.</p>
MARIANA	<p>“Eu sou uma pessoa muito perfeccionista, às vezes eu fico muito chateada quando eu não consigo dar tudo de mim numa disciplina, eu fico bem desanimada. Mas, o <i>feedback</i> que o docente vai te dando é importante, tem que ser humilde, normalmente as pessoas pensam que não podem errar. Estamos aqui para errar e aprender</p>

	<p>com erros, então eu respeito e aceito os <i>feedbacks</i> tranquilamente. Bom, foi como eu te falei, quando eu recebo um <i>feedback</i> negativo, a tendência é a gente se chatear, mas eu tenho duas opções, ou eu sigo batendo na mesma telha, e rejeito o <i>feedback</i>, ou eu pego esse <i>feedback</i> negativo e tento melhorar. Então, eu penso que em questão de receber os <i>feedbacks</i>, normalmente eles são negativos ou positivos, independente, eu acredito que temos que usar aquilo, o erro para nos ajudar. A minha mãe sempre fala, pega os problemas e usa eles de escada para subir mais alto. Eu acredito que isso também vai impactar nas minhas tarefas, porque se eu ficar emburrada com um <i>feedback</i> negativo, eu não vou fazer mais nada e isso vai impactar nas minhas tarefas futuras, como aluna e como professora também. Então eu acredito que temos que ser humildes, e também tem que aprender com os nossos erros, sejam <i>feedbacks</i> positivos ou negativos”.</p>
MAURA	<p>“Se o professor me disser assim: tu tentas usar mais o uso dos pronomes em inglês, ou em espanhol. Isso aqui está errado, a estrutura não é essa, usa de tal forma. Eu sei que no próximo trabalho que eu for realizar preciso usar mais pronomes, eu vou saber uma estrutura, eu vou saber como utilizar, entender como fazer. Então eu penso que ele vai impactar no termo de como eu vou fazer posteriormente o trabalho, o qual eu já recebi um <i>feedback</i> e sei o que eu preciso mudar”.</p>
NAIARA	<p>“Já teve muito impacto porque antes de sair da graduação, quando eu consegui esse meu primeiro emprego, eu precisei dar muito <i>feedback</i>. Peguei tarefas que eu não estava acostumada, essas tarefas eu precisava dar <i>feedbacks</i>. Eu precisava corrigir outros textos e dizer se o texto estava bom ou não, não é no sentido de dizer se esse texto estava bom, e como elas me deram <i>feedbacks</i> foi positivo porque eu entendi como eu deveria fazer ou a melhor forma de se dar um <i>feedback</i>. Hoje em dia eu olho um texto e eu não digo simplesmente isso aqui está errado, não. Eu olho aquele</p>

	<p>texto e eu sugiro, você pode fazer de tal forma que fique melhor assim. E como você usa as palavras faz toda diferença para aquela pessoa que vai receber, então, isso me impactou muito porque eu aprendi vendo e eu sigo aquele raciocínio de que aprendemos mais vendo, com os outros, não fazemos o que nos dizem, fazemos o que vemos “ações”. Desde criança observamos os nossos professores, e refletimos não quero ser como aquele professor, eu quero ser esse porque me impactou de uma maneira positiva. Então os <i>feedbacks</i> da professora 1 e da professora 2, sim, impactaram muito positivamente, porque eu aprendi, eu entendi, um <i>feedback</i> certo, um <i>feedback</i> bom que faz a diferença para as minhas tarefas hoje no trabalho, para não dar um <i>feedback</i> tão ríspido, mas para eu saber dizer para aquela pessoa não está tão legal, mas se você fizer de tal forma, fica bacana, o que você acha? Estou te sugerindo, e a pessoa vai ler aquilo e vai pensar: opa, é uma sugestão super válida e eu vou aceitar. Agora, se você diz isso aqui está errado, você errou. A pessoa e eu me sinto mal quando eu recebo um <i>feedback</i>, mais seco, por exemplo, até mesmo no trabalho eu fico pensando, poxa, não sei fazer aquilo, eu não sei fazer nada direito, é assim que ficamos quando o <i>feedback</i>, é meio, seco, ríspido”.</p>
ROSANA	<p>“Olha me dá ânimo para querer continuar, é um incentivo para você buscar outras coisas, eu, por exemplo, eu pegava aquele <i>feedback</i>, e seguia e olhava as minhas dificuldades, e sempre abre um leque assim, para você buscar o que você precisa, você não fica somente naquilo. Não, não preciso estudar isso, porque vendo aquilo, por exemplo, eu abri o computador e estava pesquisando sobre uma coisa, e aparecia outra coisa, e juntava as dúvidas”.</p>
TAISSA	<p>“Bastante, como eu já disse, no final da última questão, eu penso que quando nós percebemos que o professor ele está realmente prestando atenção no nosso desempenho e na nossa dedicação, isso influência muito em como vamos encarar os próximos trabalhos, as atividades e realmente sentimos uma motivação de</p>

	estudar, por fazer parte de tudo”.
--	------------------------------------

Como você se sente ao ter que se autoavaliar? Mesmo sabendo que sua opinião possui um peso substancial na nota. (magenta)

FRANCINE	“Então, quando eu tive que me avaliar, foi tranquilo porque ela colocava as rubricas, ah! Aqui você denomina tal ponto, e tu conseguia dispor a tua opinião, foi um espaço que tivemos, de se identificar como aluno e do como progredimos ou não, naquela disciplina”.
FRANCISCA	“Não é confortável para mim me avaliar, eu tento fazer o melhor, mas eu percebo que, em geral, eu sou bem crítica, não me sinto ainda confortável, eu prefiro quando o professor me avaliar eu não gosto de me avaliar, mas eu sei que é um movimento necessário e eu tento já começar isso com os meus alunos, e é muito difícil, eles têm muita resistência, mas é bem a ideia do que eu te disse, tem que começar mais cedo, e eu estou tentando, eu trabalho na educação básica, no ensino fundamental e eu to tentando fazer esse movimento com os meus alunos, mas eles são bastante resistentes e eu também sou um pouco resistente, admito”.
GILBERTO	“Ao ter essa responsabilidade eu me vejo na obrigação de fazer essa ação, de executar essa ação, essa tarefa com seriedade. Porque, no caso das ocasiões em que eu tive essa oportunidade de avaliar a mim mesmo, de atribuir cinquenta por cento da minha nota, essas ocasiões foram com a professora 1, e ela reiterou que teríamos uma grande responsabilidade ao fazer essa nota e ela nos deu a confiança. Claro que é necessário um pouco de coragem, mas comprometimento, responsabilidade, ela sabe que nós “estamos”, somos professores em formação, mas mesmo assim eu acho, é uma crença minha. É corajoso tu simplesmente dizer aos

	<p>teus alunos: cinquenta por cento da nota de vocês, vai ser dada por vocês mesmo, entendeu? É claro que é necessária uma confiança, uma relação sadia com os teus alunos, é um exercício que eu acho necessário, importante, como eu falei, nós estamos em processo de formação inicial e eu acho importante avaliar a si mesmo, necessário porque amanhã nós estaremos fazendo essa prática, então como eu disse é bom começar desde cedo e aprender com os erros, errar hoje para não errar amanhã”.</p>
HANNA	<p>“É exatamente essa situação: eu não quero ser a aluna que se dá um sete, eu quero poder olhar e dizer, eu mereço um 10. Eu me esforcei na cadeira, eu penso que a autoavaliação ela te dá um incentivo a mais, sabe? Para tu se esforçar um pouco mais porque tu sabes que não adianta eu olhar e me dar um dez e a professora vai dar um sete e mesmo assim eu me dei um dez porque eu suponho que eu mereço um dez, não é assim, vale a pena a autoavaliação como uma forma de incentivo, porque querendo ou não a gente se esforça mais quando vai se autoavaliar”.</p>
ISABELA	<p>“Essa questão da autoavaliação, cai muito nesse peso que tem de ser o professor que me avalia. Então, eu me lembro que nas primeiras vezes eu cheguei a pensar, eu digo, nossa, como assim eu me autoavaliar? Foi a primeira sensação que eu tive, é meio que como fazer isso? E ao longo do semestre fui formando essa ideia, digamos me adaptando, porque muitas vezes na escola mesmo não temos essa oportunidade, são raríssimas às vezes que eu tive, e chegar na universidade e ter essa experiência, mas sendo um pouco mais objetiva, por um lado é difícil, muitas vezes eu penso assim, ai se eu der uma nota acima da que a professora for me dar? Será que eu vou estar meio estou me “achando”, eu estou sabendo mais que a própria professora, está pensando que eu estou sabendo, e se eu der uma nota mais abaixo, então é uma questão de baixo autoestima, tudo isso me passa assim, quando eu estou fazendo uma autoavaliação, eu penso assim, o que eu realmente</p>

	<p>fiz? É bem difícil ter esse equilíbrio entre o que eu realmente fiz para não ser não tão alto nem não tão baixo, a é muita? De novo essa questão a professora quem sabe? Entretanto, visto que seremos professoras, então, é bem, um sentimento de muita, em princípio de muita dúvida, eu demorei bastante a concluir uma autoavaliação”.</p>
LARISSA	<p>“Então, eu estava falando com a professora 1, esses dias na aula, a semana passada que era sobre um texto dela sobre as rubricas, foi exatamente sobre a aula dela, letramentos em espanhol, e muitas vezes na disciplina dela eu fiquei tipo, com nota menor que ela me deu. Se ela me deu 10, eu botei 9,8, porque eu fiquei, não fiz tudo. Eu gosto de me autoavaliar, mas às vezes eu me critico demais e uma coisa que a professora viu, que estava bom, para mim não estava bom, e eu penso que eu tenho que melhorar. É que tem colegas que não, tipo, eles não fazem nada, tipo entregam atrasado e tudo mais e mesmo assim eles estão excelentes sabe, porque eles sabem que a nota deles vai pesar também, mas é errado tu fazer isso, tu tens que ter noção que realmente tu fizeste para te dar uma nota. Uma nota verdadeira, não pode tipo, só porque a nota vai pesar mesmo sabendo que tu nada fizeste, então eu acho injusto meio errado fazer isso”.</p>
LEVI	<p>"Todas as perguntas que vieram antes, também, foram um pouco chave para essa pergunta e também porque a professora 1 sempre oferece os <i>feedbacks</i>. Eu me sentia muito bem fazendo aquela disciplina, então eu realmente me esforçava muito para fazer, tanto que fazia um semanário, uma espécie de diário e descrevia uma vez por semana. E eu gostava muito de escrever, eu realmente me sentia muito confortável fazendo aquilo, contudo eu sou muito crítico comigo mesmo, nas minhas autoavaliações e isso poderia de certa forma determinar, minha nota final sabe. Porém, nessa disciplina em específico que foi a qual eu mais me dediquei no semestre, foi a que eu mais gostei de desenvolver trabalhos, de</p>

	fazer pesquisa, eu me senti confortável, assim, eu acredito que eu consegui ser sensato em relação a minha autoavaliação”.
MARIANA	“Essa parte é difícil, que nem eu te falei, temos que ser sinceros, mas sempre fica com aquilo, e se eu tiver me dando uma nota menos? Porque às vezes a gente se auto sabota também, eu fiz tudo o que eu pude, mas eu queria mais. Mas se no olhar do professor for aquilo que ele queria e eu estou pensando que não? Então fica nesse meio-termo. Eu penso que a sinceridade é importantíssima, eu me sinto nessa tensão, como todos os alunos, uma pequena tensão, de será que eu estou fazendo certo? Será que não? Mas essa dúvida é boa porque estamos se autoavaliando, aquele aluno que nem tem essa dúvida, e vai logo dar um nove, ele não está se autoavaliando. Se eu estou me avaliando, vou pesar na balança, será que eu fiz? Será que eu não fiz? Eu consegui desenvolver ou não? Então tem uma tensão, me sinto às vezes com um pouquinho, uma tensão, mas é importante sabermos que tem um peso, na nota, mas se usarmos a sinceridade, vai dar tudo certo”.
MAURA	“Eu posso dizer que eu me senti um pouco apreensiva. De como eu vou me autoavaliar, eu penso que isso é um papel do estudante muito difícil, se não o mais, é quase. Porque tu começa a pensar e tu sabes que tem que ser uma nota que tu mesmo te daria, não adianta eu vou colocar 10, mas tu sabes tudo que está merecendo um 5, a tua consciência não vai ficar tranquila, entendeu? Então eu sempre tentei fazer o melhor possível, mas eu me sentia bastante apreensiva”.
NAIARA	“Então, eu gostava e não gostava, como eu posso dizer? Eu gostei, eu achava interessante e eu achava justo. Eu estou dando parte da minha nota, sou eu que estou ali, mas o que eu não gostei é que eu não sabia me avaliar, eu me subjugava ou me criticava muito, eu era muito mais ríspida comigo. Na última disciplina que eu fiz com a

professora 1, eu fiquei triste, mas comigo mesma, a professora 1 me deu uma nota máxima, eu me dei uma nota baixa, essas notas somam, então, se eu não fiquei com o máximo, não foi culpa do professor, foi culpa minha, foi como eu me avaliei, eu pensei eu não consigo pensar, de me avaliar conscientemente bem para entender que eu mandei bem, entendeu? Mas eu fiquei pensando, é um processo, eu estava aprendendo a me avaliar e está tudo bem, eu me avaliei com uma nota inferior, mas ainda eu tenho problema com isso e isso é para vida. Assim, não sei me avaliar muito bem, eu sempre me cobro mais, eu poderia ter feito melhor, que dava para fazer melhor, e sabemos que dá, mas às vezes temos que entender quando mandamos bem, importante e eu não sabia fazer isso muito bem, eu sempre me avaliava com uma nota inferior do que o professor dava, inglês era a mesma coisa eu sempre dei uma nota mais baixa, mais mediana, eu gosto do mediano, é a zona de conforto, eu tenho um problema de sair da zona do conforto e dar uma bem alta, porque você está mostrando para o seu professor que você manda bem e te dar uma nota muito baixa, é dizer poxa eu sou ruim, eu não mando nada bem e uma nota meio-termo é zona de conforto, eu não estou nem me achando demais, nem de menos, e então eu sempre fazia isso, porque eu ficava confortável, eu sabia que, não iria reprovar com uma nota razoável, mas também não vou ser o bonzão e tirar a melhor nota. E foi o que aconteceu, recebi uma avaliação super boa e me dei uma avaliação bem mediana, claro a minha nota não ficou ruim somando, somando as duas ela fica uma nota super boa, mas ela não fica a máxima e poderia ter ido para o meu histórico e você pensa poxa poderia ter ido para o meu histórico? Foi uma nota “top” e não foi porque eu me avaliei inferior, mas eu acho porque eu estou aprendendo ainda, terminei a graduação faz pouco, então, com o tempo entendemos melhor e conseguimos perceber melhor, quando mandamos bem, ou quando não foi tão bem”.

ROSANA	<p>“É complicado, para o ser humano, é complicado, se autoavaliar, ou às vezes a gente, se pega se criticando de uma maneira que não é, não sendo uma crítica construtiva, não é nada que vá te motivar, levar adiante, mas, por outro lado, você consegue se perceber, sim, se você parar e pensar em fazer a sua autoavaliação, geralmente você se dá uma nota um pouco inferior, em quesitos que você está bem, eu não sei porque, mas às vezes você, no quesito que você não está muito bem, acostumado a dar uma nota um pouco melhor. Eu fiquei em dúvida. Se a minha dúvida era a seguinte, será que eu consegui atingir os objetivos mesmo? Por mais que eu tenha entendido muita coisa, você sempre quer mais, você sempre quer saber mais. Essa é única dúvida que fica: eu consegui entender o quanto eu evoluí, e o quanto eu cresci sabe? E consegue fazer assim, tranquilamente, mas com um pouco de medo, de mim mesma assim, medo de se pontuar menos, de se pontuar mais, mas com consciência, que você consegue fazer com consciência, aquilo, as respostas são conscientes, no final, condiz com o que você aprendeu”.</p>
TAISSA	<p>“Eu gosto bastante de me autoavaliar, é bom, porque faz refletir sobre tudo o que fizemos durante o semestre e eu penso que tem que ser um momento em que somos bem honestos também, com tudo o que nós fizemos, e é isso, eu acho bom, principalmente tendo um peso na nota. Tem alguns professores que fazem uma porcentagem menor, mas eu penso que não flui grande coisa assim. Não tenho medo de me dar nota porque se eu não tivesse me dedicado durante o semestre eu com certeza chegaria nesse momento com medo, mas sabendo o que eu fiz, que eu me dediquei bastante, acredito que não”.</p>

Você já se autoavaliou anteriormente (na escola, por exemplo)? Como era?
(vermelho cereja escuro 3)

FRANCINE	<p>“Não, não tinha esse espaço, então para mim, diferiu, foi difícil, porque eu fiquei: como assim se autoavaliar? Foi a primeira vez, porque geralmente os professores não gostam de autoavaliar os alunos, porque acham sempre que aluno vai se avaliar bem, a! Todo aluno vai se dar dez, ninguém vai querer diminuir a nota e colocar algo menos disso. Na escola era mais a prova e deu, não tinha outro método de avaliação assim muito específico e quando chegamos na universidade difere, por exemplo, hoje em dia eu não tenho teste, eu não tenho prova, eu tenho que mostrar minhas capacidades de ser professora, seja fazendo seminários, seja fazendo uma pesquisa de métodos de ensino e isso o colégio não dá, para eles tu és só uma nota, uma prova, no meu ponto de vista”.</p>
FRANCISCA	<p>“Eu não lembro assim de ter me avaliado, deve ter acontecido alguma autoavaliação isolada, mas nada que tenha me marcado, não lembro. E eram coisas muito subjetivas, muito vagas, quando eu recorde de ter feito alguma avaliação, não era nada muito específico, não sabíamos bem ao certo o que estávamos avaliando, na verdade, assim, então, não era fácil. Na outra graduação não tinha autoavaliação, eu não me lembro de me autoavaliar, era mais avaliação por parte do professor, ela era processual, mas ela ficava mais a cargo do professor, não tinha”.</p>
GILBERTO	<p>“Eu tenho vagas memórias, remotas, pouquíssimas situações, poucas ocasiões. Eu acredito que um professor exclusivo, na filosofia, eu lembro que ele tinha uma metodologia um pouco bem, não era nada ortodoxa, vamos dizer assim, era uma metodologia nada ortodoxa. A forma dele dar as aulas era bem curiosa e avaliação também, tanto que algumas ocasiões não cinquenta por cento, cem por cento na nota era atribuída por nós alunos, no ensino médio, então como eu falei haja confiança ou não sei qual a intenção, eu me pergunto qual era a intenção desse professor? Desse docente, nesse momento, naquele momento, eu fico me</p>

	<p>perguntando, hoje após tanto tempo, isso foi um cinco, seis anos atrás, eu me lembro que talvez foi a única oportunidade que eu tive de avaliar a mim mesmo no ensino médio, claro que sabe que nós éramos alunos e não professores em formação e muitos dos meus colegas que eram na época, muitos deles perderam para carreiras não licenciadas, carreiras nas quais eles não vão exercer o trabalho docente, então difere, entendeu? Diferente, talvez fazer essa prática de autoavaliação e considerando que talvez tu no futuro não vá trabalhar na docência, é curioso, é interessante. Eu vou fazer uma área de medicina, de engenharia, claro tu vais ter ali os professores no teu curso e tudo, mas não vai exercer esse estágio, essa pedagogia, esses exercícios pedagógicos, eu acho curioso, eu me pergunto quais eram as intenções, mas em suma eu penso que para tudo na vida é preciso avaliar, refletir, pensar duas vezes antes de fazer algo, será que isso vale a pena, isso nós podemos colocar para tudo na vida, avaliar as coisas antes de realizar, pensar”.</p>
HANNA	<p>“Não, graças a Deus, se eu fosse me autoavaliar na escola seria muito triste, mas as minhas primeiras experiências de autoavaliação ocorreram a partir do terceiro semestre em diante”.</p>
ISABELA	<p>“Eu tive raras situações de autoavaliação, eu não vou me recordar agora a disciplina ou professora de que foi, mas eu recordo de que algum momento da escola, na prova, tínhamos a opção de na última questão assim, era uma autoavaliação, e se aquela questão valerá um ponto, aquele ponto era garantido, ela queria saber a nossa autoavaliação, mas independente do que disséssemos ali, aquele um ponto da prova era garantido, isso eu me lembro de já ter acontecido, foi no ensino fundamental se não me engano, no ensino médio eu me lembro que não foi, mas não me recordo em que era, separado na época por matérias, não me lembro disso, mas também foi essa situação, não era uma coisa recorrente, tanto que quando eu cheguei na graduação eu percebi que isso seria uma</p>

	prática, recorrente, penso que a primeira coisa que eu senti foi um susto, foi bem isso, como assim, eu serei avaliado?”
LARISSA	“Que eu lembre na escola, não, não me lembro, não, eram sempre provas finais, não era nada que nós autoavaliaríamos, era o professor sempre”.
LEVI	“Sim, mas não dentro desse quadro educacional. Sabe, eu acredito que foram situações decorrentes da vida, onde você tem que ponderar muitas coisas, situações que ocorrem no cotidiano, maneiras como nós degustamos, tantas teologias, tantas propostas de ideias que circulam e às vezes aceitamos elas muito fácil, então eu faço essa autoavaliação em relação à maneira como eu penso, como isso vai refletir no meu discurso, sabe, então eu acredito que sim, eu já fiz autoavaliação, mas não dentro desse âmbito escolar”.
MARIANA	“Bom, sim, eu sou uma pessoa muito crítica, às vezes eu até brinco que me impeço de fazer novas coisas com medo de errar, e com medo de fazer aquilo perfeito. Eu lembro que principalmente no Ensino Fundamental, eu tinha muitas dificuldades em desenvolver o português geral, porque eu sofria muito bullying, então eu não escrevia no caderno, não lia, não fazia as coisas e eu ficava sempre sentindo que eu não conseguia fazer igual os meus colegas, até certo dia que eu tive uma professora eu lembro até hoje a “Rosa”, que ela me incentivou e foi me dando <i>feedbacks</i> , falando tu podes melhorar aqui e aqui, vou te ajudar a escrever, isso era no Ensino Fundamental, nos anos iniciais, eu me avaliava como alguém que não conseguia fazer nada, claro isso foi mudando, no Ensino Médio eu fui melhorando a minha autoconfiança, porque precisamos ter essa autoconfiança, temos que estar sempre com a cabeça tranquila, para conseguir, porque se estivermos com um turbilhão de ideias não conseguiremos realizar nada. Eu acredito que eu sempre me avaliando, porque eu sou uma pessoa autocrítica, eu sempre me avaliei em tudo, não somente na escola, mas em relacionamentos, atitudes. Era bem difícil, porque normalmente

	<p>quando se autoavaliamos nos criticamos muito negativamente, então até passarmos por essa crise existencial, e entender que está tudo bem errar. Então, sim, já me autoavalei, anteriormente tanto nas disciplinas, como na vida e era bem difícil, bem difícil conseguir, não me cobrar tanto e me entender também, mas com essa autoavaliação da vida eu fui entendendo que sim, está tudo bem errar, a autoavaliação é importante em todas as áreas da nossa vida e eu faço isso a todo momento. E a autoavaliação ela permite que entendamos que os erros também são formas da gente aprender, da gente crescer de alguma forma”.</p>
MAURA	<p>“Eu nunca me autoavalei na escola, nunca me deram essa oportunidade, nunca me ensinaram o que era e onde eu estudei o professor dizia: é aquilo e ponto acabou. A palavra dele é a última, eu nunca tive essa oportunidade somente na graduação mesmo”.</p>
NAIARA	<p>“Eu nunca tive esse modo de avaliação na escola, penso que não, na escola era o professor que te avaliava, você não se autoavalia, mas sempre estamos nos autoavaliando. Quando fazemos algo, antes de entregar, eu já me autoavalei, porque eu penso duas vezes antes de entregar algo para alguém e eu estou me autoavaliando, isso aqui está bom o suficiente, eu já posso entregar? Na escola era assim, eu pensava que este slide era o bom suficiente? Posso enviar? Esse trabalho que eu escrevi está bom o suficiente? Então, sim, se autoavaliamos, por mais que não tenhamos isso como um “método avaliativo” que está descrito no plano de ensino, naquela aula, naquela escola, estamos se autoavaliando, porque temos que pensar sempre duas vezes antes de enviar algo para o professor, a maioria das pessoas faz isso com todo mundo, escreve e fala para o professor olhar, porque temos que ver se aquilo está bom, se autoavaliar, eu fiz isso bom? Tá boa? Dá para enviar? Isso já é uma forma de se avaliar, de ver eu fiz isso bem, e quando recebe as nossas notas no fim de tudo faz uma avaliação foi bom sabe? Eu concordo com isso, eu mandei bem</p>

	<p>mesmo ou será que não? Então, sim, eu sempre fui muito crítica, eu não era das melhores alunas, mas eu era crítica, no sentido de que se eu ficasse de recuperação, eu já ficava, o que eu fiz? Não dá certo isso aí, e eu já ficava diferente, então era essa crítica e eu sempre fui muito assim, na faculdade foi a mesma coisa, a primeira vez que eu reprovei, porque é normal reprovar, na faculdade mais ainda, na escola eu nunca (reprovei), mas na graduação eu tive a minha primeira reprovação que é algo diferente, quando estamos na escola não tem muito isso. Se criticamos muito, quando reprovamos uma vez, sim, eu me critiquei muito, mas eu acho interessante porque buscamos melhorar, se autoavalia e vê que não está bom e corre atrás entendeu”.</p>
ROSANA	<p>“Olha, eu não me lembro porque, eu fiquei quase 30 anos sem ir para escola, e quando eu ia não era assim, o professor dava nota de 0 a 10, e pronto. Você não fazia essa avaliação do seu conhecimento, do que você aprendeu, você aceitava aquela nota, como boa e pronto ou ruim e ia para uma recuperação sem entender o porquê. Você estava tendo que recuperar uma nota, às vezes você até pensava, nossa eu estudei, eu entendi aquilo, porque que na prova eu não consegui? Ou não respondi, porque é errado? Essa é questão que ficava na cabeça, mas você não tinha opinião sobre você aceitava e pronto. E como eu te disse depois de muito tempo, aqui na Unipampa, que eu fui passar por isso, de rubrica, eu fiquei perdida quando eu fui lendo assim, eu fiquei meu Deus, eu não vou saber fazer isso. Mas como tínhamos anteriormente falado com a professora, ela explicou e eu imprimi todo o documento que ela deu, aí eu li, li e reli direito, aí foi fácil”.</p>
TAISSA	<p>“Na escola, sim, não era muito controlado, e os professores não exatamente controlavam e raramente não davam parte da nota, normalmente era ponto, não era muita coisa. Não me lembro o ano, já aconteceu mais de uma vez, mas foram duas, três vezes, eu acho”.</p>

Quais diferenças você vê entre as experiências de avaliação que incluem a autoavaliação e as que não incluem? (laranja-escuro 3)

FRANCINE	<p>“Olha, eu não vejo muita diferença, mas normalmente quando tem uma autoavaliação, acabamos vendo se teve um progresso, refletimos mais sobre aquilo, sobre a disciplina, sobre nós, como futuros professores, se a gente atingiu nosso potencial ou não. Coisa que se tu não te autoavalia, tu acabas passando, ah! Não fui tão bem, vamos para a próxima, ali não, ali tu acaba, poxa eu poderia ter feito melhor, ter evoluído ou cumprido os teus objetivos”.</p>
FRANCISCA	<p>“Tem a ver com o que eu te disse da responsabilidade, eu me sinto mais responsável pelo meu aprendizado, pelo que eu to fazendo e pela nota mesmo que eu vou receber, se é uma nota ou um conceito, eu também começo a ter mais consciência sobre o que eu tenho potencial, sobre o que eu preciso melhorar, traz uma conscientização, que às vezes as pessoas te dizem, tu escreves bem. Por exemplo, algum professor te diz, beleza. Mas quando tu tens que pensar isso, é diferente, será que eu escrevo realmente bem? E quando tu tens critérios para pensar o que é escrever bem, isso te ajuda a saber o que tu tens e o que ainda tu precisas melhorar. Nesse sentido é importante”.</p>
GILBERTO	<p>“Eu não consigo notar diferença, eu não vejo diferenças, nada especial, eu não quero ser controverso, polêmico, a nada assim relevante, significativo, claro que há uma diferença entre se avaliar, avaliar a si mesmo, e não avaliar, há uma diferença. Talvez em uma situação tenhamos uma responsabilidade e na outra não tenha essa responsabilidade que ficaria só para o professor, às duas situações, os dois casos são válidos, são legítimos, são legais, a legitimidade não é questionável e as experiências eu penso que elas são iguais, elas são as mesmas, claro que na situação que não se avaliamos,</p>

	<p>não temos essa oportunidade de praticar esse exercício, que pode ser talvez no nosso caso, o professor em formação. Pode ser talvez algo lamentável se nós não termos essa oportunidade de avaliarmos a nós mesmos, eu não sei, é uma crença minha, existe prejuízo, poderia haver ou não, é uma questão de interpretação, mas eu não consigo notar grandes diferenças, dando algo prejudicial, até o momento eu não consegui notar nada de diferente”.</p>
HANNA	<p>“Eu penso que também ensina o aluno a pensar na avaliação, que às vezes a gente só vai pensar nisso quando estamos chegando no estágio ou quando estamos como residente, ou quando tá no projeto como Pibid, quando tu se coloca como professor e esquece que aluno também precisa se avaliar, então as cadeiras, as disciplinas com esse processo de autoavaliação te ajudam muito a pensar, no contexto do que é uma avaliação, contextualizar a avaliação, facilita muito depois”.</p>
ISABELA	<p>“Eu acredito que a grande diferença entre às duas é a que inclui a autoavaliação, ela se importa muito com o que o aluno pensa, ela inclui o aluno nesse processo, é uma questão por parte do professor, de ok eu não sou detentor de todo o saber, eu quero também saber o que o meu aluno está pensando, eu vejo muito por esse lado a autoavaliação, a palavra que eu poderia resumir mesmo isso é humanismo. Incluir uma autoavaliação e também por parte dos professores estar aberto a ouvir alguma crítica, se o aluno na autoavaliação resolver dizer, ok eu não aprendi nada, se acontecer isso, como o professor se sente também?”</p>
LARISSA	<p>“Eu acredito que quando incluem autoavaliação, nós conseguimos mudar mais as atitudes das que não incluem, tipo, nós vamos observar o que fizemos, o que não fizemos, o que precisa melhorar. As que não incluem geralmente tu não (reflete) sobre isso, tu simplesmente deixares, tanto faz sabe, tu não ficas refletindo sobre</p>

	<p>e não pensa sobre, essa é a maior diferença. E se a disciplina que tu tens que seguir, por exemplo, pré requisito para outra, tu não vais avaliar o que tu precisas melhorar naquela temática, algo assim, não sei, nesse sentido, foi o que eu vejo de diferença”.</p>
LEVI	<p>“Sim, porque me parece que quando só tem autoavaliação, volta naquilo que eu falei. Fica no espectro do avaliador, apenas que seria no caso o professor e o aluno ele não consegue criar essa capacidade crítica de conseguir autoavaliar-se, normalmente ele vai receber a nota, mas muitas das vezes ele nem sabe porque está tirando aquela nota ou ele não teve esse processo de reflexão, acerca do que está acontecendo, tanto que essa autoavaliação que ocorre durante o semestre, eu penso que o aluno consegue acompanhar cada passo de evolução que ele vai dando no decorrer do semestre”.</p>
MARIANA	<p>“Bom a diferença é gritante, conseguimos separar em dois mundos, a que não tem avaliação, por exemplo, avaliação tradicional o aluno preenche uma prova, entrega para o professor e recebe a nota, máximo que ele vai receber é um <i>feedback</i>, aqui tu erraste, talvez tu tenhas que fazer de novo e é isso. Na autoavaliação o aluno consegue entender porque ele fez, porque ele não fez. Por exemplo, nesta atividade, nesta semana vamos aprender sobre os pronomes: porque aqui eu não consegui escrever o pronome em inglês? Ou, porque que eu não consegui colocar isso aqui? Talvez eu tenha usado a minha referência na língua materna, ou usei o Google tradutor e ele traduziu literalmente, então, tu consegues refletir e é nesse ponto da autoavaliação também por rubrica que o aluno consegue perceber o processo dele. Neste processo estamos lincando o aluno com o professor. O aluno produz a autoavaliação e o professor, também produz avaliação do aluno. Nas avaliações tradicionais é somente o professor, ele vai avaliar com o x ou o v, está certo ou errado, então acredito ser essa via, temos uma que o</p>

	<p>aluno participa da avaliação, e a outra que tem somente um professor, penso que essa é uma diferença”.</p>
MAURA	<p>“Penso que as diferenças entre as experiências, é uma que vai possuir a palavra do professor e vai ser a última e acabou. O que ele pensa; e eu não vou saber o que eu devo mudar, não vou saber nada. No momento em que eu vou me autoavaliar, eu mesmo vou colocar, igual eu falei, a mão na consciência, ah! Eu mereço cinco porque eu não fiz isso, não entreguei no prazo, eu não escrevi como deveria escrever, aqui dizia as normas e eu não fiz. Eu penso que a autoavaliação nas avaliações, assim, por exemplo, fiz as cadeiras com a professora 1, todas as que tinham autoavaliação eu senti alívio para escrever sobre mim, mas eu dizia, porque eu não fiz melhor? Então eu acho mega importante essa autoavaliação, porque tu observas no final do semestre, no caso, da graduação, o quê deveria ter mudado e o que não. E que a palavra do professor não é a última, é a única que vai entrar, porque tu vais ter o teu espaço”.</p>
NAIARA	<p>“As que não incluem, não fazem o aluno refletir sobre seu próprio processo, não sei, as que não incluem elas são simplesmente o professor avaliando o aluno, dizendo se o aluno é bom ou não, mas não ajudam o mesmo a fazer esse esforço de entender o porquê ele não mandou bem. Quando você faz o aluno se autoavaliar, você faz o aluno entender porque quando os professores dão nota, os alunos ficam brabos, nós somos alunos e às vezes recebemos uma nota, e perguntamos porque eu recebi isso? Queria uma nota maior, queria uma média melhor. Agora se eu me autoavalio, eu entendo o porquê daquilo, realmente eu não fui muito bem, sabe? Essa nota está certa, então eu penso que a avaliação quando ela tem autoavaliação, é legal para o aluno perceber, refletir sobre seu próprio processo. O aluno vai entender aonde ele não mandou bem, e ele pode até argumentar, mas ele vai ter estudado sobre aquele processo, sobre aquela nota, ele vai ter refletido e percebido que</p>

	<p>realmente não mandou muito bem, não entregou esse trabalho aqui. Nas rubricas geralmente tem partes que você dá nota para sua organização, entregar todos os trabalhos no prazo, dentro da sua pasta no drive, no nosso caso, é uma coisa com computador. Na escola, nem todas oferecem, sabemos disso, mas se fizesse na escola, por exemplo, o aluno, ia lá na pasta dele, nas folhas dele, no material que ele tem em casa e ele olharia e veria se entregou tudo mesmo, por exemplo, eu dei tudo para professora? Eu tenho tudo escrito no meu caderno? E ele vai ver que realmente ele não é organizado, ele vai entender o porquê ela deu aquela nota, eu também não posso me dar uma nota tão alta assim, porque eu não mandei bem, será visto, ele irá buscar. Quando me autoavaleiei eu ia na minha pasta, eu olhava se eu entreguei todas as coisas no prazo, as datas, por mais que eu soubesse que eu fiz no prazo, conferia, eu entreguei tudo no prazo? Não faltou nada? Vou lá e olho, fazemos esse esforço de voltar para trás e ver, eu também voltava nos meus diários porque era neles onde eu tinha algum erro, se eu falava algo errado, eu contava cada passo, cada coisa vale. E eu penso que se fizerem isso na escola o aluno também vai ter esse trabalho de voltar e refletir e se ele quiser questionar, ele talvez tenha argumentos para questionar, porque ele foi atrás e ele entendeu, olha eu realmente fiz isso aqui. Entreguei esse trabalho”.</p>
ROSANA	<p>“A diferença é que pelo menos para mim, você sente... você aprende que você pode se autoavaliar com consciência, você sabe os seus erros, você sabe onde você errou e você onde você precisa melhorar, isso na autoavaliação. Quando não é assim, você está dependendo de outra pessoa, do pensamento dela, por mais que ela tenha clareza sobre aquele assunto, ela sabe o que ela está passando, conteúdo, mas ela não sabe até que ponto você aprendeu, porque às vezes numa prova, numa coisa, você nem sempre está bem naquele dia, é totalmente diferente ela te avalia</p>

	pelo que você fez, pelo que você escreveu e não pela sua capacidade de entender aquilo”.
TAISSA	“As que incluem autoavaliação a gente se sente melhor, talvez durante o semestre, até porque sabemos que tudo o que estamos fazendo, vai ter no final, vai agregar algo na nossa nota, porque ocorre às vezes da gente dar tudo de si, mas o professor às vezes não perceber, aquilo, então na autoavaliação conseguimos dizer o que realmente fizemos e o que não fizemos. E as disciplinas que não incluem essa autoavaliação, ficamos um pouco cegas, assim durante o semestre, se o professor não dá o <i>feedback</i> também”.

Que visão você tem sobre a autoavaliação integrar parte da nota final de uma disciplina? (verde-escuro 3)

FRANCINE	“Eu acho válido, porque daí tu mostras para o aluno que a visão dele também importa, que o desempenho que ele pensou que teve também importa, não só o teu, porque tu com visão de professor vê uma coisa, mas eu como de aluno posso ter visto outra também, então seriam os dois pontos de vista que valeriam, não só tipo o do professor, ou não só do aluno”.
FRANCISCA	“Não é nada fácil, eu fico pensando nos meus alunos, por exemplo, eu não sei eles têm maturidade para isso, a não ser se fosse uma parte pequena da nota, porque eu imagino que alguns alunos que não tivessem bem, por exemplo, eles iam querer tirar alguma vantagem, digamos disso e conseguir uma aprovação por meio disso, enfim não é fácil, algo que tem que ser trabalhado, muito bem trabalhado e exige uma maturidade do lado, que eu não sei, por exemplo, que conseguissem fazer isso no ensino fundamental, talvez não, talvez começar uma parte pequena da nota para eles irem se familiarizando, mas já na universidade acredito que sim

	<p>graduandos conseguem se autoavaliar de verdade, sem querer tirar uma vantagem, já se consegue se perceber melhor, porque tem uma maturidade, se espera pelo menos que tenha maturidade para isso”.</p>
GILBERTO	<p>“Bom, eu não quero ser repetitivo, talvez um pouco genérico, mas eu acho, como eu falei, é importante, é relevante fazer essa prática, esse exercício, essa reflexão, como tu eras antes? Como tu és agora? E o que tu aprendeste de lá para cá, pensar, refletir, o que eu aprendi é suficiente para passar de fase? Para seguir adiante? É uma reflexão constante, necessária, interessante, nós não temos em todas as disciplinas, não é em todas as situações que nós passamos por isso, geralmente em disciplinas de estágios que fazemos essa autoavaliação também, no final relato de experiência também, eu não sei se eu respondi, direito. Se autoavaliar pode citar ser “diferente, desafiante, provocativa, intimidativa”, agora eu compreendi é um exercício difícil, complexo, tanto que geralmente quando a professora 1 no final das disciplinas fazia essa prática, conosco, no final para preencher as rubricas eu era o último a preencher, eu ficava mais de hora fazendo, claro isso aí é de pessoa, varia de pessoa, mas claro é uma prática difícil, desafiante principalmente no início, mas eu acho relevante”.</p>
HANNA	<p>“Eu acho ótimo, não penso que deva substituir 50% da nota do professor, por exemplo, 50% é um peso muito grande, eu acho ótimo, considerar a autoavaliação do aluno, isso dá de certa forma uma voz para o aluno, porque precisamos se posicionar, quando estamos se autoavaliando então, essa é uma sensação ótima, de tu entenderes o que é uma avaliação de tu conseguires se posicionar, se defender, são coisas importantes. Não foi bem complicado, eu lembro que eu passei uns dois dias pensando na minha autoavaliação, eu abri Google drive, eu fiquei lá, lendo os meus relatos, vendo como estava a minha pasta, organização da pasta eu avalei, eu avalei se eu entreguei tudo nas datas certas, o</p>

	<p>que eu escrevi em cada reflexão que eu fiz, se eu não me engano foi em uma cadeira com a professora 1, tínhamos em cada semana um diário reflexivo para entregar sobre o que estava produzindo, eu lembro que eu sempre colocava no meu diário, espero que essa semana a professora seja compreensiva e eu levei isso em consideração também quando eu fui autoavaliar, às vezes precisamos ter essa compreensão sabe? De que nem sempre tu vais conseguir dar 100% e também está tudo bem não dar esse (100%). Foi muito importante, eu ter escrito aquilo e eu ter considerado aquilo e na época a professora 1 também, todas as notas foram parecidas na minha autoavaliação e da dela, então foi ótimo, eu penso que valeu muito a pena, eu ter tido essa experiência de ter validado aquelas frases e ela também e ela levou isso para aula, ela fez comentários, tipo: eu lembro que a Helena ficava colocando para eu ser compreensiva e eu fui e isso foi incrível, foi uma experiência ótima, hoje em dia avaliando, dando cinquenta por cento na minha nota talvez eu não me sinta tão segura, mas foi uma experiência boa na época”.</p>
ISABELA	<p>“Visto que eu já tive essa experiência, disso acontecer, eu acredito que por um lado é uma coisa muito positiva de nossa eu também vou poder dar a minha nota, mas, por outro lado, é uma grande responsabilidade também, porque vai ser a tua nota final, faz parte, vai fazer parte do teu histórico, o teu histórico vai fazer parte do seu currículo, nós sempre caímos nessa questão da nota no final, mas sentimos parte do processo, eu penso ser isso, a grande questão é essa, se sentir parte do processo”.</p>
LARISSA	<p>“Acredito ser bom, penso que a pessoa se autoavalia da forma correta e justa, é uma boa, mas tem que ver bem porque tem gente que vai lá, como eu disse e vai dar nota mais do que deveria, somente por saber que integra na nota final”.</p>

LEVI	"Bom, eu nunca experienciei isso. Em determinados lugares, específicos, então para mim, é uma coisa nova, é uma experiência nova, quando as universidades tendem a aplicar essa metodologia, penso que teria uma visão de que de certa forma, uma escala significativa que talvez seja importante sabe".
MARIANA	"Eu penso que a autoavaliação tem que estar na nota final, porque não é necessariamente somente o professor avaliar o aluno, mas o aluno também tem que se avaliar, a importância dessa autoavaliação estar na nota final da disciplina, mostra que o aluno esteve trabalhando com o professor, foi uma aprendizagem conjunta, mostra que o aluno não está sendo somente uma peça ou um número na sala de aula, ele fez parte do processo de aprendizagem dele, essa é a importância".
MAURA	"Então, eu como aluna pensava assim "vai subir a minha nota", porque eu sempre fazia tudo o que elas pediam, entendeu? Eu sabia que no final ia somar na minha nota, não ia diminuir também, porque eu entregava tudo no prazo, fazia tudo certo ou tentava. Eu lembro que teve ocasiões que eu também não consegui. Então eu sabia que a minha nota ia ser menor, porém as professoras sempre falavam, não, tu estás se cobrando demais".
NAIARA	"Em alguns casos ela é boa, mas eu ainda sinto insegurança porque eu sei que às vezes o aluno não sabe se autoavaliar, e eu não vou dizer que eu acho errado, mas é como se eu achasse errado, injustas vezes o aluno se dar uma nota alta, porque tens uns alunos, por exemplo, por experiência de viver de conviver com colegas, com pessoas e entendemos que tem pessoas que levam as coisas mais na boa, tipo, eu só estou aqui, eu estou indo, levando. Ele pode dar uma nota que vai compor a nota final dele, e isso vai ajudar ele mandar bem, porque ele poderia reprovar e se ele se der uma nota que ajude ele a passar? Eu ainda penso que tem que ter um certo discernimento e um entendimento bom sobre avaliação e que as

	<p> pessoas, elas têm que serem, conscientes na hora de se autoavaliar e os alunos precisam aprender a se autoavaliarem primeiro e claro, é importante se autoavaliar, mas o professor deveria ter o martelo final sobre cada autoavaliação, até quando a pessoa se autoavalia mal, e ela mandou bem, eu gostaria de pensar assim, mas ela não foi mal como ela disse. Então dá para subir um ponto para arredondar esta nota e quando o aluno é um aluno que não entrega nada é só dar uma nota boa para se sair bem? Para mandar bem? Ele está errado, eu penso que precisa ter intervenção do professor, para dizer: esse aluno não entregou nada. Essa autoavaliação que ele fez está errada, então eu não vou considerar. É legal de fazer o esforço, de o aluno pensar sobre, refletir, mas também vale, dar regras e dizer para o aluno que se eu não concordar com a sua autoavaliação, porque realmente tu nada entregaste, eu não vou considerar e eu ainda acho justo, porque não podemos fazer para se dar bem, eu acho legal o professor deixar claro, vocês vão se autoavaliar, mas pensem bem porque essa nota, ela vai compor, mas se ela não tiver condizente com o semestre, ela não vale e então eles serão cuidadosos, vão falar a verdade se esforçaram para serem verdadeiros com aquela nota”. </p>
ROSANA	<p> “Seria bom, mais prático, você consegue, eu só vejo praticidade, agora nesse instante, após ter passado pela experiência, eu só vejo praticidade. Sabe, você acaba evoluindo, crescendo, sendo crítica, sobre você mesmo, sobre o que você vai, por exemplo, quando você vai avaliar um aluno, você entende o porquê ele está passando, as coisas para a observação diferem pelo menos eu penso assim”. </p>
TAISSA	<p>Eu acho ótimo!</p>

Como ter vivenciado essa experiência como aluno/a pode auxiliar na sua atuação profissional futura? (ciano-escuro 3)

FRANCINE	“Eu penso que agregar outros métodos de avaliação nas escolas que não sejam só, uma avaliação descritiva, as provas e era isso”.
FRANCISCA	“Como eu disse, influência muito, eu dou aula na educação básica e para estrangeiros e faço as rubricas com os estrangeiros também, então me influencia muito assim e me ajuda a ter mais segurança, porque a avaliação para mim como professora, aliás, continua sendo, na verdade, algo mais frágil para mim, eu sempre me sinto insegura, dar aula sempre foi muito tranquilo, sempre me senti muito segura, mas na hora de avaliar eu sempre ficava muito preocupada se eu estava sendo justa com aquele aluno, se muitas vezes o comportamento do aluno não está influenciando, porque às vezes isso influencia, então temos que ter muito cuidado, então a rubrica me ajuda muito nisso, eu ter mais segurança, eu saber que eu estou avaliando realmente o que eu estabeleci naquele momento, porque se não a gente se perde, se os critérios não estão bem claros, é bem provável de eu ir para outros caminhos e sair coisas que naquele momento não são relevantes”.
GILBERTO	“Claro que não, volto a dizer muito genérico, muito padrão, clichê, mas assim para tudo na vida (prática), principalmente nas letras quando nós aprendemos uma língua, palavras, vocabulário, não aprendemos na vida as coisas num piscar de olhos, num estalar dos dedos muito rapidamente, é tudo uma questão de prática, constante, eu interpreto que a avaliação, ocorre, desenvolve da mesma forma. Vamos ter dificuldade a lidar com elas, se não tivermos prática, logo ainda na formação inicial, que chegamos na hora de avaliar o aluno, vamos se sentir inseguros, desconfortáveis, acanhados, com medo de avaliar o aluno. Não vai ter feito essa prática, esse exercício de reflexão, de pensar, o que o aluno, como ele trabalhou? Como ele se desenvolveu? Eu vou dar essa nota para ele, porque eu ele merece ou eu vou dar essa nota porque ele não fez isso e isso, talvez ele precise trabalhar, melhorar, agir,

	<p>aprender mais coisas, eu acho importante, eu acho necessário praticar, prática é importante, experiência eu defendo eu sou um adepto da experiência, eu sou verde ainda, eu estou no início, eu brinco, assim o pessoal que no final da graduação são veteranos, ah somos veteranos e vocês são bixos, tchê veterano para mim, é aquele que está nos seus 50, 60, 70 anos, já tem pelo menos 30 anos em uma área, isso é um veterano, e o que tem um veterano? Experiência na área, no assunto, então eu penso que aprendemos as coisas por meio das experiências, dos erros, dos acertos, das convivências, da prática”.</p>
HANNA	<p>“Bom foi isso que eu te falei, ajuda a gente a pensar, conceituar a avaliação, pensar o que é a avaliação, como desenvolver uma avaliação, eu lembro que as minhas primeiras aulas da residência pedagógica eu era aquela professora que focava sempre em gramática, levava aula de gramática para eles, se eu pudesse eu chegava e dizia senta aqui que vamos conjugar 30 verbos, e eu achava ótimo porque eu sou uma pessoa que gosta muito de trabalhar com gramática, e então eu tive que entender que eu não podia cobrar dos meus alunos, só porque eu gosto não posso levar esse material específico para eles e cobrar que eles conjugam 30 verbos e fiquem felizes por conjugarem esses 30 verbos, eu penso que avaliação entra também nessa parte que tu tens que se colocar como professora e enxergar tuas crenças como professora em como tu julgas que os teus alunos vão aprender, em como tu vêes que eles aprendem, como que tu consegues ensinar melhor e avaliação ela te ajuda a entender todo esse processo”.</p>
ISABELA	<p>“Eu acredito que fez toda a diferença, por uma questão assim, ok, como eu avaliaria meus alunos no futuro? Assim como eu gostei de fazer essa autoavaliação, que me senti incluída, eu também vou incluir os meus alunos, foi muito isso que eu também refleti quando fiz essa autoavaliação, até porque foi em uma disciplina, digamos de formação docente, então é um momento que comecei a pensar</p>

	<p>como que será a professora Isadora? Como que eu vou tratar os meus alunos? Como que eu vou avaliar eles? Então são coisas que passam, e uma dúvida que eu tenho muito grande, eu ainda não tenho essa resposta, eu não sei se eu terei essa resposta quando eu me formar e, em simultâneo, eu posso ter essa “resposta” quando eu me formar, mas isso pode mudar ao longo da minha carreira e eu acredito ser fundamental para o professor, estar aberto a sempre mudar de opinião, desde que seja para crescer, seja para o positivo, acredito que sim”.</p>
LARISSA	<p>“Eu penso que se eu não tivesse tido essa experiência não ia ter essa visão de avaliar o aluno continuamente, sabe? De querer que ele tenha uma autoavaliação, eu penso que isso vai auxiliar no futuro porquê, eu vou querer fazer isso com os meus alunos, não sei, talvez a rubrica, para alunos no fundamental é uma coisa mais difícil, mas eu sei que essa questão, faz eles repensarem, o que eles precisam melhorar e o que eles não precisam melhorar, eu penso ser uma coisa que todos os professores deveriam utilizar. E essa questão de fazer somente a prova final, eu mudaria, não pretendo fazer quando eu for professora, se for uma regra do colégio, por exemplo”.</p>
LEVI	<p>“Eu acredito que isso mexe com a estrutura comportamental, assim, de certa forma, por exemplo, do meu caso, quando eu penso eu ainda não tenho recurso suficiente para conseguir fazer uma autoavaliação de fato sobre o que eu irei ensinar no campo onde eu vou atuar, mas eu acredito que terá mudanças significativas, tanto quando eu pensar, como que eu vou criar um método de avaliação para os meus alunos, mas também de que maneira eu quero que eles se autoavaliem também”.</p>
MARIANA	<p>“Bom, é exatamente o que eu disse, aprendemos com os erros, e tentamos não cometer eles novamente, quando aluna, quando eu estou no papel de aluna da universidade ou na escola mesmo, fui</p>

	<p>vendo várias coisas que, observando coisas que eu poderia replicar, poderia fazer novamente, e também o que não, por exemplo, no sentido de eu ser avaliada, eu vi algo que eu precisava melhorar e as que estavam ok. E na forma que os professores me avaliavam, eu vi formas que estavam ok, e formas que também não estavam ok. Também vai entrar essa parte de sentimento, olha eu me senti desconfortável quando o professor fez tal avaliação, ou me cobrou tal coisa, ou me senti confortável, ou fiquei incluída quando ele fez tal avaliação, usou dessa forma e não da outra, me ouviu, queremos ser ouvidos, e os alunos também querem, ouvir sobre o que eu pensava sobre mim mesmo, o que eu pensava sobre o meu próprio processo de avaliação, sobre o que eu aprendi e o que eu não aprendi, eu acredito que sim, que essas experiências de observar os professores, observar os métodos de avaliação, eles, sim, estão me auxiliando, de como replicar ou não, uma forma boa de avaliar, reproduzir ou não nas minhas aulas e na escola”.</p>
MAURA	<p>“Eu penso que em uma palavra apenas eu descreveria isso que seria “empatia”, sentir o que os alunos estão sentindo naquele momento, por já ter passado nesse processo igual a eles, então me ensinou a ter empatia”.</p>
NAIARA	<p>“Eu não dou aula e não avalio, no sentido de avaliar um aluno, no sentido de dar uma nota, eu trabalho em uma escola de idiomas online, é uma escola que trabalha muito com mídias sociais, com redes sociais, então a gente não tem esse contato direto com o aluno. O meu papel é revisar o que os professores entregam, eu avalio outros professores, conteúdos criados por outras pessoas, eu vou dizer se aquele texto está ok, se tem erros de escritas, e eu vou dar <i>feedbacks</i> nesse sentido. Sugerir como melhorar aquele conteúdo, como tornar o teu vídeo melhor, o teu texto melhor, mas aprender a dar <i>feedback</i> e a avaliar, se autoavaliar, ajuda bastante nesse quesito. Saber avaliar aquelas pessoas, observar o que está por trás daquilo também, para eu não ser simplesmente uma</p>

pessoa que julga, muitas das pessoas com quem eu trabalho, eu preciso ter um discernimento maior, porque as que eu trabalho são nativas, elas falam o espanhol, e é a língua delas, mas elas não são nativas do português e elas vão cometer erro na escrita de português, eu como a pessoa que está avaliando, eu tenho que ter esse discernimento de entender, não é a língua nativa daquele indivíduo e entender o porquê aqueles erros ocorrem, é normal, não é a idioma dela, então eu tenho que saber avaliar nesse quesito, vai ter vídeos em que elas vão falar de um jeito que vai ficar um pouco estranho, mas tu entendes o porquê a língua não é nativa delas e elas estão em processo de aprendizagem, de entendimento, de adquirir, então é interessante, conseguir avaliar, dar um feedback, temos que ter empatia na hora de dizer, olha da para melhorar aqui, você cometeu esse erro, ta ok? Você faz desse jeito que vai ficar melhor, está ajudando muito no meu trabalho, na minha área que tu estás trabalhando, porque eu estou lidando muito com pessoas, eu lido com pessoas todo dia e eu tenho que aprender a dar *feedback*, o *feedback* não é, por exemplo, para quem é da licenciatura, por exemplo, não existe uma disciplina específica sobre *feedback* em outros cursos, mas seria interessante que todas as áreas soubessem dar *feedbacks*, todo mundo vai para o mercado de trabalho e encontrar, vai encontrar pessoas em qualquer lugar vamos ter que dar *feedbacks*, em qualquer área, vamos ter que dizer quando algo não está ok e saber fazer isso é muito importante, ter alguém que te passou isso de uma forma bacana e positiva ajuda muito quando tu fores para o mercado de trabalho, seria legal que todos os cursos tivessem algo voltado para *feedback*, porque existem áreas em que os humanos são muito ríspidos para lidar e nós estamos lidando com pessoas, temos que aprender a ser mais empático não somente com os alunos, em qualquer área, então ajuda muito”.

ROSANA	<p>“Eu penso que tudo, porque aquilo que eu te disse anteriormente, eu vou estar avaliando o aluno num todo, na capacidade dele em se envolver, em acreditar, dele mesmo, eu penso que ficaria até mais fácil, porque às vezes o próprio aluno chega e vai te dizer, a minha dificuldade é essa. Está acontecendo isso. Porque ele vai ter essa capacidade, ele vai ter essa capacidade, com o retorno dos <i>feedbacks</i>, ele consegue porque para mim, foi muito difícil, e eu consegui, entendeu? E eu acho assim que, como profissional, quando eu estiver trabalhando, se eu puder estar trabalhando dessa forma, dessa maneira para mim, vai ser mais prático, eu acredito ser prático, e funciona, assim para o aluno e assim eu espero, porque hoje as pessoas tem a cabeça diferente, pensam diferente e elas querem ser ouvidas, elas querem ser entendidas, e quando não é assim, a pessoa desmotiva, a pessoa fica”.</p>
TAISSA	<p>“É ótimo, porque nos incentiva a continuar nos autoavaliando como profissional em diante”.</p>

Você utilizaria essa metodologia avaliativa como professor/a? Porque sim? Por quê, não? (roxo-escuro 3)

FRANCINE	<p>“Sim, eu utilizaria, porque eu acredito que cada aluno deve ser avaliado de uma forma individual, claro que ele tem que ser avaliado como ele é, em grupo e como ele é individualmente, mas essa daí daria uma visão de como ele realmente é, quais são as habilidades reais dele e não só uma coisa superficial, entende, então a autoavaliação e as rubricas no caso tu tens uma ideia geral de quem é aquele aluno”.</p>
FRANCISCA	<p>“Não só utilizaria, como utilizo, eu tento utilizar nas minhas aulas da educação básica quanto no português para estrangeiros, procuro usar nos dois casos. É uma metodologia que dá mais segurança, te</p>

	<p>ajuda. Para quem quer pensar, pesquisa ajuda bastante, para quem quer fazer pesquisas sobre avaliação, ajuda muito, porque fica muito claro, o que tu querias avaliar, aonde tu chegou, o que tu precisas fazer a partir daí. Eu me interesso muito por pesquisa, nunca pesquisei sobre avaliação exatamente, mas eu estou sempre pensando em pesquisa e como explicar determinados resultados que obtemos, então para quem quer pesquisar ajuda muito. Acho bem interessante”.</p>
GILBERTO	<p>“Vamos voltar na questão que eu estava falando, na questão da experiência, eu diria sim, porque eu acho importante tentar, é necessário tentar, arriscar, ainda mais algo que ainda tu ainda não praticaste, que tu não tentaste, é prática. Ah! De novo, práticas, experiências, não, mas é mesmo, tu tens que tentar, tu nunca tiveste experiência, tu nunca trabalhaste com isso, é necessário, importante, em algum momento, em alguma situação, em algum contexto, talvez isso seja mais relevante, seja mais eficaz que outra forma de avaliação, tem que analisar o contexto para ver, não essa categoria de avaliação, nesse caso aqui pode dar certo, nesse caso, nessa situação aqui, nesse contexto, talvez não dê muito, é uma questão de avaliação. Considerar a avaliação, o contexto, o cenário, sempre tentar é importante, arriscar, como eu falei por meio da prática e da experiência, eu já trabalhei o suficiente com essa forma de avaliação para dizer o seguinte ela é eficaz, os alunos gostam, acham importante, acham necessário, eles se sentem bem”.</p>
HANNA	<p>“No ensino remoto eu não usaria. O ensino remoto apesar de ter facilitado para alguns, sabemos que não foi para a maioria tão fácil assim e agora eu me colocando como professora, por exemplo, dessas que eu sou do estágio e da residência pedagógica, eu tenho muitos alunos que não tem acesso à internet, que tentam buscar o conhecimento de outras formas, então, eu penso que não seria uma metodologia que eu conseguiria aplicar agora com o contexto que eu tenho, seria mais difícil para eles, também desenvolverem, tanto</p>

	<p>que tem seis ou sete alunos que eu nunca conversei, nunca vi em uma aula, nunca consegui conversar pelo WhatsApp, mesmo quando eu vou à escola eu não consigo contato com eles, porque é uma escola de baixa renda, talvez eles precisam se deslocar até a escola e não tem como, então é um contexto que não conseguiria aplicar, mas numa aula presencial digamos que fosse tudo ok, sabemos que não é tudo 100% sempre na aula presencial, mas colocando dentro aqui da minha possível imaginação de uma aula ótima, é uma metodologia que eu usaria, muito tranquilamente, porque talvez no ensino médio precisamos adaptar ela obviamente, é muito complicado também tu querer que os alunos do ensino médio tenham a mesma cabeça que um aluno da faculdade, então, talvez precisássemos adaptar, a rubrica, por exemplo, para essa autoavaliação, mas mesmo assim seria muito útil”.</p>
ISABELA	<p>“Eu acredito que sim, e eu acredito que eu teria que me sentir muito preparada principalmente em fazer, por exemplo, essa mediação em justamente por essas questões que eu falei, vamos supor que eu tenho um aluno que está tendo os mesmos sentimentos que os meus, a de me avaliar para menos, me avaliar para mais e o porquê que sim? Justamente por essas questões que eu falei sobre o quanto isso inclui o aluno, hoje em dia se fala tanto em inclusão e eu acho isso importantíssimo a inclusão, já vi, vivenciei questões de inclusão, em questão da residência pedagógica, outros espaços que eu tive a oportunidade de circular nas escolas, então eu percebo o quanto isso é importante e eu penso ser umas das metodologias mais inclusivas, essa questão de poder ouvir o aluno, isso é tudo para o aprendizado, quando o aluno se sente ouvido, ele aprende mais”.</p>
LARISSA	<p>“Sim, eu utilizaria, tanto é que eu repeti, dei a mesma resposta que eu utilizaria, porque eu penso ser importante para o aluno saber, se autoavaliar e repensar as práticas, o que ele precisa melhorar, o que ele não precisa, o que ele tem mais dificuldade, o que ele não</p>

	<p>tem, para ele, também se sentir mais incluído. Eu penso ser muito importante o diálogo para ser próximo do professor, ter uma amizade, algo assim, ser próximo é importante quanto mais a gente se distancia, quanto mais tivermos longe menos aquele aluno vai de se interessar por aprender”.</p>
LEVI	<p>“Sim, porque me parece que eu não sei o quanto isso é novo, porque talvez seja só falta de sapiência mesmo, mas me parece que quebramos aquele paradigma tradicional que existe na escola, sabe a gente agora está entrando num ponto, aonde que o aluno também consegue fazer isso, por exemplo, quando você pega a BNCC de 2015, se você faz uma comparação com a versão do final de 2018, você percebe que a de 2015 era melhor, mais progressista, ela tinha os verbos no texto, eles eram, voltado muito mais para a questão da aprendizagem social do aluno. Entender a sua condição de ser cidadão, a condição do outro e conseguir compreender esse aprender, essa diversidade, cultural que existe, agora quando você pega a BNCC de 2018, você percebe um vocabulário totalmente voltado para o mercado empresarial e, porque talvez seja financiado pelo governo, mas por empresas privadas, então o interesse também é delas. Quando eu vejo essa metodologia, eu acredito ser um ponto pelo menos onde o professor por mais que ele tenha que corresponder algumas expectativas da BNCC o aluno ainda consiga se autoavaliar nisso também sabe, não é uma possibilidade de trabalhar isso sim. Na minha época, ainda tinha professores educados na época da ditadura sabe, então, essa tendência, esse mercado, professor, professorado, essa produção em larga escala, também na formação deles, qual muitas das vezes também são financiadas por escolas de ensino à distância sabe, talvez também exista uma crítica para isso, por exemplo, tudo isso vai refletir no quanto o profissional consegue se desenvolver ao nível suficiente, ele consiga ter uma proficiência para conseguir desenvolver esse trabalho porque não é uma coisa</p>

	<p>fácil, quando paramos e colocamos todos esses pontos em vista, então por mais que seja uma metodologia nova, aonde que se ensina, será que toda universidade aborda essa perspectiva e tudo? Então eu achei muito interessante”.</p>
MARIANA	<p>“Sim, já uso em alguns, porque o aluno precisa se sentir incluído no processo de aprendizagem dele, ele precisa interagir no processo de aprendizagem dele”.</p>
MAURA	<p>“Eu o utilizo porque trabalho nessa área. Então utilizei essa metodologia porque eu penso que assim eu vou estar somando para que o aluno possa formar a identidade dele, acadêmica, mesmo eles estando na escola, temos esse termo acadêmico não é só na faculdade, é quando estamos dentro de uma sala de aula ensinando. Os alunos perguntam muitas vezes se é somente nota, teste e prova? Eu respondo: tu vais ser autoavaliar. Então ele sabe que vai ser cobrado. Os meus alunos já foram ensinados, eu utilizo formar a identidade acadêmica deles, para eles poderem também se avaliar”.</p>
NAIARA	<p>“Sim, eu utilizaria, eu penso que sim, quando eu entrar em uma sala de aula, eu já entrei em sala de aula para estágio, para projeto. Eu tenho pouca experiência com docência, dentro da Unipampa, dos projetos que eu já fiz, do (residência) pedagógica, do Pibid, do Isff, eu tive experiência, mas nesses projetos eu não cheguei aplicar provas aos alunos, quem aplicava a prova era o professor daquela turma, então a gente não chegou a avaliar eles nesse sentido. O que fazíamos era uma avaliação de ter um <i>feedback</i> daquele aluno, de saber como foi as aulas, do que eles lembravam, atividades, jogos e perguntas. Eu acredito que quando eu pisar em uma sala de aula como uma professora regente, se tiver, porque temos que entender que cada escola tem uma formativa, cada uma tem uma forma e algumas são abertas a novas formas de avaliar, eu digo isso que tens escolas que avaliam de um jeito diferente, tem umas</p>

	<p>que são tradicionais que são da prova e hoje em dia e não sei como é, na minha época de ensino médio não eram notas, começaram com notas, depois passaram para aquelas letras, que eu já não me lembro muito bem quais são, é SP, é algo assim, eu não gosto muito das letras, por elas serem do 60 ao 100, e o S era a nota boa, eu achava injusto porque aquela pessoa que tirou nota boa, noventa, está igual à pessoa que tira sessenta, então não concordo com essa avaliação. Eu penso que números explicam melhor, mas “eu usaria a rubrica porque ela é mais específica, entendemos e vemos o aluno na totalidade, por exemplo, tirei noventa, é uma nota nove e é somente isso, o aluno é uma nota, como se fossemos números e a rubrica não. Temos os critérios, características e vemos que somos bons na pronúncia, sou melhor ainda na escrita e estou melhorando muito. O melhor da rubrica é que tens comentários, uma nota nove não te diz nada, diz que você é nota nove, a rubrica não, você pode adicionar comentários, e o aluno pode ver e dizer realmente eu mandei bem. Nesse aqui ainda vai dar para melhorar mais. Eu digo que ele não vai ficar cabisbaixo, não vai ficar triste, porque ele verá que tem locais e pontos que ele mandou bem, e se você tirou um seis, você será simplesmente um seis”. Pode pegar por matérias, por exemplo, eu tirei seis em matemática, não gosto muito de matemática, mas se fosse por critérios, você poderia avaliar o todo, realmente dizer você é melhor, nessa parte ou nessa outra parte, você manda melhor em resolução de cálculo, nessas atividades, do que nessas, você melhorou ao processo do que no início, anteriormente você não conseguia desenvolver esses exercícios, agora você consegue, então é mais interessante”.</p>
ROSANA	<p>“Usaria porque acredito que nessa metodologia avaliativa podemos acompanhar melhor o desenvolvimento do aluno e compreender onde ele tem dificuldades, auxiliando melhor seu aprendizado e estimulando sempre o seu desenvolvimento para ele alcançar as próprias metas de aprendizagem”.</p>

TAISSA	“Usaria, se eu fosse professora, sim, porque faz parte os alunos, como eu disse, perceberem o seu desempenho e pensar mais durante os semestres, exatamente o que eles estão fazendo , etc. Para chegar no final e poder responder, falar também as suas experiência nas disciplinas, até para próximas disciplinas poderem ter um <i>feedback</i> dos alunos”.
--------	---

Como pensa desenvolver a avaliação na sua atuação como professor/a?
(magenta-escuro 3)

FRANCINE	“Já, eu faria uma avaliação, primeiro assim, sem o aluno estar ciente que está sendo avaliado, tipo na sala de aula, eu estaria avaliando ele de uma certa forma e depois com as habilidades, por exemplo, eu sou professora de línguas, eu tenho que avaliar as habilidades linguísticas daquele aluno de uma certa forma, seria ou por seminários para avaliar a pronúncia, seria por redações, então seria uma série sequenciais de trabalhos que fariam ao decorrer da disciplina e depois eu poderia adicionar a autoavaliação conversada entre a gente”.
FRANCISCA	“Talvez fique repetitivo, mas é isso, entendo a avaliação também como um processo, eu acho bem legal que o aluno faça parte disso, estou tentando começar isso, mas não é fácil, os alunos são bem resistentes, eu acho bem importante para mim, porque eu me sinto mais segura, se eu tenho critérios bem claros de avaliação, eu vejo que quando fica muito solto eu não sei exatamente o que avaliar, aí eu fico mais insegura ainda, então para mim, é importante me traz bastante segurança”.
GILBERTO	“Ainda não cheguei a pensar com grande foco assim de forma tão fora, é não pensei, confesso não pensei ainda, mas eu adaptaria, eu seguiria tudo que eu trabalhei, que eu pratiquei, que eu tenho

	<p>trabalhado, na verdade, eu estou nesse processo, eu aproveitaria das experiências, dos trabalhos que eu tive na minha graduação, na minha formação, mestrado, doutorado, enfim por meio das experiências, das práticas e seguir, ter conhecimento teórico. Eu acho importante ter o conhecimento teórico e prático das coisas, eu acho difícil ainda responder essa pergunta porque de fato não pensei ainda, mas segundo os conselhos, o que os professores têm a dizer sobre, os professores mais experientes, no fim tudo volta para a experiência, convívio da prática, isso aí claro, essa minha fala talvez ela é um pouco repetitiva, mas infelizmente se é que eu posso dizer é a visão que eu tenho, ainda eu não tenho uma mente tão aberta sobre essa questão da avaliação, porque ele não tem a experiência, porque eu não tenho convívio o suficiente para pensar, para ser criativo com essa forma de avaliação, com essas práticas avaliativas, eu ainda trabalhei pouco, ainda sou verde, ainda to muito verde quanto essa questão da avaliação, é apenas o início, mas necessário começar a praticar”.</p>
HANNA	<p>“Que pergunta difícil, porque eu ainda estou tentando descobrir, eu dei aula durante dois semestres já, foram um ano na escola, somos obrigados a seguir a prova e fazer a recuperação, então eu sei que apesar disso podemos trabalhar de outras formas, o que eu tento fazer é sempre levar alguns jogos e avaliar o quão empenhados eles estão com os jogos? O quão interessados eles estão de todas as formas que o levam para se divertir? Mas é muito difícil pensar isso, em como eu vou desenvolver a avaliação, sem saber a escola e o contexto que eu vou estar, porque, por exemplo, eu estou trabalhando a um ano no online e se no presencial eles forem completamente diferentes do que eu tenho no online? Eu tenho aula com três alunos online, o resto é tudo material impresso, eu me comunico com eles via Whats, então é muito difícil fazer uma avaliação assim, contudo eu fico imaginando o presencial, talvez me dê um frio na barriga, só de imaginar eu fico muito nervosa, mas</p>

	<p>responder essa pergunta sem ter o contexto, sem ter tudo o que envolve a sala de aula, o aluno e também o geral assim, o contexto do aluno, é muito difícil”.</p>
ISABELA	<p>“Muitas vezes eu já me peguei pensando sobre isso e uma coisa que eu reflito muito, é sobre a questão, vamos puxar um pouquinho antes da avaliação, sobre o filtro afetivo em que o aluno vai aprender mais se ele tiver contato com aquilo que ele gosta, falando aqui nas questões de inglês e espanhol, bom tem um universo de filmes, séries, animes, músicas, várias coisas, se dentro disso o aluno conseguir, trabalhar com isso, e puder “devolver” de uma forma como uma produção que ele possa se expressar da melhor maneira que ele souber, ah ele sabe melhor construir diálogos, ele tem essa oportunidade, eu sei melhor construir parágrafos, eu sei melhor, talvez até uma história em quadrinhos, criar os balões das histórias em quadrinhos, isso seria, eu acredito que isso seria uma coisa muito positiva, para o aprendizado, porque ele ter essa oportunidade de um pouquinho de cada detalhe, mas também mostrar, olha isso aqui, é que eu sou bom, eu penso ser uma das coisas que eu considero melhor, digamos assim, hoje em dia com as leituras e caminhada que eu tenho para o ensino de línguas, não sei se a Isadora daqui a cinco, dez anos vai pensar diferente, mas isso dentro de uma turma, é uma tarefa extremamente difícil, porque imagina ouvir o gosto de trinta alunos, é bem mais difícil, mas geralmente tem aquelas coisas, por exemplo, não vem nenhum nome para dizer, mas algum cantor que esteja na moda e que vários estejam gostando, já vai contemplar vários aluno, então, pegando coisas assim fica um pouco mais fácil”.</p>
LARISSA	<p>“Quando eu for a professora, a dona da sala, eu penso em desenvolver a avaliação, como eu citei várias vezes, que seja algo contínuo que não tenha uma prova final, porque a prova ela deixa o aluno muito tenso, o aluno fica pensando naquilo e pensa até enrolar essas coisas que têm dificuldade, eles nunca levam a sério</p>

	<p>o espanhol e o inglês, eles acham: eu não vou rodar nisso, fazem de qualquer jeito. Penso em fazer algo que eles se sintam incluídos alguma apresentação, algo assim, é o que eu penso em desenvolver na avaliação, e a avaliação final se for obrigado, mas trabalhos assim nesse sentido, eles entendem o porquê que ele está aprendendo aquilo, se sentem incluídos, se sentem parte, entendem o porquê da importância de aprender aquilo”.</p>
LEVI	<p>“Eu penso em desenvolver de uma forma onde eu acredito que essa avaliação se torne invisível, por mais que não esteja com uma folha escrita, eu estou me autoavaliando, é no meu modo de me expressar? Eu acredito que ela tenha que aparecer sabe, porque quando nós dizemos ser uma avaliação isso tem que funcionar, isso tem que mostrar de algum jeito, assim como o <i>feedback</i> se ele tem um resultado positivo ou não, conseguimos ver isso depois de um tempo, então eu começaria assim. Agora, se for em relação aos meus alunos, eu diria que eu tentaria ser menos, fazer com que avaliação seja menos competitiva possível”.</p>
MARIANA	<p>“A minha avaliação normalmente eu vou fazendo por etapas, então, por exemplo, uma semana eu trabalho com a escuta e a fala, então, eu vou avaliar aqueles dois pontos, as habilidades do aluno que ele precisa desenvolver. Irei avaliar também a gramática, que isso não podemos esquecer e vou avaliar também o processo dele, como ele foi desenvolvendo, ele teve dificuldade, não teve? Bom eu penso em desenvolver uma avaliação com degraus, que vai crescendo, como se diz, uma avaliação somativa, que vai somando erros e acertos, então acredito que seja isso, eu vou avaliar todos os pontos, não somente à escrita final em uma prova, mas também o que ele conseguiu fazer, e o que não conseguiu, se ele melhorou em relação à última aula, se ele desenvolveu as habilidades que a escola pede, o currículo e tudo. Se ele conseguiu entender o processo dele, se ele conseguiu ser crítico com ele mesmo, olha aqui professora eu não entendi, mas eu vou procurar, aqui eu</p>

	<p>posso, eu coloquei isso aqui e nem sei porque, mas eu vou tentar melhorar, então mais nesse sentido, refletir sobre os erros e ser algo mais processual, algo mais crescente. Em geral, avaliar todos os pontos né, não só a gramática, mas também a fala, a escuta e avaliar esse ponto importante que é como o aluno está se sentindo daquilo que tu estás aprendendo, às vezes ele está gostando, porque ninguém aprende o que não gosta”.</p>
MAURA	<p>“Então na escola onde eu trabalho entregam um papel com os assuntos relacionados que eu preciso trabalhar aquele ano com os meus alunos, porém na hora de avaliar, é livre para o professor avaliar do jeito que quiser. Porém, como todos os professores sabem, precisamos de um documento que comprove. Caso precise comprovar algo, eu faço: trabalhos, testes e provas com eles, tudo isso mais autoavaliação. É trimestre, no último dia do trimestre, antes de fechar as notas eu digo: fechem os cadernos peguem uma folhinha, e agora vocês vão se autoavaliar e o que é isso professora? E eu digo: que nota vocês dariam para vocês mesmos nesse trimestre? Eu exemplifico, em relação aos trabalhos vocês entregaram? Em relação ao teste, vocês estudaram bastante? Vocês estudaram um pouco? Ou não estudaram nada? O que vocês poderiam mudar? Eles vão lá e escrevem. E eu digo: o que vocês pensam que o professor deveria mudar nesse próximo semestre? O que ele pode levar a vocês no próximo semestre? Eles vão lá escrever. Já tive comentários de alunos que preferiam realizar a autoavaliação do que os testes, porém como temos documento e uma pasta, olha fulano fez isso, fez aquilo, até eu poder comprovar, então, eu já tive que pedir <i>feedback</i> de aluno que preferia realizar Autoavaliação do que avaliação”.</p>
NAIARA	<p>“Não pensei muito sobre, quando estamos na universidade temos a preocupação que será que eu vou conseguir, eu sempre pensei muito, será que eu vou conseguir, avaliar alguém um dia? Eu sempre tive receio de avaliar os outros, porque eu nunca penso que</p>

estou avaliando bem, então, eu não pensei muito sobre, mas eu “sempre tive essa ideia de ser cautelosa, de tentar entender o que está por trás daquilo, de não ser muito ríspida, mas também não folgar muito”. Mas o método da rubrica seria mais interessante de todos que eu presenciei para avaliar um aluno, eu nunca tinha pensado: eu vou utilizar; eu conheci a rubrica mais para o meio da faculdade e eu nunca pus isso em prática e utilizei disso. Nunca pensei muito sobre, mas eu acredito que sim é uma avaliação gradual, ao longo de um semestre, sempre foi uma ideia melhor para mim, algo interessante avaliar a pessoa ao longo do semestre e não somente no final, é mais interessante, saber avaliar, eu sempre tive muito medo de avaliar e no início quando eu comecei no meu trabalho, e não faz muito tempo que eu estou trabalhando, mas no meu primeiro mês, eu tinha muita dificuldade, eu era aquela pessoa que simplesmente fazia comentários de gramática, a está faltando uma vírgula, está faltando um ponto, eu não sabia comentar sobre o texto, dizer o que eu achava porque tinha medo de interferir muitas vezes no texto da pessoa. Eu não sabia avaliar e hoje consigo fazer comentários no texto e sugerir coisas de uma forma empática e dizer o que eu penso, ficaria legal, sem que a pessoa se sinta invadida e sem invadir aquele texto, é de alguém, de uma pessoa, certo. Eu aprendi lentamente e eu vou saber melhor, quando pisar, quando eu pisar na sala de aula talvez eu saiba, conheça a turma e pense que isso aqui vai funcionar. Aplicar uma rubrica, fazer uma coisa mais eletiva, vai ser bacana aqui, vai dar certo. Podemos sempre experimentar, eu não vejo problema em testar métodos, para observar o que vai funcionar melhor, acredito que as turmas não sejam iguais, quando eu estava na residência eu dei aula para uma turma de oitava e um terceiro, depois eu fui para outra escola no sexto ano e elas não tinham nada ver uma coisa com a outra. O terceiro ano super calado, e os do sexto ano falavam super, horrores. Eu aprendi com algumas turmas que eu posso trazer algumas atividades mais interativas, porque eu sempre

	<p>fiz aulas de perguntar, aquelas aulas que você começa jogando perguntas para os alunos e você depende deles para isso, eu entendi que com o terceiro ano não funcionava, porque eu ia jogar e ninguém ia falar nada, mas com o sexto eu podia perguntar qualquer coisa, que eles iam levantar para responder, “é uma coisa que eu vou descobrindo com o tempo, na sala de aula, vou saber qual avaliação vai funcionar melhor, com a prática, quando realmente eu pisar na sala de aula e eu for ter as primeiras experiências, irei aprender”.</p>
ROSANA	<p>“Eu ainda sinceramente não pensei, nesse assunto, de avaliar, mas com certeza. Eu vou ouvir mais o meu aluno, o que ele tem a dizer, o que ele pensa sobre aquilo, o que ele acha. Gostaria de trabalhar de uma maneira aberta, não dando, digamos assim, sem confundir, liberdade com libertinagem, algo assim, mas dando a liberdade para que eles se expressem, para eles irem atrás, para eles trazerem o conhecimento, que ele tem e diante disso, trabalhar com ele, de uma maneira que o motive, a avaliar ele, ele mesmo e ajudar ele a crescer, a evoluir”.</p>
TAISSA	<p>“Eu nunca parei muito para pensar sobre isso, mas eu gosto bastante de mais trabalhos, do que provas, por exemplo, isso é uma coisa que eu acho muito importante”.</p>

Deixar aberto para algum comentário adicional a respeito dos assuntos questionados, caso queiram complementar alguma resposta. (cinza-escuro)

FRANCINE	<p>“Foi algo positivo, eu me sentia confiante, porque eu sabia exatamente o que eu fiz”.</p>
FRANCISCA	<p>Não falaram, era opcional.</p>

GILBERTO	<p>“Foi bem tranquilo, eu tenho medo de ser repetitivo, e repetir, repetir, eu falo bastante, mas às vezes eu acabo falando a mesma coisa, sabe, claro, talvez ainda me falta essa arte da retórica, da fala, da dialética, não tenho muito, eu tenho a facilidade em falar, eu não tenho travas na língua, eu falo, é da minha pessoa, da minha característica, da minha personalidade, mas como eu falei eu acho a avaliação em suma a avaliação ela é necessária, interessante, muito legal, fazer essa prática ao longo e logo no início da nossa graduação, porque talvez vai ser muito provável que iremos trabalhar com ela no futuro, na nossa área, na docência, na sala de aula, com os nossos alunos. A avaliação temos que ter essa visão, talvez, começar, a pensar que ela não é só exclusiva à docência, na educação, a avaliação se dá em todos os aspectos da vida, no nosso dia a dia, na nossa rotina, o que fazemos, tu, fazer a tua avaliação, tipo como foi o teu comportamento em algum lugar, ambiente? Como tu (reagiu)? Como interagir com certas pessoas, com certos grupos? E pensar eu agi desse jeito, mas talvez eu poderia ter agido de outra forma, então, avaliação é muito mais do que apenas educação e isso aí eu penso que eu já tenha uma visão, a avaliação ela não se limite somente a área da educação, ela se expande, ela é muito ampla e ela é necessária. É necessário, é o velho ditado da vida pensar duas vezes antes de fazer algo, então esse pensar é avaliar, o que tu estás pensando, imaginando, é um exercício contínuo, envolve razão, emoção, é uma batalha constante na vida, mas necessário. A avaliação, sim, ela é crítica, a avaliação define o destino das pessoas, a avaliação pode salvar a vida de uma pessoa, se tu não calculares bem o que tu fores fazer, essa tua ação pode custar a tua própria vida, qualquer erro mal calculado custará tua própria vida, então é isso que eu tenho a dizer”.</p>
HANNA	Não falaram, era opcional.

ISABELA	<p>“A questão do (50%) da nota eu lembro que eu dei uma nota um pouco mais baixa, sendo parecida com a nota dela também, era a cadeira de Linguística aplicada, tinha três coisas a serem feitas, de diferentes formas, a última coisa era uma aula, a outra era uma videoaula, não precisava ser muitos minutos, essas eram duas coisas grandes que nós tínhamos que fazer, fora as palestras que vínhamos fazendo ao longo do semestre e um diário que entregamos semanalmente sobre as atividades da semana, o diário eu consegui cumprir, a maioria do tempo, quando chegou perto de entregar as outras duas. Estávamos numa pandemia, foi bem a época que a minha família inteira pegou covid, todos pegaram em simultâneo, e eu me perdi totalmente e ainda assim ela me deu um prazo maior, além do semestre, além de ter terminado o semestre, ela conversou com a coordenação e me deu esse prazo, mas como eu vinha dizendo teve todo esse processo avaliativo, minha família pegara covid e ela teve uma ótima compreensão comigo, eu tive um tempo a mais um pouco antes das matrículas do próximo semestre, além das férias, conversou com a coordenação, eu e mais alguns dois colegas que não alcançaram para tentarmos ainda alcançar e entra o que eu falei da ansiedade, do branco eu paralisei mesmo com esse tempo e eu não consegui seguir adiante e a minha média ficou baixa, mas foi por questões pessoais minhas, não posso dizer que foi por parte dela, me justificando não foi porque eu pensei não vou fazer nada disso, teve toda essa questão do covid por trás e isso fez parte do processo, considerando a aprovação ou não, foi boa, eu aprendi muito naquele semestre, de forma nenhuma posso dizer que a média baixa que eu tive, com as palestras eu aprendi muito, com as leituras, a troca com os colegas que eu tive no dia da aula que os outros socializaram os seus vídeos aulas e aulas reais eu estava ali escutando os colegas, então, com certeza teve muito crescimento naquele semestre, não foi porque não teve aprovação que não teve crescimento, contribuiu muita para mim, mas são coisas externas”.</p>
---------	--

LARISSA	“Não sei, eu não tenho muito mais o que falar, mas o que me marcou mais foi esse processo de rubricas, que eu falei de me dar uma nota menor do que a da professora, foi o que mais me marcou”.
LEVI	<p>“Eu acredito que sim, eu penso que essa pesquisa, embora participar da pesquisa não signifique estar por dentro do que ela está embasada, mas o pouco que eu li sobre, eu achei muito interessante esse olhar, interessante ver como a educação, “está tendo tantos progressos”, porque financiamento não tem muito, mas elas têm tantos progressos e pessoas dispostas a sentarem numa cadeira e passar dias, passar desenvolvendo, analisando, entendo como funciona um processo que é totalmente humano. Um dia você acorda péssimo em outro dia você pode estar com um problema psicológico e tem que lidar com esse dia a dia, diariamente e por uma preocupação, às vezes um pouco egocêntrica acaba deixando isso de lado, mas não agora percebemos que cada vez mais tem pessoas empoderadas, com esse assunto, eu acho isso muito importante, assim, porque não é somente a questão do diploma, de poder dar aula, de poder exercer uma profissão ou ser licenciado para algo, mas é uma questão humanitária, eu não penso que professor tenha aquela imagem de pessoa apaixonada por ensinar, aquele negócio muito romantizado. Eu acredito que educação e a autoavaliação funcionam como uma formação crítica do aluno, ela é totalmente necessária mas também é política, então quando ficamos fechados dentro desse aspecto tradicional, conservador, neoliberal não estamos pensando sobre essas questões e a onde isso circula, e quando você para, e pensar, no fato da gente ser um ser político, excluimos muitas comunidades, cometemos epistemicídio, não sei, mas essa metodologia de avaliação formativa e dialógica para mim me parece bem sensato em relação a isso, nesse sentido. Acredito que a avaliação teria que acontecer durante o período, durante esse trajeto, isso foi uma coisa que, essa metodologia que a professora</p>

	<p>1, nos permitiu muito, porque toda semana você tinha que parar e pensar no que você estava produzindo, sobre o porquê você está fazendo isso? Sobre como se planeja, onde eu tive mais dificuldade, onde eu tinha menos dificuldade? Isso me fazia toda semana eu ter que refletir sobre se eu pensar, era sobre o meu desenvolvimento na faculdade. Eu pensava assim, o que eu to fazendo aqui? Porque ninguém pediu para eu entrar na faculdade, na universidade sabe, mas o que eu quero aqui? Isso mexe com o nosso juízo de valor, mexe com o nosso, eu entrei considerando educação, um passo muito performativo, até na sociedade sabe, mas agora eu estou estudando como acontece a questão do ensino, como que eu desenvolvo o ensino, como que eu consigo ensinar alguém sabe, e isso é muito, porque você vai estudando e começa aprender de um jeito diferente de outra pessoa, tem suas manias, eu penso ser um processo essencial, assim na sociedade até, acredito que sim, que anda junto”.</p>
<p>MARIANA</p>	<p>“Um comentário é que às vezes vamos encontrar alunos que não gostam da avaliação através de rubrica ou processual, eles vão te pedir uma prova, eu tenho alunos que me pedem, eu não quero fazer nada, me oferece uma prova no final do semestre que eu faço. E também está tudo bem, temos que respeitar, sim, vamos estar avaliando ele, mas vamos encontrar pessoas que também não querem aprender de outra forma. Geralmente eles dizem assim que eles têm preguiça, de ficar toda aula dizendo se gostaram da atividade, o que eu posso melhorar, então me dá uma prova no fim, eu faço, é mais fácil”.</p>
<p>MAURA</p>	<p>“Eu acho de extrema importância esse trabalho que tu estás realizando até para saber de diferentes pontos de vista: O que é uma avaliação? O que é autoavaliação? Se tu quiseres compartilhar os dados comigo, fico muito faceira de saber também”.</p>

NAIARA	<p>“Essa experiência fez diferença, é umas das poucas experiências que tem me ajudado no mercado de trabalho, vamos dizer assim, para eu ter esse <i>feeling</i> para eu saber avaliar, para eu saber refletir, para eu me avaliar também e melhorar e buscar os pontos que eu posso melhorar. Foi uma experiência muito bacana, muito interessante e deveria, na minha opinião, ser aplicada também em outras disciplinas. A ideia da prova ela já foi um pouco, poderíamos pensar outras maneiras, a prova foi uma coisa criada a muitos anos, que já pode ser repensada, existem outras formas de avaliar, maneiras mais legais e que a estamos vendo que dão certo, é mais interessante, eu sou a aluna que ficou nervosa ao fazer prova, eu sou uma pessoa ansiosa, então a palavra prova, somente de saber de uma prova. Uma experiência legal é falar para um aluno, vamos fazer um trabalhinho hoje, mas é nada de mais, não vale nota e sabemos que aquilo não é uma pressão, fazemos com mais tranquilidade e às vezes saímos melhor, porque ficamos tranquilos. Eu sou a favor dessas avaliações que têm nas universidades americanas, por exemplo, no Brasil você faz uma prova que te define, que vai definir você para sempre. Eles avaliam o seu processo, quem foi você na escola? Você foi um aluno engajado? Você foi um aluno que estudava, que mandava bem? Isso, eu acho legal porque eles avaliam o teu processo, não te definem por uma nota, isso é como a rubrica, a rubrica avalia o teu processo, não é uma nota que te define”.</p>
ROSANA	<p>“Eu senti como se eu tivesse num casulo, eu sempre disse, gente, para os meus colegas de turma, eu estou num casulo, porque às vezes eu ouvindo eles falarem, coisas do computador, quando eu entrei eu mal sabia abrir um e-mail, e hoje quando você disse, ela mandou por e-mail, eu já fui, sabe. E muitas coisas que eu aprendi foi no <i>feedback</i>, foi com a professora 1, por isso que eu disse eu cresci junto, como se fosse: têm o bichinho da seda, que você vai tratando ele pequenininho, aí ele forma um casulo e se transforma</p>

	em borboleta e do casulo se faz a seda, às vezes eu me sinto seda, outras vezes eu me sinto borboleta, aprendi a voar e entender sozinha as coisas, e às vezes eu me sinto seda por ter a maciez de entender aquilo, de compreender o colega, a dificuldade do colega, ele fala: eu não consigo, eu não sei o que, e eu: olha tenta isso, tenta aquilo. Isso foi do <i>feedback</i> , foi dessa aproximação entre aluno e professor”.
TAISSA	“Eu gostei bastante dessa pesquisa, eu achei bem importante porque a disciplina da professora 1, por exemplo, foi uma das mais marcantes que passei, porque que foi a única disciplina que eu me senti, realmente ouvida, eu senti que a minha opinião importava, que o meu desempenho era realmente monitorado, se eu não estava indo às aulas a professora me perguntava o porquê, sempre. É importante realmente, o porquê que não estávamos fazendo as atividades, se estávamos bem, isso foi ótimo durante a disciplina, e realmente motiva a gente”.

Letramento em inglês - 2019/1

Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem:

Na primeira semana de aula será realizada uma avaliação diagnóstica. Já a avaliação de cunho formativo e somativo será realizada a partir de duas rubricas: uma preenchida pela professora (RP), com base nos critérios listados a seguir, e outra preenchida pelos alunos (RA), caracterizando-se como uma autoavaliação. Na rubrica, são apresentados critérios e níveis de avaliação. A rubrica preenchida pelos alunos terá os mesmos critérios da lista abaixo:

1. Ensaio final escrito individual sobre o processo de aprendizagem (Entrega dia: 27/06) - (Nota máxima: 10 pontos);
2. Glossário bilíngue (Entrega dia 20/06) - (Nota máxima: 10 pontos);
3. Três (3) mensários orais de aprendizagem (Entregas - online - nos dias 16/04, 14/05 e 18/06) - (Nota máxima: 10 pontos);
4. Organização e disponibilização de todo o material produzido - (Nota máxima: 10

pontos);

5. Qualidade do material selecionado para a mostra - (Nota máxima: 10 pontos);

6. Participação na mostra (27/06) - (Nota máxima: 10 pontos);

7. Participação em aula - (Nota máxima: 10 pontos);

8. Fluência e pronúncia ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos);

9. Acurácia e léxico nas produções orais ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos);

10. Acurácia e léxico nas produções escritas ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos).

Os níveis de avaliação para os critérios são: Excelente (10), Muito Bom (9), Bom (8), Aceitável (7-6), Inadequado (5-0) e Evidência Insuficiente (0). Para cada critério, há uma descrição específica do que se considera em cada um dos níveis. A Rubrica tem um peso 10, logo a soma das notas de todos os critérios deverá ser dividida por 10 (Por exemplo: Soma final = 100/10= 10 pontos - neste caso, a nota final é 10).

A nota da rubrica preenchida pela professora terá um peso 3 e a nota da rubrica de auto-avaliação, peso 1. A média final será a soma da rubrica da professora (RP) multiplicado por 3 mais a rubrica do aluno (RA) mutiplicado por 1, e o resultado dessa multiplicação será dividido por 4 ($RP \times 3 + RA \times 1 / 4$). A avaliação será, dessa forma, processual, de modo que a recuperação das atividades está inclusa neste processo.

A nota final mínima para aprovação é 6,0, condicionada ao mínimo de 75% de frequência. Somente serão aceitos como justificativa de falta os atestados apresentados na secretaria acadêmica e repassados por essa aos professores. Atestados militares, de regime domiciliar e de representação como membro da CONAES (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior) abonam as faltas. Demais atestados não as abonam, somente as justificam. A falta justificada permite que o aluno preste a avaliação devida em outra data, mas não abona a falta. O discente permanece obrigado a apresentar frequência mínima de 75% em sala de aula.

Plágio: constitui-se plágio a cópia parcial ou integral de materiais impressos ou da internet, bem como a utilização de ideias expostas nestes textos se não forem devidamente indicados o seu uso por citação expressa. O ambiente acadêmico é de criação de conhecimento e constituição de autoria, e não de cópia. Assim, a todo

trabalho plagiado será atribuída nota 0,0 (zero) e não será permitido ao discente refazê-lo.

Atividades de Recuperação Preventiva do Processo - Ensino-Aprendizagem:

A avaliação de recuperação pode ser feita pelos alunos que tiverem, ao menos, a frequência mínima (75%) ao longo do semestre. Alunos reprovados por frequência não poderão recuperar a nota.

Os alunos que, no final do semestre, não tiverem atingido a média 6, poderão realizar uma atividade de recuperação com base no que foi discutido e produzido ao longo do semestre. Essa atividade terá valor de 10 pontos e será somada à nota da avaliação e dividida por 2. Porém, para que ela seja realizada, os alunos deverão obter uma nota na avaliação de, no mínimo, 3 pontos e não poderão ter obtido nota 0 em qualquer critério da rubrica no nível Evidência insuficiente.

Letramento em Espanhol - 2019/1

Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem:

Na primeira semana de aula será realizada uma avaliação diagnóstica. Já a avaliação de cunho formativo e somativo será realizada a partir de duas rubricas: uma preenchida pela professora (RP), com base nas dimensões listadas a seguir, e outra preenchida pelos alunos (RA), caracterizando-se como uma auto-avaliação. Na rubrica, são apresentados critérios e níveis de avaliação. A rubrica preenchida pelos alunos terá os mesmos critérios da lista abaixo:

1. Ensaio final escrito individual sobre o processo de aprendizagem (Entrega dia: 27/06) - (Nota máxima: 10 pontos);
2. Glossário bilíngue (Entrega dia 20/06) - (Nota máxima: 10 pontos);
3. Três (3) mensários orais de aprendizagem (Entregas - online - nos dias 15/04, 13/05 e 17/06) - (Nota máxima: 10 pontos);
4. Organização e disponibilização de todo o material produzido - (Nota máxima: 10 pontos);
5. Qualidade do material selecionado para a mostra - (Nota máxima: 10 pontos);
6. Participação na mostra (27/06) - (Nota máxima: 10 pontos);

7. Participação em aula - (Nota máxima: 10 pontos);
8. Fluência e pronúncia ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos);
9. Acurácia e léxico nas produções orais ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos);
10. Acurácia e léxico nas produções escritas ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos).

Os níveis de avaliação para os critérios são: Excelente (10), Muito Bom (9), Bom (8), Aceitável (7-6), Inadequado (5-0) e Evidência Insuficiente (0). Para cada critério, há uma descrição específica do que se considera em cada um dos níveis. A Rubrica tem um peso 10, logo a soma das notas de todos os critérios deverá ser dividida por 10 (Por exemplo: Soma final = 100/10= 10 pontos - neste caso, a nota final é 10).

A nota da rubrica preenchida pela professora terá um peso 3 e a nota da rubrica de auto-avaliação, peso 1. A média final será a soma da rubrica da professora (RP) multiplicado por 3 mais a rubrica do aluno (RA) multiplicado por 1, e o resultado dessa multiplicação será dividido por 4 ($RP \times 3 + RA \times 1 / 4$). A avaliação será, dessa forma, processual, de modo que a recuperação das atividades está inclusa neste processo.

Atividades de Recuperação Preventiva do Processo - Ensino-Aprendizagem:

A avaliação de recuperação pode ser feita pelos alunos que tiverem, ao menos, a frequência mínima (75%) ao longo do semestre. Alunos reprovados por frequência não poderão recuperar a nota. Os alunos que, no final do semestre, não tiverem atingido a média 6, poderão realizar uma atividade de recuperação com base no que foi discutido e produzido ao longo do semestre. Essa atividade terá valor de 10 pontos e será somada à nota da avaliação e dividida por 2. Porém, para que ela seja realizada, os alunos deverão obter uma nota na avaliação de, no mínimo, 3 pontos e não poderão ter obtido nota 0 em qualquer critério da rubrica no nível "Evidência insuficiente".

Análise linguística do inglês - 2019/2

Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem:

Na primeira semana de aula será realizada uma avaliação diagnóstica. Já a

avaliação de cunho formativo e somativo será realizada a partir de duas rubricas: uma preenchida pela professora (RP), com base nos critérios listados a seguir, e outra preenchida pelos alunos (RA), caracterizando-se como uma autoavaliação. Na rubrica, são apresentados critérios e níveis de avaliação. A rubrica preenchida pelos alunos terá os mesmos critérios da lista abaixo:

1. Ensaio final escrito individual sobre as relações que o aluno tem com a língua inglesa e a temática discutida ao longo do semestre. (Entrega 1: 25/10 - até às 14:00 - e Entrega 2: 02/12 - até 14:00.) - (Nota máxima: 10 pontos);
2. Vídeo final (estilo Youtube) com uma análise do papel e de aspectos do inglês na vida de diferentes pessoas e culturas (Entrega 1: 29/10 e Entrega 2: 02/12) - (Nota máxima: 10 pontos);
3. Atividade de monitoria - (Nota máxima: 10 pontos);
4. Atividades gramaticais - (Nota máxima: 10 pontos);
5. Participação em aula - (Nota máxima: 10 pontos);
6. Organização e disponibilização de todo o material produzido - (Nota máxima: 10 pontos)
7. Fluência e pronúncia ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos);
8. Acurácia e léxico nas produções orais ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos);
9. Acurácia e léxico nas produções escritas ao longo do semestre - (Nota máxima: 10 pontos).

Os níveis de avaliação para os critérios são: Excelente (10), Muito Bom (9), Bom (8), Aceitável (7-6), Inadequado (5-0) e Evidência Insuficiente (0). Para cada critério, há uma descrição específica do que se considera em cada um dos níveis. A Rubrica tem um peso 10, logo a soma das notas de todos os critérios deverá ser dividida por 9 (Por exemplo: Soma final = 90/9= 10 pontos - neste caso, a nota final é 10).

A nota da rubrica preenchida pela professora terá um peso 3 e a nota da rubrica de auto-avaliação, peso 1. A média final será a soma da rubrica da professora (RP) multiplicado por 3 mais a rubrica do aluno (RA) multiplicado por 1, e o resultado dessa multiplicação será dividido por 4 ($RP \times 3 + RA \times 1 / 4$). A avaliação será, dessa forma, processual, de modo que a recuperação das atividades está inclusa neste processo.

A nota final mínima para aprovação é 6,0, condicionada ao mínimo de 75% de

frequência. Somente serão aceitos como justificativa de falta os atestados apresentados na secretaria acadêmica e repassados por essa aos professores. Atestados militares, de regime domiciliar e de representação como membro da CONAES (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior) abonam as faltas. Demais atestados não as abonam, somente as justificam. A falta justificada permite que o aluno preste a avaliação devida em outra data, mas não abona a falta. O discente permanece obrigado a apresentar frequência mínima de 75% em sala de aula.

Plágio: constitui-se plágio a cópia parcial ou integral de materiais impressos ou da internet, bem como a utilização de ideias expostas nestes textos se não forem devidamente indicados o seu uso por citação expressa. O ambiente acadêmico é de criação de conhecimento e constituição de autoria, e não de cópia. Assim, a todo trabalho plagiado será atribuída nota 0,0 (zero) e não será permitido ao discente refazê-lo.

Atividades de Recuperação Preventiva do Processo - Ensino-Aprendizagem:

As atividades de recuperação preventiva do processo de Ensino-Aprendizagem serão realizadas ao longo do semestre. Todas as atividades que serão entregues a professora receberão um feedback, a partir do qual os alunos terão a chance de refazer.

Os alunos que tenham atestados médicos (dentro do quadro previsto em Lei), os quais tenham sido entregues na Secretaria Acadêmica, de acordo com as normativas institucionais, poderão refazer as atividades em outras datas, a fim de que possam também realizar as atividades de recuperação preventiva.

Letramento em Espanhol - 2020/1

Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem:

Nas primeiras semanas de aula serão realizados diagnósticos voltados a compreender o estágio em que os alunos se encontram em termos de produção linguística escrita e oral em espanhol. Já a avaliação de cunho formativo e somativo será realizada a partir de duas rubricas: uma de heteroavaliação, preenchida pela professora (RP), com base nas dimensões listadas a seguir e outra preenchida pelos

alunos (RA), caracterizando-se como uma auto-avaliação. Na rubrica, são apresentados critérios e níveis de avaliação. A rubrica preenchida pelos alunos terá os mesmos critérios da lista abaixo:

1. Trilha de aprendizagem construída na pasta do aluno no Drive Institucional da disciplina, do início ao final do semestre.
2. Áudios semanais de 1 a 2 minutos enviados em espanhol para a professora pelo whatsapp (no privado).
3. Conjunto de atividades realizadas para o desenvolvimento e culminância dos projetos, postadas nas pastas individuais ou no grupo do whatsapp (primeiras versões e versões corrigidas, quando for o caso, sejam orais, escritas ou multimodais) e materiais derivados dessas produções selecionados para o produto final - um e-book interativo a ser lançado em uma atividade aberta no final do semestre, na qual os alunos serão convidados a fazer o seu relato breve (5 minutos) sobre o(s) projeto(s) desenvolvidos.
4. Acurácia e léxico nas produções orais ao longo do semestre
5. Acurácia e léxico nas produções escritas ao longo do semestre

Os níveis de avaliação para os critérios são: Excelente (corresponde numericamente a 5), Qualificado (4), Aceitável (3), Inadequado (2 ou 1) e Evidência Insuficiente (0).

Para cada critério, há uma descrição específica do que se considera em cada um dos níveis (não há espaço no plano de ensino para toda a descrição, mas ela é disponibilizada para os discentes no link <https://docs.google.com/document/d/1XQjUXtSh5Buqi6kDxigRVr-ZqdQu5Egf1MuC5UGoJgE/edit?usp=sharing> - Drive institucional do componente)

Atividades de Recuperação Preventiva do Processo - Ensino-Aprendizagem

A avaliação será, dessa forma, processual, de modo que a recuperação das atividades e da aprendizagem será realizada ao longo deste processo, considerando o art. 21 da Norma Operacional 4/2020.

Art. 21 Aos discentes dar-se-á o direito de recuperação da frequência e atividades síncronas e assíncronas, desde que devidamente justificadas ao docente responsável pelo componente.

§1o As atividades síncronas devem ser recuperadas através da disponibilização da gravação ou através da adoção de estratégias equivalentes que garantam a

recuperação dos conteúdos/atividades aos discentes.

§2o Não havendo consenso entre o discente e o docente, a solicitação de recuperação das atividades será analisada pela Coordenação do Curso.

§3o A solicitação de recuperação de atividades deverá ser realizada através de e-mail institucional.

§4o Quanto às justificativas, serão aceitas todas previstas na resolução 249/2019 e também outras que possam ser consideradas pertinentes ao momento de exceção.

§5° Para as atividades que forem gravadas, faz-se necessária a anuência dos discentes.

OBS: prevejo a gravação de todas as atividades síncronas, em função de que, assim, tanto os alunos presentes, ausentes ou que tiveram queda de conexão, podem acessá-las posteriormente na pasta do drive da disciplina. Nesse caso, a professora indicará uma ou mais perguntas para serem respondidas na trilha de aprendizagem do discente, como forma de comprovação de que a aula foi assistida em outro momento.

O PLÁGIO se configura quando o discente copia textos, ideias, conceitos ou frases de outro autor sem lhe dar o devido crédito imediatamente após a citação/paráfrase/referência à ideia e no final do trabalho. De acordo com o Código Penal, o crime contra o Direito Autoral está previsto nos Artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110, e 184 a 186 (direitos do Autor formulados pela Lei 9.610/1998) e 299 (falsidade ideológica). As penalidades variam de pagamento de indenização, de multa até a reclusão (5 anos). A identificação de plágio acadêmico acarretará a não aceitação do trabalho e a reprovação sumária no componente curricular.

Linguística aplicada no ensino de línguas adicionais II - 2020/2

Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem:

Rubrica Professora (25) + Rubrica Aluno (25) = 50 x 2 = 100

Soft skills (5): capacidade de se desafiar (e aceitar proativamente os desafios propostos ao longo do semestre), de cumprir prazos, dar ideias para o coletivo, inovar, encontrar ferramentas digitais viáveis para o planejamento didático e socializá-las, apresentar e buscar soluções criativas para os contextos de ensino,

surpreender aos demais (e surpreender-se), resolver problemas, desenvolver a autonomia, socializar com os colegas de diferentes formas (com interações espontâneas), cooperar/colaborar, buscar constantemente assumir a identidade docente.

Diário de metacognição (5): reflexão profunda SEMANAL sobre a construção da identidade - estou me tornando um professor - a partir das tarefas que precisam ser feitas ao longo do semestre

Portfólio de recursos (5): conjunto dos recursos didáticos criados ao longo do semestre.

Videoaula (5): planejamento (roteiro), gravação, edição.

Aula real (5): mini-relatório pré-aula e pós-aula (o relatório pós-aula deve conter análise do visionamento por parte do aluno). Plano da aula e materiais disponibilizados.

A rubrica será construída no processo.

RP (25) + RA (25) = 50 x 2 = 100

Caso haja discrepância entre a nota atribuída pela professora e pelo (a) aluno (a), haverá um diálogo entre ambos para negociação dos sentidos atribuídos.

A nota final mínima para aprovação é 6,0, condicionada ao mínimo de 75% de frequência. O aluno que não comparecer e não justificar a ausência nos dias de prova, apresentação e/ou entrega de trabalhos receberá nota zero pelo trabalho devido. Somente serão aceitos como justificativa de falta os atestados apresentados na Secretaria Acadêmica e repassados por esta às professoras. A falta justificada permite que o aluno preste a avaliação devida em outra data, mas não abona a falta. O discente permanece obrigado a apresentar frequência mínima de 75% em sala de aula, salvo nos casos previstos em lei.

Constitui-se plágio a cópia parcial ou integral de materiais impressos ou da internet, bem como a utilização de ideias expostas nestes textos se não forem devidamente indicados o seu uso por citação expressa. O ambiente acadêmico é de criação de conhecimento e não de cópia. Assim, todo material plagiado será desconsiderado e o aluno estará sujeito às sanções disciplinares previstas nas Normas de Graduação.

Atividades de Recuperação Preventiva do Processo - Ensino-Aprendizagem:

As atividades de recuperação PREVENTIVA serão processuais, de modo que a

recuperação das atividades e da aprendizagem será realizada ao longo deste processo, considerando o art. 21 da Norma Operacional 4/2020. A professora estará atenta aos prazos, cumprimentos de atividades e qualidade da execução das tarefas, de forma a fornecer feedback e feedforward para que os alunos façam a busca das melhorias necessárias durante o processo. Serão agendados encontros síncronos sempre que necessário, via whatsapp ou pelo google meet para a realização de mentorias.

Art. 21 Aos discentes dar-se-á o direito de recuperação da frequência e atividades síncronas e assíncronas, desde que devidamente justificadas ao docente responsável pelo componente.

§1o As atividades síncronas devem ser recuperadas através da disponibilização da gravação ou através da adoção de estratégias equivalentes que garantam a recuperação dos conteúdos/atividades aos discentes.

§2o Não havendo consenso entre o discente e o docente, a solicitação de recuperação das atividades será analisada pela Coordenação do Curso.

§3o A solicitação de recuperação de atividades deverá ser realizada através de e-mail institucional.

§4o Quanto às justificativas, serão aceitas todas previstas na resolução 249/2019 e também outras que possam ser consideradas pertinentes ao momento de exceção.

§5º Para as atividades que forem gravadas, faz-se necessária a anuência dos discentes.

OBS: prevejo a gravação de todas as atividades síncronas, em função de que, assim, tanto os alunos presentes, ausentes ou que tiveram queda de conexão, podem acessá-las posteriormente na pasta do drive da disciplina. Nesse caso, a professora indicará uma ou mais perguntas para serem respondidas nas reflexões metacognitivas do discente, como forma de comprovação de que a aula foi assistida em outro momento.

O PLÁGIO se configura quando o discente copia textos, ideias, conceitos ou frases de outro autor sem lhe dar o devido crédito imediatamente após a citação/paráfrase/referência à ideia e no final do trabalho. De acordo com o Código Penal, o crime contra o Direito Autoral está previsto nos Artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110, e 184 a 186 (direitos do Autor formulados pela Lei 9.610/1998) e 299 (falsidade

ideológica). As penalidades variam de pagamento de indenização, de multa até a reclusão (5 anos). A identificação de plágio acadêmico acarretará a não aceitação do trabalho e a reprovação sumária no componente curricular.

Texto e discurso em espanhol - 2020/2

Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem:

Nas primeiras semanas de aula serão realizados diagnósticos voltados a compreender o estágio em que os alunos se encontram em termos de produção linguística escrita e oral em espanhol. Já a avaliação de cunho formativo e somativo será realizada a partir de duas rubricas: uma de heteroavaliação, preenchida pela professora (RP), com base nas dimensões listadas a seguir e outra preenchida pelos alunos (RA), caracterizando-se como uma auto-avaliação. Na rubrica, são apresentados critérios e níveis de avaliação. A rubrica preenchida pelos alunos terá os mesmos critérios da lista abaixo:

1. Reflexões metacognitivas escritas e orais POSTADOS SEMANALMENTE no Drive Institucional da disciplina (no caso das escritas) e também enviadas pelo whats (no caso das orais), do início ao final do semestre, com prazo semanal máximo de terças-feiras ao meio-dia. Pede-se que os alunos busquem fazer o envio com o máximo de antecedência possível, para evitar imprevistos. Ambas as tarefas - orais e escritas - devem ser feitas TODAS AS SEMANAS, ATÉ O FIM DO SEMESTRE.
2. Conjunto de todas as atividades produzidas ao longo do semestre, materializadas através de refacções e melhorias sugeridas pela professora.
3. Acurácia gramatical, fluência e léxico em espanhol nas produções orais ao longo do semestre e no seminário aberto.
4. Acurácia gramatical, complexidade sintática e léxico em espanhol nas produções escritas ao longo do semestre
5. Soft skills: capacidade de se desafiar (e aceitar proativamente os desafios propostos ao longo do semestre), inovar, apresentar soluções criativas, surpreender aos demais (e surpreender-se), resolver problemas, desenvolver a autonomia, socializar de diferentes formas (através de interações espontâneas) e cooperar/colaborar com os colegas.

Os níveis de avaliação para os critérios são: Excelente (corresponde numericamente a 5), Qualificado (4), Aceitável (3), Inadequado (2 ou 1) e Evidência Insuficiente (0).

A rubrica será socializada e/ou ajustada com a turma pelo Google Drive.

As rubricas do aluno + professora são somadas e multiplicadas por 2 para chegar até a média. $RP + RA \times 2 = MÉDIA$.

Em caso de discrepância entre a nota atribuída na rubrica pela professora e pelos alunos, haverá uma reunião de tutoria para negociar os sentidos da avaliação partilhada entre docente e discentes.

Atividades de Recuperação Preventiva do Processo - Ensino-Aprendizagem:

As atividades de recuperação PREVENTIVA serão processuais, de modo que a recuperação das atividades e da aprendizagem será realizada ao longo deste processo, considerando o art. 21 da Norma Operacional 4/2020. A professora estará atenta aos prazos, cumprimentos de atividades e qualidade da execução das tarefas, de forma a fornecer feedback e feedforward para que os alunos façam a busca das melhorias necessárias durante o processo. Serão agendados encontros síncronos sempre que necessário, via whatsapp ou pelo google meet para a realização de mentorias.

Art. 21 Aos discentes dar-se-á o direito de recuperação da frequência e atividades síncronas e assíncronas, desde que devidamente justificadas ao docente responsável pelo componente.

§1o As atividades síncronas devem ser recuperadas através da disponibilização da gravação ou através da adoção de estratégias equivalentes que garantam a recuperação dos conteúdos/atividades aos discentes.

§2o Não havendo consenso entre o discente e o docente, a solicitação de recuperação das atividades será analisada pela Coordenação do Curso.

§3o A solicitação de recuperação de atividades deverá ser realizada através de e-mail institucional.

§4o Quanto às justificativas, serão aceitas todas previstas na resolução 249/2019 e também outras que possam ser consideradas pertinentes ao momento de exceção.

§5o Para as atividades que forem gravadas, faz-se necessária a anuência dos discentes.

OBS: prevejo a gravação de todas as atividades síncronas, em função de que,

assim, tanto os alunos presentes, ausentes ou que tiveram queda de conexão, podem acessá-las posteriormente na pasta do drive da disciplina. Nesse caso, a professora indicará uma ou mais perguntas para serem respondidas nas reflexões metacognitivas do discente, como forma de comprovação de que a aula foi assistida em outro momento.

O PLÁGIO se configura quando o discente copia textos, ideias, conceitos ou frases de outro autor sem lhe dar o devido crédito imediatamente após a citação/paráfrase/referência à ideia e no final do trabalho. De acordo com o Código Penal, o crime contra o Direito Autoral está previsto nos Artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110, e 184 a 186 (direitos do Autor formulados pela Lei 9.610/1998) e 299 (falsidade ideológica). As penalidades variam de pagamento de indenização, de multa até a reclusão (5 anos). A identificação de plágio acadêmico acarretará a não aceitação do trabalho e a reprovação sumária no componente curricular.

Letramento em espanhol - 2021/1

Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem:

Nas primeiras semanas de aula serão realizados diagnósticos voltados a compreender o estágio em que os alunos se encontram em termos de produção linguística escrita e oral em espanhol. Já a avaliação de cunho formativo e somativo será realizada a partir de duas rubricas: uma de heteroavaliação, preenchida pela professora (RP), com base nas dimensões listadas a seguir e outra preenchida pelos alunos (RA), caracterizando-se como uma auto-avaliação. Na rubrica, são apresentados critérios e níveis de avaliação. A rubrica preenchida pelos alunos terá os mesmos critérios da lista abaixo:

1. Semanário ESCRITO E ORAL
2. Conjunto de TODAS as atividades realizadas para o desenvolvimento dos subprojetos, sua socialização via padlet e culminância em um seminário aberto a ser realizado no final do semestre.
3. Acurácia, fluência, pronúncia e léxico NO CONJUNTO das produções orais ao longo do semestre.
4. Acurácia e léxico NO CONJUNTO nas produções escritas ao longo do semestre.

5. Soft skills

Os níveis de avaliação para os critérios são: Excelente (corresponde numericamente a 5), Qualificado (4), Aceitável (3), Inadequado (2 ou 1) e Evidência Insuficiente (0). Para cada critério, há uma descrição específica do que se considera em cada um dos níveis (não há espaço no plano de ensino para toda a descrição, mas ela é disponibilizada para os discentes no link https://docs.google.com/document/d/1VKZFW9OqKIRoJqwvgPc6wS_5qwLO4be7YinBQXf8fg/edit?usp=sharing - Drive institucional do componente)

Atividades de Recuperação Preventiva do Processo - Ensino-Aprendizagem:

A avaliação será, dessa forma, processual, de modo que a recuperação das atividades e da aprendizagem será realizada ao longo deste processo, considerando o art. 21 da Norma Operacional 4/2020.

Art. 21 Aos discentes dar-se-á o direito de recuperação da frequência e atividades síncronas e assíncronas, desde que devidamente justificadas ao docente responsável pelo componente.

§1o As atividades síncronas devem ser recuperadas através da disponibilização da gravação ou através da adoção de estratégias equivalentes que garantam a recuperação dos conteúdos/atividades aos discentes.

§2o Não havendo consenso entre o discente e o docente, a solicitação de recuperação das atividades será analisada pela Coordenação do Curso.

§3o A solicitação de recuperação de atividades deverá ser realizada através de e-mail institucional.

§4o Quanto às justificativas, serão aceitas todas previstas na resolução 249/2019 e também outras que possam ser consideradas pertinentes ao momento de exceção.

§5o Para as atividades que forem gravadas, faz-se necessária a anuência dos discentes.

OBS: prevejo a gravação de todas as atividades síncronas, em função de que, assim, tanto os alunos presentes, ausentes ou que tiveram queda de conexão, podem acessá-las posteriormente na pasta do drive da disciplina. Nesse caso, a professora indicará uma ou mais perguntas para serem respondidas no semanário do discente, como forma de comprovação de que a aula foi assistida em outro momento.

O PLÁGIO se configura quando o discente copia textos, ideias, conceitos ou frases de outro autor sem lhe dar o devido crédito imediatamente após a citação/paráfrase/referência à ideia e no final do trabalho. De acordo com o Código Penal, o crime contra o Direito Autoral está previsto nos Artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110, e 184 a 186 (direitos do Autor formulados pela Lei 9.610/1998) e 299 (falsidade ideológica). As penalidades variam de pagamento de indenização, de multa até a reclusão (5 anos). A identificação de plágio acadêmico acarretará a não aceitação do trabalho e a reprovação sumária no componente curricular.